EBOOK
GRATUITO
domínio ao público
BILÍNGUE
O LIVRO DA SELVA
RUDYARD KIPLING

RUDYARD KIPLING

1ª edição

Traduzido por Ricardo Giassetti
Ilustrado por André Ducci

PREFÁCIO

As demandas que um trabalho dessa natureza impõem sobre a generosidade de outros especialistas são imensas. O Editor não mereceria esse mesmo tratamento caso não registrasse da maneira mais completa possível o reconhecimento de tal dívida.

Seus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para o erudito e talentoso Bahadur Shah, elefante de carga nº 174 no Registro Indiano. Ele e sua amável irmã, Pudmini, cordialmente forneceram a história de "Toomai dos elefantes" e muitas das informações contidas em "Os servos de Sua Majestade". As aventuras de Mowgli foram colecionadas em várias oportunidades e locais diferentes, vindas de uma miríade de informantes, muitos dos quais solicitaram completo anonimato. [1] No entanto, dado o distanciamento, o Editor se vê na liberdade de agradecer ao cavalheiro hindu da velha pedra, um respeitável residente dos pontos mais altos de Jakko, [2] por sua descrição convincente das características nacionais, mesmo que um tanto cáusticas, de sua casta — os *Presbytis* . [3] Sahi, um sábio de recursos e talentos infinitos, membro da recentemente desfeita Alcateia Seoni e artista conhecido na maioria das feiras locais do sul da Índia, onde apresenta, junto com seu dono, a dança do focinho, atrai a juventude, a beleza e a cultura de várias aldeias. Foi ele quem contribuiu com valiosas informações sobre pessoas, hábitos e costumes presentes nas histórias "Tigre! Tigre!", "A caçada de Kaa" e "Os irmãos de Mowgli". Para os contornos de "Rikki-tikki-tavi" o Editor se encontra em dívida com um dos principais *herpetologistas* [4] da Índia Superior, um investigador destemido e independente que, decidido a "viver somente o aqui e o agora", acabou recentemente sacrificando sua vida por conta da dedicação extrema ao estudo de nossas *Thanatophidias* [5] orientais. Um feliz incidente de viagem

permitiu ao Editor, quando à bordo do *Empress of India,* [6] ser de alguma ajuda a um companheiro de viagem. Os leitores de "A foca branca" poderão julgar por si mesmos como meus esforços para ajudar esse pequeno voador foram recompensados.

O LIVRO DA SELVA

Rudyard Kipling

OS IRMÃOS DE MOWGLI

Agora Rann, o milhafre, traz a noite

Que Mang, o morcego, libertou.

Os rebanhos estão trancados no estábulo

Enquanto nós rodamos até o sol raiar.

É a hora do orgulho e do poder,

Das unhas, garras e caninos.

Ah, ouçam o chamado, meus meninos!

Boa caçada a todos que seguem.

As leis da selva nos protegem.

— Canção da noite da selva

Eram sete horas de uma tarde muito quente ali pelas colinas de Seoni quando Pai Lobo acordou de seu descanso diário. Coçou-se, bocejou e esticou as patas, uma de cada vez, para tirar aquela dormência que sentia nas pontas dos dedos ao despertar. Mãe Loba estava deitada cercando quatro filhotes desajeitados e barulhentos com seu grande focinho cinza. A luz da lua brilhava na boca da caverna onde moravam.

— Augrh! — disse Pai Lobo. — Hora de ir caçar de novo.

Ele já estava pronto para descer a colina quando uma pequena sombra de rabo peludo atravessou a entrada e falou numa espécie de lamento:

— Boa sorte pra você, grande Chefe dos Lobos. Que a boa sorte e os bons dentes brancos estejam sempre com suas nobres crias para que nunca se esqueçam da fome que ronda este mundo.

Era o chacal — ou Tabaqui, o Lambe-Botas. Os lobos da Índia desprezam o Tabaqui porque ele corre por todo lado fazendo bagunça, fofoca e comendo trapos e tiras de couro dos montes de lixo das aldeias. Mas eles também têm medo do Tabaqui porque, mais do que qualquer outro animal da selva, ele fica louco facilmente. Quando isso acontece, ele se esquece do medo que tem dos outros animais e corre pela floresta mordendo tudo o que encontra pelo caminho. Até o tigre foge e se esconde quando o pequeno Tabaqui fica doido. Nada é mais terrível para um animal selvagem do que um ataque de raiva. Nós chamamos isso de hidrofobia, mas eles chamam de *dewanee* — a loucura — e fogem.

— Entre e olhe — disse Pai Lobo secament e. — Não há comida nenhuma aqui.

— Comida de lobo, não — disse Tabaqui —, mas para alguém tão desprezível quanto eu, qualquer osso velho é um banquete. Quem

somos nós, o Gidur-log, [7] para ficar escolhendo?

Disse isso e foi fuçar no fundo da caverna, onde achou um osso de antílope a inda com um naco de carne. Sentou-se e ficou roendo feliz a ponta do osso que havia encontrado.

— Obrigado a todos pela ótima refeição — disse, lambendo o focinho. — Que lindas são essas nobres crianças! Como seus olhos são grandes! E como são jovens! Verdade verdadeira, eu deveria me lembrar de que os filhos dos reis já nascem adultos.

Tabaqui sabia muito bem que não há nada que atraia mais azar do que elogiar crianças assim, na frente delas. Ele adorava deixar Mãe e Pai Lobo incomodados. Depois, sentou-se satisfeito com a malvadeza que havia acabado de praticar e disse maliciosamente:

— Shere Khan, o Grande, mudou seu território de caça. Pelo que me lua.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do rio Waingunga, a trinta quilômetros de distância.

— Ele não tem esse direito! — esbravejou Pai Lobo. — Pela Lei da Selva, ele não pode mudar de área sem o devido aviso. Vai afugentar toda a caça num raio de quinze quilômetros. Eu terei de matar por dois.

— Sua mãe não o chamava de Lungri, o Manco, à toa — disse calmamente Mãe Loba. — Ele manca de uma pata desde que nasceu. É por isso que só mata vacas. Agora, após deixar os moradores de Waingunga furiosos, vem para cá, deixar os moradores daqui furiosos também. Vão vasculhar a selva para achá-lo, mas ele já vai estar longe. Nós e nossos filhotes vamos ter de fugir quando botarem fogo no capim. Realmente, estamos muito gratos a Shere Khan!

— Comunico a ele sua gratidão? — perguntou Tabaqui.

— Suma daqui! — disparou Pai Lobo. — Fora. Vá caçar com o seu

mestre. Já me causou problemas demais para uma só noite!

— Estou indo — disse Tabaqui calmamente. — Dá pra ouvir Shere Khan daqui, lá embaixo, na mata. Eu nem precisava ter avisado vocês.

Pai Lobo ficou atento e, lá embaixo, no vale que descia na direção de um riacho, ouviu o choramingo seco, aborrecido e musical de um tigre que nada havia caçado e que não estava nem aí se a selva toda soubesse.

— Que idiota! — disse Pai Lobo. — Começar uma noite de trabalho com um barulho desses! Será que ele acha que os nossos cervos são molengas como os bois gordos do Waingunga?

— Quieto. Não é nem de cervo nem de boi que ele está atrás hoje — disse Mãe Loba. — É de um homem.

A lamúria se transformou em um rosnado constante que parecia vir de todos os lados da bússola. Esse som deixava lenhadores e andarilhos que dormiam ao relento desorientados e, às vezes, os fazia cair diretamente na boca do tigre.

— Homens! — disse Pai Lobo arreganhando seus dentes brancos. — Que lástima! As lagoas estão cheias de besouros e sapos, mas ele quer comer homens. E ainda mais em nosso território!

A Lei da Selva, que nunca determina algo sem um motivo, proíbe que qualquer animal coma um homem. A exceção ocorre quando o objetivo da matança é ensinar aos filhotes como se mata. Nessas ocasiões, deve-se caçar fora da área de caça de seu próprio bando ou tribo. A verdadeira razão disso é que matar um homem significa que, cedo ou tarde, virão homens brancos armados, montados em elefantes e acompanhados por centenas de outros homens marrons com gongos, rojões e tochas. Com isso, todos na selva sofrem. A regra que os animais seguem é a de que o homem é, dentre todos os seres vivos, o mais fraco e indefeso. Por essa razão não é honrado

machucá-lo ou matá-lo. Também dizem — e isso é verdade — que os comedores de homens pegam sarna e seus dentes caem.

O ronco ficou cada vez mais forte e terminou com o sonoro “raargh!” do ataque do tigre.

Então ouviu-se o uivo — um uivo nada tigresco — de Shere Khan.

— Ele errou o bote — disse Mãe Lobo. — O que será que aconteceu?

Pai Lobo correu alguns passos adiante. Ouviu Shere Khan resmungando e balbuciando, tropeçando furioso sobre os arbustos rasteiros.

— Ele foi tolo o bastante para pular na fogueira dos lenhadores e queimou o pé — disse Pai Lobo grunhindo. — Tabaqui está com ele.

— Tem alguma coisa subindo o barranco — disse Mãe Loba levantando uma das orelhas. — Fique atento.

As folhas do mato se remexeram. Pai Lobo dobrou as pernas e abaixou os quadris, pronto para saltar. Em seguida, se você estivesse observando a cena, teria visto a coisa mais incrível do mundo: o lobo estancou no meio do salto. Ele fez o movimento antes de ver sobre o que estava pulando e, então, tentou parar. O resultado foi um disparo reto para cima, de cerca de um metro e meio, e uma aterrissagem praticamente no mesmo lugar onde estava antes do salto.

— Homem! — disparou ele. — Um filhote de homem. Veja!

Bem à sua frente, segurando-se num galho baixo, estava um bebê marrom, nu, que mal sabia andar. Era a coisa mais minúscula, gorducha e com covinhas nas bochechas que a noite já havia trazido para a entrada da caverna de um lobo. A criança olhou bem para a cara de Pai Lobo e deu uma boa risada.

— É um filhote de homem? — disse Mãe Loba. — Nunca vi um antes. Traga-o aqui.

Um lobo acostumado a carregar seus próprios filhotes pode, se necessário, morder um ovo sem quebrá-lo. Embora Pai Lobo tenha fechado suas mandíbulas nas costas da criança, ela não sofreu nenhum arranhão e assim foi colocada entre os outros filhotes.

— Que pequenino! Que pelado e… que corajoso! — disse Mãe Loba carinhosamente.

O bebê se enfiou entre os lobinhos e foi se aconchegar no pelo quente da loba.

— Veja! Ele já está jantando junto com os outros. Então é assim que são os filhotes dos homens? Nunca ouvi falar de alguma loba se gabar por ter um menino entre as suas crias.

— Já ouvi boatos por aí, mas nunca na nossa matilha. Sempre são histórias muito antigas — disse Pai Lobo. — Ele não tem nenhum pelo e morreria se eu lhe desse uma simples patada. Veja, ele olha para nós e não tem medo.

Algo bloqueou a luz da lua na entrada da caverna. Era a grande cabeça quadrada de Shere Khan. Seus ombros tentavam passar pela abertura. Tabaqui, atrás dele, se esgoelava:

— Meu senhor, meu senhor, ele entrou aqui!

— Shere Khan, mas que honra — disse Pai Lobo, enquanto seus olhos transmitiam pura raiva. — O que Shere Khan procura?

— Minha vítima. Um filhote de homem veio para cá — disse Shere Khan. — Os pais dele fugiram. Entregue o filhote para mim.

Shere Khan havia pulado na fogueira dos lenhadores. Estava furioso pela dor no pé queimado. Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para um tigre passar. Mesmo onde ele estava, seus ombros e patas dianteiras já estavam apertados pela falta de espaço. Parecia alguém tentando brigar dentro de um barril.

— Os lobos são um povo livre — disse Pai Lobo. — Seguimos as

ordens do líder da matilha e não de um matador de vaca listrado. O filhote de homem é nosso… e vamos comê-lo, se quisermos.

— Se quisermos, se não quisermos! Que história é essa? Pelo touro que matei, preciso meter meu focinho neste ninho de cães para pegar o que é meu? Sou eu, o grande Shere Khan, quem está falando!

O rugido do tigre preencheu a caverna como um trovão. Mãe Loba afastou seus filhotes e saltou para a frente. Seus olhos, como duas luas esmeraldas na escuridão, se fixaram no olhar furioso de Shere Khan.

— Eu, Raksha [A Demônia], [8] respondo: o filhote de homem é meu, Lungri. É minha propriedade! Ele não será morto. Vai sobreviver para correr e caçar com a matilha; e, um dia, veja você, seu caçador de filhotinhos indefesos, comedor de sapo, matador de peixe; um dia, ele será o seu caçador! Agora, vá andando! Pelo sambar [9] que matei — porque não como vacas magras —, volte para a sua mamãe, fera chamuscada da selva, ou vai ficar ainda mais manco do que quando nasceu! Ande!

Pai Lobo ficou maravilhado. Ele quase tinha se esquecido de que disputou Mãe Loba numa luta franca contra cinco outros lobos quando ela entrou para a matilha. Era conhecida como “A Demônia” não por acaso. Shere Khan poderia ter encarado Pai Lobo, mas não era capaz de enfrentar Mãe Loba porque sabia que, na posição onde estava, ela tinha toda a vantagem do terreno e lutaria até a morte. Por isso, ele recuou da caverna rosnando e, quando estava mais afastado, gritou:

— Todo cachorro é bravo no seu próprio quintal! Vamos ver o que a matilha dirá sobre a adoção de filhotes de homem. O filhote é meu e é para a minha boca que ele virá em breve, seus ladrões de rabo peludo!

Mãe Loba desabou ofegante entre os filhotes e Pai Lobo disse,

preocupado:

—Shere Khan tem razão. Precisamos mostrar o filhote à matilha. Mesmo assim quer continuar com ele, Mãe?

— Continuar com ele… — arfou. — Ele veio nu, no meio da noite, sozinho e faminto, e mesmo assim não teve medo! Olhe, ele até já empurrou um dos nossos filhotes para o lado. Aquele carniceiro manco teria matado o menino e fugido para o Waingunga enquanto o povo da aldeia ainda estaria nos caçando dentro das tocas por vingança! Continuar com ele? É claro que vou continuar com ele. Fique deitado, minha rãzinha. Ah, seu Mowgli — porque vou chamá-lo assim, de Mowgli, a Rã —, e chegará o dia em que você caçará Shere Khan, assim como ele caçou você.

— Mas o que a nossa matilha dirá? — perguntou Pai Lobo.

A Lei da Selva explica claramente que quando um lobo se casa ele pode abandonar a matilha à qual pertence. No momento em que seus filhotes tiverem crescido e puderem se virar sozinhos, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que geralmente acontece todo mês, na lua cheia, para que os outros lobos possam identificá-los. Depois dessa inspeção, os filhotes estão livres para ir aonde quiserem e, até que tenham matado sua primeira grande presa, nenhuma desculpa é aceita caso um lobo adulto da matilha mate algum deles. A punição é a morte no local em que o assassino for encontrado; e, se pensarmos um pouco, é assim mesmo que deve que ser.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes aprendessem a correr e, na noite da reunião da alcateia, levou todos, inclusive Mowgli e Mãe Loba, até a Pedra do Conselho — no topo de uma colina coberta por rochas, grandes e pequenas, onde caberia até uma centena de lobos. Akela, um grande e cinzento Lobo Solitário que liderava a matilha com força e astúcia, estava refestelado em sua pedra. Abaixo dele, sentados, estavam mais de quarenta lobos de todos os tamanhos e

cores — de veteranos acastanhados capazes de matar um antílope macho sozinhos a jovens negros de três anos que achavam que podiam fazer o mesmo. O Lobo Solitário era o líder havia um ano. Tinha caído duas vezes em armadilhas quando jovem e, uma vez, apanhou tanto que foi abandonado à própria sorte. Por essas e outras, conhecia bem os modos e costumes dos homens. Pouco se conversava na pedra. Os filhotes tropeçavam uns nos outros no centro do círculo formado pelas mães e pais e, de vez em quando, um lobo já mais velho se aproximava de um filhote, olhava cuidadosamente para ele e voltava ao seu lugar em silêncio. Às vezes, uma mãe empurrava seu filhote até a luz da lua para ter certeza de que fosse visto por todos. Akela, de sua pedra, gritava:

— Vocês conhecem a lei, vocês conhecem a lei. Olhem bem, lobos!

E as mães, aflitas, se juntavam em coro:

— Olhem! Olhem bem, lobos!

Finalmente — os pelos do pescoço de Mãe Lobo se eriçaram quando chegou sua vez —, Pai Lobo empurrou "Mowgli, a Rã", como o chamavam, para o centro. Ele sentou-se ali, rindo e brincando com os pedregulhos que brilhavam ao luar.

Akela, que nunca levantava a cabeça de suas patas, continuou com seu aviso repetitivo:

— Olhem bem!

Um rugido abafado veio detrás das rochas — era a voz de Shere Khan gritando:

— O filhote é meu. Me devolvam o filhote. O que o Povo Livre quer com esse filhote de homem?

Akela também nunca levantava as orelhas. Tudo o que dizia era:

— Olhem bem, lobos! O que o Povo Livre tem a ver com outras ordens, exceto as do próprio Povo Livre? Olhem bem!

Houve uma sinfonia de rosnados contidos e um jovem lobo de uns quatro anos replicou a pergunta de Shere Khan para Akela:

— O que o Povo Livre tem que ver com um filhote de homem?

Ora, a Lei da Selva estabelece que, se surgir qualquer disputa sobre um filhote ser aceito na matilha, ela deve ser debatida por pelo menos dois membros da alcateia que não sejam pai ou mãe.

— Quem fala pelo filhote? — perguntou Akela. — Entre o Povo Livre, quem fala?

Não houve resposta, e Mãe Loba se preparou para o que imaginava ser sua última luta caso as coisas acabassem em briga.

Então, a única outra criatura permitida no Conselho da Alcateia — Baloo, o urso castanho e preguiçoso, professor que ensinava a Lei da Selva aos filhotes de lobos —, o velho Baloo, que vem e vai para onde quiser porque come apenas castanhas, raízes e mel — levantou-se sobre as patas traseiras e grunhiu:

— O filhote de homem, o filhote de homem? — disse. — Eu falo pelo filhote de homem. Ele não traz perigo. Não sou bom com palavras, mas falo a verdade. Deixem o pequeno ficar na matilha com os outros. Eu o ensinarei.

— Ainda precisamos de mais um — disse Akela. — Baloo falou e ele é o professor das crianças. Quem mais fala além de Baloo?

Uma sombra negra desceu no centro do círculo. Era Bagheera, negro feito nanquim e com suas pintas de pantera visíveis apenas quando a luz batia de um jeito especial em seu pelo, que parecia seda molhada. Todos o conheciam e ninguém se metia com ele porque era tão astuto quanto Tabaqui, forte feito um búfalo selvagem e destemido como um elefante machucado. Sua voz, porém, era suave tal qual mel gotejando da árvore e sua pele era mais macia do que o anoitecer.

— Akela e todos do Povo Livre — ronronou —, não faço parte da sua reunião, mas a Lei da Selva diz que se há uma dúvida que não seja questão de morte em relação a um novo filhote, a vida desse filhote pode ser comprada por certo preço. E a lei não diz quem deveria pagar tal preço. Estou certo?

— Isso! Isso! — disseram os lobos jovens, sempre famintos. — Ouçam Bagheera. O filhote pode ser comprado por certo preço. É a lei.

— Sabendo que estou me intrometendo, peço a sua permissão.

— Pois diga — gritaram vinte vozes.

— Matar um filhote nu é vergonhoso. Além disso, ele poderá ser um adversário mais à altura quando crescer. Baloo já se pronunciou em seu favor. Agora, além das palavras de Baloo, podem somar um búfalo, dos gordos, recém-caçado, que deixei a menos de um quilômetro daqui. Isso caso vocês aceitem o filhote de homem conforme a lei. Aceitam?

Houve um clamor crescente de vozes dizendo:

— Que diferença faz? Ele vai morrer nas monções de inverno mesmo. Vai secar no sol a pino. Que perigo representa para nós uma rã pelada? Deixem-no acompanhar a matilha. Onde está o búfalo, Bagheera? Nós aceitamos.

E então o uivo gutural de Akela continuou gritando:

— Olhem bem! Olhem bem!

Mowgli ainda estava profundamente interessado nos pedregulhos e não percebeu os lobos se aproximarem, um a um, para olhá-lo. Depois, todos eles desceram a encosta na direção do búfalo morto e somente Akela, Bagheera, Baloo e os pais de Mowgli ficaram. Shere Khan ainda rugia noite afora, furioso por Mowgli não ter sido entregue a ele.

— Ora, ele que ruja o quanto quiser — disse Bagheera por entre os bigodes —, porque ainda virá o tempo em que essa coisinha pequena o fará rugir em outra nota, se é que conheço um pouco sobre os homens.

— Está tudo bem resolvido — disse Akela. — Os homens e seus filhotes são muito sábios. Um dia, ele será de grande ajuda.

— É verdade, uma ajuda para quando precisarmos. Ninguém lidera uma matilha para sempre — disse Bagheera.

Akela ficou calado. Pensou no dia que inevitavelmente chega a todos os líderes, de todas as matilhas, quando a força se vai e a fraqueza toma conta. Sabia que acabaria morto pelos lobos e um novo líder assumiria.

— Podem levar o menino — disse Pai Lobo. — Ele deve ser educado como se educa alguém do Povo Livre.

Mowgli acabou aceito na matilha dos lobos de Seoni pelo preço de um búfalo e pelas boas palavras de Baloo.

Agora, vamos pular uns dez ou onze anos adiante, só imaginando a vida maravilhosa que Mowgli teve entre os lobos porque, se tudo isso fosse escrito, preencheria muitos livros. Ele cresceu com os filhotes. No entanto, eles se tornaram lobos adultos antes mesmo de Mowgli vir a ser uma criança. E Pai Lobo ensinou a Mowgli suas habilidades, o significado das coisas da floresta, até o detalhe de cada farfalhar da grama, cada lufada de vento morno, cada nota das corujas que moram no alto, cada som das garras do morcego arranhando a árvore antes de ir dormir e cada borrifo de água de cada peixinho que mergulha em uma lagoa significasse tanto para ele quando o trabalho em um escritório significa para um homem de negócios. Quando não estava aprendendo, sentava-se ao sol para cochilar e depois comia e dormia de novo. Quando se sentia sujo ou com calor, nadava nas lagoas da floresta e, quando queria mel — Baloo contou a ele que mel

e castanhas são tão saborosos quanto carne crua —, escalava a árvore para comer.

Seu amigo Bagheera ficava deitado sobre um galho e chamava:

— Venha cá, irmãozinho.

No começo, Mowgli se pendurava como um bicho-preguiça, mas depois passou a se balançar pelos galhos quase tão bem quanto o macaco cinza.

Ele também conquistou seu lugar na Pedra do Conselho quando a alcateia se reunia. Lá, descobriu que se olhasse diretamente nos olhos de qualquer lobo, o animal se via forçado a baixar o olhar e, por isso, costumava encará-los só por brincadeira. Outras vezes, tirava longos espinhos das patas dos amigos — os lobos sofrem muito com espinhos e carrapichos nos pelos. Mowgli também descia a encosta, entrava nas plantações à noite e observava curioso os moradores da aldeia em suas cabanas. Mas não confiava nos homens porque Bagheera havia mostrado uma caixa quadrada com uma portinhola pendente tão bem escondida na mata que ele quase tinha caído nela. A pantera explicou que aquilo era uma armadilha. Mais do que tudo, ele adorava entrar com Bagheera na mata fechada, quente e escura, para dormir num dia preguiçoso e, à noite, presenciar uma caçada. Bagheera matava de tudo quando estava faminto. Mowgli também, com uma exceção. Assim que cresceu o bastante para entender, a pantera contou-lhe que ele que nunca deveria tocar no gado porque seu ingresso na matilha havia sido pago com a vida de um búfalo.

— A selva toda é sua — disse Bagheera. — Exatamente por isso, você não deve matar tudo o que for capaz. Pelo búfalo que pagou por sua vida, não mate e nem coma o gado, seja jovem ou velho. Essa é a Lei da Selva.

Mowgli foi leal e obedeceu.

Ele cresceu cada vez mais forte, como um menino deve crescer,

sem sequer perceber tudo o que estava aprendendo, achando que não havia nada mais importante no mundo do que comer.

Mãe Loba disse a ele várias vezes que Shere Khan não era uma criatura digna de confiança e que algum dia ele seria obrigado a matá-lo. Enquanto um jovem lobo jamais se esqueceria de um conselho desses, Mowgli se esquecia constantemente porque era apenas um menino — embora ele mesmo se dissesse "lobo", caso fosse capaz de falar alguma das línguas dos homens.

Shere Khan estava sempre cruzando seu caminho na selva. Ao passo que Akela ia ficando velho e cansado, o tigre manco se tornava cada vez mais amigo de alguns jovens lobos da matilha, que o seguiam para comer seus restos — coisa que Akela nunca teria permitido se ainda tivesse vigor para aplicar sua autoridade. Shere Khan os elogiava e se dizia surpreso ao ver aqueles jovens caçadores ainda prestando obediência a um lobo à beira da morte e a um filhote de homem.

— Dizem por aí — comentava Shere Khan — que não é permitido olhar o menino nos olhos no Conselho.

E os jovens lobos uivavam e seus pelos se arrepiavam.

Bagheera, que via e ouvia tudo, sabia o que isso significava. De vez em quando, explicava a Mowgli em detalhes por que Shere Khan um dia o mataria. Mowgli ria e dizia:

— Mas eu tenho a matilha inteira e você do meu lado; e Baloo, mesmo sendo muito preguiçoso, me defenderia com seus golpes. Por que eu teria medo?

Em um dia muito quente, Bagheera teve uma ideia depois de ouvir um comentário de alguém. Talvez tenha sido Ikki, o porco-espinho, quem espalhou o boato. Os dois estavam no coração da selva. O menino descansava sua cabeça na linda pelagem negra de Bagheera quando a pantera falou:

— Irmãozinho, quantas vezes eu te disse que Shere Khan é seu inimigo?

— O mesmo tanto que as castanhas naquele castanheiro — disse Mowgli que, naturalmente, não sabia contar. — Por quê? Estou com sono, Bagheera. Shere Khan é só um rabo comprido que fala demais, igual a Mao, o pavão.

— Agora não é hora de dormir. Baloo sabe, eu sei e a matilha sabe. E até mesmo o mais inocente dos cervos sabe. Tabaqui também já te avisou.

— Ha! Ha! — riu Mowgli. — Certo dia, Tabaqui veio com uma conversa idiota dizendo que sou um filhote pelado de homem e não sirvo para farejar trufas. Aí, o peguei pelo rabo e o joguei duas vezes na palmeira para ensinar um pouco de boas maneiras a ele.

— Isto não foi muito inteligente, porque mesmo Tabaqui sendo muito insidioso, talvez quisesse lhe contar algo importante. Abra os olhos, irmãozinho. Shere Khan não ousará matar você na selva. Mas lembre-se que Akela está velho e logo chegará o dia em que ele não conseguirá mais matar um cervo. Nesse dia, ele não será mais o líder. Muitos dos lobos que tomavam conta de você quando o Conselho o acolheu também já estão velhos. E os jovens acreditam, porque Shere Khan os ensinou assim, que um filhote de homem não é bem-vindo na matilha. Em pouco tempo, você será um homem.

— E de que vale um homem que não pode estar com os seus irmãos? — retrucou Mowgli. — Eu nasci na selva. Eu obedeço a Lei da Selva e não conheço nenhum lobo que eu não tenha ajudado a tirar espinhos das patas. É claro que são eles meus irmãos!

Bagheera se espreguiçou todo com os olhos quase fechados.

— Irmãozinho — disse —, ponha a mão aqui embaixo do meu queixo.

Mowgli levantou sua forte mão morena e bem embaixo do queixo sedoso onde músculos poderosos se mexiam, sob a brilhante pelagem, encontrou um ponto sem pelos.

— Ninguém na selva sabe que eu, Bagheera, tenho essa marca. É a marca de uma coleira. Isso porque, irmãozinho, eu nasci entre os homens e foi entre eles que minha mãe morreu, nas jaulas do palácio do rei de Oodeypore. Foi por isso que paguei por você no Conselho, quando você era só um filhotinho pelado. Sim, também nasci entre os homens. Eu nunca tinha estado na selva. Eles passavam a comida pelas grades, em uma tigela de ferro, até que uma noite senti que era Bagheera, a pantera, e não um brinquedo dos homens. Quebrei o frágil cadeado com uma patada e fugi. E por ter aprendido os costumes dos homens, tornei-me mais temido na selva do que Shere Khan. Entendeu?

— Sim — disse Mowgli. — Todos na selva temem Bagheera. Todos menos Mowgli.

— Sem dúvida você é um filhote de homem — disse a pantera negra com muito carinho. — E, assim como eu voltei para a minha selva, logo você deverá voltar para os homens, pois os homens são os seus irmãos… isso se você não for morto no Conselho.

— Mas por quê? Que vantagem eles teriam em me matar? — perguntou Mowgli.

— Olhe para mim — disse Bagheera.

Mowgli olhou bem fundo nos olhos de Bagheera. A grande pantera desviou o olhar logo em seguida.

— Por isso — disse ele roçando as folhas com a sua pata. — Nem mesmo eu consigo olhar você nos olhos. Eu, que nasci entre os homens e te amo, irmãozinho. Os outros te odeiam porque os olhos deles não podem encarar os seus, porque você é sábio; porque você tirou espinhos daquelas patas. E porque você é um homem.

— Eu não sabia dessas coisas — disse Mowgli um tanto triste, franzindo suas grossas sobrancelhas negras.

— Qual é a Lei da Selva? Ataque primeiro, converse depois. Eles sabem que você é um homem pelo fato de ser tão despreocupado. Mas seja esperto. Meu palpite é que, quando Akela fracassar em sua próxima caçada, e está cada vez mais difícil para ele vencer um cervo, a alcateia se voltará contra vocês dois. Haverá outra reunião na pedra e então… então… adivinhe! — disse Bagheera dando um salto para cima. — Você deve descer o mais rápido possível para a aldeia dos homens no vale e pegar um pouco da flor vermelha que eles cultivam por lá. Assim, quando chegar a hora, você terá um aliado ainda mais poderoso do que eu, Baloo ou os lobos da matilha que ainda te amam. Vá pegar a flor vermelha.

Bagheera chamava o fogo de flor vermelha. Nenhuma criatura da selva chama o fogo pelo nome correto. Todos os animais vivem com medo mortal do fogo e inventam centenas de outros nomes para descrevê-lo.

— A flor vermelha? — disse Mowgli. — Aquela que cresce do lado de fora das cabanas no final da tarde? Vou lá pegar.

— É assim que um filhote de homem deve falar — disse Bagheera orgulhoso. — Lembre-se: ela nasce em pequenos jarros. Pegue uma sem chamar a atenção e guarde com você o tempo que for necessário.

— Ótimo! — disse Mowgli. — Eu vou. Mas você tem certeza, Bagheera — disse, passando o braço em volta do esplêndido pescoço e olhando no fundo dos olhos —, tem certeza de que tudo isso faz parte do plano de Shere Khan?

— Pelo cadeado quebrado que me libertou, tenho sim, irmãozinho.

— Então, pelo búfalo que pagou por mim, Shere Khan vai ver só uma coisa. Talvez até um pouco mais do que deveria — disse Mowgli

afrouxando o abraço.

— É assim que um homem deve falar. Isto é ser um homem — disse Bagheera para si mesmo, deitando-se novamente. — Ah, Shere Khan, nunca houve uma caçada mais azarada do que aquela na qual você deixou a rã escapar, dez anos atrás.

Mowgli se embrenhou pela floresta, correndo muito, e seu coração pulsava forte no peito. Ele chegou à caverna junto com a névoa da noite, tomou fôlego e olhou o vale lá embaixo. Os filhotes não estavam, mas Mãe Loba, no fundo da caverna, sabia pela respiração que alguma coisa preocupava sua rãzinha.

— O que foi, meu filho? — disse.

— Os morcegos espalharam um boato sobre Shere Khan — ele respondeu. — Esta noite, vou caçar nas plantações.

Mergulhou na mata da encosta em direção ao riacho na base do vale. Ali, parou e ouviu o som da matilha caçando, o berro de um sambar sendo perseguido e o resfolegar da presa que fugia. Depois, vieram os uivos perversos e amargos dos jovens lobos:

— Akela! Akela! Deixem o Lobo Solitário mostrar sua força. Abram espaço para o líder da matilha! Ataque, Akela!

O Lobo Solitário deve ter atacado e errado o bote porque Mowgli ouviu seus dentes estalando, depois um ganido e o sambar o derrubando com um golpe das patas dianteiras.

Ele não esperou mais um segundo sequer e saiu em disparada. Os latidos foram se distanciando enquanto corria pelas plantações dos moradores da aldeia.

— Bagheera estava certo — ofegou ao se esconder em um monte de forragem para gado perto da janela de uma das cabanas. — Amanhã será um dia decisivo para mim e Akela.

Mowgli aproximou o rosto da janela e observou o fogo

queimando no fogão. Viu uma mulher se levantar e alimentar o fogo no escuro da noite com pedaços de carvão preto. Quando a manhã chegou e a névoa ficou branca e fria, viu um menino pegar um cesto de vime revestido de barro por dentro, enchê-lo com pedaços de carvão em brasa, colocá-lo sob uma manta e sair para cuidar das vacas no estábulo.

— É só isso? — pensou Mowgli. — Se um filhote consegue, não preciso ter medo.

Então deu a volta na cabana para encontrar o menino. Pegou o cesto das mãos dele e desapareceu na névoa enquanto o garoto ainda berrava de medo.

— São bem parecidos comigo — disse Mowgli, soprando no cesto como havia visto a mulher fazer. — Isto vai apagar se eu não der comida para ele.

E colocou gravetos e cascas de árvore na coisa vermelha. Na metade da subida, encontrou Bagheera com o orvalho da manhã brilhando feito cristais em seus pelos:

— Akela falhou — disse a pantera. — Eles iam matá-lo ontem mesmo, mas queriam que você estivesse junto. Ficaram te procurando pela colina.

— Eu estava nos campos cultivados. Já estou pronto. Veja! — Mowgli levantou o cesto incandescente.

— Ótimo! Sabe, eu já vi homens colocando galhos secos nessa coisa, e na hora a flor vermelha brotou na ponta. Você não tem medo?

— Não. Por que deveria ter medo? Agora me lembro, se é que não é sonho, de que antes de ser um lobo, eu ficava deitado perto da flor vermelha. Era quente e gostoso.

Mowgli passou o dia sentado na caverna cuidando de seu pote de fogo, alimentando-o com gravetos secos para ver o que acontecia. Ele

achou um galho que o agradou e, à noite, quando Tabaqui entrou na caverna e disse-lhe num tom mal-educado que o requisitavam na Pedra do Conselho, ele gargalhou até fazer Tabaqui sair correndo. Ainda rindo, Mowgli se dirigiu ao Conselho.

O Lobo Solitário Akela estava deitado ao lado de sua pedra, o que significava que a liderança da matilha estava vaga. Shere Khan, com seu séquito de lobos comedores de sobras, andava para lá e para cá, sendo bajulado abertamente. Bagheera deitou-se perto de Mowgli, que mantinha o cesto entre os joelhos. Quando todos estavam reunidos, Shere Khan começou a discursar, coisa que nunca ousaria fazer na época em que Akela estava em sua melhor forma.

— Ele não tem o direito — sussurrou Bagheera. — Fale isso. Ele é um filho de um cão. Ele vai se pelar de medo.

Mowgli ficou em pé de pronto.

— Povo Livre — gritou —, agora é Shere Khan o líder da matilha? O que um tigre tem a dizer sobre a nossa liderança?

— A liderança está vaga e me pediram para falar… — começou Shere Khan.

— Quem pediu? — disparou Mowgli. — Será que somos tão inferiores a ponto de bajular esse matador de vacas? A liderança da matilha é assunto somente da matilha.

Foram ouvidos gritos de "Silêncio, filhote de homem!", "Deixem-no falar. Ele tem sido fiel à lei". Depois, os mais velhos da matilha retumbaram:

— Deixem que o Lobo Morto fale.

Quando um líder de matilha falha na caçada, ele passa a ser chamado de Lobo Morto mesmo ainda vivo, mas por pouco tempo. Akela se esforçou para levantar sua velha cabeça:

— Povo Livre e vocês também, lacaios de Shere Khan, por doze

temporadas eu os liderei para matarmos e não sermos mortos. Nesse tempo, nenhum de vocês foi capturado ou ferido. Agora, falhei como caçador. Vocês sabem como essa história termina. Sabem como fui levado a enfrentar um cervo arredio para que minha fraqueza fosse exposta. Tudo foi muito bem planejado e é direito de vocês me matar, agora, aqui na Pedra do Conselho. Portanto, pergunto: quem virá dar fim ao Lobo Solitário? Porque é meu direito, pela Lei da Selva, que venha um de cada vez.

Houve um longo silêncio, porque nenhum dos lobos queria lutar com Akela até a morte. Então Shere Khan rugiu:

— Bah! O que fazer com esse tolo desdentado? Ele está fadado à morte! E o filhote de homem já viveu mais do que deveria. Povo Livre, ele era minha refeição desde o início. Entreguem-no a mim. Estou cansado dessa falácia de homem-lobo. Já faz dez temporadas que a selva passa por essa vergonha. Entreguem-me o filhote de homem ou vou caçar por aqui para sempre e nunca mais vou dar sequer um osso a vocês. Ele é um homem, uma cria de homem, e eu o odeio até o último fio de cabelo!

Então mais da metade da matilha gritou:

— Um homem! Um homem! O que faz um homem entre nós? Que ele vá para o lugar ao qual pertence.

— E colocar as pessoas da aldeia contra nós? — clamou Shere Khan. — Não, deem ele para mim. Ele é um homem e nenhum de nós consegue olhar nos olhos dele.

Akela levantou a cabeça novamente e disse:

— Ele comeu da nossa comida, dormiu entre nós, atraiu presas para cá. Ele nunca quebrou sequer uma lei.

— Além do mais, paguei o preço com um búfalo. O valor de um búfalo é irrisório, mas minha honra é algo que talvez seja um bom

motivo para brigar — disse Bagheera em seu tom mais gentil.

— Um búfalo dado dez anos atrás! — a matilha retrucou ferozmente. — Quem liga para ossos de dez anos de idade?

— Ou para cumprir uma promessa? — perguntou Bagheera arreganhando seus dentes brancos. — Bem que chamam vocês de Povo Livre.

— Nenhum filhote de homem pode andar com o Povo da Selva — rugiu Shere Khan. — Entregue-o a mim!

— Ele é nosso irmão em tudo, exceto no sangue — disse Akela e continuou —, e vocês o matariam aqui? Na verdade, já vivi tempo demais. Alguns de vocês são comedores de vacas e outros, pelo que ouvi dizer, aprenderam com Shere Khan a descer para a aldeia na calada da noite e roubar crianças na porta das cabanas. Portanto, eu os classifico como covardes e é para vocês que me dirijo. É certo que devo morrer e que minha vida nada mais vale. Se valesse, eu a ofereceria em troca da vida do filhote de homem. Pela honra da alcateia, aponto um pequeno detalhe que a falta de liderança encobriu. Prometo que, se deixarem o filhote de homem em paz, quando chegar a hora de minha morte, não mostrarei sequer um dente contra vocês. Morrerei sem lutar. Isso poupará pelo menos três vidas da matilha. Não posso oferecer mais, porém, se aceitarem, vou salvá-los da vergonha de matar um irmão contra o qual não há acusações, um irmão apresentado e aceito para entrar na matilha como rege a Lei da Selva.

— Ele é um homem, um homem, um homem! — rosnou a matilha.

A maioria dos lobos se reuniu em volta de Shere Khan, cuja cauda começava a se agitar.

— Agora o negócio é com você — disse Bagheera para Mowgli. — Não há mais o que fazer além de lutar.

Mowgli ficou em pé com o pote de fogo nas mãos. Em seguida, esticou os braços e bocejou na frente do Conselho — mas por dentro estava tomado de raiva e tristeza porque, como é costume dos lobos, nenhum deles havia lhe dito o quanto o odiavam.

— Escutem vocês! — gritou. — Chega desse falatório, bando de vira-latas. Vocês falaram tanto que sou um homem. Na verdade, eu teria continuado sendo um lobo como vocês a minha vida inteira. Porém, acabei me convencendo de que suas palavras são verdadeiras. Assim, não os chamarei mais de irmãos, mas de *sag* [cães], como um homem os chamaria. O que vão ou não fazer não mais cabe a vocês decidir. Essa decisão agora é *minha* e para que tudo fique o mais claro possível, eu, o homem, trouxe aqui um pouco da flor vermelha que vocês, cães, tanto temem.

Ele arremessou o pote de fogo no chão e algumas das brasas caíram em um tufo de musgo seco que se incendiou. Todo o Conselho recuou aterrorizado diante das chamas que subiam.

Mowgli enfiou o galho seco no fogo até que os gravetos se acenderam e estalaram. Depois, girou o galho sobre a sua cabeça enquanto os lobos se encolhiam.

— Tu és o senhor — disse Bagheera em voz baixa. — Salve Akela da morte. Ele nunca deixou de ser seu amigo.

Akela, o velho e austero lobo que nunca pediu misericórdia em toda a sua vida, olhou para Mowgli comovido enquanto o menino caminhava completamente nu. Os longos cabelos negros caíam sobre seus ombros, brilhando com a luz do galho que fazia as sombras tremerem.

— Ótimo! — disse Mowgli olhando vagarosamente em volta. — Vejo que vocês são mesmo cães. Vou deixá-los e voltar para minha gente, se é que eles são mesmo a minha gente. Chega de selva para mim, preciso apagar da memória suas palavras e sua amizade. A

diferença é que serei mais piedoso que vocês. Quando eu for um homem entre outros homens, não os entregarei a eles como vocês me entregaram. A única diferença entre nós é que não temos o mesmo sangue — e chutou o fogo com o pé e faíscas voaram pelos ares. — Não teremos nenhuma guerra entre os membros da matilha, mas deixo aqui o pagamento de um débito antes de ir embora.

Mowgli marchou até Shere Khan. O tigre estava sentado olhando para as chamas com cara de bobo. O menino então o pegou pelo tufo de pelos na ponta do queixo. Bagheera o seguiu, para o caso de algum acidente.

— Levante-se, cão! — gritou Mowgli. — Fique em pé quando um homem falar com você ou boto fogo no seu pelo!

As orelhas de Shere Khan se viraram para trás, grudadas em sua cabeça. Seus olhos se fecharam, pois o galho flamejante estava muito próximo.

— Esse assassino de vacas disse que me mataria aqui no Conselho porque não me matou quando eu era um filhote. Por essas e outras, é nosso dever surrar os cães quando nos tornamos homens. Se mexer um bigode sequer, Lungri, enfio esta flor vermelha na sua goela! — Mowgli bateu com o galho na cabeça de Shere Khan e o tigre choramingou e gemeu, morto de medo. — Bah! Seu gato-do-mato chamuscado… fuja! Mas lembre-se de que quando eu voltar à Pedra do Conselho como um homem, estarei vestido com a pele de Shere Khan. Para os outros, decreto que Akela fique livre para viver como desejar. Ninguém irá feri-lo porque assim estou dizendo. E também digo que se levantem, saiam e guardem essas suas línguas, pois se vocês acham que são dignos, digo que não passam de cães que posso enxotar a qualquer momento. Sumam!

O fogo queimava furiosamente na ponta do galho e Mowgli fustigava o círculo por todos os lados. Os lobos debandaram, uivando,

com fagulhas queimando seus pelos. Finalmente, ficaram apenas Akela, Bagheera e cerca de dez outros lobos que haviam defendido Mowgli. Foi quando algo começou a latejar dentro do garoto, uma dor que nunca havia sentido. Ele respirou fundo, soluçou e lágrimas desceram pelo seu rosto.

— O que está acontecendo? O que está acontecendo? — perguntou. — Eu não quero deixar a selva, eu não sei o que está acontecendo. Estou morrendo, Bagheera?

— Não, irmãozinho. São apenas lágrimas de homem — disse Bagheera. — Agora você é um homem e não mais um filhote de homem. A selva de fato é passado para você daqui por diante. Deixe-as rolar, Mowgli. São apenas lágrimas.

Então Mowgli sentou-se e chorou como se seu coração fosse rachar. Ele nunca havia chorado antes em toda sua vida.

— Agora — disse —, vou me encontrar com os homens. Mas primeiro preciso dar adeus à minha mãe.

Assim, ele seguiu até a caverna onde ela morava com Pai Lobo. Lá, chorou e a abraçou enquanto os quatro filhotes uivavam sem parar.

— Vocês não vão me esquecer? — perguntou Mowgli.

— Nunca, enquanto ainda pudermos seguir uma trilha — disseram os filhotes. — Venha para o sopé da encosta quando se tornar um homem e conversaremos com você. Nós iremos às plantações para brincar com você à noite.

— Volte logo! — disse Pai Lobo. — Pequena e sábia Rãzinha, volte logo. Eu e sua mãe já estamos velhos.

— Volte logo, meu filhinho pelado — disse Mãe Loba. — Ouça, filhote de homem: amo você mais do que amei meus próprios filhos.

— É claro que vou voltar — disse Mowgli. — E quando eu voltar, será para deitar a pele de Shere Khan sobre a Pedra do Conselho. Não

se esqueçam de mim! Digam a todos na selva para nunca se esquecerem de mim!

A aurora estava começando a surgir quando Mowgli desceu a colina sozinho para se encontrar com aquelas coisas misteriosas chamadas homens.

CANÇÃO DE CAÇA DA MATILHA DE SEONI

Quando o sol nasceu, o sambar mugiu

Uma, duas, dez vezes!

E uma corça deu um salto, e uma corça deu um salto

Na lagoa da floresta onde o veado bebe entre o mato alto.

Isto, durante a patrulha, fui eu quem viu

Uma, duas, dez vezes!

Quando o sol nasceu, o sambar berrou

Uma, duas, dez vezes!

E um lobo regressa à família, e um lobo regressa à família

Levando a notícia para a irrequieta matilha,

E nós procuramos, encontramos e latimos na sua trilha

Uma, duas, dez vezes!

Quando o sol nasceu, a matilha uivou

Uma, duas, dez vezes!

Nossas patas na selva não deixam rastros!

Nossos olhos no escuro enxergam os mais tênues traços –

os mais tênues traços!

Berre – bote para fora! Todos seus grunhidos,

todos seus estardalhaços!

Uma, duas, dez vezes !

A CAÇADA DE KAA

As manchas são a alegria do leopardo; os chifres,
o orgulho do búfalo destemido;
Não se suje, porque a força do caçador está no brilho
de seu pelo polido.

Se achar que o touro vai te derrubar, ou que
o sambar bravo representa revezes;
É preciso parar e nos avisar: já passamos por isso
mais de dez vezes.

Não provoque o filhote dos outros,
pois são como seus irmãos, de camurça.
Embora sejam pequenos e gorduchos,
sua mãe pode ser uma ursa.

"Não há ninguém como eu!", diz o filhote orgulhoso
da primeira presa abatida;
Mas a selva é grande e o filhote é pequeno.
Deixe que ele tenha uma tarde pensativa.
— Máximas de Baloo

Tudo o que é contado aqui aconteceu algum tempo antes de Mowgli ser expulso da alcateia de Seoni e de sua vingança contra o tigre Shere Khan. Foi durante os dias nos quais Baloo ensinava a ele a Lei da Selva. O grande, austero e velho urso marrom estava maravilhado com um aluno tão esperto, pois os jovens lobos só aprendem da Lei da Selva o que se aplica à sua própria matilha. Depois disso, assim que decoram o Poema da Caça, saem correndo: "Patas de veludo; enxergar no escuro; ouvidos que ouvem dentro das tocas e dentes afiados e brancos; Tudo isso são as marcas de nossos irmãos, exceto Tabaqui, o chacal, e a hiena, que todos nós odiamos". Já Mowgli, o filhote de homem, precisava aprender muito mais do que isso. Às vezes, a pantera negra Bagheera se esgueirava pela selva para ver como seu favorito estava se saindo. Ronronava com a cabeça encostada na árvore enquanto Mowgli recitava a lição do dia dada por Baloo.

O menino escalava quase tão bem quanto nadava, e nadava quase tão bem quando corria. Então, Baloo, o professor da lei, ensinava a ele as leis da madeira e da água: como distinguir um galho podre de um galho seguro; como conversar educadamente com as abelhas selvagens quando ia até sua colmeia a quinze metros de altura; o que dizer a Mang, o morcego, quando ele os perturbava no alto das árvores ao meio-dia; e como avisar as cobras-d'água, nas lagoas, que iria mergulhar entre elas. Ninguém do Povo da Selva gosta de ser perturbado e todos estão prontos para afugentar um intruso. Mowgli também foi ensinado sobre o aviso de caça dos forasteiros, que deve ser repetido em bom som até que seja respondido sempre que alguém do Povo da Selva estiver caçando fora de seu território. Traduzindo, isso significa: "Me deixe caçar aqui porque estou faminto". E a resposta vem: "Então cace a sua comida, mas não mate à toa".

Tudo isso mostra o quanto Mowgli precisava decorar. Ele ficava muito cansado de ficar repetindo a mesma coisa cem vezes. Nesse dia,

como Baloo explicou à Bagheera, Mowgli levou um safanão de seu mestre e saiu correndo revoltado:

— Um filhote de homem é um filhote de homem. Ele deve aprender toda a Lei da Selva.

— Mas lembre-se de como ele é pequeno — disse a pantera, que teria mimado Mowgli se pudesse. — Como é que a cabecinha dele vai conseguir guardar tudo isso que você fala?

— Existe alguma coisa na floresta pequena demais para ser caçada? Não. É por isso que eu ensino todas essas coisas a ele. Também é por isso que bato nele, bem de leve, quando não decora.

— De leve! O que você sabe sobre leveza, seu velho pata de ferro? — grunhiu Bagheera. — Todo dia a cara dele aparece arranhada… Leveza. Oras!

— É melhor ser machucado da cabeça aos pés por alguém que o ama, como eu, do que sofrer por ignorância — respondeu Baloo. — Agora estou ensinando a ele as palavras da selva, que irão protegê-lo dos pássaros e do Povo Serpente. Além disso, ele conhecerá todo animal de quatro patas que poderá caçar, exceto sua própria matilha. O menino também já sabe pedir proteção para toda a selva, se é que vai se lembrar das palavras. Tudo isso não compensa uma surra?

— Tome muito cuidado para não acabar matando o filhote de homem. Ele não é uma árvore para você ficar afiando suas garras. Quais são essas tais palavras? Sou do tipo que mais oferece ajuda do que pede — disse Bagheera esticando uma das patas e admirando o azul cintilante de suas garras afiadas na ponta dela. — Mesmo assim, eu gostaria de saber.

— Vou chamar Mowgli e ele mesmo dirá… se é que decorou. Venha, irmãozinho!

— Parece que tem uma colmeia zumbindo dentro da minha cabeça

— disse uma voz irritada vindo de cima.

Era Mowgli, que desceu de um tronco de árvore muito zangado e indignado. Quando chegou ao chão, completou:

— Estou aqui pelo Bagheera, e não por você, Baloo, velho gordo!

— Tudo isso pra mim? — disse Baloo, embora estivesse chateado pela ofensa. — Conte a Bagheera, então, as palavras da selva que lhe ensinei hoje.

— Palavras de qual povo? — disse Mowgli todo exibido. — A selva tem muitas línguas. Eu conheço todas.

— É verdade que você conhece um pouco, mas não tudo. Está vendo, Bagheera? Eles nunca agradecem aos professores. Nem mesmo um lobinho sequer jamais veio agradecer ao velho Baloo pelas aulas. Diga a palavra para Povo Caçador então, grande acadêmico.

— Nós temos o mesmo sangue, eu e você — disse Mowgli, dando às palavras o sotaque de urso que todos os povos caçadores usam.

— Ótimo. Agora, dos pássaros.

Mowgli repetiu com o silvo do milhafre no final da frase.

— Agora, do Povo Serpente — disse Bagheera.

A resposta foi um sibilado completamente indescritível. Mowgli jogou seu pé para trás e bateu palmas aplaudindo a si próprio. Montou nas costas de Bagheera num salto, ficou sentado de lado, batucando no couro brilhante com os calcanhares e fazendo as piores caretas para Baloo.

— Olha só, olha só! Isso mereceria um castiguinho — disse carinhosamente o urso castanho. — Algum dia você irá se lembrar de mim.

Virou-se de lado para contar a Bagheera como Mowgli implorou pela palavra de Hathi, o elefante selvagem, que sabe tudo dessas

coisas, e de como Hathi segurou Mowgli, afundando-o em uma lagoa para ouvir a palavra das serpentes de uma serpente aquática — Baloo não conseguia pronunciá-la de forma correta. Segundo o urso, Mowgli agora estava relativamente protegido contra todos os acidentes da selva porque nem cobra, pássaro ou outro animal poderiam machucá-lo.

— Nenhum deles deve ser temido — concluiu Baloo acariciando com orgulho sua barriga grande e felpuda.

— Exceto pela sua própria tribo — disse Bagheera baixinho. Depois, a pantera falou mais alto para Mowgli: — Cuidado com as minhas costelas, irmãozinho! Que saracoteio todo é esse?

Mowgli estava tentando chamar a atenção puxando o couro das costas de Bagheera e dando chutes mais fortes. Quando os dois prestaram atenção, ele estava berrando a plenos pulmões:

— Então eu terei o meu próprio bando e serei seu líder, voando pelos galhos o dia inteiro.

— Que maluquice nova é essa, pequeno sonhador? — disse Bagheera.

— É isso mesmo. Nós vamos jogar os galhos e barro no velho Baloo — continuou Mowgli. — Foi o que me prometeram. Rá!

— Uoof! —Baloo derrubou Mowgli das costas de Bagheera e, ao ficar preso entre suas duas enormes patas dianteiras, o menino pôde ver que o urso estava furioso.

— Mowgli — disse Baloo —, você anda de conversa com o Povo Macaco, o Bandar-Log?

Mowgli olhou para a pantera e os olhos de Bagheera estavam duros como pedras de jade.

— Você andou com o Povo Macaco, os símios cinzentos? Aqueles que não têm lei e que comem de tudo? Que vergonha!

— Eu fugi quando Baloo bateu na minha cabeça — disse Mowgli ainda deitado de costas. — Os macacos cinza desceram das árvores. Eles tiveram dó de mim. Ninguém mais ligou — e deu uma fungada.

— A piedade do Povo Macaco! — bufou Baloo. — A lentidão da cachoeira da montanha! O frio do sol de verão! Conte mais, filhote de homem.

— Depois… eles me deram castanhas e coisas gostosas pra comer… me levaram para cima, bem no alto das árvores, e disseram que eu era irmão de sangue deles, mesmo não tendo rabo… e que, um dia, eu seria o líder dos macacos.

— Eles não têm líder — disse Bagheera. — É mentira. Só contam mentira.

— Eles foram muito gentis. Disseram para eu aparecer sempre que pudesse. Por que vocês nunca me levaram para conhecer o Povo Macaco? Eles ficam em pé da mesma maneira que eu. Eles não me batem com as patas. Eles brincam o dia todo. Me solta, deixa eu me levantar! Baloo, seu chato, deixa eu me levantar! Eu vou brincar com eles novamente.

— Ouça, filhote de homem — disse o urso com uma voz que retumbou feito um trovão nas noites quentes —, eu ensinei a você toda a Lei da Selva, de todos os povos da selva, exceto a do Povo Macaco que mora nas árvores. Eles não têm lei. Eles são foras da lei. Possuem sua própria língua, mas roubam palavras que ouvem dos outros. Espiam e bisbilhotam do alto das árvores. Os costumes deles são diferentes dos nossos. Não têm liderança. Não têm memória. Bagunçam, tagarelam e fingem que são um grande povo pronto para realizar grandes feitos na floresta, mas uma simples castanha que despenca os faz cair na gargalhada e todo o resto é esquecido. Nós, da selva, não nos misturamos com eles. Não bebemos da mesma água que os macacos, não vamos para onde eles vão, não caçamos o que

eles caçam, não morremos onde eles morrem. Antes de hoje, você me ouviu falar alguma vez do Povo Macaco?

— Não — disse Mowgli num sussurro, pois a floresta estava muito silenciosa agora que Baloo havia terminado de falar.

— O Povo da Selva não fala a respeito deles e não pensa sobre suas ideias. Eles são muitos, são perversos, trapaceiros e sem-vergonha. Almejam apenas, se você acreditar que eles têm algum objetivo definido, ser notados pelo Povo da Selva. Mas nós não ligamos para eles, nem quando jogam castanhas e outras porcarias na nossa cabeça.

Mal tinha acabado de falar, uma chuva de castanhas e gravetos irrompeu por entre os galhos. E, do alto, onde os galhos são mais finos, era possível ouvir saltos, guinchos e uivos irritantes.

— O Povo Macaco é proibido — disse Baloo. — Proibido para o Povo da Selva. Nunca se esqueça.

— Proibido — disse Bagheera —, mas, mesmo assim, ainda acho que Baloo já deveria ter avisado você sobre eles.

— Eu? Eu? Como eu poderia adivinhar que ele iria se misturar com essas tranqueiras? O Povo Macaco! Eca!

Uma nova chuvarada caiu sobre a cabeça deles, e ambos saíram trotando dali, levando Mowgli. O que Baloo havia dito sobre os macacos era bem verdade. Seu lugar era no topo das árvores. Como os outros bichos olhavam muito pouco lá para cima, as chances de convivência entre os macacos e o Povo da Selva eram quase nulas. Porém, sempre que eles encontravam um lobo doente, um tigre ferido ou um urso, os macacos os atormentavam. Jogavam, por mero prazer, galhos e castanhas em qualquer animal na esperança de chamar a atenção. Depois, gritavam e se esgoelavam cantando canções sem sentido, chamando o Povo da Selva para escalar as árvores e lutar com eles. Algumas vezes, brigavam violentamente entre si e deixavam os macacos mortos expostos para que o Povo da Selva os visse.

Estavam sempre brigando para escolher um líder, leis e costumes próprios, mas nunca conseguiam se lembrar do que havia acontecido no dia anterior. Por isso, inventaram um ditado para se justificar: "O que o Povo Macaco pensa agora, a selva só vai pensar depois". Isto lhes dava uma sensação de conforto. Nenhuma das feras conseguia alcançá-los; no entanto, nenhuma das feras sequer olhava para cima. Foi por isso que ficaram tão felizes quando Mowgli brincou com eles. Por fim, acabaram escutando o que Baloo havia dito quando estava nervoso.

Talvez já tivessem até se esquecido — porque o Povo Macaco é assim mesmo —, mas um deles teve uma ideia brilhante e disse aos outros que Mowgli seria muito útil como membro da tribo, pois sabia como amarrar feixes de gravetos para quebrar o vento. Então, se fosse capturado, ele poderia ensiná-los. É claro que Mowgli, por ser filho de lenhador, herdou todo tipo de instinto e costumava fazer cabaninhas de galhos soltos sem nem se lembrar de como havia aprendido aquilo. O Povo Macaco, lá de cima das árvores, considerava essa habilidade muito importante. Dessa vez, eles estavam decididos a ter um líder e se tornar o povo mais sábio da selva — tão sábio que todo mundo passaria a notá-los e invejá-los. Assim, seguiram Baloo, Bagheera e Mowgli floresta adentro em completo silêncio até que chegou a hora da soneca do meio-dia. Mowgli, que ainda estava bem envergonhado por tudo, dormiu entre a pantera e o urso, decidido a nunca mais se meter com o Povo Macaco.

Logo em seguida, sentiu mãos agarrando seus braços e pernas — mãozinhas firmes e fortes. Um galho cheio de folhas bateu em seu rosto e nesse momento ele já estava vendo a selva lá embaixo, por entre os ramos das árvores, enquanto Baloo acordava todo mundo com seus urros e Bagheera escalava o tronco da árvore com os dentes

à mostra. Triunfantes, os macacos subiam pelas copas onde Bagheera nunca conseguiria alcançá-los e gritavam:

— Ele nos notou! Bagheera nos notou. Todos do Povo da Selva nos admiram porque somos ágeis e espertos.

Foi quando começaram seu voo nas copas das árvores, algo que ninguém consegue descrever. Lá, eles têm estradas e cruzamentos já mapeados. Subidas e descidas, tudo isso a quinze, vinte e até trinta metros do chão. Por esses caminhos, conseguem andar mesmo à noite, se necessário. Dois dos macacos mais fortes seguraram Mowgli por debaixo dos braços e foram balançando o menino pelos galhos das árvores, com arremessos de quase dez metros. Se não estivessem carregando nada, fugiriam duas vezes mais rápido, mas o peso do menino os deixava mais lentos. Mesmo sentindo-se enjoado e tonto, foi impossível para Mowgli não gostar daquela agitação, por mais que olhar o chão lá embaixo desse um baita medo e os solavancos e balanços a cada arremesso no ar livre fizessem com que seu coração quase saísse pela boca. Seus raptores o jogavam acima do topo das árvores e ele sentia os galhinhos mais finos entortando e estalando logo abaixo. No momento seguinte, com um grunhido e um suspiro, pegavam novo impulso e se jogavam para cima outra vez, depois caíam, para subir novamente em seguida, segurando firme para saltar para a próxima árvore. Às vezes, por alguns instantes, era possível ver quilômetros de distância de calma floresta, como uma pessoa no topo de um mastro consegue ver a vastidão do mar. Segundos depois, galhos e folhas voltavam a bater em seu rosto. Em queda livre, parecia que ele e seus dois guardiões se esborrachariam no chão. E assim, balançando, trombando, berrando e rosnando, toda a tribo Bandar-Log gingava pelas estradas nas copas das árvores levando Mowgli como seu prisioneiro.

No começo, ele estava com medo de que o deixassem cair. Depois, ficou bravo, mas logo entendeu que era melhor não espernear. Então,

começou a pensar. A primeira tarefa era deixar uma mensagem para Baloo e Bagheera, porque, na velocidade com que os macacos avançavam, seus amigos nunca conseguiriam acompanhá-los. Era inútil olhar para baixo. A única coisa visível era a copa das árvores e os galhos. Olhou então para cima e viu, bem lá no alto, no céu azul, Rann, o milhafre, planando em círculos enquanto esperava que alguma coisa morresse na floresta lá embaixo. Rann viu que os macacos estavam levando algo e mergulhou algumas dezenas de metros para descobrir se o que carregavam era bom de comer. Ele assobiou surpreso quando viu que era Mowgli quem estava sendo levado pelas árvores. Imediatamente, ouviu o menino declamar o chamado dos milhafres:

— Eu e você temos o mesmo sangue.

Levas de galhos bloquearam sua visão. Rann então desviou seu voo para a próxima árvore a tempo de ver o rosto moreno do pequenino aparecer novamente:

— Marque minha trilha! — gritou Mowgli. — Avise Baloo, da alcateia Seoni, e Bagheera, do Conselho da Pedra.

— Em nome de quem, irmão? — Rann nunca tinha visto Mowgli antes, embora certamente já tivesse ouvido falar dele.

— Mowgli, a Rã. Me chamam de filhote de homem! Marque minha trilha!

As últimas palavras saíram esganiçadas porque ele estava sendo chacoalhado em pleno ar, mas Rann assentiu e voou para o alto até ficar tão pequeno quanto um grão de areia. Lá permaneceu, olhando com seus olhos telescópicos o balanço das copas, enquanto Mowgli seguia rodopiando com sua escolta.

— Eles nunca vão muito longe — disse, cacarejando. — Não terminam o que começam. Sempre se distraem com outras coisas,

esses macacos. Só que desta vez eles arrumaram pra cabeça. Baloo não é brincadeira, e Bagheera, pelo que sei, não mata só cabritos.

Em seguida, bateu as asas, recolheu seus pés sob o corpo e esperou.

Enquanto isso, Baloo e Bagheera estavam loucos de raiva e preocupação. A pantera escalou os troncos como nunca, mas os galhos finos se quebravam sob seu peso e ele escorregava para baixo com as garras riscando a casca das árvores.

— Por que você não avisou o filhote de homem? — rugiu para o pobre Baloo, que trotava todo desajeitado, achando que conseguiria alcançar os macacos correndo. — De que adianta quase matar o menino com surras se você não o avisa sobre uma coisas dessas?

— Rápido! Mais rápido! A gente… ainda consegue alcançá-los — disse Baloo esbaforido.

— Nesse passo? Até uma vaca manca é mais rápida. Professor da lei, espancador de filhotes, mais um quilômetro tropeçando desse jeito e você acaba explodindo. Sente-se e pense um pouco! Planeje. Agora não é hora de perseguir. Podem acabar deixando-o cair se os seguirmos muito de perto.

— *Arrula! Auuu!* Talvez já tenham se cansado de carregá-lo e já o largaram. Não se pode confiar no Povo Macaco! Pode bater na minha cabeça com morcegos mortos! Me dê ossos podres pra comer! Me jogue na colmeia das abelhas selvagens para eu morrer picado e me enterre com as hienas porque sou o pior dos ursos! *Arulala! Aiaiai!* Ai, Mowgli, Mowgli! Por que não avisei você sobre o Povo Macaco em vez de bater na sua cabeça? Talvez minhas pancadas o fizeram esquecer a lição de hoje. Como ele vai ficar sozinho na selva se não for capaz de se lembrar das palavras?

Baloo apertou suas orelhas com as patas e rolou no chão gemendo.

— Pelo menos ele disse todas as palavras direitinho agora há pouco — disse Bagheera impaciente. — Baloo, você não tem nem memória, nem respeito próprio. O que a selva pensaria se eu, uma pantera negra, me encolhesse como Ikki, o porco-espinho, e ficasse uivando?

— E eu lá me importo com o que a selva pensa? Ele pode já estar morto.

— Se eles o deixassem cair dos galhos de brincadeira ou se o matassem por falta de cuidado… aí sim, eu me preocuparia com o filhote de homem. Ele é esperto, bem treinado e, acima de tudo, tem olhos que metem medo no Povo da Selva, mas, e isso é um grande perigo, está em poder do Povo Macaco e eles, por viverem nas árvores, não têm medo de nenhum outro povo — disse Bagheera pensativo, lambendo sua pata dianteira.

— Como eu sou tolo! Que idiota gordo, marrom, comedor de raízes eu sou! — disse Baloo se endireitando com uma sacudidela. — É verdade o que Hathi, o elefante selvagem, diz: “Cada um tem seus próprios temores.” Eles, o Povo Macaco, temem Kaa, a Serpente das Rochas, que consegue chegar até o alto das árvores para roubar macaquinhos à noite. Só de ouvir seu nome, suas malditas caudas congelam de medo. Vamos procurar Kaa.

— E como ele poderia nos ajudar? Ele não tem pés e não é da nossa tribo. Seus olhos são muito perigosos — disse Bagheera.

— Ele é muito experiente e astuto. Acima de tudo, está sempre com fome — disse Baloo esperançoso. — Prometa-lhe alguns cabritos.

— Ele dorme um mês inteiro depois de comer. Talvez esteja dormindo agora. Caso esteja acordado, por qual motivo não caçaria seus próprios cabritos? — Bagheera, que não conhecia bem Kaa, estava naturalmente desconfiado.

— Nesse caso, nós dois, velho caçador, precisamos fazer com que ele entenda a situação — Baloo roçou seu ombro marrom desengonçado na pantera e assim foram procurar por Kaa.

Encontraram-no refestelado ao sol da tarde sobre um platô, nas rochas. Estava admirando sua nova pele, a qual havia acabado de trocar. Agora estava que era uma maravilha. Seu nariz grande e roliço era a ponta de seu corpo largado ao chão, cujos dez metros de comprimento faziam voltas e curvas. Sua língua lambia os lábios como se esperasse que o jantar fosse servido.

— Ele ainda não comeu — disse Baloo arfando de alívio assim que viu aquela pele linda, rajada de marrom e amarelo. — Tenha cuidado, Bagheera! A serpente sempre fica meio cega depois que troca de pele e seu bote é muito rápido.

Kaa não era uma cobra venenosa — na verdade, ele meio que desdenhava das cobras peçonhentas. Seu poder estava no abraço. Uma vez enrolado como uma mola em torno de alguém, tudo estava terminado.

— Boas caçadas! — gritou Baloo, sentando-se sobre as ancas.

Kaa era meio surdo e não ouvia logo de primeira, algo comum às serpentes de sua espécie. Por isso, ao primeiro som, ele se enrolava rapidamente, por precaução, com a cabeça abaixada.

— Boa caçada a todos — respondeu. —Baloo, o que você faz por aqui? Boa caçada, Bagheera. Pelo menos um de nós precisa de comida. Alguma novidade lá pelas suas bandas? Alguma corça ou um jovem veado? Meu estômago está nas costas.

— Estamos caçando — disse Baloo despreocupado. Ele sabia que não se devia apressar Kaa. Ele é grande demais.

— Posso ir com vocês? — disse Kaa. — Uma patada a mais ou a menos pode não ter muita importância para um Bagheera ou um

Baloo, mas eu… eu tenho que ficar dias esperando em alguma picada no meio do mato ou passar quase a noite toda escalando uma árvore para pegar um jovem símio. Rapaz! Os galhos de hoje não são mais como os da minha juventude. Só dá graveto e galho podre por aí.

— Talvez o motivo seja seu grande peso — disse Baloo.

— Eu tenho um bom comprimento, um bom comprimento — disse Kaa meio orgulhoso. — Mas, na verdade, é tudo culpa das árvores novas. Quase caí na minha última caçada, foi por pouco. O barulho do meu escorregão foi grande, acordou o Povo Macaco e eles me xingaram de nomes horrorosos.

— Barriga lisa, minhoca amarela — disse Bagheera bem baixo, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

— Sssss! Eles me chamaram disso também? — disse Kaa.

— Foi alguma coisa assim que gritaram para nós na lua passada, mas não demos atenção. Eles inventam qualquer coisa, dizem até que você perdeu seus dentes e que não enfrenta nada maior do que uma criança porque (esse Povo Macaco é mesmo um bando de sem-vergonhas) você tem medo de chifre de bode — completou Bagheera em tom agradável.

Ora, uma serpente, em especial uma píton calejada como Kaa, muito raramente demonstra sua raiva, mas Baloo e Bagheera podiam ver os músculos dos dois lados da longa garganta de Kaa agitados e pulsantes.

— O Povo Macaco se mudou daqui — disse calmamente. — Hoje, quando saí para tomar sol, ouvi o bando berrando no topo das árvores.

— É… é exatamente o Povo Macaco que estamos perseguindo agora — disse Baloo, mas as palavras travaram em sua garganta. Ele

percebeu que era a primeira vez ouvia alguém do Povo da Selva dizer que se interessava por aquilo que os macacos faziam.

— Então não há sombra de dúvida de que algo importante aconteceu para atrair grandes caçadores, senhores de seus próprios territórios, como vocês — replicou Kaa de forma cortês, inchado de curiosidade.

— Na verdade — começou Baloo —, nada mais somos do que o velho e quase sempre tolo professor da lei dos filhotes de lobo dos Seoni e o Bagheera aqui…

— Que é o Bagheera mesmo — disse a pantera negra fechando suas mandíbulas com um estalo, rejeitando a ideia de ser alguém normal. — O problema é o seguinte: esses ladrões de castanhas e comedores de folha de palmeira roubaram nosso filhote de homem, de quem talvez você já tenha ouvido falar.

— Já tive notícias dele por Ikki (ele se acha o tal com aqueles espinhos), de que um coisa-homem foi aceito na matilha, mas não acreditei. Ikki é cheio de histórias mal contadas e pela metade.

— Mas é verdade. Ele é mesmo o primeiro filhote de homem por aqui — disse Baloo. — O melhor, mais esperto e valente dos filhotes de homem. É meu querido aluno. Trará fama para o nome de Baloo por toda a selva e, além do mais, eu… quer dizer, nós… o amamos, Kaa.

— Ts! Ts! — disse Kaa, balançando a cabeça. — Eu também sei o que é amar. Eu poderia contar histórias que…

— Tenho certeza que seriam ótimas em uma noite tranquila, com todos bem alimentados, para aplaudirmos como se deve — disse Bagheera interrompendo. — Porém, neste momento, nosso filhote de homem está nas mãos do Povo Macaco e sabemos que, de todos os animais do Povo da Selva, o único que eles temem é você Kaa.

— Eles só temem a mim por boas razões — disse Kaa. — Falastrões, bobocas, vadios… são esses macacos. Mas um coisa-homem nas mãos deles é mau agouro. Eles enjoam das castanhas que colhem e as jogam para baixo. Arrastam um galho quase um dia inteiro pensando em usá-lo em grandes projetos e depois o quebram ao meio. O coisa-homem não é digno de inveja. E, além do mais, me chamaram de… "peixe amarelo", não é?

— Minhoca… minhoca… minhoca da terra — disse Bagheera — e de mais umas outras coisas que não repito por vergonha.

— Precisamos lembrá-los de falar bem de seus superiores. Aaa-ssp! Nós vamos ajudar as suas memórias distraídas. Para onde levaram o filhote?

— Só a selva saberia dizer. Na direção do poente, acho — disse Baloo. — A gente pensou que você saberia, Kaa.

— Eu? Saber? Eu pego os macacos que cruzam o meu caminho, mas não caço o Povo Macaco, nem rãs… nem alga verde em buraco n'água, se quer saber.

— Cima! Cima! Cima, cima! Oie! Ie! Ie! Olha pra cima, Baloo da matilha Seoni!

Baloo levantou o olhar para ver de onde vinha a voz. Lá estava Rann, o milhafre, mergulhando com o sol brilhante por trás e o vento arrebitando as bordas de suas asas. Já era quase hora de Rann dormir, mas ele havia voado sobre toda a selva à procura do urso, coisa nada fácil, com todo aquele mar de folhas.

— O que foi? — disse Baloo.

— Vi Mowgli com o Povo Macaco. Ele pediu para avisar você. Fiquei observando. Eles atravessaram o rio e foram para a cidade dos macacos, nas Tocas Frias. Acho que vão passar a noite lá, ou dez

noites, ou só uma hora. Já pedi aos morcegos para vigiarem nas horas escuras. Esta é a minha mensagem. Boa caçada para vocês aí embaixo!

— Desfiladeiro profundo e sono pesado para você, Rann — gritou Bagheera. — Vou me lembrar disso em minha próxima caçada e deixar a cabeça separada só para você, ó melhor dos milhafres!

— De nada, de nada. O menino usou a palavra. Eu não poderia fazer menos — disse Rann subindo novamente em círculos.

— Ele não se esqueceu da língua — disse Baloo todo orgulhoso. — Imagine alguém tão jovem que consegue se lembrar da palavra dos pássaros ao mesmo tempo em que é arrastado pela floresta!

— Estava bem gravado em sua memória — disse Bagheera. — Estou orgulhoso dele, mas agora precisamos ir para as Tocas Frias.

Todos sabiam onde ficava, mas poucos indivíduos do Povo da Selva iam até lá. As Tocas Frias eram as ruínas de uma antiga cidade perdida encoberta pela selva — é raro que animais vivam em lugares que já foram habitados pelos homens. O javali-do-mato usa, mas os bandos caçadores não. Além disso, os macacos moravam ali do mesmo modo que poderia se dizer que moram em qualquer outro lugar. Nenhum animal honrado gostaria ser visto por lá, a não ser em tempos de seca, quando os tanques e reservatórios em ruínas continuam cheios de água.

— É uma viagem que leva metade de uma noite, mesmo a toda velocidade — disse Bagheera.

Baloo pareceu preocupado:

— Vou correr o mais que posso — disse ansioso.

— Não podemos esperar que você nos acompanhe. Siga a nossa trilha, Baloo. Eu e Kaa iremos com pés mais ligeiros à frente.

— Com ou sem pés, sou tão rápido quanto suas quatro patas — disse Kaa ofendido.

Novamente, Baloo tentou ir depressa, mas se sentou para tomar fôlego e foi deixado para trás enquanto Bagheera corria na dianteira em seu trote rápido de pantera. Kaa nada disse, mas para rivalizar com Bagheera, a enorme píton das rochas acelerou. Quando chegaram a uma corredeira, Bagheera ganhou terreno porque pulou sobre a água enquanto Kaa nadou com a cabeça acima do nível da água. De volta à terra firme, Kaa se aproximou outra vez.

— Pela tranca quebrada que me libertou — disse Bagheera quando o crepúsculo caiu —, você não é nada lento!

— Estou com fome — disse Kaa. — Além do mais, me chamaram de sapo sardento.

— Não. Eles chamaram você de larva, minhoca amarela e desprezível.

— Dá no mesmo. Vamos em frente — e Kaa pareceu se esparramar pelo chão, encontrando o melhor atalho com seus olhos fixos.

Nas Tocas Frias, os amigos de Mowgli não eram uma preocupação para o Povo Macaco. Lá, todos estavam muitos satisfeitos. Eles tinham conseguido trazer o menino para a Cidade Perdida. Mowgli jamais vira uma cidade indiana antes e, embora aquilo não passasse de um monte de ruínas, ainda parecia esplêndida. Tempos atrás, algum rei a construiu nessa pequena colina. Era possível ver os rastros do calçamento de pedra que levava até os portões arruinados onde os últimos pedaços de madeira ainda estavam presos nas dobradiças velhas e enferrujadas. Árvores tinham crescido dentro e fora dos muros. As guaritas despencaram e apodreceram. Trepadeiras ficavam penduradas para fora das janelas das torres com suas abundantes pencas de folhagens.

Um grande palácio sem telhado ficava no topo da colina. Seus pátios de mármore e fontes estavam rachados e manchados de vermelho e verde. Até os revestimentos de pedra no piso, onde os

elefantes do rei eram mantidos, tinham sido afastados uns dos outros pela grama e os brotos de árvores que cresciam entre suas fendas. Do palácio vislumbravam-se fileiras e mais fileiras de casas destelhadas, o que fazia com que a cidade se parecesse com alvéolos de uma colmeia abandonada. Um bloco de rocha que anteriormente representava um ídolo não tinha mais identidade e ficava onde quatro caminhos se cruzavam. Figueiras-bravas brotaram nas pias e tanques nas esquinas das ruas onde antes existiam fontes públicas e nos flancos dos domos estilhaçados dos templos.

Os macacos chamavam esse lugar de sua cidade e fingiam desprezar o Povo da Selva que vivia na floresta. Mesmo assim, eles não sabiam do que os prédios eram feitos ou para que serviam. Costumavam se sentar em círculos na entrada da câmara do antigo conselho real para procurar pulgas uns nos outros, fingindo ser homens. Também tinham o hábito de entrar correndo nas casas destelhadas, pegar pedaços de gesso e tijolos velhos em algum canto para no momento seguinte se esquecer onde os haviam escondido. Brigavam e gritavam, se amontoando, depois saíam à toda para escalar e descer dos terraços do jardim do rei onde chacoalhavam as roseiras e as laranjeiras só para ver as frutas e as flores caírem no chão. Exploravam todas as passagens e túneis do palácio e as centenas de cômodos escuros, mas nunca se lembravam quais já conheciam e quais não; então, se dividiam em pares, sozinhos ou em bandos, falando uns para os outros que estavam fazendo o mesmo que os homens. Bebiam dos tanques e deixavam a água toda enlameada. Em seguida, brigavam por causa disso, se juntavam em grupos e gritavam: “Não tem ninguém na selva tão esperto, bom, inteligente, poderoso e gentil quanto o Povo Macaco”. Depois, começavam tudo de novo até ficarem cansados da cidade. No final, voltavam para as copas das árvores torcendo para que o Povo da Selva os notasse.

Mowgli, que tinha sido treinado na Lei da Selva, não gostava e

nem entendia esse estilo de vida. Os macacos o arrastaram para as Tocas Frias no final da tarde e, em vez de irem dormir, como Mowgli faria após uma longa jornada, se deram as mãos e ficaram dançando e cantando suas músicas idiotas. Um dos macacos fez um discurso e disse aos seus companheiros que a captura de Mowgli marcava o início de algo novo na história do Povo Macaco, já que o menino mostraria a eles como amarrar gravetos e junco para que se protegessem da chuva e do frio. Mowgli pegou algumas trepadeiras e começou a amarrá-las. Os macacos tentaram imitá-lo. Em poucos minutos perderam o interesse e começaram a puxar os rabos dos amigos ou a pular guinchando.

— Quero comer — disse Mowgli. — Sou forasteiro nesta parte da floresta. Me tragam comida ou me deixem sair para caçar.

Uns vinte ou trinta macacos saíram em disparada para trazer castanhas e mamões selvagens, mas acabaram brigando no meio do caminho. Desistiram após perceber que seria uma trabalheira voltar com o que havia sobrado das frutas. Mowgli estava chateado, bravo e faminto. Por isso andou pela cidade deserta dando o aviso de caça dos forasteiros de vez em quando, mas ninguém respondeu. Acabou por concluir que, na verdade, devia estar em um lugar nada bom.

— Tudo o que Baloo disse sobre o Povo Macaco é verdade — pensou Mowgli. — Eles não têm lei, nem aviso de caça, nem líderes… nada, só palavras idiotas e mãozinhas furtivas de ladrões. Então, se eu morrer de fome, a culpa será só minha. Preciso tentar voltar para a minha floresta. Tenho certeza de que Baloo vai me bater, mas é melhor do que ficar correndo atrás de pétalas de rosa com o Povo Macaco.

Assim que se pôs a caminhar na direção dos muros da cidade, os macacos o puxaram de volta dizendo que ele não fazia ideia do quanto era feliz e ficavam dando beliscões para que ele agradecesse. Mowgli arreganhou os dentes, mas não disse nada. Acompanhou os

macacos, que seguiram aos berros até o terraço no alto dos reservatórios de arenito vermelho que estavam até a metade com água das chuvas. Havia uma casa de veraneio de mármore branco toda arruinada no centro do terraço, construída para as rainhas mortas mais de cem anos atrás. Metade do domo do teto tinha desabado, bloqueando a passagem subterrânea que vinha do palácio. As paredes eram feitas de rendilhados de mármore branco, uma beleza de ornamentação clara como o leite incrustada de ágatas, cornalinas, jaspes e lápis-lazuli. Quando a lua aparecia por detrás da colina, sua luz passava por entre os entalhes, criando uma sombra no chão como se fosse um veludo negro todo bordado. Chateado, cansado e faminto, Mowgli não conseguia parar de rir quando os macacos começaram, uns vinte ao mesmo tempo, a se vangloriar de sua própria importância, sabedoria, força, gentileza e de como o menino estava sendo bobo ao querer ir embora.

— Nós somos importantes. Somos livres. Somos o povo mais maravilhoso da selva! Todos nós falamos isso, então deve ser verdade — gritaram. — Como você é nosso ouvinte agora, pode levar as nossas palavras com você quando retornar para o Povo da Selva. Assim, eles vão passar a nos notar. Vamos contar para você tudo sobre as nossas incríveis personalidades.

Mowgli não se recusou. Os macacos se juntaram às centenas sobre o telhado para ouvir oradores recitando as glórias daquele povo. Sempre que um orador parava para tomar fôlego, todos os outros gritavam de uma só vez:

— É verdade, todos concordamos.

Mowgli também concordava, piscava e dizia “sim” quando lhe perguntavam alguma coisa. Sua cabeça já estava zonza com tanto barulho.

— Tabaqui, o Chacal, deve ter mordido essa gente — disse para si

mesmo. — Todos estão loucos. Só pode ser *dewanee,* a loucura. Será que eles não dormem nunca? Estou vendo uma nuvem que vai encobrir a lua em breve. Se ela for grande o suficiente, talvez eu possa tentar fugir na escuridão, mas estou exausto.

A mesma nuvem estava sendo observada por outros dois bons amigos na vala arruinada junto à muralha da cidade. Bagheera e Kaa sabiam o quanto o Povo Macaco era perigoso quando em grupos grandes. Não queriam correr nenhum risco. Os macacos nunca lutam, exceto quando estão em vantagem de cem contra um — poucos na selva se arriscam dessa maneira.

— Vou para a muralha oeste — sussurrou Kaa — e vou descer furtivamente aproveitando o declive. Eles não vão se jogar às centenas nas minhas costas, mas…

— Eu sei — disse Bagheera. — Gostaria que Baloo já estivesse aqui… porém vamos fazer o possível. Quando aquela nuvem cobrir a lua, vou subir no terraço. Estão realizando algum tipo de assembleia sobre o menino.

— Boa caçada — disse Kaa de forma sombria e partiu, deslizando rumo à muralha oeste, que era a menos dilapidada de todas.

A grande cobra demorou um tanto antes de encontrar um caminho para subir pelas pedras. A nuvem encobriu a lua e, enquanto Mowgli se perguntava o que aconteceria em seguida, ouviu os passos leves de Bagheera sobre o terraço. A pantera negra subira pela inclinação quase sem fazer barulho e começou a enfrentar os macacos — Bagheera sabia que era perda de tempo tentar mordê-los —, alternadamente pela direita e pela esquerda. Cerca de sessenta macacos estavam sentados em círculos em volta de Mowgli. Ouviram-se uivos e berros quando Bagheera avançou sobre eles, que rolavam e chutavam por baixo de seu corpo até que um macaco gritou:

— Ele está sozinho! Matem-no! Matem-no!

Uma multidão de macacos pronta para a luta cobriu Bagheera com mordidas, arranhões, fúria e puxões, enquanto outros cinco ou seis seguravam Mowgli e o arrastavam pela parede, para cima da casa, empurrando-o através de um vão do domo quebrado. Um menino criado pelos homens teria se machucado seriamente, pois tratava-se de uma queda de uns cinco metros, mas Mowgli caiu em pé como Baloo havia ensinado.

— Fique aqui — gritaram os macacos — até terminarmos de matar os seus amigos. Depois voltaremos para brincar com você… se é que o Povo Venenoso vai deixá-lo viver.

— Somos do mesmo sangue, eu e vocês — disse Mowgli rapidamente declamando o aviso das serpentes.

Ele podia ouvir o rastejar e os sibilos por entre o entulho à sua volta e fez o aviso outra vez, só para garantir.

— Atenção todossss! Desarmem o bote! — sussurraram meia dúzia de vozes (todas as ruínas na Índia, cedo ou tarde, se tornam morada de serpentes, e a velha casa estava repleta de najas). — Fique parado, irmãozinho, porque seus pés podem nos machucar.

Mowgli ficou o mais quieto possível, espiando através das frestas e ouvindo o som da furiosa luta com a pantera negra — gritos, muita movimentação e o rugido profundo e rouco de Bagheera empurrando, golpeando, contorcendo-se e sendo pisado sob uma enxurrada de inimigos. Pela primeira vez desde que nasceu, Bagheera estava realmente lutando pela própria vida.

— Baloo deve estar por perto. Bagheera não viria sozinho — pensou Mowgli. Em seguida, gritou alto: — Vá para o tanque, Bagheera. Vá para a água e mergulhe!

Bagheera ouviu. O grito indicava que Mowgli estava a salvo, o que

lhe deu nova esperança. Abriu caminho desesperadamente, conquistando centímetro a centímetro sua passagem até as cisternas. Então, vindo da muralha em ruínas mais próxima da selva, surgiu o retumbante grito de guerra de Baloo. O velho urso tinha se esforçado ao máximo para chegar o quanto antes.

— Bagheera! — gritou. — Estou aqui! Subindo! Rápido! Graaaurr! Meus pés escorregam escalando as pedras! Abomináveis macacos, vocês vão ver só uma coisa!

Ele subiu bufando até o terraço e foi imediatamente encoberto dos pés à cabeça por uma onda inimiga, mas se manteve firme sobre as ancas e abriu as patas dianteiras para abraçar quantos macacos pôde. Depois, passou a socar um por um, como se fosse uma roda de remo. Um sonoro som de mergulho na água anunciou a Mowgli que Bagheera conseguira chegar ao tanque, onde os macacos não eram capazes de segui-lo. A pantera tentava recuperar o fôlego, mantendo somente a sua cabeça fora da água enquanto os macacos estavam nos degraus vermelhos, pulando furiosos, prontos para cair sobre ele por todos os lados caso decidisse sair para ajudar Baloo. Foi então que Bagheera levantou o queixo, a água escorrendo por ele e, desesperadamente, deu seu aviso da serpente buscando ajuda: “Somos do mesmo sangue, vocês e eu” — ele desconfiava que Kaa os tinha abandonado sem avisar. Baloo, mesmo sufocado debaixo dos macacos na beira do terraço, não conseguiu segurar a risada quando ouviu a pantera negra pedir ajuda.

Kaa tinha acabado de passar por cima da muralha oeste, aterrissando com tal impulso que uma pedra voou do chão para a vala. E, de forma a não perder nenhuma vantagem no solo, enrolou e desenrolou seu longo corpo umas duas vezes para se certificar de que cada parte continuava funcionando. Durante esse tempo, a luta de Baloo prosseguia e os macacos berravam no tanque ao redor de Bagheera. Mang, o morcego, ia e voltava, levando as notícias da

grande batalha para toda a selva, até que Hathi, o elefante selvagem, barriu a mensagem e, ao longe, bandos esparsos do Povo Macaco acordaram e vieram saltitando pelas estradas nas árvores para ajudar seus parceiros nas Tocas Frias. O som da luta também despertou todos os pássaros diurnos num raio de quilômetros. Foi nesse momento que a serpente deu sua carga, veloz e ansiosa por matar. O poder de combate de uma píton está no golpe de sua cabeça apoiado pela força e o peso de seu corpo. Se você imaginar uma lança, um aríete ou uma marreta de quase meia tonelada sendo manejada por uma mente tranquila e comedida, então estará imaginando como é Kaa quando está lutando. Uma píton de mais de um metro e meio de comprimento pode derrubar um homem se o atingir bem no meio do peito, mas, como você sabe, Kaa media dez metros. Seu primeiro golpe atingiu bem em cheio a turba que cercava Baloo. A multidão voou longe, sem nem dar um pio, e nem foi necessário dar o segundo golpe. Os macacos se espalharam aos gritos de: "É Kaa! É Kaa! Corram! Corram!".

As gerações mais velhas do Povo Macaco usam as histórias de Kaa, o ladrão da noite, para amedrontar macaquinhos desobedientes. Segundo esses relatos, a píton seria capaz de se esgueirar pelos galhos tão silenciosamente quanto o musgo crescendo e roubar até o macaco mais forte que já viveu. A cobra também era conhecida por se fingir de madeira seca ou tronco podre, enganando até os mais espertos. Kaa era tudo o que os macacos mais temiam na selva, principalmente porque nenhum deles sabia qual a verdadeira extensão dos poderes da serpente. Ninguém era capaz de encará-lo e ninguém jamais havia saído vivo de seu abraço. E, por isso, correram aterrorizados, trepando pelas paredes e telhados das casas. Baloo tomou um longo fôlego de alívio. Mesmo seu couro sendo muito mais grosso que o de Bagheera, ele saiu machucado da luta. Então, abriu sua boca pela primeira vez e proferiu uma longa palavra em forma de silvo. Os macacos que vinham de longe, apressados em defender as Tocas

Frias, estancaram onde estavam, se amontoaram a ponto de os galhos ficarem tão pesados que se curvaram e despencaram. Os macacos nas casas vazias calaram seus gritos e, no silêncio que cobriu a cidade, Mowgli ouviu Bagheera sacudindo a água de seu corpo ao sair do tanque. Em seguida, o clamor recomeçou. Os macacos subiram ainda mais alto pelas paredes. Eles se penduravam nos pescoços dos grandes ídolos de pedra e guinchavam, trepando por sobre os parapeitos, enquanto Mowgli, dançando na casa de veraneio, olhava através do rendilhado e piava por entre os dentes como uma coruja, em sinal de provocação e desprezo.

— Tirem o filhote de homem daquela prisão; estou exausto — arquejou Bagheera. — Vamos pegar o filhote de homem e ir embora. Eles ainda podem contra-atacar.

— Eles não vão se mover até que eu dê outra ordem. Fique tranquilo — sibilou Kaa e, novamente, a cidade ficou em silêncio. — Não consegui chegar antes, irmão, mas acho que ouvi um chamado seu — disse a Bagheera.

— Talvez eu tenha mesmo chamado durante a batalha — respondeu Bagheera. — Baloo, você está ferido?

— Parecia que iam me despedaçar em cem ursinhos filhotes — disse Baloo solenemente, sacudindo primeiro uma perna e depois a outra. — Uau! Estou todo dolorido. Kaa, acho que eu e Bagheera devemos nossa vida a você…

— Não há de quê. Onde está o pequeno humano?

— Aqui, na armadilha. Não consigo sair — gritou Mowgli.

A curva do domo arruinado era mais alta do que sua cabeça.

— Tirem-no daqui. Ele dança como Mao, o pavão. Vai esmagar nossas criancinhas — disseram as najas, lá de dentro.

— Rá! — disse Kaa com uma risada. — Ele tem amigos por toda

parte, esse pequeno humano. Afaste-se, pequenino. E vocês, Povo Venenoso, protejam-se, pois vou derrubar a parede.

Kaa analisou até encontrar uma rachadura pálida no rendilhado de mármore, o que representava um ponto fraco. Deu duas ou três onduladas leves com a cabeça para pegar distância e então, levantando seu corpo quase dois metros, mandou meia dúzia de poderosos golpes com seu nariz, arrebentando o obstáculo. A fenda de mármore trincou e desabou com uma nuvem de poeira e cacos. Mowgli saltou pela abertura, correndo para junto de Baloo e Bagheera, abraçando o pescoço de cada um.

— Está ferido? — perguntou Baloo, abraçando-o com delicadeza.

— Estou dolorido, faminto e bem machucado. Mas, rapaz, vocês foram castigados pra valer! Estão sangrando.

— Eles também estão — disse Bagheera, lambendo os lábios e olhando para a mortandade de macacos no terraço e em volta do tanque.

— Tudo bem. Está tudo bem agora que você está salvo, meu orgulho maior entre todas as rãzinhas! — choramingou Baloo.

— Quanto a isso, conversaremos depois — disse Bagheera com uma voz seca que não agradou nada a Mowgli. — Mas aqui está Kaa, a quem devemos essa vitória e a quem você deve a sua vida. Agradeça-o como mandam nossos costumes, Mowgli.

Mowgli virou-se e viu a cabeça da grande píton pendendo a meio metro acima da sua.

— Então este é o pequeno humano — disse Kaa. — Que pele macia ele tem, meio parecida com a do Povo Macaco. Tenha cuidado, pequenino, eu posso me enganar e achar que você é um macaco num desses crepúsculos após trocar minha pele.

— Somos do mesmo sangue, você e eu — respondeu Mowgli. —

Devo minha vida a você. Minha presa será sua presa se algum dia estiver faminto, Kaa.

— Ora, muito obrigado, irmãozinho — disse Kaa com os olhos ainda faiscando. — E qual presa alguém tão corajoso é capaz de matar? Me pergunto se devo segui-lo na próxima vez que sair para caçar.

— Eu não mato nada… ainda sou muito pequeno, mas posso atrair bodes até você. Quando estiver de estômago vazio, me procure e veja se não estou falando a verdade. Tenho minhas habilidades — e mostrou suas duas mãos. — Se algum dia cair em uma armadilha, talvez eu possa retribuir o que devo a você, Bagheera e Baloo. Boa caçada a todos vocês, meus mestres.

— Muito bem dito — grunhiu Baloo.

Mowgli devolvia os agradecimentos de maneira bastante apropriada. A píton largou sua cabeça suavemente por um minuto sobre o ombro do menino.

— Um coração valente e uma fala educada — disse. — Qualidades muito úteis na selva, pequeno humano. Mas, agora, apresse-se com seus amigos. Vá e durma porque a lua se vai e o que virá agora não será muito bom que você veja.

A lua ia descendo atrás das colinas. As filas de macacos trêmulos amontoados sobre as paredes e parapeitos pareciam franjas de trapos esfarrapados. Baloo desceu até o tanque para tomar um gole de água, enquanto Bagheera começou a colocar sua pelagem em ordem. Kaa, por sua vez, deslizou para o centro do terraço e fechou suas mandíbulas com um estalo retumbante, atraindo os olhares de todos os macacos.

— A lua se vai — disse ele. — Ainda há luz suficiente para enxergarem?

Das paredes ressoou um gemido como o vento na copa das árvores:

— Enxergamos, grande Kaa.

— Ótimo. Que a dança comece, então… a dança da fome de Kaa. Sentem-se quietinhos e assistam.

Ele deslizou pelo círculo duas ou três vezes, balançando a cabeça para a direita e para a esquerda. Depois, fez voltas e desenhou o número oito com seu corpo e triângulos suaves e reluzentes que viraram quadrados, pentágonos e espirais em forma de mola, sem nunca parar, sem pressa e sem interromper sua música grave e vibrante. Tudo foi ficando mais e mais escuro até que, por fim, o rastejo e o movimento dos anéis desapareceram, e só era possível ouvir o roçar das escamas.

Baloo e Bagheera ficaram parados como pedras, rosnando no fundo de suas gargantas, com os pelos da nuca eriçados. Já Mowgli observava tudo maravilhado.

— Povo Macaco — disse finalmente a voz de Kaa —, seus pés e mãos podem se mover sem minha ordem? Digam!

— Sem a sua ordem não podemos mexer nem os pés, nem as mãos, grande Kaa!

— Ótimo! Adiantem todos um passo em minha direção.

As filas de macacos avançaram, impotentes, e Baloo e Bagheera deram um passo tenso junto com eles.

— Mais perto! — sibilou Kaa, e todos se moveram novamente.

Mowgli pousou suas mãos sobre Baloo e Bagheera para tirá-los dali. Parecia que as duas grandes feras estavam sendo acordadas de um sonho.

— Fique com sua mão no meu ombro — sussurrou Bagheera. —

Deixe a mão aí, senão vou acabar indo lá… preciso voltar para Kaa. Aah!

— É só o velho Kaa rodando em círculos no chão — disse Mowgli. — Vamos embora.

E os três se foram, passando por um buraco da muralha em direção à selva.

— Ufa! — disse Baloo parando novamente sob a tranquilidade das árvores. — Nunca mais quero precisar de Kaa como aliado — e sacudiu-se todo.

— Ele é mais astuto do que nós — disse Bagheera tremendo. — Se eu tivesse ficado mais um pouco, acabaria goela abaixo.

— Muitos outros vão tomar esse caminho antes que a lua apareça de novo — disse Baloo. — Ele vai ter uma boa caçada, bem ao seu estilo.

— Mas qual é o sentido disso tudo? — disse Mowgli, que não sabia nada dos poderes hipnóticos de uma píton. — Não vi nada além de uma cobra enorme rodando em círculos até ficar tudo escuro. E o nariz dela estava todo inchado. Ha! Ha!

— Mowgli — disse Bagheera nervoso —, o nariz dela estava machucado, assim como minhas orelhas, minhas costas, minhas patas e o pescoço e os ombros de Baloo, que foram mordidos por sua causa. Nem Baloo e nem Bagheera terão prazer em caçar por vários dias.

— Tudo bem — disse Baloo. — Pelo menos nosso filhote de homem voltou.

— Verdade, mas nos custou um tempo precioso que poderíamos ter gasto em boas caçadas, em vez de ferimentos e tufos de pelos. As minhas costas estão todas arranhadas. Acima de tudo, nossa honra foi ferida. Portanto, Mowgli, lembre-se de que eu, que sou uma pantera negra, fui obrigado a pedir ajuda a Kaa, e que Baloo e eu fomos

atraídos como passarinhos hipnotizados pela dança da fome. Tudo isso, filhote de homem, aconteceu em razão das suas brincadeiras com o Povo Macaco.

— É verdade mesmo — disse Mowgli arrependido. — Sou um mau filhote de homem e meu estômago está triste aqui dentro.

— Hunf! O que diz a Lei da Selva, Baloo?

Baloo não queria trazer mais problemas para Mowgli, mas não podia alterar a lei. Portanto, murmurou:

— Arrependimento não serve como punição. Mas lembre-se, Bagheera, ele é muito pequeno.

— Vou me lembrar. Porém ele desobedeceu e agora terá de enfrentar o castigo. Mowgli, você tem algo a dizer?

— Não. Eu errei. Você e Baloo se machucaram. É justo.

Bagheera deu-lhe meia dúzia de tapas carinhosos do ponto de vista de uma pantera — pois sequer acordariam seus próprios filhotes —, mas, para um menino de sete anos, pareceu uma bela surra que qualquer um gostaria de ter evitado. Quando tudo acabou, Mowgli fungou e pôs-se em pé sem nada dizer.

— Agora — disse Bagheera —, suba nas minhas costas, irmãozinho, e vamos para casa.

Uma das belezas da Lei da Selva é que o castigo apaga todas as marcas. Não há mais discussão após a punição.

Mowgli deitou sua cabeça sobre as costas de Bagheera e dormiu tão profundamente que não acordou nem quando foi colocado de volta na caverna onde morava.

CANÇÃO DE ESTRADA
DO POVO MACACO

Lá vamos nós, o festim voador da floresta,
Até mesmo a lua nos inveja e nos detesta!
Quer fazer parte dessa galera esperta?
Desejaria ter umas mãos extras?
Gostaria que seu rabo fosse assim... assim...
Curvado como o arco de um querubim?
Agora você ficou nervoso, mas não tem nada,
Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!

Nos sentamos nas alamedas galhadas,
Falando de coisas belas e amadas;
Sonhando em fazer o que planejamos,

E, em menos de um minuto, já terminamos...

Algum negócio nobre, sábio e bom,

Feito só de desejo, sem nenhum dom.

E já nos esquecemos, mas tem nada,

Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!

Essas fofocas que sempre ouvimos,

Falatório de morcegos, aves e bovinos —

De pele, pena, escama ou couro —

Falam da gente sem nenhum decoro!

Excelente! Maravilha! Novamente!

Agora sim, estamos falando feito gente!

Vamos fingir que somos... não pega nada,

Irmão, olha sua cauda, toda pendurada!

E é assim a nossa vida, uma grande macacada.

Junte-se a nós, dê um salto, estremecendo as árvores lá do alto,

Como foguetes com dentes, comemos lá em cima as frutas pendentes.

Bagunçando cedo, nobre algazarra de uma turma sem sobressalto,

Você sabe, porque é inteligente, que sempre seremos assim, surpreendentes!

TIGRE! TIGRE!

E quanto à caçada, bravo caçador?

Irmão, a espera é longa como a dor.

E quanto à vítima que buscava matar?

Irmão, ainda está na selva, viva, a pastar.

Para onde foi a fonte de toda a sua glória?

Irmão, ela emana de minha própria história.

Então por que está tão apressado a correr?

Irmão, vou para a minha toca... para morrer.

Agora voltaremos ao nosso primeiro conto. Logo após Mowgli deixar a caverna dos lobos, depois da disputa com a matilha na Pedra do Conselho, ele desceu para os campos arados onde moravam os camponeses, mas não parou por lá porque a aldeia era próxima demais da selva e ele sabia que havia feito um terrível inimigo. Assim, continuou pela trilha que descia pelo vale e seguiu marchando apressado por mais de trinta quilômetros até chegar a um lugar que ainda não conhecia. O vale se abria para uma grande planície pontilhada por rochas e recortada por barrancos. Em uma das pontas existia uma aldeia; na outra, a selva fechada que descia invadindo o pasto e parando de repente como se tivesse sido cortada por uma enxada. Por toda a planície pastavam bois, vacas e búfalos. Quando os meninos responsáveis pelos rebanhos viram Mowgli, gritaram e fugiram. Os vira-latas amarelos, que perambulam por todas as aldeias da Índia, latiram. Mowgli prosseguiu. Estava faminto. No portão da aldeia, sob a luz do pôr do sol, encontrou um grande feixe de espinhos fechando a passagem. Empurrou-o para o lado.

— Hunf! — resmungou. Ele já tinha se deparado com muitos desses obstáculos em suas rondas noturnas em busca de alimento. — Então eles também têm medo do Povo da Selva.

Sentou-se perto do portão. No momento em que um morador apareceu, ficou em pé, abriu a boca e apontou para ela, mostrando que queria comida. O homem o encarou e voltou correndo pela única rua da aldeia, chamando pelo guru, que era um sujeito grande, gordo, de roupas brancas e com duas marcas na testa, uma vermelha e outra amarela. O guru veio até o portão, seguido por pelo menos mais umas cem pessoas, que ficaram olhando, falando, gritando e apontando para Mowgli.

— Como essa gente-homem é mal-educada — disse para si mesmo. — Só um símio cinza faria algo assim.

Então jogou seus longos cabelos para trás e fez uma careta para a multidão.

— Do que é que vocês estão com medo? — disse o guru. — Vejam as marcas em seus braços e pernas. São mordidas de lobo. Ele não passa de um menino-lobo que fugiu da selva.

É claro que, brincando juntos, os filhotes às vezes mordiam Mowgli mais forte do que deviam. Ele carregava cicatrizes em seus braços e pernas, mas seria a última pessoa no mundo a chamar aquilo de mordidas. Sabia que nenhuma delas era de propósito.

— *Arre! Arre!* — disseram duas ou três mulheres ao mesmo tempo. — Mordido por lobos, coitadinho! Ele é um menino lindo. Seus olhos são como o fogo vermelho. Com todo o respeito, Messua, ele é muito parecido com o seu filho que foi levado pelo tigre.

— Deixe-me ver — disse uma mulher com pesadas argolas de cobre em seus pulsos e tornozelos. Ela examinou Mowgli. — Na verdade, não é ele. Este é mais magro, mas tem o mesmo jeito do meu filho.

O guru era um homem inteligente e sabia que Messua era esposa do aldeão mais rico dali. Então ele levantou seu olhar para o céu por um momento e disse solenemente:

— O que a selva levou, a selva devolveu. Leve o menino para sua casa, minha irmã, e não se esqueça de honrar o guru que enxerga tão longe na vida dos homens.

— Pelo búfalo que me pagou — disse Mowgli a si mesmo —, todo esse falatório me lembra a matilha! Porém, se eu sou um homem, um homem devo ser.

A multidão se dispersou enquanto a mulher guiava Mowgli à sua cabana, onde havia uma cama de verniz vermelho, um grande baú de cereais no chão desenhado com padrões engraçados, meia dúzia de

panelas de cobre, uma imagem de um deus hindu em um pequeno santuário e também um espelho de verdade na parede, igual aos que são vendidos nas feiras rurais.

Ela lhe deu um grande copo de leite e um pouco de pão. Depois pousou a mão em sua cabeça e olhou dentro de seus olhos — achava que talvez fosse seu verdadeiro filho que havia voltado da selva para onde o tigre o levara. Então disse:

— Nathoo, ó Nathoo! — Mowgli não demonstrou que conhecia esse nome. — Será que não se lembra do dia em que te dei aquele par de sapatos novos? — Ela tocou em seu pé, e a sola era quase tão dura quanto um chifre. — Não — disse ela com tristeza —, estes pés nunca viram um sapato, mas você é muito parecido com meu Nathoo e agora será meu filho.

Mowgli estava nervoso, nunca havia estado debaixo de um teto antes. Ao olhar a cobertura de palha, viu que poderia atravessá-la caso quisesse fugir. A janela também não possuía tranca.

— O que vale um homem — disse ele para si mesmo —, se não entende o que as pessoas falam? Agora sou tão inocente e estúpido quanto um homem seria na selva. Preciso aprender a língua deles.

Não foi à toa que, enquanto estava com os lobos, tinha aprendido a imitar a provocação dos antílopes na selva e o grunhido do pequeno porco selvagem. Assim, logo após Messua pronunciar uma palavra, Mowgli a imitava de forma quase idêntica. Antes do anoitecer, ele já sabia os nomes de muitas coisas da cabana.

Houve um problema na hora de dormir: Mowgli jamais repousaria debaixo de qualquer coisa que se parecesse tanto com uma armadilha de pantera, como era o caso daquela cabana. Quando fecharam a porta, ele saiu pela janela.

— Deixe que faça como quiser — disse o marido de Messua. — Lembre-se de que ele nunca dormiu em uma cama antes. Se foi

mesmo enviado no lugar de nosso filho, não vai fugir.

E Mowgli se esticou sobre o capim longo e liso na beira do pasto. Antes que pudesse fechar os olhos, um focinho cinzento e macio o cutucou debaixo do queixo.

— Hunf! — disse Irmão Cinza, o mais velho dos filhotes de Mãe Loba. — Que pobre recompensa para uma caminhada de trinta quilômetros. Você cheira a fumaça e gado… muito parecido com um homem. Levante-se, irmãozinho, trago notícias.

— Estão todos bem na selva? — disse Mowgli lhe dando um abraço.

— Todos, exceto os lobos que foram queimados pela flor vermelha. Agora, ouça. Shere Khan foi caçar bem longe. Ficou tão chamuscado que vai esperar seus pelos crescerem de novo. Ele prometeu que, quando voltar, vai jogar os seus ossos no Waingunga.

— Essa é a versão dele. Eu também fiz a minha promessa. Hoje já estou muito cansado de coisas novas, Irmão Cinza. Apareça sempre para me contar as novidades. Suas notícias são sempre bem-vindas.

— Não vai se esquecer de que é um lobo, vai? Os homens não vão fazer você se esquecer? — disse Irmão Cinza ansioso.

— Nunca. Vou sempre me lembrar de que amo você e todos da nossa caverna. Mas também não vou me esquecer de que fui expulso da matilha.

— E pode ser que você também acabe expulso de outro bando. Homens não passam de homens, irmãozinho, e a conversa deles é igual à conversa dos sapos na lagoa. Da próxima vez que eu descer, vou esperar você no bambuzal, no fundo do pasto.

Três meses depois daquela noite, Mowgli mal saiu dos portões da vila, pois estava sempre ocupado aprendendo os modos e costumes dos homens. Primeiro, precisou se vestir com um pano em volta do

corpo, isso o deixou muito bravo; depois, teve de aprender sobre o dinheiro, do qual não conseguiu entender a utilidade; e sobre cultivar a terra, que também não parecia ter serventia nenhuma. As criancinhas da aldeia o deixavam muito irritado. Por sorte, a Lei da Selva o ensinou a não perder a cabeça. Lá, a vida e a comida dependem da capacidade que o indivíduo tem para se manter calmo. Zangava-se somente quando caçoavam por ele não saber brincar, empinar pipas ou porque errava alguma pronúncia, porém seu entendimento de que não era de bom-tom matar filhotinhos pelados evitou que os agarrasse e os quebrasse ao meio. Mowgli não tinha noção de sua força. Na selva, sabia que era fraco comparado aos outros animais, mas na aldeia o povo dizia que ele era forte como um touro.

Mowgli também não fazia a menor ideia da divisão que as castas impõem entre os homens. Quando o jumento do oleiro escorregou e caiu na poça de barro, Mowgli puxou o animal para fora pelo rabo e ajudou seu dono a amarrar os potes para sua viagem até o mercado de Khanhiwara. Isso surpreendeu os outros porque o oleiro é um homem das castas baixas e seu animal de carga é pior ainda. Quando o guru lhe deu uma bronca, Mowgli ameaçou amarrá-lo com o jumento. O guru falou então ao marido de Messua que seria melhor colocar Mowgli logo para trabalhar. O chefe da aldeia disse a Mowgli que ele sairia junto com os búfalos no dia seguinte para cuidar do rebanho no pasto. Não havia ninguém mais feliz do que Mowgli. Naquela mesma noite, por ter sido indicado como um trabalhador da aldeia, ele foi convidado a participar de um círculo que se reunia na plataforma de alvenaria debaixo de uma grande figueira. Aquele era o clube da aldeia. O chefe, o vigia, o barbeiro — que sabia de todos os boatos — e o velho Buldeo, caçador da aldeia que tinha um mosquete da Torre, [10] se encontravam ali e fumavam. Os macacos sentavam-se e conversavam nos galhos mais altos e havia um buraco sob a

plataforma onde morava uma naja que ganhava um pequeno prato de leite toda noite só porque era considerada sagrada. Os anciãos reuniam-se ao redor da árvore, conversavam, sacavam seus grandes *huqas* [narguilés], fumavam e seguiam proseando noite adentro. Eles contavam histórias inacreditáveis sobre deuses, homens e fantasmas. Buldeo contava as melhores de todas sobre os costumes das feras da selva. Os olhos das crianças, que ficavam de longe ouvindo, quase saltavam para fora das órbitas. A maior parte dos contos era sobre animais porque a selva estava a um passo de distância. Os cervos e os porcos-do-mato arruinavam suas plantações e, de vez em quando, um tigre matava um homem no crepúsculo, não muito longe dos portões da aldeia.

Mowgli, que naturalmente conhecia um pouco das coisas que contavam, cobria seu rosto, escondendo que estava rindo, enquanto Buldeo, com o mosquete enviesado sobre os joelhos, pulava de uma história fabulosa para outra — os ombros de Mowgli se sacudiam.

Buldeo estava explicando que o tigre que levara o filho de Messua era um tigre-fantasma, o qual tinha o corpo habitado pelo espírito perturbado de um velho agiota morto anos atrás:

— E eu digo a verdade — falou —, Purun Dass mancava em razão do golpe que tomou na briga quando seus livros-caixa foram queimados durante um tumulto. O tigre do qual eu falo também é manco porque os rastros de suas patas são desiguais.

— Verdade, verdade, deve ser mesmo verdade — disseram os barbudos grisalhos assentindo juntos.

— Será que todos os seus contos são inventados e sem sentido? — disse Mowgli. — Aquele tigre manca porque nasceu coxo, como todos sabem. Falar da alma de um agiota dentro de uma fera que nunca teve a coragem de um chacal é pura besteira.

Por um momento, a surpresa tirou a fala de Buldeo e o chefe ficou

de queixo caído.

— Rá! Esse é o moleque da selva, não é? — perguntou Buldeo. — Se é tão sábio, vá até Khanhiwara com a pele desse tigre. O governo de lá oferece uma recompensa de cem rúpias para aquele que o matar. Melhor ainda, fique calado quando os mais velhos falam.

Mowgli se levantou para deixar o grupo.

— Fiquei a noite toda aqui, ouvindo — disse ele por sobre o ombro —, e exceto uma vez ou outra, Buldeo não disse uma verdade sequer sobre a selva que fica bem na porta das suas casas. Como então posso acreditar nas histórias de espíritos, deuses e duendes que ele diz ter visto?

— Passou da hora desse menino ir cuidar do rebanho — disse o chefe enquanto Buldeo baforava e grunhia pela impertinência de Mowgli.

O costume na maioria das aldeias da Índia é que alguns meninos tomem conta do gado e dos búfalos enquanto os animais pastam durante o dia e depois os tragam de volta à noite. O próprio gado, que pode matar um homem branco pisoteado, permite ser açoitado e comandado por crianças mais baixas do que seus focinhos. Os meninos estão a salvo se permanecerem perto dos rebanhos porque nem mesmo um tigre atacaria uma manada de touros e vacas. Mas se eles se afastarem para colher flores ou caçar lagartos, correm o risco de ser levados. Mowgli passou pela rua da aldeia logo ao alvorecer, sentado nas costas de Rama, o grande macho da manada. Os búfalos azul-escuros, de longos chifres arqueados e olhos selvagens, levantaram-se de seus currais, um a um, e o seguiram. Mowgli deixou bem claro que ele era o líder para as crianças que o acompanhavam. Ele batia nos búfalos com uma vara de bambu longa e lisa. Disse a Kamya, um dos meninos, que ele e os outros levassem o gado

sozinhos, tomando cuidado para não se afastar do rebanho, enquanto Mowgli iria mais longe com os búfalos.

Os pastos indianos são cheios de pedras, moitas, touceiras e pequenos barrancos, entre os quais o rebanho se espalha e desaparece. Os búfalos geralmente ficam perto de lagoas e lamaçais, onde se deitam chafurdando e se banhando na lama morna por horas a fio. Mowgli os guiou até a borda da planície, onde o Waingunga saía da selva; ali, apeou da nuca de Rama, marchou até uma touceira de bambu e encontrou Irmão Cinza.

— Ah — disse Irmão Cinza —, fiquei esperando aqui por muitos dias. Qual o significado desse trabalho de pastor de gado?

— Me deram uma ordem — disse Mowgli. — Serei pastor por um tempo. Você tem notícias de Shere Khan?

— Ele voltou ao seu território e tem esperado por você. Agora, ele se foi novamente porque a caça está escassa, mas ainda quer te matar.

— Ótimo — disse Mowgli. — Enquanto ele estiver longe, você ou um dos quatro irmãos ficará sentado naquela pedra. Assim poderei vê-los quando sair da aldeia. Quando ele voltar, espere por mim no barranco perto da árvore *dhak*, [11] bem no centro da planície. Não queremos que Shere Khan nos pegue desprevenidos.

Então Mowgli escolheu uma sombra, deitou-se e dormiu enquanto os búfalos pastavam ao seu redor. Ser pastor na Índia é uma das coisas mais preguiçosas do mundo. O gado vai andando e pastando, se deita, anda de novo e nem chega a mugir. Eles só grunhem e muito raramente os búfalos dizem alguma coisa, pois se deitam nas poças de lama, um após o outro. Vão afundando até que somente seus focinhos e seus olhos azuis de porcelana fiquem acima da superfície. Eles permanecem ali, como toras de madeira. O sol faz as pedras dançarem com o calor, e as crianças pastoras ouvem um milhafre — nunca mais de um — assoviando quase fora da vista, lá em

cima. Eles sabem que se morrerem ou se uma vaca morrer, o milhafre vai mergulhar. Imediatamente, o próximo milhafre, a quilômetros de distância, verá o primeiro mergulhando e o seguirá. Depois, outro e outro. Nem bem estarão mortos e já haverá ao seu redor um bando de milhafres famintos vindos do nada. Durante seu dia de trabalho, os meninos pastores dormem, acordam e dormem de novo. Tecem pequenos cestos de capim seco para prender gafanhotos; ou pegam dois louva-a-deus e os colocam para brigar; ou fazem um colar de castanhas selvagens vermelhas e pretas; ou observam um lagarto tomando banho de sol numa pedra; ou uma cobra caçando um sapo perto do lamaçal. Depois, cantam canções muito longas com estranhos sons nativos no final delas. O dia parece mais comprido do que a maioria da vida inteira das pessoas. Para passar o tempo, alguns fazem castelos de barro com homenzinhos, cavalos e búfalos de argila, outros colocam junco nas mãos dos bonecos e brincam de ser reis comandando seus exércitos, ou então se imaginam deuses que devem ser venerados. Quando a noite chega, as crianças chamam e os búfalos lentamente se levantam da lama grudenta espirrando barro dos focinhos, um após o outro, para formar uma fila ao longo da planície cinzenta de volta às luzinhas trêmulas da aldeia.

Dia após dia, Mowgli guiava os búfalos para os lamaçais. Dia após dia, ele via Irmão Cinza a mais de um quilômetro de distância na planície — assim, sabia que Shere Khan não havia retornado. E, dia após dia, ele se deitava na grama ouvindo os sons à sua volta e sonhando com os velhos tempos na selva. Se Shere Khan tivesse dado um passo em falso com sua pata manca nas matas ao longo do Waingunga, Mowgli o teria ouvido naquelas manhãs longas e quietas.

Finalmente, chegou o dia em que Mowgli não viu Irmão Cinza no local combinado. Ele riu e levou os búfalos para a garganta onde fica a árvore *dhak* , que estava coberta de flores vermelho-douradas. Irmão Cinza estava sentado ali, com os pelos das costas arrepiados.

— Ele ficou escondido um mês para pegar você desprevenido. Cruzou as colinas ontem à noite com Tabaqui, afoito, seguindo sua trilha — disse o lobo ofegante.

Mowgli franziu a testa.

— Eu não tenho medo de Shere Khan, mas Tabaqui é bem traiçoeiro.

— Não há o que temer — disse Irmão Cinza lambendo os lábios levemente. — Encontrei Tabaqui ao alvorecer. Agora está compartilhando sua sabedoria com os milhafres, mas me contou tudo depois de uma boa surra. O plano de Shere Khan é esperar por você no portão da aldeia hoje à noite… por você e mais ninguém. Ele está descansando na grande ravina seca do Waingunga.

— Ele já comeu hoje ou está caçando com fome? — perguntou Mowgli, pois a resposta podia significar sua vida ou morte.

— Ele matou um javali ao cair da noite e também tomou água. Lembre-se de que Shere Khan nunca consegue ficar em jejum, nem quando se trata de vingança.

— Ah! Tolo, tolo! Que filhote de filhote ele é! Dormindo cheio de comida e água e achando que vou esperar ele acordar! Agora me conte onde está descansando. Se houver pelo menos uns dez de nós, podemos pegá-lo enquanto dorme. Esses búfalos só vão atacar se sentirem o cheiro do tigre. Eu não falo a língua deles. Será que podemos achar sua trilha para que possam farejá-lo?

— Ele desceu nadando um bom pedaço do Waingunga para evitar isso — disse Irmão Cinza.

— Isso deve ter sido ideia de Tabaqui. Ele nunca teria pensado nisso sozinho — Mowgli ficou em pé com seu dedo na boca, pensando. — A grande ravina do Waingunga… ela se abre para uma planície a menos de um quilômetro daqui. Posso levar o rebanho todo

pela selva até o alto do barranco e atacar de lá de cima… mas ele fugiria na hora. Precisamos bloquear o outro lado. Irmão Cinza, consegue dividir o rebanho em dois para mim?

— Eu, talvez não… mas trouxe um ajudante mais experiente.

Irmão Cinza saiu trotando e pulou em um buraco. Dali levantou-se uma grande cabeça cinza que Mowgli conhecia bem. O ar quente foi tomado pelo grito mais desolado de toda a selva, o uivo de um lobo caçando ao meio-dia.

— Akela! Akela! — disse Mowgli batendo palmas. — Eu deveria saber que você não me esqueceria. Temos uma grande tarefa pela frente. Divida o rebanho em dois, Akela. Separe as fêmeas e os bezerros de um lado e os machos e castrados do outro.

Os dois lobos correram como elos de uma mesma corrente, entrando e saindo do rebanho, que bufava e sacudia a cabeça, separando-os em dois grupos. Em um, as búfalas mantinham seus bezerros no centro, encarando e riscando o chão com seus cascos para o caso de algum dos lobos se distrair. Caso isso acontecesse, elas iriam pisoteá-lo até a morte; no outro, os machos e novilhos fungavam e repisavam, mas embora fossem altivos, eram menos perigosos porque não tinham bezerros para defender. Nem mesmo seis homens conseguiriam dividir o rebanho com tanta destreza.

— E agora? — arfou Akela. — Eles querem se juntar de novo.

Mowgli subiu nas costas de Rama:

— Leve os machos pela esquerda, Akela. Irmão Cinza, quando nós sumirmos, mantenha as fêmeas juntas e as leve até o sopé da ravina.

— Até onde? — perguntou Irmão Cinza ofegando e arreganhando os dentes.

— Até onde a água estiver mais alta do que Shere Khan possa saltar — gritou Mowgli. — Mantenha todas lá até a gente aparecer.

Os machos se foram quando Akela latiu e Irmão Cinza estancou em frente às fêmeas. Elas estouraram em sua direção e ele correu, apenas um passo à frente, liderando-as para o sopé da ravina enquanto Akela guiava os búfalos para longe.

— Muito bem! Outro susto e eles estarão prontos para o ataque. Agora cuidado Akela. Se você atiçar muito os machos, eles vão disparar. *Urra!* Isto é bem mais perigoso do que conduzir antílopes negros. Você sabia que esses animais corriam tão rápido assim? — perguntou Mowgli.

— Sabia… já cacei muitos — arquejou Akela por entre a poeira. — Devo desviá-los para a selva?

— Isso! Desvie. Bem rápido. Rama está cego de raiva. Ah, se eu pudesse explicar a ele o que vamos fazer hoje.

Os machos foram desviados dessa vez para a direita e afundaram no denso matagal. Os outros pastorinhos que cuidavam de seus rebanhos a quase um quilômetro de distância correram para a aldeia o mais rápido que podiam, berrando que os búfalos tinham enlouquecido e fugido.

Mas o plano de Mowgli era bem simples. Tudo o que ele queria era fazer um grande círculo rio acima, chegar até o alto da ravina e depois descer por ela, encurralando Shere Khan entre os machos vindos de cima e as fêmeas por baixo. Ele sabia que, após uma refeição e muita água, Shere Khan não estaria em condições de lutar ou de escalar as paredes da ravina. Ele agora acalmava os búfalos com sua voz. Akela ficou bem para trás, latindo só de vez em quando, para apressar os mais lentos. Era um círculo muito grande. Eles não queriam chegar perto demais do barranco e alertar Shere Khan. Ao final, Mowgli reagrupou o assustado rebanho no alto da ravina em uma área gramada que se inclinava para uma descida íngreme barranco abaixo. Daquela altura era possível ver desde o topo das

copas das árvores até a planície, lá embaixo. No entanto, o que Mowgli analisava eram as paredes laterais. Ele viu, para sua satisfação, que eram quase verticais. Já os cipós e trepadeiras que desciam por elas não sustentariam o peso de um tigre que tentasse escalar por ali.

— Deixe que sintam o cheiro, Akela — disse, levantando sua mão. — Eles ainda não o farejaram. Precisamos avisar Shere Khan que ele tem visitas, pois nem desconfia que já está dentro da nossa armadilha.

Mowgli posicionou as mãos nos lados da boca e gritou para o fundo do barranco — era quase como gritar dentro de um túnel. O eco brotou de cada uma das pedras.

Depois de um bom tempo, o rugido preguiçoso e sonolento de um tigre de barriga cheia acabando de acordar veio em resposta:

— Quem me chama? — disse Shere Khan, enquanto um esplêndido pavão batia asas para fora da ravina, piando.

— Eu, Mowgli. Está na hora de você ir se apresentar na Pedra do Conselho, seu ladrão de vacas! Agora! Mande-os para baixo, Akela! Vamos, Rama, para baixo!

O rebanho parou por um instante na beira do penhasco. Então Akela deu seu grito de guerra a plenos pulmões. Todos eles mergulharam, um atrás do outro, como locomotivas disparando jatos de vapor. Uma cortina de areia e pedras espirrou para todos os lados. Depois que aquilo começou, não havia mais como parar. Mal haviam chegado ao fundo da ravina quando Rama sentiu o cheiro de Shere Khan e mugiu.

— Ha! Ha! — disse Mowgli montado nele. — Entendeu agora?

E uma chuva de chifres negros, focinhos espirrando saliva e olhos vidrados despencou pelo barranco como granizo na época da cheia. Os búfalos mais fracos foram empurrados para as beiradas do

barranco, trazendo as trepadeiras abaixo. Eles sabiam qual era o alvo à sua frente. Teve início então a terrível disparada do rebanho de búfalos contra a qual nenhum tigre teria chance alguma. Shere Khan ouviu a avalanche de cascos, levantou-se e desceu pelo barranco. Olhou ao redor em busca de alguma rota de fuga, mas as paredes da ravina eram praticamente verticais e ele teve que continuar, pesado e de barriga cheia, tentando de tudo, menos enfrentar a manada de frente. O rebanho mergulhou na poça da qual ele havia acabado de sair, mugindo tanto que a estreita passagem até estremeceu. Mowgli ouviu mugidos em resposta vindos do sopé da fenda e viu Shere Khan virar e voltar — o tigre sabia que, se não houvesse mesmo saída, seria melhor encarar os machos do que as fêmeas com seus bezerros. Rama tropeçou, cambaleou e depois continuou, pois havia pisado em algo macio. Com os machos logo atrás, chocou-se com toda força contra o outro rebanho enquanto os búfalos mais fracos eram lançados para o alto com a violência do impacto. Essa carga guiou ambos os rebanhos de volta à planície, chifrando, pisoteando e bufando. Mowgli aproveitou e desceu do pescoço de Rama, tocando os dois lados do animal com sua vara.

— Rápido, Akela! Divida o rebanho. Espalhe todos senão vão começar a brigar uns com os outros. Leve-os daqui, Akela. Ôa, Rama! Ôa, ôa, ôa! Minhas crianças. Calma, agora calma. Já acabou.

Akela e Irmão Cinza corriam entre as patas mordiscando as pernas dos búfalos e, embora o rebanho tivesse voltado para investir contra a ravina novamente, Mowgli conseguiu dar a volta com Rama e todos o seguiram para os lamaçais.

Shere Khan não precisava ser mais pisoteado. Já estava morto e os milhafres começavam sua descida.

— Irmãos, que morte vergonhosa — disse Mowgli tateando pela pequena faca que, depois que foi morar com os homens, passou a carregar em uma bainha. — Ele nunca teria nos enfrentado. Seu

couro ficará lindo na Pedra do Conselho. Vamos acabar logo com isso.

Um menino educado entre homens nunca sonharia em tirar a pele de um tigre de mais de três metros sozinho, mas Mowgli sabia melhor do que ninguém como a pele veste um animal e como ela podia ser retirada. Mesmo assim, era um trabalho duro. Mowgli cortou, puxou e gemeu por cerca de uma hora enquanto os lobos descansavam com suas línguas penduradas ou se aproximavam e ajudavam a puxar o couro quando Mowgli pedia. De repente, uma mão pousou em seu ombro e, ao olhar para cima, viu Buldeo e seu mosquete. As crianças avisaram a aldeia sobre o estouro da manada. Buldeo saiu furioso, ávido por ensinar a Mowgli como se deve cuidar de um rebanho. Os lobos desapareceram assim que viram o homem se aproximar.

— Que brincadeira é essa? — disse Buldeo furioso. — Acha que consegue escalpelar um tigre? Onde os búfalos o mataram? E este é o tigre manco. Há uma recompensa de cem rúpias pela sua cabeça. Bem, bem, vamos relevar que você deixou o rebanho debandar e talvez eu te dê uma das rúpias quando levar o couro para Khanhiwara — apalpou seu cinto de lona pela pedra de fazer fogo e curvou-se para queimar os bigodes de Shere Khan.

A maioria dos caçadores nativos queima os bigodes dos tigres para se prevenir de que o fantasma do animal os assombre.

— Hum! — disse Mowgli meio que para si mesmo enquanto arregaçava a pele de uma pata dianteira. — Então você quer levar a pele para Khanhiwara pela recompensa e *talvez* me dê uma rúpia? Aqui para mim, pensava em usar essa pele para outra coisa. Ei velho, tire esse fogo daqui!

— Como ousa falar assim com o maior caçador da aldeia? Foi a sua sorte e a burrice dos búfalos que te ajudaram na caçada. O tigre

tinha acabado de comer, senão estaria a quilômetros daqui. Você nem consegue escalpelar o bicho direito, seu molequinho vagabundo, e se atreve a dizer que eu, Buldeo, não posso queimar os bigodes da fera? Mowgli, não vou te dar nem uma *anna* [12] da recompensa, mas sim uma bela surra. Afaste-se já da carcaça!

— Pelo búfalo que pagou por mim — disse Mowgli, que estava tentando chegar ao ombro —, serei obrigado a ficar de papo furado com um símio grisalho a tarde toda? Aqui, Akela, este homem me irrita.

Buldeo, que ainda estava curvado sobre a cabeça de Shere Khan, logo se viu estatelado de costas na grama com um lobo cinza sobre ele enquanto Mowgli continuava escalpelando como se estivesse sozinho em toda a Índia.

— Sim, sim — disse ele com os dentes cerrados. — Você está mesmo muito certo, Buldeo. Você não vai me dar nem uma *anna* da recompensa. Há uma velha disputa entre esse tigre manco e eu, uma guerra muito antiga… que acabei de vencer.

Justiça seja feita a Buldeo: se ele fosse dez anos mais novo, talvez tivesse alguma chance contra Akela, caso o encontrasse na mata. Mas um lobo que obedecia ordens de um menino que tinha uma guerra particular com um tigre comedor de gente não podia ser um animal qualquer. Era feitiçaria, magia da pior espécie, pensou Buldeo, e se perguntou se o amuleto que trazia no pescoço seria suficiente para protegê-lo. Continuou deitado, completamente parado, esperando que a qualquer momento Mowgli se transformasse em um tigre também.

— Marajá! Grande rei — falou, finalmente, com um murmúrio rouco.

— Sim? — disse Mowgli sem virar a cabeça, dando uma risadinha.

— Sou um velho. Eu não sabia que você era mais do que um simples pastor. Posso me levantar e ir embora ou o seu criado vai me rasgar em pedaços?

— Vá e que a paz o acompanhe. Mas da próxima vez não se meta nos meus negócios. Solte-o, Akela.

Buldeo saiu mancando na direção da aldeia o mais rápido que podia, apenas olhando sobre os ombros para o caso de Mowgli virar alguma criatura medonha. Quando chegou à aldeia, contou uma história mágica, de encantamentos e feitiçarias, que deixou o guru com o olhar sério.

Mowgli continuou seu trabalho, mas o sol já estava se pondo quando conseguiu terminar de tirar a grande pele do corpo do tigre.

— Agora precisamos esconder isto e levar os búfalos para casa! Ajude-me com o rebanho, Akela.

O rebanho foi reunido na névoa do pôr do sol e, quando chegou perto da aldeia, Mowgli viu luzes e ouviu os chocalhos e os sinos do templo sendo tocados com toda força. Metade da aldeia parecia estar esperando por ele no portão.

— Tudo isso porque matei Shere Khan? — pensou consigo.

Mas uma chuva de pedras passou silvando por seus ouvidos, e os aldeões gritavam:

— Feiticeiro! Filho de lobo! Demônio da selva! Fora! Saia logo daqui ou o guru irá transformá-lo em lobo de novo. Atire Buldeo, atire!

O velho mosquete disparou com um estalo e um jovem búfalo mugiu de dor.

— Mais feitiçaria! — gritaram os aldeões. — Ele desvia as balas. Buldeo, aquele era seu búfalo.

— Mas o que é isso? — disse Mowgli abismado enquanto vinham pedras ainda maiores.

— Eles não são diferentes da matilha, esses seus irmãos — disse Akela sentando-se com elegância. — Penso aqui comigo que se as balas significam alguma coisa, eles querem te expulsar.

— Lobo! Filhote de lobo! Fora! — gritou o guru sacudindo um ramo de tulsi, a planta sagrada.

— De novo? Da última vez foi porque eu era homem. Desta vez é porque sou lobo. Melhor irmos embora, Akela.

Uma mulher — era Messua — correu em direção ao rebanho e gritou:

— Oh, meu filho, meu filho! Dizem que você é um feiticeiro, que pode se transformar em qualquer fera. Eu não acredito, mas fuja ou irão matá-lo. Buldeo diz que você é um bruxo, mas sei que você quis vingar a morte de Nathoo.

— Volte Messua! — gritou a multidão. — Volte ou te apedrejaremos também.

Mowgli deu um riso curto e esquisito depois que uma pedra atingiu sua boca.

— Volte Messua. Esta é mais uma das histórias mentirosas que contarão à noite debaixo da figueira. Pelo menos, vinguei a vida do seu filho. Adeus e corra rápido, pois vou estourar o rebanho contra eles com muito mais força do que esses pedregulhos. Eu não sou bruxo, Messua. Adeus!

— Agora, de novo Akela — gritou. — Solte a manada.

Os búfalos estavam bastante ansiosos para voltar à aldeia. Akela mal precisou latir para que todos disparassem pelo portão como um pé de vento, espalhando a multidão.

— Contem todos! — gritou Mowgli com desprezo. — Quem sabe não roubei algum? Contem porque não serei mais seu pastor. Adeus, crianças dos homens, e, graças a Messua, não vou caçar vocês pela rua com meus lobos.

Mowgli virou-se e se foi com o Lobo Solitário, olhando as estrelas no céu e sentindo-se feliz.

— Chega de dormir dentro de armadilhas, Akela. Vamos pegar a pele de Shere Khan e ir embora. Não vamos fazer nada contra a vila porque Messua foi boa comigo.

Quando a lua subiu sobre a planície, fez tudo ficar com um aspecto leitoso. Os aldeões viram, aterrorizados, Mowgli marchando com seus dois amigos lobos levando uma trouxa na cabeça, consumindo léguas como o fogo consome mato seco. Depois, badalaram os sinos do templo e chacoalharam as conchas mais alto do que nunca. Messua chorou e Buldeo aumentou a história de suas aventuras na selva até que acabou inventando que Akela ficou em pé sobre suas patas traseiras e falou com voz de homem.

A lua já estava descendo quando Mowgli e os lobos chegaram à colina da Pedra do Conselho e pararam na caverna de Mãe Loba.

— Me expulsaram da matilha dos homens, mãe — gritou Mowgli —, mas cumpri minha promessa e trouxe a pele de Shere Khan.

Mãe Loba saiu desconfiada da caverna, com seus filhotes logo atrás. Seus olhos brilharam quando viu a pele.

— Eu avisei a ele no dia em que meteu sua cabeça dentro desta caverna, querendo a sua vida, pequena Rã. Eu disse a ele que o caçador seria caçado. Fez muito bem.

— Irmãozinho, muito bem — disse uma voz profunda vinda do matagal. — Ficamos solitários na selva sem você. — Era Bagheera, que vinha correndo para os pés descalços de Mowgli.

Subiram juntos até a Pedra do Conselho, onde Mowgli estendeu a pele sobre a pedra lisa na qual Akela costumava se deitar, prendendo-a no chão com quatro lascas de bambu. Akela deitou-se sobre ela e proferiu seu

velho chamado:

— Olhem… olhem bem lobos — exatamente como ele os havia chamado da primeira vez em que Mowgli foi trazido.

Desde que Akela havia sido deposto, a matilha estava sem líder, caçando e lutando ao seu bel-prazer. Por hábito, todos responderam ao chamado. Alguns estavam aleijados em razão das armadilhas em que tinham caído, vários mancavam em consequência de ferimentos de bala, outros estavam com sarna por terem comido mal. Muitos sequer estavam lá. Porém, todos os presentes à Pedra do Conselho viram a pele de Shere Khan sobre a rocha com suas grandes garras soltas nas pontas das patas agora vazias. Foi então que Mowgli inventou uma canção, a qual subiu até sua garganta sozinha. Ele a cantou bem alto, saltitando sobre o couro macio e marcando o tempo com seus calcanhares até seu fôlego acabar. Irmão Cinza e Akela uivavam entre um verso e outro.

— Olhem bem, lobos. Não cumpri minha palavra? — disse Mowgli.

E os lobos responderam:

— Sim!

E um lobo abatido uivou:

— Seja nosso líder novamente, grande Akela. Seja nosso líder, Menino-Lobo. Estamos cansados de viver sem lei. Só assim seremos o Povo Livre outra vez.

— Não — rosnou Bagheera —, não pode ser assim. Quando estiverem bem alimentados, a loucura tomará conta de vocês de novo.

Não é à toa que os chamam de Povo Livre. Vocês lutam por liberdade e é assim que vocês são. Agora engulam a sua liberdade, lobos.

— Fui expulso da matilha dos homens e da matilha dos lobos — disse Mowgli. — Agora vou caçar sozinho.

— E nós caçaremos com você — disseram os quatro filhotes.

Então Mowgli se foi e caçou com os quatro filhotes na selva daquele dia em diante. Nunca mais ficou sozinho. Anos depois, ele tornou-se um homem e se casou.

Mas essa é uma história para gente grande. [13]

A CANÇÃO DE MOWGLI

Ele a cantou na Pedra do Conselho quando dançou sobre a pele de Shere Khan.

A canção de Mowgli... eu mesmo, Mowgli, estou cantando.
Que a selva ouça sobre as coisas que fiz.

Shere Khan disse que me mataria... me mataria!
Nos portões, à tardinha, ele disse que mataria Mowgli, a Rã!

Ele comeu e bebeu. Beba mesmo, Shere Khan, porque, quando
você vai beber novamente? Durma e sonhe que me mata.

Estou sozinho no meio do pasto. Irmão Cinza, venha até mim!
Venha cá, Lobo Solitário, pois a grande caçada se aproxima!

Tragam os grandes búfalos machos, o rebanho de pelo azul
e olhos furiosos. Pra lá e pra cá, sob meu comando.

Ainda dormindo, Shere Khan? Acorde, vamos, acorde!
Aqui vou eu, com búfalos a me seguir.

Rama, o rei de todos, pisoteia com seus cascos.
Águas do Waingunga, para onde foi Shere Khan?

Ele não é Ikki, para cavar buracos, nem Mao, para sair voando.
Não é Mang, o morcego que se pendura nos galhos.
Bambuzinhos que estalam juntos, digam para onde ele foi.

Ah! Lá está. Urru! Lá está ele! Debaixo dos cascos de Rama
repousa o manquitola! Levante, Shere Khan!

Levante e me mate! Aqui está a carne; vamos, quebre
os pescoços dos búfalos!

Xi! Ele dormiu. Não vamos acordá-lo, pois é muito forte.
Os milhafres desceram para olhar.
As formigas negras vieram observar.
Todos se reúnem em sua honra.

Alala! Estou sem pano pra me cobrir.
Os milhafres verão que estou nu.
Tenho vergonha de toda essa gente.

Me empreste seu casaco, Shere Khan.
Me empreste seu casaco alegre e listrado que eu vou à Pedra do Conselho.

Pelo búfalo que pagou por mim, eu prometi — pequena promessa.
Só falta sua pele para honrar minha palavra.

Com a faca, a faca que os homens usam, com a faca de caçador, me curvo sobre o meu presente.

Água do Waingunga, Shere Khan ofereceu seu casaco em nome do amor que sente por mim. Puxe, Irmão Cinza! Puxe, Akela!
Pesada é a pele de Shere Khan.

A matilha dos homens ficou brava.
Me jogaram pedras e disseram baboseiras.
Minha boca sangra, melhor eu fugir.

Corram rápido pela noite, pela noite quente,

fujam comigo, meus irmãos.

Vamos deixar as luzes da aldeia e ficar somente ao luar.

Águas do Waingunga, a matilha dos homens me expulsou.

Não fiz nada para prejudicá-los, mas tinham medo de mim.

Por quê?

Lobos, vocês fizeram o mesmo comigo?

A selva não me quer e a aldeia também não.

Por quê?

Como Mang, que voa por entre as feras e pássaros,

assim sou eu, entre a selva e a aldeia.

Por quê?

Danço sobre a pele de Shere Khan, mas meu coração dói.

Minha boca, machucada pelas pedras atiradas pelos homens, sangra.

Mas meu coração está leve, pois retorno à floresta.

Por quê?

Sinto um conflito dentro de mim feito as cobras que lutam

na primavera. Água salgada sai dos meus olhos; mas eu rio

ao senti-las caindo.

Por quê?

Sou dois Mowglis, mas piso na pele de Shere Khan.

Toda a selva sabe que eu matei Shere Khan. Olhem, olhem bem lobos!

Ai ai! Meu coração está pesado de coisas que não consigo entender.

A FOCA BRANCA

Quietinho, meu bebê, que a noite vem chegando,

E as águas negras reluzem uma luz esverdeada.

A lua brilha sobre as ondas e sobre nós, meu anjo,

Durma no aconchego do balanço da enseada

As ondas vêm rolando como macios travesseiros.

Descanse, filhotinho, enroladinho no cobertor!

O temporal vai se acalmar, o tubarão vai passar.

Durma nos braços gentis do mar, meu amor.

— Canção de ninar das focas

Todas essas coisas aconteceram muitos anos atrás, em um lugar chamado Novastoshnah, ou Ponta Nordeste, na ilha de St. Paul, [14] longe, muito longe, no mar de Bering. Limmershin, a corruíra, me contou tal história quando foi colhido pelo vento e chocou-se contra o mastro de um navio a vapor a caminho do Japão. Eu o recolhi para cuidar dele em minha cabine, o aqueci e o alimentei por alguns dias até que estivesse pronto para voar de volta a St. Paul. Limmershin é um passarinho muito exótico, mas sabe como dizer a verdade.

Ninguém visita Novastoshnah sem estar a trabalho. A única gente que sempre tem negócios por lá são as focas. Elas aparecem nos meses de verão às centenas de milhares. Todas saídas do mar gelado e cinza. Isso acontece porque a praia de Novastoshnah é a melhor acomodação do mundo para as focas.

Caçador do Mar sabia disso muito bem e, toda primavera, nadava de onde estivesse — feito um barco torpedeiro, direto para Novastoshnah — para passar um mês inteiro brigando com seus companheiros por um bom lugar nas rochas, o mais próximo possível do mar. Caçador do Mar tinha quinze anos, uma grande pelagem cinza de foca que quase formava uma juba sobre os ombros e dentes longos e perigosos como os de um cão. Quando ele empinava seu corpo com as nadadeiras da frente, ficava com quase com um metro e meio de altura. Seu peso — se é que alguém tinha coragem de pesá-lo — era de mais de trezentos quilos. Todo coberto por cicatrizes, marcas de suas lutas ferozes, e sempre pronto para mais uma briga. Costumava virar a cabeça para um dos lados como se estivesse com medo de encarar o rival nos olhos e então atacava feito um relâmpago. Quando seus grandes dentes afundavam firmemente no pescoço de um adversário, o qual até podia tentar escapar de todo jeito, mas ficaria ali, preso para sempre, se dependesse de Caçador do Mar.

Mesmo sendo tão feroz, Caçador do Mar nunca atacou uma foca ferida. Isso seria contra as regras da praia. Ele só queria seu espaço perto do mar para montar seu ninho. Porém, com até cinquenta mil focas disputando o mesmo espaço toda primavera, os assobios, rugidos, espirros e pancadas na praia eram assustadores.

Do alto do pequeno monte Hutchinson, era possível ver cerca de cinco quilômetros de terra repletos de focas em conflito. As ondas ficavam pontilhadas de cabeças de focas apressadas para chegar à praia e brigar também. Brigavam nos quebra-mares, na areia e nas rochas já lisas pelo atrito do mar. Isso porque são tão burras e teimosas quanto os homens. Suas esposas nunca chegavam à ilha antes do final de maio ou começo de junho. O motivo é simples: não queriam ser estraçalhadas. Já as jovens focas machos e fêmeas de dois, três e quatro anos de idade, que ainda não acasalavam, entravam mais de dois quilômetros ilha adentro, por entre as turbas briguentas, para brincar nas dunas em grandes bandos e se esfregar nas plantinhas verdes que cresciam no chão. Eram os *holluschickie* [jovens solteiros]. Só em Novastoshnah eram cerca de trezentos mil deles.

Certa primavera, Caçador do Mar encerrara sua quadragésima quinta briga quando Matkah, sua esposa macia, lustrosa e de olhos gentis, apareceu vinda do mar. Ele a pegou pelo couro da nuca e a jogou em sua área conquistada dizendo grosseiramente:

— Atrasada, como sempre. Onde você estava?

Caçador do Mar não costumava comer nada durante os quatro meses que ficava nas praias; portanto, seu humor quase sempre era terrível. Matkah sabia que era melhor não confrontá-lo. Ela olhou em volta e murmurou:

— Você é muito atencioso. Conseguiu pegar nosso velho lugar de novo.

— Parece que sim — disse Caçador do Mar. — Olhe o meu estado!

Estava todo arranhado. Sangrava em vinte lugares, um dos seus olhos estava quase pendurado e seus flancos pareciam lonas rasgadas.

— Ah, machos, machos! — disse Matkah se abanando com suas nadadeiras traseiras. — Por qual razão vocês não conseguem ser sensíveis e se instalar tranquilamente? Pela sua aparência, eu diria que você brigou com uma baleia assassina.

— Não tenho feito nada além de brigar desde meados de maio. A praia está cheia, um horror. Já encontrei umas cem focas da praia de Lukannon montando seus viveiros aqui. Por que essa gente toda precisa vir justo pra cá?

— Às vezes penso se não seríamos mais felizes se nos mudássemos para a ilha Otter, em vez de voltar para esse lugar lotado — disse Matkah.

— Bah! Só os *holluschickie* vão para a ilha Otter. Se fôssemos para lá, diriam que estamos com medo. Temos de manter as aparências, meu bem.

Caçador do Mar afundou sua cabeça orgulhosamente entre as banhas de seus ombros e fingiu estar dormindo por uns minutos, mas o tempo todo ele se mantinha alerta, pronto para uma eventual briga. Agora que todas as focas e suas esposas estavam em terra, dava para ouvir o clamor quilômetros mar adentro, mais alto do que o vento mais barulhento. Em uma conta rápida era possível dizer que na praia se encontravam mais de um milhão de focas — algumas idosas, outras mamães e seus bebezinhos e também muitos *holluschickie* . Lutas, agressões, balidos, movimentação e brincadeiras. Assim era a praia. Focas descendo para o mar e voltando à tona em bandos e pelotões, deitando-se em cada palmo de chão até onde a vista alcançasse. Depois, se debatendo aos montes por entre a neblina. O nevoeiro é constante em Novastoshnah, exceto quando o sol aparece e colore tudo com tons perolados, criando arco-íris instantâneos.

Kotick, o bebê de Matkah, nasceu no meio dessa confusão, com cabeça e ombros enormes e olhos claros como o mar azul — como devem ser as pequenas focas —, mas uma coisa em seu couro levou sua mãe a observá-lo com mais atenção.

— Caçador do Mar — disse ela finalmente —, nosso bebê vai ser branco!

— Pelos mexilhões vazios e as algas secas! — resfolegou Caçador do Mar. — Nunca existiu uma foca branca em toda a história.

— Não é culpa minha — disse Matkah —, mas agora aconteceu.

E ela cantarolou baixinho a canção das focas que toda mamãe foca canta para seus bebês:

Não nade antes de completar seis semanas

Ou sua cabeça vai parar no calcanhar.

A ventania de verão e a baleia assassina

São os maiores perigos do mar.

São os perigos do mar, pequenino,

Os piores possíveis.

Depois disso, mergulhe e cresça,

Pois tudo vai dar certo,

Filho do mar aberto!

É claro que o pequeninho não entendeu nenhuma palavra. Só acenou com suas nadadeiras e aconchegou-se ao lado da mãe.Também aprendeu a sair da frente quando seu pai estava

brigando com outra foca, rolando e rugindo sobre as pedras. Era Matkah quem costumava entrar no mar para buscar alimento. O bebê só comia uma vez a cada dois dias, mas, quando o fazia, devorava tudo o que era possível. Assim ele crescia.

A primeira coisa que fez foi engatinhar mais para o interior da ilha. Ali, encontrou dezenas de milhares de outros bebês. Brincavam juntos como cachorrinhos, dormiam na areia clara e voltavam para brincar mais. Os mais velhos, em seus viveiros, nem ligavam para eles, os *holluschickie* tinham seu próprio território. Os bebês, em seu canto, podiam brincar até cansar.

Quando mamãe Matkah voltava da pescaria em alto-mar, rumava direto até o jardim da infância. Chamava o pequenino igual uma ovelha chama seu cordeiro e esperava até ouvir o balido de Kotick. Então, seguia em sua direção, derrubando e afastando os mais novos para os lados com suas nadadeiras. Centenas de mães procuravam seus filhos no jardim da infância ao mesmo tempo. Os bebês ficavam felizes quando elas chegavam. Matkah dizia a Kotick:

— Se você não se deitar na lama, não pegar sarna, não esfolar a pele rolando na areia grossa e não mergulhar quando o mar estiver bravo, nada de mal acontecerá.

Foquinhas não nascem sabendo nadar. Elas ficam tristes enquanto não aprendem. Na primeira vez em que Kotick mergulhou, uma onda o puxou até onde ele não alcançava o fundo. Sua cabeçona afundou e suas pequenas nadadeiras traseiras viraram para cima bem do jeito que sua mãe cantava na música. Se a próxima onda não o tivesse jogado de volta, ele teria se afogado.

Depois disso, aprendeu a ficar deitado em uma poça na praia e deixar que as ondas o cobrissem para boiar e remar, mas sempre ficava de olho nas ondas maiores e perigosas. Levou duas semanas até

saber usar corretamente as nadadeiras. Treinou, entrando e saindo da água, até perceber que, na verdade, ali era o seu lugar.

Imagine a diversão dele com os amigos: passavam o dia furando ondas, surfando nas cristas, aterrissando com borrifos d'água, boiando, equilibrando-se sobre a cauda e coçando a cabeça como faziam os mais velhos. Brincavam de "Rei do Castelo" sobre as pedras escorregadias e cheias de algas onde o mar quebrava. De vez em quando, avistava uma barbatana fina parecida com a de um grande tubarão na superfície próxima à orla. Ele sabia que aquilo era uma baleia assassina, o *Grampus,* [15] que come focas jovens quando consegue pegá-las. Assustado, Kotick voava feito uma flecha de volta à praia enquanto a barbatana dava uma lenta sacudidela, como se estivesse ali só por acaso.

No final de outubro, famílias e bandos inteiros de focas deixavam St. Paul e partiam para o alto-mar. A disputa por espaço acabava, permitindo que os *holluschickie* brincassem onde bem entendessem.

— No próximo ano — disse Matkah a Kotick —, você será um *holluschickie* . Portanto, deve aprender a pescar sozinho.

Partiram juntos para atravessar o Pacífico. Matkah ensinou Kotick a dormir deitado de costas, com as nadadeiras coladas ao corpo e o focinho um pouco acima da linha d'água. Nenhum berço é tão confortável quanto o suave embalo do Pacífico em movimento. Quando Kotick sentiu sua pele toda formigar, Matkah explicou que ele estava aprendendo a "sentir a água". Essa sensação de gentis pontadinhas avisavam que uma tempestade se aproximava e que era melhor nadar, fugir rápido.

— Logo, logo — disse ela —, você saberá para onde nadar, mas fique atento e siga o golfinho, que é muito sábio.

Uma turma de golfinhos estava mergulhando e rasgando as águas. O pequeno Kotick os seguiu o mais rápido que podia.

— Como você sabe para onde ir? — disse, esbaforido.

O líder da turma revirou os olhos e mergulhou:

— Minha cauda pinica, meu jovem — disse. — Isso significa que há um temporal atrás de mim. Venha! Quando estiver ao sul das Águas Grudentas [ele se referia ao sul do Equador] e sua cauda pinicar, isso quer dizer que há uma tempestade em frente e que você deve ir para o norte. Venha! A água está esquisita aqui.

Essa foi uma das muitas coisas que Kotick aprendeu. Matkah o ensinou a seguir o bacalhau e o linguado pelos bancos de areia submersos e a puxar o peixe com força de sua toca entre as algas; ensinou a margear os naufrágios que repousam a centenas de braças nas profundezas, a disparar como um tiro de rifle por uma escotilha e sair por outra ao perseguir os peixes; a dançar na crista das ondas quando o relâmpago estiver riscando o céu, e acenar com a sua nadadeira educadamente para o albatroz de cauda curta e para a fragata quando mergulham no vento; a saltar mais de um metro para fora da água como um golfinho, com as nadadeiras coladas ao corpo e a cauda curvada; a deixar o peixe-voador em paz, porque ele tem muitos espinhos; a arrancar a dragona de um bacalhau a toda velocidade, a dez braças de profundidade; e a nunca parar para olhar um barco ou navio, mas, principalmente, nunca um barco a remo. Ao final de seis meses adquirindo conhecimentos sobre pesca em alto-mar, Kotick só não tinha aprendido o que não valia a pena. E, nesse tempo todo, sua nadadeira sequer tocou a areia seca uma única vez.

Um dia, porém, estava deitado meio sonolento na água morna em algum ponto perto das ilhas Juan Fernandez quando sentiu-se completamente fraco e preguiçoso, assim como uma pessoa se sente quando põe as pernas em uma fonte de água. Lembrou-se então das praias seguras e agradáveis de Novastoshnah a mais de dez mil quilômetros de distância, das brincadeiras com seus amigos, do cheiro das algas marinhas, do rugido das focas e das brigas. Naquele

mesmo minuto, ele se voltou para o norte, nadando decidido, e, enquanto seguia, encontrou bandos de seus camaradas, todos seguindo para o mesmo lugar. E diziam:

— Saudações, Kotick! Neste ano nos tornamos *holluschickie* . Vamos fazer a dança do fogo no quebra-mar perto de Lukannon e brincar na grama nova. Mas onde você conseguiu essa cor?

O pelo de Kotick era de um branco quase neve. Embora sentisse orgulho, dizia apenas:

— Vamos mais rápido! Meus ossos clamam por terra firme.

E assim todos chegaram às praias onde nasceram e ouviram as velhas focas, seus pais, brigarem em meio à neblina.

Naquela noite, Kotick fez a dança do fogo com as focas de um ano de idade. Nas noites de verão, o mar fica repleto de fogo entre Novastoshnah e Lukannon. As focas deixam um rastro de espuma que parece óleo em chamas, fazem espirros brilhantes quando saltam e as ondas quebram dando origem a formidáveis redemoinhos fosforescentes. Depois, foram todos terra adentro para a área dos *holluschickie* e rolaram sobre o trigo selvagem e contaram histórias das coisas que fizeram enquanto estiveram no mar. Falavam sobre o Pacífico como meninos falam da mata onde colhem castanhas e, se alguém pudesse entender a língua deles, seria possível desenhar um mapa tão perfeito do oceano como jamais existiu. Os *holluschickie* desabalaram do alto do morro Hutchinson berrando:

— Saiam da frente, moleques! O mar é fundo e vocês ainda não fazem ideia de tudo o que há nele. Esperem até dobrar o cabo Horn. Olá, pequenino, onde conseguiu esse pelo?

— Eu não consegui — disse Kotick. — Cresceu sozinho.

Exatamente na hora em que ele estava prestes a atacar o jovem, dois homens de cabelos negros, com caras amassadas e vermelhas,

saíram de trás de uma duna, e Kotick, que jamais vira um ser humano, tossiu e baixou a cabeça. Os *holluschickie* simplesmente recuaram alguns metros e ficaram sentados olhando com cara de bobos. Eles eram Kerick Booterin, o chefe dos caçadores de focas da ilha, e Patalamon, seu filho. Vinham da pequena aldeia a menos de um quilômetro dos ninhos marinhos. Estavam escolhendo quais focas levariam para o abatedouro — focas podem ser guiadas como ovelhas — para depois serem transformadas em jaquetas de couro.

— Ho! — disse Patalamon. — Veja! Tem uma foca branca!

Kerick Booterin quase ficou branco também, debaixo da camada de gordura e fuligem que cobria seu rosto — isso porque ele era um aleúte, gente pouco asseada. Em seguida, começou a murmurar uma reza.

— Não toque nele, Patalamon. Nunca vi uma foca branca antes… desde que eu nasci. Talvez seja o velho espírito de Zaharrof. Ele sumiu na grande tempestade do ano passado.

— Nem vou chegar perto — disse Patalamon. — Dá azar. Você acha mesmo que é o velho Zaharrof que voltou? Fiquei devendo uns ovos de gaivota a ele.

— Não fique encarando — disse Kerick. — Leve aquele grupo de quatro anos. Os homens deveriam tirar a pele de duzentos por dia, mas ainda é começo de temporada e são novos no emprego. Cem bastam. Rápido!

Patalamon sacudiu um par de ossos de clavícula de foca na frente do bando de *holluschickie* e todos ficaram vidrados, bufando e ofegando. Em seguida, chegou mais perto e as focas começaram a caminhar. Kerick as guiou para dentro da ilha. Em nenhum momento sequer tentaram voltar para onde estavam seus amigos. Centenas e centenas de milhares de focas viram as outras sendo levadas, mas continuaram agindo como se nada estivesse acontecendo. Kotick foi

o único que fez perguntas, porém ninguém sabia responder. Disseram apenas que os homens sempre guiavam focas daquela maneira por seis ou oito semanas, todos os anos.

— Vou atrás deles — disse com seus olhos quase pulando para fora das órbitas ao se misturar na esteira do grupo.

— A foca branca está nos seguindo — gritou Patalamon. — É a primeira vez que uma foca vem sozinha para o matadouro.

— Shh! Não olhe para trás — disse Kerick. — É o espírito de Zaharrof! Preciso falar com o xamã sobre isso.

A distância até o matadouro era de menos de um quilômetro, mas levava uma hora para chegar lá. Kerick sabia que se as focas andassem rápido demais, ficariam quentes e sua pele se rasgaria em pedaços quando fosse arrancada. Por isso, iam devagar, passando pela agulha do Leão-Marinho, pela Casa Webster até chegarem à Casa de Sal, que ficava fora da vista das focas da praia. Kotick os seguiu, afobado e curioso. Ele achou que tinha chegado ao fim do mundo, mas o alvoroço nos viveiros atrás dele ainda soava tão alto quando o barulho de um trem dentro de um túnel. Foi quando Kerick sentou-se no musgo, sacou seu pesado relógio de peltre e esperou que o rebanho descansasse por meia hora. Kotick conseguia ouvir até o orvalho da neblina pingando da aba do chapéu dele. Então uns dez homens apareceram, cada qual empunhando porretes metálicos de mais de um metro de comprimento. Kerick apontou alguns dos membros do rebanho que tinham sido mordidos por seus amigos ou que ainda estavam muito quentes. Os homens então chutaram essas focas para o lado com suas grandes botas feitas de pele de pescoço de morsa. Foi quando Kerick ordenou: “Podem bater!”. Os homens bateram com os seus porretes na cabeça das focas o mais rápido que podiam.

Dez minutos depois, Kotick não conseguia mais reconhecer seus

amigos, pois a pele deles tinha sido arrancada da ponta do nariz até as nadadeiras traseiras e jogadas numa pilha no chão. Aquilo foi assustador. Ele deu meia-volta e galopou — uma foca consegue galopar bem, mas por pouco tempo — de volta para a praia. Seu pequeno bigode estava arrepiado de medo. Na agulha do Leão-Marinho, onde os grandes leões-marinhos sentam-se à beira da arrebentação, ele pulou na água fria com as nadadeiras protegendo sua cabeça e ali ficou boiando, respirando com muita dificuldade.

— Quem é você? — perguntou um leão-marinho rabugento. Afinal, a regra deles é não se misturarem.

— *Scoochnie! Ochen scoochnie!* [16] — disse Kotick. — Estão matando todos os *holluschickie* das praias!

O leão-marinho voltou sua cabeça na direção da ilha:

— Que nada! — disse. — Seu amigos continuam fazendo a mesma algazarra de sempre. Você deve ter visto o velho Kerick abatendo um grupo. Ele faz isso há mais de trinta anos.

— É terrível — disse Kotick dando as costas para uma onda que se quebrou sobre ele, depois se equilibrou com um rodopio e se estabilizou com suas nadadeiras, evitando bater em uma pedra afiada.

— Muito hábil para um bebê! — disse o leão-marinho, que sabia apreciar um bom nadador. — Suponho que seja de meter medo, mas se vocês, focas, voltam para cá todo ano, é claro que os homens acabam sabendo e, a não ser que encontrem outra ilha onde nenhum homem venha pegar vocês, isso sempre acontecerá.

— Mas existe uma ilha assim? — começou Kotick.

— Tenho seguido poltos [os linguados ou halibutes] por vinte anos e não posso dizer que encontrei alguma assim. Mas veja só, me parece que você tem facilidade em conversar com os outros. Sugiro que vá à ilhota das Morsas e fale com Cadelo do Mar. Talvez ele saiba de algo.

Não vá afobado assim. São quase dez quilômetros a nado e, se eu fosse você, descansaria na terra e tiraria uma soneca antes de ir, pequenino.

Kotick achou aquele um bom conselho. Nadou contornando a praia, saiu e dormiu por uma meia hora, sentindo seus formigamentos, como é comum para as focas. Depois, foi direto para a ilhota das Morsas, um platô rochoso, pequeno e baixo, quase exatamente a nordeste de Novastoshnah, repleto de ninhos de gaivota em suas saliências desiguais. É lá que as morsas se reúnem.

Ele chegou à terra firme já perto de onde estava o velho Cadelo do Mar — uma morsa grande, feia, inchada, cheia de furúnculos, pescoço gordo e dentes longos, típica do Pacífico Norte, que dispensa a educação, exceto quando dorme. Cadelo do Mar estava com uma parte do rabo dentro da água, sentindo a espuma das ondas.

— Acorde! — latiu Kotick porque as gaivotas estavam muito barulhentas.

— Hah! Opa! Hunf! Que foi? — disse Cadelo do Mar, dando uma pancada com suas presas na morsa ao lado, a qual bateu na próxima e assim por diante, até que todas acordaram, assustadas, olhando para todos os lados, exceto para onde deveriam olhar.

— Oi! Sou eu — disse Kotick rolando em meio às ondas, parecendo-se com uma pequena lesma branca.

— Bem! Pelo meu couro! — disse Cadelo do Mar, e todos olharam para Kotick, como um bando de velhos senhores dorminhocos olhariam para um garotinho.

— Conhece algum lugar onde as focas possam morar e que os homens nunca consigam encontrar?

— Ora, vá procurar! Se vire — disse Cadelo do Mar fechando os olhos. — Sai fora. Tem gente ocupada aqui.

Kotick deu seu salto de golfinho e gritou o mais alto que pôde:

— Comedor de marisco! Comedor de marisco!

Ele sabia que Cadelo do Mar nunca havia pegado um peixe em toda a sua vida, que só fuçava em busca de mariscos e algas marinhas, embora fingisse ser alguém muito terrível. Naturalmente os *chickies* , os *gooverooskies* e os *eptakas* [as gaivotas burgomestre, as tridáctilas e os papagaios-do-mar], que vivem à espera de uma chance para ser completamente inconvenientes, aderiram ao coro e, conforme Limmershin contou, nos próximos cinco minutos foi impossível ouvir até mesmo se um tiro fosse disparado na ilhota das Morsas. Todos gritavam e berravam "Comedor de marisco! *Stareek* [velhote]!", enquanto Cadelo do Mar rolava de um lado para outro grunhindo e balindo.

— Agora você me conta? — disse Kotick, já sem fôlego.

— Vá perguntar ao Peixe-boi — disse Cadelo do Mar. — Se ele ainda estiver vivo, vai saber a resposta.

— E como vou reconhecer o Peixe-boi quando o encontrar? — disse Kotick, já indo embora.

— Ele é o único bicho mais feio do que Cadelo do Mar — berrou uma gaivota burgomestre rodopiando bem debaixo do focinho de Cadelo do Mar. — Mais feio e mais mal-educado! *Stareek* !

Kotick nadou de volta a Novastoshnah, deixando para trás os gritos das gaivotas. Ali, não encontrou ninguém que o acompanhasse em sua singela tentativa de descobrir um lugar mais tranquilo para as focas. Disseram-lhe que os homens sempre levaram os *holluschickie* — que isso era parte de seu trabalho. Caso não gostasse de ver coisas medonhas, que não fosse ao matadouro. Nenhuma dessas focas jamais tinha visto os assassinatos e isso fazia toda a diferença entre ele e seus amigos. Além do mais, Kotick era uma foca branca.

— O que você precisa fazer — disse Caçador do Mar depois de ouvir as aventuras do filho — é crescer, tornar-se uma grande foca como o seu pai e ter um ninho na praia. Assim, vão te deixar em paz. Daqui uns cinco anos você será capaz de brigar sozinho.

Até a gentil Matkah, sua mãe, explicou:

— Você nunca vai conseguir parar a matança. Vá brincar no mar, Kotick.

E Kotick foi e dançou a dança do fogo com seu coraçãozinho apertado.

Naquele outono, ele deixou a praia assim que pôde e se foi, sozinho, porque tinha uma ideia fixa em sua cabeça-dura. Ele encontraria o Peixe-boi — se é que existia alguém assim no mar — e descobriria uma ilha tranquila com praias boas e firmes para as focas viverem. Um lugar onde os homens não poderiam caçá-las. Então, sozinho, ele explorou Pacífico sem parar, de norte a sul, nadando até quinhentos quilômetros por dia, sob o sol e a lua. Encontrou muitas aventuras que mereceriam ser contadas e escapou por pouco de ser pego por um tubarão-elefante, de um tubarão-tigre e de um tubarão-martelo. Conheceu todos os nada confiáveis bandoleiros que vagabundeiam pelos mares e também peixes enormes e bem-educados. Falou com as vieiras de pintas vermelhas que ficam ancoradas no mesmo lugar por séculos e ficou orgulhoso por conhecer tudo isso. Mas nunca encontrou o tal Peixe-boi e não descobriu uma ilha que fosse ideal.

Se a praia era boa e firme, com uma encosta em seu interior para as focas brincarem, sempre havia a fumaça de um baleeiro fervendo gordura no horizonte — Kotick sabia bem o que aquilo significava. Ou então, se focas já tinham visitado a ilha e sido mortas ali mesmo, Kotick entendia que onde os homens foram uma vez, poderiam retornar.

Certo dia, conheceu um velho albatroz de cauda curta que lhe disse que as ilhas Kerguelen eram um lugar de paz e tranquilidade. Quando chegou lá, quase foi moído em pedaços contra os penhascos negros e pontudos em uma furiosa tempestade de granizo com relâmpagos e trovões. Mesmo ali, lutando contra as vagas, ele viu que as focas já haviam feito ninhos. E foi a mesma coisa em todas as outras ilhas que visitou.

Limmershin me deu uma longa lista delas, porque disse que Kotick passou cinco temporadas explorando. Só descansava quatro meses por ano, em Novastoshnah, quando os *holluschickie* costumavam rir dele e de suas ilhas imaginárias. Ele foi para Galápagos, um lugar repugnante e seco no Equador, onde quase foi assado vivo, foi para as ilhas Georgia, as Orkneys, a ilha Esmeralda, a ilha do Pequeno Rouxinol, a ilha Gonçalo Álvares, a ilha Bouvet, as Crossets e até a uma ilhazinha ridícula de pequena ao sul do cabo da Boa Esperança. Em todo lugar, o Povo do Mar dizia sempre a mesma coisa: focas já haviam estado naquelas ilhas antes, muito tempo atrás, e todas haviam sido mortas pelos homens. Mesmo quando nadou milhares de quilômetros para longe do Pacífico e chegou em um lugar chamado cabo Corrientes (isso foi quando voltava da ilha Gonçalo Álvares), encontrou algumas centenas de focas sarnentas nas rochas, que lhe disseram que os homens também haviam passado por ali.

Aquilo quase despedaçou seu coração. Ele contornou o cabo Horn na direção de suas praias. Subindo para o norte, parou em uma ilha repleta de árvores verdes onde encontrou uma gaivota muito, muito velha, à beira da morte. Kotick pescou para ela e lhe contou suas desventuras:

— Agora — disse Kotick — estou voltando para Novastoshnah. Se eu for levado para os matadouros com os *holluschickie* nem vou ligar.

A velha gaivota disse:

— Tente mais uma vez. Sou o último do bando do Viveiro Perdido de Más Afuera , [17] dos dias em que os homens matavam centenas de milhares de nós. Contavam uma história pelas praias que dizia que, um dia, uma foca branca viria do norte e levaria seu povo para um lugar tranquilo. Estou velho e talvez não viva para ver esse dia, mas outros viverão. Não desista agora.

E Kotick crispou seus bigodes para cima (uma coisa linda de se ver) e disse:

— Sou a única foca branca que nasceu nas praias e a única, preta ou branca, que já se importou em procurar outras ilhas.

Aquilo o animou imensamente. Quando voltou à Novastoshnah naquele verão, Matkah, sua mãe, implorou para que se casasse e formasse uma família. Agora, ele não era mais um *holluschickie* e sim um caçador do mar crescido, com uma crina branca e crespa sobre os ombros, tão viçoso, grande e feroz quanto seu pai.

— Só mais uma temporada — pediu. — Lembre-se, mãe, é sempre a sétima onda que quebra mais longe na praia.

Curiosamente, também havia uma foca fêmea que achava melhor esperar para se casar no próximo ano. Kotick dançou a dança do fogo com ela até a praia de Lukannon, na noite anterior à partida de sua última expedição. Dessa vez, ele foi para o oeste, porque já tinha encontrado os rastros de um grande cardume de linguados e precisava de pelo menos quarenta e cinco quilos de peixe por dia para se manter em boas condições de viagem. Ele os perseguiu até ficar cansado, então boiou e dormiu entre as vagas formadas pelas dunas submersas que levavam à ilha do cobre. Conhecia aquela costa perfeitamente bem e por volta da meia-noite, quando sentiu o toque gentil das algas no raso, disse:

— Hum, a maré será forte esta noite.

Virando o corpo para olhar abaixo da linha-d'água, abriu os olhos vagarosamente e espreguiçou-se. Depois, saltou como um gato porque viu coisas gigantescas xeretando as águas rasas e procurando algo por entre a vasta folhagem de algas.

— Pelos vagalhões de Magalhães! — disse baixinho por entre os bigodes. — Pelas profundezas do mar, quem é essa gente?

Não se pareciam com as morsas, leões-marinhos, focas, ursos, baleias, tubarões, peixes, lulas ou vieiras que Kotick já tinha visto. Mediam entre seis e dez metros de comprimento e não possuíam nadadeiras traseiras, mas uma cauda que parecia uma pá, como se tivesse sido esculpida no couro molhado. Suas caras tinham o ar mais boboca que já vira. Eles ficavam em pé, se balançando com a ponta da cauda apoiada no fundo quando não estavam pastando, faziam saudações solenes uns para os outros e acenavam com suas nadadeiras como um homem obeso balança os braços.

— Ham-ham! — pigarreou Kotick para chamar a atenção. — Como vai a pesca, cavalheiros?

Aquelas coisas imensas responderam saudando e acenando suas nadadeiras como o Sapo-Lacaio. [18] Quando voltaram a se alimentar, Kotick viu que seus lábios superiores eram divididos em duas partes, se afastavam uns trinta centímetros e depois se juntavam novamente, com um feixe inteiro de algas preso nessa fenda. Eles metiam aquilo tudo na boca e mastigavam vagarosamente.

— Que jeito maluco de se alimentar — disse Kotick. Eles o saudaram novamente e Kotick começou a perder a paciência. — Muito bem — continuou —, vocês não precisam ficar se mostrando só porque têm uma falange a mais nas nadadeiras da frente. Já vi que saúdam cordialmente, mas eu adoraria saber o nome de vocês.

Os lábios partidos se moveram e se contraíram. Olhos verdes como vitrais o encararam, mas nada disseram.

— Bem! — disse Kotick. — Vocês são os únicos que encontrei mais feios do que Cadelo do Mar. A diferença é que são ainda mais mal-educados.

Em seguida, um lampejo o fez lembrar do que a gaivota burgomestre tinha gritado para ele quatro anos atrás, na ilhota das Morsas. Nesse momento, Kotick se jogou para trás sobre a água numa demonstração de alegria. Finalmente entendeu que encontrara o Peixe-boi.

Os peixes-boi continuaram pastando, arrancando e mastigando as plantas. Kotick fez a eles perguntas em todas as línguas que aprendera em suas viagens — e saiba que o Povo do Mar fala quase tantas línguas quanto os seres humanos. Os peixes-boi, no entanto, não respondiam. Peixes-boi não falam. Eles têm só seis ossos no pescoço, em vez de sete. Comenta-se no fundo do mar que isso os impede até de conversar entre si. Porém, como se sabe, eles possuem uma articulação a mais na nadadeira posterior, e ao acenar com ela para cima, para baixo e para os lados, conseguem responder perguntas com uma espécie de código telegráfico desajeitado.

Quando amanheceu, Kotick já pensava em se enforcar com sua própria crina. Sua paciência afundara até onde morrem os caranguejos. Então os peixes-boi começaram a viajar rumo ao norte, bem vagarosamente, parando de quando em quando para fazer rituais de saudações absurdas. Kotick os seguia, dizendo a si mesmo:

— Gente idiota como essa já teria sido morta há muito tempo se não tivessem encontrado uma ilha segura. E o que é bom o bastante para um peixe-boi é bom o bastante para nós. Mesmo assim, queria muito que nadassem mais rápido.

Era um trabalho exaustivo para Kotick. O rebanho nunca nadava mais do que setenta, oitenta quilômetros por dia. Eles sempre paravam para comer à noite e permaneciam perto da costa. Kotick

nadava em volta, sobre e debaixo deles, mas não conseguia apressá-los nem um quilômetro a mais. Avançavam cada vez mais para o norte, fazendo seu ritual de saudações a cada par de horas. Kotick estava prestes a arrancar seu próprio bigode de nervoso quando entendeu que eles seguiam uma corrente de águas mornas e, assim, passou a respeitá-los mais.

Certa noite, afundaram na água brilhante — afundaram como pedras —, e pela primeira vez desde que os havia conhecido, passaram a nadar mais rápido. Kotick os seguiu, e a velocidade o deixou admirado. Nunca imaginou que os peixes-boi pudessem ser tão bons nadadores. Eles se dirigiram para um penhasco na costa, que descia e continuava até águas profundas. Mergulharam em um buraco escuro na base, a vinte braças de profundidade. Era um longo nado submerso. Kotick desejava o ar fresco muito antes de sair do túnel escuro por onde os seguia.

— Pela minha juba! — disse, quando chegou à superfície, engasgando e cuspindo água. — Foi um longo mergulho, mas valeu a pena.

Os peixes-boi se separaram e estavam boiando, sem pressa, ao longo das bordas das melhores praias que Kotick vira em sua vida. Eram longas extensões de pedra polida por quilômetros, ideais para ninhos de focas, muitas áreas com areia firme, encostas mais para o interior, ondas para a dança, capim alto para se esfregarem, dunas de areia para escalar e descer rolando e, o melhor de tudo, algo que Kotick sabia só de sentir a água — discernimento de um verdadeiro caçador do mar —, jamais um homem havia posto os pés naquele lugar.

A primeira coisa que fez foi verificar se a pesca era farta. Para tanto, nadou por todas as praias e avaliou as graciosas ilhas de areia rasa por entre a linda neblina. Longe, ao norte, na saída para o mar, estendia-se uma linha de paredões naturais, bancos de areia e rochas

que nunca deixariam barco algum chegar a menos de dez quilômetros da praia. Entre as ilhas e a terra firme havia uma faixa de águas profundas terminando contra desfiladeiros verticais. Em algum lugar, mais abaixo, ficava a boca do túnel.

— Parece com Novastoshnah, só que dez vezes melhor — disse Kotick. — O Peixe-boi deve ser muito mais sábio do que imaginei. Nenhum homem conseguiria descer por esses penhascos; mesmo que algum deles chegasse à ilha, os bancos de areia rumo ao mar fariam qualquer barco em pedaços. Se existe algum lugar seguro no oceano, esse lugar é aqui.

E passou a pensar na foca que havia deixado para trás. Embora estivesse com pressa de voltar para Novastoshnah, explorou detalhadamente o novo território. Queria poder responder a todas as perguntas que com certeza lhe fariam.

Então mergulhou, certificou-se da boca do túnel e disparou por ela, rumo ao sul. Ninguém, além de um peixe-boi ou uma foca, imaginaria um lugar como esse. Quando olhou para o penhasco atrás de si, nem mesmo ele podia acreditar que havia passado por debaixo deles.

Foram seis dias de viagem nadando bem rápido para chegar em casa. Quando fez a curva na agulha do Leão-Marinho, a primeira que encontrou foi a foca que estava esperando por ele. Ela percebeu o brilho em seus olhos ao dizer que finalmente achara sua ilha.

Os *holluschickie* , seu pai e até mesmo as gaivotas gargalharam quando ele falou sobre sua descoberta. Uma jovem foca quase da sua idade disse:

— Parece tudo muito lindo, Kotick, mas você não pode chegar de sei-lá-onde e mandar a gente pra lá, assim, sem mais nem menos. Lembre-se de que lutamos para conquistar nosso espaço aqui, coisa que você nunca fez. Você sempre preferiu ficar passeando mar afora.

As outras focas riram. Kotick começou a balançar sua cabeça de um lado para o outro. Como acabara de se casar, o jovem queria contar vantagem.

— Não tenho ninho para defender — disse Kotick. — Só quero mostrar a vocês um lugar onde estarão a salvo. Pra que brigar?

— Ah, se está amarelando, o problema é seu — disse a jovem foca com um riso esquisito.

— Se eu te vencer, você vem comigo? — perguntou.

E uma luz verde apareceu em seus olhos, porque estava muito irritado por ser obrigado a lutar.

— Combinado — disse a jovem foca displicentemente. — Se você me vencer, eu vou.

Não houve tempo para mudar de ideia, porque a cabeça de Kotick se projetou e seus dentes se afundaram na gordura do pescoço da jovem foca. Em seguida, jogou-se para trás, sobre as ancas, e arremessou o inimigo no chão da praia, prendeu-o e bateu ainda mais nele. Então Kotick rugiu para as focas:

— Dei o meu melhor por vocês nessas últimas cinco temporadas. Encontrei uma ilha onde todos estarão seguros, mas será que preciso arrancar a cabeça do pescoço gordo de vocês para acreditarem em mim? Se é assim, farei o que desejam. Preparem-se!

Limmershin contou que nunca em sua vida — e olhe que ele já viu mais de dez mil grandes focas brigando todos os anos — presenciou algo como a carga de Kotick sobre os viveiros. Ele avançou contra a maior foca que encontrou, agarrou-a pela garganta e a jogou para o lado. Em seguida, partiu para a próxima. Kotick nunca havia jejuado por quatro meses, ao passo que as grandes focas jejuavam todos os anos. Já as longas jornadas nadando em alto-mar o mantiveram em perfeita forma e, o melhor de tudo, ele nunca havia brigado antes. Sua

crina branca encaracolada se eriçou de raiva, seus olhos faiscavam e seus enormes caninos reluziam. Era esplêndido olhar para ele. O velho Caçador do Mar, seu pai, o viu passando violentamente, arrastando as velhas focas cinzentas como se fossem meros linguados, metendo medo nos jovens solteiros à sua volta. Caçador do Mar deu um rugido e gritou:

— Ele pode ser um tolo, mas é o melhor lutador das praias! Não ataque seu pai, meu filho! Estou com você!

Kotick rugiu em resposta. O velho Caçador do Mar veio todo desengonçado, com seu bigode balançando, bufando como uma locomotiva. Matkah e a foca que se casaria com Kotick se encolheram e ficaram admirando os machos. Era uma bela peleja, porque os dois lutaram tanto quanto o número de focas que ousasse levantar a cabeça. E quando não havia mais nenhum adversário, desfilaram orgulhosos de um lado para o outro, por toda a extensão da praia, urrando.

À noite, bem quando a aurora boreal tremulava e brilhava sobre a neblina, Kotick escalou a rocha nua e olhou os viveiros destruídos, as focas feridas e sangrando lá embaixo.

— Agora — disse —, já ensinei a lição a vocês.

— Pela minha juba! — disse o velho Caçador do Mar esforçando-se para se levantar, pois estava gravemente ferido. — Nem a própria baleia assassina teria feito tanto estrago. Filho, estou orgulhoso de você e, obviamente, irei à sua ilha, se é que esse lugar existe.

— Ouçam bem, seus porcos gordos do mar. Quem vem comigo para o túnel do Peixe-boi? Respondam ou lhes darei outra aula — rugiu Kotick.

Houve um murmúrio, como se uma onda cobrisse e depois recuasse sobre a praia.

— Nós iremos — disseram milhares de vozes cansadas. — Seguiremos Kotick, a foca branca.

Então Kotick descansou a cabeça entre os ombros e fechou os olhos, orgulhoso. Ele não era mais uma foca branca, mas sim vermelha da cabeça aos pés. Mesmo assim, não dava a mínima para seus ferimentos.

Uma semana depois, ele e um exército de quase dez mil *holluschickie* e focas adultas partiram rumo ao norte, para o túnel dos peixes-boi, com Kotick na dianteira. As focas que ficaram em Novastoshnah os chamavam de idiotas. No entanto, na primavera seguinte, quando todos se encontraram nos bancos de pesca do Pacífico, as focas de Kotick contaram histórias tão impressionantes sobre as novas praias escondidas pelo túnel que mais e mais focas deixaram Novastoshnah. É claro que não foram todas de uma vez. Focas não são muito espertas e precisam de bastante tempo para mudar de ideia. Depois de um ano, mais e mais focas deixaram Novastoshnah, Lukannon e outros viveiros, para as tranquilas e protegidas praias onde Kotick senta-se durante todo o verão, ficando cada vez maior, mais gordo e forte, enquanto os *holluschickie* brincam por ali, naquele lugar no meio do mar totalmente desconhecido pelo homem.

LUKANNON

Esta é a linda canção de alto-mar que todas as focas de St. Paul cantam no verão quando retornam às praias daquele lugar. É uma espécie de hino nacional trágico.

Encontrei meus amigos hoje cedo (nossa, como estou cansado!)

Onde as ondas castigam as rochas no verão ensolarado;

Ouvi sua cantoria se misturar com o som do quebra-mar...

As praias de Lukannon... dois milhões de vozes a cantar.

A canção da boa temporada junto às lagoas salgadas,

A canção soprada por esquadrões nas areias molhadas,

A canção da dança da meia-noite que incendeia as marés...

As praias de Lukannon... antes do homem ali fincar seus pés!

Encontrei meus amigos hoje cedo (nunca mais os verei!);
Vieram e se foram, aos montes, cobrindo a praia como reis.
Sobre a espuma das ondas, tão longe quanto a voz pode alcançar
Saudamos todos os que chegam e cantamos para virem se deitar.

As praias de Lukannon... o trigo do inverno cresceu...
Os liquens, o orvalho, a neblina, tudo umedeceu!
As pedras lisas e gastas onde as crianças vão brincar!
As praias de Lukannon... aqui nascemos, é o nosso lugar!

Encontrei meus amigos hoje cedo, todos machucados.
Homens nos matam nas águas e na terra, espancados;
Nos levam à Casa de Sal como ovelhas para o abate,
Mesmo assim, cantamos... antes que um caçador nos mate.

Mergulhe, vá para o sul; fuja, Gooverooska, fuja!
E conte aos monarcas do mar nossa história obtusa;
E assim como os ovos vazios que a tempestade traz,
As praias de Lukannon não serão nosso lar jamais!

RIKKI-TIKKI-TAVI

Na toca dele, ali na entrada,

Olhos Vermelhos desafiou Pele Enrugada.

Olhos Vermelhos disse, sem pensar na sorte:

— Nag, venha dançar a dança da morte!”.

Olhos nos olhos, testa com testa,

(Mantenha a distância, Nag.)

Morrer é só o que lhe resta;

(A seu bel-prazer, Nag.)

Giro a giro, esquiva a esquiva...

(Corra até sumir, Nag.)

Rá! A morte de capuz não está mais viva!

(Ai de ti, Nag!)

Esta é a história da guerra que Rikki-tikki-tavi travou sozinho nos banheiros do grande bangalô no campo militar de Segowlee. Darzee, o pássaro alfaiate, o ajudou, e Chuchundra, o rato almiscarado, que nunca se arrisca pelo meio da sala — pois sempre se esgueira pelos cantos das paredes —, lhe deu conselhos. Mas quem lutou de verdade foi Rikki-tikki.

Tratava-se de um mangusto, bicho com jeito de gato graças ao pelo e à cauda, mas com cabeça e hábitos de doninha. Seus olhos e a ponta do nariz irrequieto eram rosados. Conseguia coçar qualquer ponto do corpo com uma das pernas dianteira ou traseira. Também era capaz de eriçar os pelos do rabo até ficar parecido com uma escova de limpar mamadeiras. Seu grito de guerra quando deslizava pelo mato alto era: "Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!".

Um dia, uma violenta enchente de verão o espirrou para fora da toca onde vivia com seus pais. Foi levado, esperneando e gorgolejando, até ser engolido por um bueiro na beira da estrada. Ali, encontrou um tufo de grama boiando e se segurou nele até desmaiar. Quando voltou a si, estava deitado sob o sol quente, no meio da calçada de um jardim, todo sujo. À sua frente um menino dizia:

— Olha! Um mangusto morto. Vamos fazer um enterro.

— Não — disse sua mãe —, vamos levá-lo e secá-lo. Talvez ainda não esteja morto de verdade.

Ele foi levado para a casa. Um homem bem grande o pegou entre um dedo e um polegar. Disse que não estava morto, só um pouco afogado. Então o embrulharam em lã de algodão e o esquentaram próximo a um pequeno fogareiro. Ele abriu os olhos e espirrou:

— Agora — disse o homem (o pai da família inglesa que acabara de se mudar para o bangalô) —, não o assuste, vamos ver o que ele vai fazer.

Uma das coisas mais difíceis do mundo é assustar um mangusto. Isso porque ele é feito, do focinho à cauda, de muita curiosidade. O lema de todas as famílias de mangustos é “correr e descobrir”. Rikki-tikki era um verdadeiro mangusto. Ele olhou para o tecido de algodão e decidiu que não era bom para comer. Correu em volta da mesa, sentou-se, penteou seu pelo com as próprias unhas e saltou no ombro do menininho.

— Não se assuste, Teddy — disse seu pai. — É o jeito dele de fazer amigos.

— Ai! Ele está fazendo cócegas no meu queixo — disse Teddy.

Rikki-tikki olhou para baixo, entre o colarinho e o pescoço do menino, deu uma cheirada na sua orelha e desceu por ali até o chão, onde sentou-se esfregando o nariz.

— Que fofura — disse a mãe de Teddy —, e olhe que é um animal selvagem! Acho que está manso porque fomos gentis com ele.

— Os mangustos são assim mesmo — disse o marido. — Se Teddy não puxá-lo pelo rabo ou tentar prendê-lo em uma gaiola, ele vai ficar entrando e saindo da casa o dia todo. Vamos lhe dar algo para comer.

Ofereceram um pedacinho de carne crua. Rikki-tikki gostou muito e, depois de terminar, foi até a varanda, sentou-se ao sol e eriçou toda a sua pelagem para que secasse até a raiz. Assim sentiu-se melhor.

— Há mais coisas para aprender sobre esta casa — disse consigo mesmo — do que toda minha família poderia descobrir em uma vida inteira. Certamente vou ficar e observar tudo.

E passou o dia todo perambulando pela casa. Quase se afogou nas banheiras, meteu o focinho no nanquim sobre a escrivaninha e o queimou na ponta do cigarro do homem grande, após subir no seu colo para ver como é que se escrevia. Ao cair da noite, correu para o

quarto de Teddy para entender como os lampiões eram acesos. Quando Teddy foi se deitar, Rikki-tikki também foi para a cama. Mas ele era uma companhia inquieta, que se levantava toda hora para verificar cada barulho e suas causas. A mãe e o pai de Teddy foram ao quarto antes de dormir para olhar o menino. Rikki-tikki estava acordado sobre o travesseiro.

— Não gosto disso — disse a mãe de Teddy. — Ele pode morder a criança.

— Ele não faria isso — disse o pai. — Teddy está mais seguro com essa pequenina fera do que se um cão de caça estivesse aqui. Se uma serpente subir no berço, por exemplo…

Mas a mãe de Teddy não queria nem pensar em algo tão terrível assim.

Logo pela manhã, Rikki-tikki chegou para o café na varanda montado no ombro de Teddy. Deram-lhe banana e ovo cozido. Incansável, sentou-se no colo de cada um deles. O sonho de todo mangusto crescido é ser um animal doméstico para ter vários cômodos por onde possa ficar correndo. A mãe de Rikki-tikki (que costumava morar na casa de um general, em Sugauli) explicou para ele exatamente o que fazer caso algum dia encontrasse os homens brancos.

Rikki-tikki saiu para o jardim para ver o que havia por ali. Era um grande jardim, cultivado só pela metade, com arbustos de rosas Marechal Niel grandes como casas de veraneiro, limoeiros, pés de laranja, touceiras de bambus e chouças de capim alto. Rikki-tikki lambeu os lábios:

— Mas que esplêndida área de caça — disse e seu rabo ficou como a escova de mamadeiras.

Patrulhou cada canto do jardim, cheirando aqui e ali até que ouviu vozes muito angustiadas em uma moita de espinheiro. Era o pássaro

Darzee, da espécie alfaiate (*Orthotomus sutorius*), e sua esposa. Eles haviam feito um lindo ninho, com duas grandes folhas juntas e costurado as bordas com fibras. Encheram a cavidade delas de algodão e fiapos fofinhos. O berço balançava de um lado para o outro, com ambos pousados na beira, chorando.

— Qual é o problema? — perguntou Rikki-tikki.

— Estamos arrasados — disse Darzee. — Um de nossos bebês caiu do ninho ontem e Nag o comeu.

— Hum! — disse Rikki-tikki. — Que coisa triste… mas sou novo por aqui. Quem é Nag?

Darzee e sua esposa se encolheram ainda mais no ninho, sem responder, depois que da grama espessa na base do arbusto veio um som frio e horrendo. Rikki-tikki saltou dois passos para trás. Então, centímetro a centímetro, uma cabeça foi aparecendo, se levantando e revelando Nag, uma grande naja negra de mais de um metro e meio. Quando levantou um terço de seu corpo acima do chão, equilibrou-se como um tufo de dente-de-leão balançando ao vento. Direcionou para Rikki-tikki seus malvados olhos de serpente que nunca mudam de expressão.

— Quem é Nag? — disse ele. — *Eu* sou Nag. O grande deus Brahma pôs esta marca no meu povo quando a primeira naja abriu seu capuz para fazer sombra enquanto ele dormia. Olhe e trema!

Nag abriu seu capuz mais do que nunca e Rikki-tikki viu a marca em forma de óculos em suas costas, muito parecida com uma tranca de ferrolho. Por um momento, ele ficou com medo, mas é impossível um mangusto ficar com medo por muito tempo. Embora nunca tivesse encontrado uma naja, sua mãe já havia trazido algumas dessas, mortas, para ele comer. Sempre lhe pareceu claro que a profissão dos mangustos adultos era caçar e comer serpentes. Nag também sabia disso e, no fundo de seu coração gelado, também estava com medo.

— Bem — disse Rikki-tikki com sua cauda começando a se eriçar de novo —, com ou sem marcas, você acha certo comer um filhote de passarinho que caiu do ninho?

Nag estava atento, observando cada movimento na grama atrás de Rikki-tikki. Ele sabia que mangustos no jardim significavam, cedo ou tarde, sua morte e a de sua família; por isso, queria pegar Rikki-tikki desprevenido. Então, baixou um pouco a cabeça e a pendeu para o lado.

— Vamos conversar — disse. — Se você come ovos, por que eu não posso comer pássaros?

— Atrás de você! Olhe para trás — cantou Darzee.

Rikki-tikki sabia que era perda de tempo ficar encarando e saltou no ar o mais alto que pôde. Abaixo dele, a cabeça de Nagaina, a maldosa esposa de Nag passou como um raio. Ela havia rastejado pela retaguarda enquanto Nag e Rikki-tikki conversavam. Sua intenção era dar um fim no mangusto. Ao errar o bote, ela deu um sibilo irritado. Rikki-tikki aterrissou quase no meio das costas dela e, se fosse um mangusto experiente, teria quebrado sua espinha com uma só mordida. Porém, temeu que ela desferisse outro bote. Na verdade, ele mordeu, mas não forte o bastante. Em seguida, saltou para longe do rabo que chicoteava, deixando Nagaina ferida e furiosa.

— Darzee, seu maldito! — disse Nag saltando o mais alto que conseguia para alcançar o ninho entre os galhos do espinheiro. No entanto, a ave estava fora do alcance das serpentes e o ninho só balançou um pouco.

Rikki-tikki sentiu seus olhos ficarem vermelhos e quentes (quando os olhos de um mangusto ficam vermelhos é porque está bravo). Sentou-se sobre sua cauda e as patas traseiras, como se fosse um canguru, olhou em volta, batendo os dentes de raiva. Nag e Nagaina já tinham desaparecido no meio do mato. Quando uma

cobra erra o bote, ela não dá pistas do que pretende fazer em seguida. Rikki-tikki nem pensou em segui-los. Não tinha certeza se conseguiria enfrentar duas cobras ao mesmo tempo. Assim, foi na direção do caminho de cascalho perto da casa e sentou-se para refletir. Aquilo era assunto sério para ele.

Se você for ler os velhos livros de história natural, descobrirá que eles dizem que quando o mangusto enfrenta uma cobra e acaba picado, ele sai correndo e come algumas ervas medicinais. Isso não é verdade. A vitória é só uma questão de rapidez no olhar e rapidez nas patas — é o bote da cobra contra o salto do mangusto. Como nenhum olhar consegue acompanhar o movimento da cabeça de uma cobra quando ela ataca, isso torna as vitórias dos mangustos mais maravilhosas do que qualquer erva mágica. Rikki-tikki sabia que ele era um jovem mangusto. Isso o deixava orgulhoso, pois tinha acabado de escapar de um bote traiçoeiro. Muito confiante, estava pronto para ganhar seu carinho quando Teddy veio correndo pela calçada.

No momento em que Teddy estava se curvando, algo se contorceu um pouquinho na areia. Uma vozinha disse:

— Cuidado. Sou a morte!

Era Karait, um filhote de serpente marrom que gosta de ficar à espreita na terra poeirenta, cuja picada é tão venenosa quanto a de uma naja. Mas ele era tão pequeno que ninguém ligava muito. Por isso, acabava causando ainda mais estrago.

Os olhos de Rikki-tikki ficaram vermelhos novamente. Ele se colocou em pé, dançando para Karait com o remelexo balançante herdado de sua família. A princípio, aquilo parecia engraçado, mas era um jeito de andar tão bem equilibrado que permitia ao jovem mangusto escapar por qualquer ângulo necessário. Quando se trata de serpentes, isso é uma baita vantagem. Rikki-tikki nem desconfiou, mas estava fazendo uma coisa muito mais perigosa do que lutar com

Nag. Karait, por ser pequeno, pode virar-se com tal rapidez que, a menos que Rikki o mordesse bem perto da nuca, ele daria outro bote em seu olho ou na boca. Rikki não sabia disso. Seus olhos estavam vermelhos e ele se balançava para a frente e para trás, procurando uma brecha para atacar. Karait atacou. Rikki saltou para o lado e tentou uma investida direta, mas a malvada cabecinha marrom chicoteou perto de seu ombro e ele saltou por cima dela, que passou raspando por seus calcanhares.

Teddy gritou na direção da casa:

— Ei, venham ver! Nosso mangusto está matando uma cobra.

Rikki-tikki ouviu um grito da mãe de Teddy. Seu pai correu para fora com uma vara, mas, até chegar, Karait já tinha sido dominada, pois Rikki-tikki havia saltado, montado em suas costas, colocado sua cabeça entre as duas patas dianteiras, mordido o mais próximo da nuca e rolado para o lado. A mordida paralisou Karait, e Rikki-tikki já ia comê-la, começando pelo rabo, como é o costume nas refeições da família, quando lembrou-se de que um prato cheio faz com que um mangusto fique lento. Se ele quisesse continuar forte e rápido, precisava se manter magro.

Saiu para tomar um banho de areia debaixo dos arbustos de mamona enquanto o pai de Teddy acabava de matar Karait.

— Pra que isso? — pensou Rikki-tikki. — Eu já tinha resolvido o problema.

A mãe de Teddy o pegou no colo com um abraço. Segundo ela, o mangusto salvou a vida do menino. Já seu pai falou que aquilo foi um milagre. Os olhos de Teddy estavam arregalados de susto. Rikki-tikki ficou surpreso com toda aquela comoção, que, é claro, não fazia sentido nenhum para ele. Para Rikki, a mãe do menino podia bem deixá-lo brincar na areia, que estava muito divertida.

Naquela noite, durante o jantar, andando para lá e para cá entre as

garrafas de vinho na mesa, Rikki poderia ter se empanturrado com as guloseimas. Lembrou-se, no entanto, de Nag e Nagaina e achou que era melhor ser afagado e mimado pela mãe de Teddy. Depois, sentou-se no ombro do menino. Seus olhos ficavam vermelhos de vez em quando e ele soltava seu longo grito de guerra:

— Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!

Teddy o levou dali para a cama e insistiu que Rikki-tikki dormisse abraçado com ele. O mangusto era muito educado e não mordia nem arranhava, mas logo que Teddy caiu no sono, ele decidiu dar sua caminhada noturna pela casa. No escuro, trombou com Chuchundra, o rato-almiscarado, rastejando, encostado à parede. Chuchundra é um pequenino bicho tristonho. Choraminga e pia a noite toda, juntando coragem para correr até o meio da sala. Nunca consegue.

— Não me mate — disse Chuchundra quase chorando. — Não me mate, Rikki-tikki!

— Você acha que um matador de serpentes feito eu mata ratos-almiscarados? — disse Rikki-tikki com desdém.

— Quem mata serpentes acaba morto por serpentes — disse Chuchundra mais angustiado que nunca. — E quem me garante que Nag não vai me confundir com você numa noite escura?

— Não existe a mínima possibilidade — disse Rikki-tikki. — Nag fica no jardim e eu sei que você não vai lá.

— Meu primo Chua, o rato, me contou que… — começou Chuchundra e parou.

— Contou o quê?

— Shh! Nag está em todo lugar, Rikki-tikki! Você devia ter conversado com Chua, no jardim.

— Mas não conversei… Diga logo, Chuchundra, senão te mordo!

Chuchundra sentou-se e chorou até as lágrimas rolarem por seus bigodes:

— Sou um miserável — soluçou. — Nunca tive coragem suficiente para correr até o meio da sala. Shh! Não posso te contar nada. Não está ouvindo, Rikki-tikki?

Ele ouviu. A casa estava quieta como uma pedra, mas o mangusto desconfiou de um farfalhar extremamente discreto, um som tão fraco quanto uma vespa andando no vidro da janela. Era o arranhar seco das escamas de uma serpente sobre o chão de tijolos.

— É Nag ou Nagaina — disse para si mesmo — rastejando para dentro da calha do banheiro. Você está certo, Chuchundra, eu devia ter falado com Chua.

Saiu à toda para o banheiro de Teddy, mas como não havia nada lá, seguiu para o banheiro da mãe. Na base da parede havia um tijolo empurrado para fora, por onde escoava a água do banho. Rikki-tikki passou pela beirada da alvenaria e ouviu o casal de najas cochichando lá fora, sob o luar:

— Quando as pessoas saírem da casa — disse Nagaina ao marido —, ele também terá de sair. Assim, o jardim será nosso outra vez. Entre em silêncio e lembre-se de que o homem grande que matou Karait é o primeiro a ser picado. Depois, saia e me diga para caçarmos Rikki-tikki juntos.

— Você tem certeza de que matar essas pessoas é uma boa ideia? — disse Nag.

— É ótima. Quando o bangalô estava vazio, por acaso havia algum mangusto no jardim? Sem ninguém lá, voltaremos a ser os reis do lugar. E lembre-se: assim que nossos filhotes nascerem dos ovos escondidos nas ramas de melão, talvez já amanhã, eles precisarão de espaço e tranquilidade.

— Não tinha pensado nisso — disse Nag. — Estou indo, mas não precisaremos caçá-lo depois. Mato o homem grande, sua esposa, a criança e saio silenciosamente. Daí, com o bangalô vazio, o mangusto irá embora.

Rikki-tikki sentiu um formigamento de raiva e ódio ao ouvir aquilo. Imediatamente, a cabeça de Nag entrou pela calha seguida por seu corpo frio de um metro e meio. Mesmo bravo como estava, ele ficou com medo diante do tamanho da grande naja. Nag se enrolou, elevou sua cabeça e olhou para dentro do banheiro escuro. O mangusto pôde ver seus olhos brilhando.

— Se eu o matar aqui, Nagaina saberá. Terei menos chances de vencer se lutar aqui no chão. O que devo fazer? — pensou Rikki-tikki-tavi.

Nag foi rastejando adiante. O mangusto o ouviu bebendo água na jarra maior, usada para encher a banheira.

— Que delícia! — disse a serpente. — Quando Karait foi morto, o homem grande tinha uma vara. Ele ainda deve ter essa vara, mas certamente não virá tomar banho com ela amanhã cedo. Portanto, vou esperar aqui até ele entrar. Nagaina, está me ouvindo? Vou esperar aqui no chão fresco até o amanhecer.

Não houve resposta de fora e, por isso, ele sabia que Nagaina havia ido embora. Nag se enrolou todo, como uma mola, em volta do bojo na base da jarra. Rikki-tikki manteve-se parado como morto. Depois de uma hora, começou a se mover, músculo por músculo, na direção da jarra. Nag estava dormindo. O mangusto observou suas costas enormes, perguntando-se qual seria o melhor lugar para o ataque.

— Se não quebrar a espinha no primeiro salto — disse Rikki —, ele ainda poderá lutar. E, se puder, será um problema!

Observou a grossura do pescoço abaixo do capuz, era grande

demais para ele. Uma mordida perto do rabo só deixaria Nag enlouquecido.

— Tem de ser na cabeça — disse, finalmente —, pouca coisa acima do capuz. E, quando eu morder, não poderei mais soltar.

Saltou. A serpente repousava um pouco distante da jarra, sob uma reentrância. Quando as presas do mangusto se fecharam abocanhando a cobra, Rikki apoiou suas costas contra o bojo de barro vermelho para evitar que Nag levantasse a cabeça. Essa vantagem de um segundo precisava ser aproveitada ao máximo. Depois, foi chacoalhado para todos os lados como se fosse um rato grudado em um cachorro — para cima e para baixo, em grandes círculos. Seus olhos estavam vermelhos e ele segurou firme enquanto o corpo achatado da cobra se contorcia no chão, balançando a concha de latão, o pires do sabonete e a escova para as costas. Foram várias pancadas na lateral da banheira de latão. Enquanto segurava, apertava suas mandíbulas o máximo que podia. Estava certo de que seria espancado até a morte, porém, pela honra de sua família, preferia ser encontrado com os dentes travados. Já estava zonzo, dolorido e sentindo-se em pedaços após tamanha luta quando algo explodiu como um trovão atrás dele. Um vento quente apagou seus sentidos e uma faísca vermelha chamuscou seu pelo. O homem grande tinha sido acordado pelo barulho. Veio até o banheiro e disparou dois tiros de espingarda em Nag, bem no capuz.

Rikki-tikki continuou mordendo com os olhos fechados. Agora, estava certo de que a cobra estava morta. O homem grande o segurou:

— É o mangusto novamente, Alice. Nosso amiguinho nos salvou mais uma vez.

Então a mãe de Teddy entrou, muito pálida, vendo o que havia sobrado de Nag, enquanto Rikki-tikki se arrastava para o quarto.

Ficou por lá o resto da noite, sacudindo-se com cuidado para ver se não tinha se despedaçado em quarenta partes.

Quando a manhã chegou, o mangusto estava todo dolorido, mas muito satisfeito com suas façanhas.

— Agora preciso acertar as contas com Nagaina. Acho que será pelo menos cinco vezes pior do que foi enfrentar Nag. Também não tenho como saber quando os filhotes dela vão sair dos ovos. Pelos deuses! Preciso ver Darzee — disse.

Sem nem esperar pelo café da manhã, Rikki-tikki correu para o espinheiro onde Darzee estava cantando uma canção de vitória o mais alto que podia. A notícia sobre a morte de Nag se espalhou pelo jardim depois que o faxineiro jogou o corpo da cobra na lixeira.

— Seu tufo de penas idiota! — disse Rikki-tikki furioso. — Acha que é hora de cantarolar?

— Nag morreu… morreu… morreu! — cantou Darzee. — O valente Rikki-tikki pegou sua cabeça e mordeu pra valer. O homem grande trouxe a vara de trovão e Nag ficou em pedaços! Nunca mais vai comer meus filhotes.

— Tudo isso é bem verdade, mas onde está Nagaina? — disse Rikki-tikki, olhando cuidadosamente em volta.

— Nagaina foi até a calha do banheiro e chamou por Nag — continuou Darzee —, porém, o que ela viu foi Nag saindo de lá pendurado numa vara… o faxineiro o pegou com a ponta da vara e o jogou no monte de lixo. Por isso, grande Rikki-tikki dos olhos vermelhos, deixe a gente cantar! — E Darzee encheu o peito e cantou.

— Se eu alcançasse o seu ninho, jogaria seus bebês para baixo! — disse Rikki-tikki. — Existe a hora certa para cada coisa. Você está bem seguro aí no seu ninho, mas aqui embaixo estamos em guerra. Pare de cantar um pouco, Darzee.

— Se esta é a vontade do grande e belo Rikki-tikki, eu paro — disse Darzee. — O que deseja, senhor matador do terrível Nag?

— Pela terceira vez: onde está Nagaina?

— Na pilha de lixo, perto dos estábulos, velando Nag. Rikki-tikki é um gigante e seus dentes são brilhantes.

— Que dentes brilhantes, o quê! Você sabe onde ela botou seus ovos?

— Nas ramas de melão, lá no fundo, perto do muro, onde bate sol quase o dia todo. Ela os escondeu lá semanas atrás.

— E nunca passou pela sua cabeça me contar isso? No fundo, pertinho do muro, certo?

— Rikki-tikki, você vai comer os ovos dela?

— Comer, não, exatamente. Darzee, se você tem um pingo de juízo, voe até o estábulo, finja que está com a asa quebrada e deixe Nagaina te perseguir até este arbusto. Preciso ir até os melões, mas, se eu for agora, ela vai me ver.

Darzee era um passarinho com cérebro de minhoca que não conseguia pensar em duas coisas ao mesmo tempo. Exatamente pelo fato de os filhos de Nagaina nascerem de ovos como os seus, ele não achava justo matá-los. Sua esposa, todavia, era uma ave sensível e sabia que ovos de naja logo significariam mais najas. Então ela voou do ninho e deixou Darzee tomando conta dos bebês, cantando sua canção sobre a morte de Nag. Darzee se parecia muito com um homem em certos aspectos.

Ela bateu as asas na frente de Nagaina, perto do monte de lixo, e gritou:

— Ai, minha asa está quebrada! O menino da casa jogou uma pedra e quebrou… — disse, batendo as asas mais desesperadamente do que nunca.

Nagaina levantou a cabeça e sibilou:

— Você avisou Rikki-tikki quando tentei matá-lo. Agora, o que posso dizer é que você escolheu um péssimo lugar para capengar.

E foi deslizando sobre a areia na direção da esposa de Darzee.

— O menino quebrou minha asa com uma pedra! — piou a esposa de Darzee.

— Que bom! Para seu consolo, quando estiver morta, saiba que ainda vou acertar as contas com o menino. Meu marido jaz sobre o monte de lixo agora, mas, antes do anoitecer, o menino da casa também estará deitado e bem quietinho. Para que tentar fugir? Não pode escapar. Tolinha, olhe para mim!

A esposa de Darzee sabia que não era uma boa ideia para um pássaro olhar nos olhos de uma serpente, pois o medo poderia congelá-la. Continuou batendo as asas, piando com tristeza e se mantendo no chão. Nagaina se apressou.

Rikki-tikki a ouviu vindo pela calçada dos estábulos. Correu para o fundo, no canteiro dos melões, perto do muro. Ali, quentinhos sobre a folhagem e bem escondidos repousavam vinte e cinco ovos, parecidos com os de codorna. Todos envoltos por uma membrana ao invés de casca.

— Cheguei bem a tempo — disse ele, porque dava para ver os bebês naja enrolados dentro da membrana. Ele sabia que, no minuto em que nascessem, cada uma delas seria capaz de matar um homem ou um mangusto.

Ele arrancou o topo dos ovos com os dentes, o mais rápido que podia, cuidando para esmagar as jovens najas, virando a folhagem de vez em quando para ver se tinha deixado alguma escapar. Ao final, só faltavam três ovos. O mangusto começou a rir sozinho quando ouviu a esposa de Darzee gritando:

— Rikki-tikki, eu atraí Nagaina para perto da casa e ela foi para a varanda. A intenção dela é matar!

Ele quebrou mais dois ovos e deu uma cambalhota para trás, descendo do canteiro dos melões com o terceiro ovo na boca. Correu para a varanda assim que colocou seus pés no chão. Teddy, sua mãe e seu pai estavam ali para o café da manhã, mas Rikki-tikki viu que não estavam comendo nada. Estavam imóveis e pálidos. Nagaina estava enrolada sobre o tapete perto da cadeira de Teddy, a uma distância tal que seu bote alcançaria facilmente a perna do menino. Ela se balançava para a frente e para trás, cantando sua canção de vitória.

— Filho do homem grande que matou Nag — ela sibilou —, fique parado. Ainda não estou pronta. Espere um pouquinho. Quero toda a família bem quietinha! Se você se mexerem, darei meu bote; se não se mexerem, também. Gente tola que matou meu Nag!

Os olhos de Teddy fitavam seu pai, que só era capaz de sussurrar:

— Fique parado, Teddy. Não se mexa. Fique quieto.

Então Rikki-tikki apareceu e gritou:

— Olhe para cá, Nagaina. Vire e lute!

— Tudo a seu tempo — disse ela sem mover os olhos. — Ainda chegará a hora de acertar as contas com você. Veja só seus amigos, Rikki-tikki. Estão parados e pálidos. Estão com medo. Não ousam se mexer. Se você der mais um passo, dou o bote.

— Vá ver seus ovos no canteiro de melões, perto do muro— disse Rikki-tikki. — Vá lá olhar, Nagaina!

A grande serpente virou-se para trás e viu o ovo na varanda:

— Me dê isso — ela disse.

Rikki-tikki colocou cada uma de suas patas ao lado do ovo. Seus olhos estavam vermelho-sangue.

— Quanto vale um ovo de cobra? De uma jovem naja? De uma jovem naja real? Quanto vale a última pequenina da ninhada? As formigas já estão comendo as outras lá no canteiro de melões.

Nagaina deu um giro completo, esquencendo-se de tudo. Toda sua atenção agora voltava-se para aquele único ovo. Rikki-tikki viu o pai de Teddy esticar sua grande mão, agarrar Teddy pelos ombros e o puxar por cima da mesa com as xícaras de chá, colocando-o fora do alcance de Nagaina.

— Te enganei! Te enganei! Enganei! *Rikk-tck-tck!* — repicou Rikki-tikki. — O menino está a salvo e fui eu, eu, eu quem pegou Nag pelo capuz ontem à noite no banheiro.

Então ele começou a pular para cima e para baixo, com as quatro patas e a cabeça próxima ao chão.

— Ele me jogou para todo lado, mas não conseguiu se livrar de mim. Ele já estava morto quando o homem grande o estraçalhou em dois. Mas fui eu! *Rikki-tikki-tck-tck!* Venha, Nagaina. Venha brigar comigo. Você não será viúva por muito tempo.

Nagaina percebeu que tinha perdido a chance de matar Teddy, e o ovo continuava entre as patas de Rikki-tikki.

— Me dê esse ovo, Rikki-tikki. Me dê o último dos meus ovos e irei embora para nunca mais voltar — disse ela baixando o capuz.

— Sim, você vai mesmo embora para nunca mais voltar, pois vai para o monte de lixo junto com Nag. Lute, viúva! O homem grande foi pegar a arma! Lute!

Rikki-tikki ficou circundando Nagaina, mantendo-se fora do alcance do bote. Seus olhos eram dois carvões em brasa. Nagaina aprumou-se e disparou contra ele, que saltou para cima e para trás. A cobra atacou inúmeras vezes. Em cada ataque sua cabeça batia contra o tapete da varanda. Imediatamente, ela se enrolava de novo, como

uma mola de relógio. Então o mangusto dançou em círculos para ficar atrás dela enquanto Nagaina girava para ficar frente a frente. O rastejar de sua cauda sobre o tapete soava como folhas secas sopradas ao vento.

Ele tinha se esquecido do ovo, que ainda estava na varanda. Nagaina chegou cada vez mais perto dele até que, finalmente, enquanto Rikki-tikki recuperava o fôlego, ela pegou o ovo com a boca, virou-se para os degraus e voou como uma flecha para a calçada. Ele disparou atrás dela. Quando uma naja corre para salvar sua vida, parece um chicote estalando nas costas de um cavalo.

Rikki-tikki sabia que precisava alcançá-la ou o problema não estaria resolvido. A serpente avançava em direção ao capim alto perto do espinheiro. Enquanto ela fugia, o mangusto ouvia Darzee cantar sua tola musiquinha da vitória. A esposa do pássaro, por sua vez, era bem mais esperta. Ao ver a cena, voou de seu ninho enquanto Nagaina se aproximava e bateu as asas sobre a cabeça da naja. Se Darzee a tivesse ajudado, teriam conseguido desviá-la, mas Nagaina só baixou o capuz e continuou. Mesmo assim, esse momento de distração fez com que Rikki-tikki a alcançasse e, quando ela mergulhou na toca de rato onde morava com Nag, os pequenos dentes brancos do mangusto morderam sua cauda. Ela o arrastou para dentro — pouquíssimos membros dessa espécie, por mais espertos e experientes que sejam, se arriscam a seguir uma naja em sua toca. Estava escuro lá dentro. Rikki-tikki não tinha como saber quando a toca se alargaria, dando espaço para o contra-ataque de Nagaina. Ele a segurou bravamente e usou os pés como freios nas paredes de terra quente e úmida.

Logo a grama na boca da toca parou de mexer e Darzee disse:

— É o fim de Rikki-tikki! Devemos cantar em seu lamento. O valente Rikki-tikki morreu! Porque Nagaina certamente o matará debaixo da terra.

Então entoou uma canção muito triste, inventada no calor daquele momento. Na parte mais emocionante da melodia, a grama agitou-se novamente e Rikki-tikki, todo sujo de terra, se arrastou para fora da toca, uma perna de cada vez, lambendo os bigodes. Darzee parou com um gritinho. O mangusto sacudiu um pouco da terra dos pelos e espirrou.

— Acabou — disse ele. — A viúva nunca mais sairá daí.

As formigas vermelhas que vivem por entre os caules das gramas o ouviram e começaram a marchar em fila para ver se ele falava mesmo a verdade.

Rikki-tikki se enrolou todo e dormiu ali mesmo, na grama. Dormiu até o final da tarde. Seu dia tinha sido muito cansativo.

— Agora — disse ao acordar —, vou voltar para casa. Conte ao caldeireiro, Darzee, e ele vai espalhar pelo jardim que Nagaina está morta.

O caldeireiro é um pássaro que faz exatamente o mesmo barulho de um martelo batendo num pote de cobre. A razão pela qual ele faz isso é por ser o jornalista dos jardins da Índia. Ele conta as notícias para quem quiser ouvir. Enquanto Rikki-tikki seguia pela calçada, ouviu um aviso de "atenção" parecido com um pequeno gongo de cozinha e depois um rápido " *Dim-dom-toc!* Nag está morto. *Dom!* Nagaina está morta! *Dim-dim-toc!* ". Aquilo fez com que todos os pássaros do jardim cantassem e os sapos coaxassem, pois Nag e Nagaina costumavam comer sapos e pássaros.

Quando Rikki chegou à casa, Teddy, sua mãe, que ainda estava pálida por ter desmaiado), e seu pai saíram e quase choraram ao vê-lo. Naquela noite, ele comeu tudo o que lhe deram até não poder mais e foi para a cama no ombro de Teddy. A mãe do menino viu os dois dormindo juntos quando foi dar uma olhada no meio da noite.

— Ele salvou nossa vida e a de Teddy — disse ela ao marido. —

Pense nisso, ele salvou a todos.

Rikki-tikki acordou de um salto, porque mangustos têm o sono leve.

— Ah, é você — disse. — Por que está preocupado? Todas as najas estão mortas. E, se escapou alguma, aqui estou eu.

Rikki-tikki fazia muito bem em se orgulhar, mas nunca em demasia. Sabia das suas obrigações e cuidou daquele jardim como um mangusto deve cuidar, com dentes e saltos, pulos e mordidas. Nenhuma outra naja se atreveu a dar as caras naquele quintal.

O CANTO DE DARZEE

(Em homenagem a Rikki-tikki-tavi)

Cantor e alfaiate eu sou.

Multiplico as alegrias que vivi.

Tenho orgulho do cantor que sou.

E orgulho da trama do ninho que construí.

De cima abaixo teço minha música como costuro meu ninho.

Canto para meus filhotes de novo,

Mamãe, levante a cabeça!

O malvado que comeu nossos ovos,

Jaz morto no jardim, não se compadeça!

O terror que vivia entre as rosas, agora vive no lixo, foi-se depressa.

Quem foi nosso libertador?

Digam seu nome e sobrenome.

Rikki, o valente lutador,

Tikki, cujo fogo seus olhos consome,

Rikki-tikki-tavi, presas de marfim, caçador com olhos de fogo.

Este é o seu nome.

Agradeçam a ele, pássaros,

Reverenciem-no com as penas da cauda!

Ele merece canções e lábaros,

Pois salvou nossa alma.

Ouçam meu canto em sua homenagem. Rikki, olhos vermelhos que a todos acalma!

(Nesse ponto, Rikki-tikki interrompeu Darzee, e o resto da canção se perdeu.)

TOOMAI DOS ELEFANTES

Vou recordar quem eu era, chega de cordas e correntes.
Vou recordar minha velha força e as coisas da selva de novo.
Vou parar de alugar minhas costas aos homens por um feixe
de cana somente.
Vou para junto dos meus, para onde vive meu povo.
Vou embora para sempre, em direção à luz da alvorada.
Deixar o vento me beijar, sentir a carícia das águas límpidas.
Vou me esquecer da argola, desvencilhar-me da estaca desgraçada.
Vou reencontrar amores perdidos e amizades queridas!

Kala Nag, nome que significa Serpente Negra, serviu durante 47 anos ao governo da Índia de todas as maneiras possíveis que um elefante poderia fazê-lo. Capturado aos vinte anos, já contava, portanto, quase sete décadas ao todo — idade bastante avançada para um elefante. Em suas memórias estava a lembrança de ter puxado um canhão atolado na lama profunda usando uma grande almofada de couro na testa. Coisa de antes da Guerra do Afeganistão de 1842, [19] quando ainda nem tinha atingido sua força total.

Sua mãe, Radha Pyari [Radha, a querida], capturada na mesma missão que Kala Nag, dizia desde antes de as pequenas presas de leite de seu filhote caírem que elefantes medrosos sempre acabavam feridos. Kala Nag soube que aquele era um bom conselho na primeira vez em que viu uma bomba explodir. Ao recuar amedrontado e chorando, caiu sobre uma pilha de rifles e baionetas que o espetaram nos lugares mais sensíveis. Por isso, antes dos vinte e cinco anos, ele desistiu de ter medo. Tornou-se então o mais amado e procurado elefante a serviço do governo da Índia. Assim, depois de já ter carregado mais de quinhentos quilos de tendas em uma marcha para a Índia Superior, foi içado para dentro de um navio a vapor por uma grua. Viajou dias pelo rio. Chegando ao seu destino, o fizeram levar um morteiro nas costas em um território estranho e montanhoso muito longe da Índia. Viu o imperador Teodoro II morto em Magdala. Em seguida, retornou ao vapor como candidato — assim diziam os soldados — à medalha da Guerra da Abissínia. [20] Dez anos mais tarde, presenciou seus amigos elefantes morrendo de frio, epilepsia, fome e insolação em um lugar chamado Ali Masjid. [21] Também foi mandado milhares de quilômetros para o sul para carregar e empilhar grandes vigas de madeira de lei nos campos de extração de Moulmein. [22] Ali, quase foi morto por um jovem elefante rebelde que tentava escapar para não trabalhar.

Por fim, foi retirado do trabalho de carregador de lenha e

colocado para atuar com outro grupo, já treinado, na captura elefantes selvagens nas colinas de Garo, na Índia. Os elefantes são motivo de bastante preocupação para o governo indiano. Há um departamento inteiro que nada mais faz além de caçá-los, capturá-los, prendê-los e mandá-los para todos os lugares do país onde sua força seja necessária.

Kala Nag media cerca de três metros e meio de altura até os ombros. Suas presas foram serradas quando tinha metade desse tamanho, depois lixadas e protegidas com tiras de cobre nas pontas para que não rachassem. Mesmo assim, ele conseguia fazer muito mais coisas com seus tocos do que qualquer outro elefante sem treino faria com presas afiadas de verdade. Após várias semanas de cuidadoso trabalho arrebanhando elefantes dispersos pelas colinas, os quarenta ou cinquenta monstros selvagens eram levados para um último depósito com um grande portão levadiço feito de toras de madeira amarradas, que rangia quando se fechava atrás deles. Kala Nag, ao ouvir a palavra de comando, entrava naquele pandemônio intenso e ensurdecedor (geralmente à noite, quando as tochas tremulantes atrapalhavam a noção de distância), escolhia o maior e mais violento macho da manada, batia e o empurrava até que ficasse manso para que homens montados em outros elefantes pudessem laçar e amarrar os menores.

Quando o assunto era luta, não havia nada que Kala Nag, o velho e sábio Serpente Negra, não soubesse. Enfrentou diversos ataques de tigres. Costumava enrolar sua tromba para protegê-la e então golpeava a fera voadora no flanco, em pleno ar, derrubando-a com um rápido golpe de foice com a cabeça, que ele mesmo inventou. Na sequência, dobrava seus joelhos enormes sobre o tigre até que a vida o abandonasse com um grunhido e um suspiro. O resultado era uma coisa peluda largada no chão, que podia ser arrastada pela cauda.

— Sim — disse Grande Toomai, seu guia, filho de Negro Toomai,

que o havia acompanhado à Abissínia, e neto de Toomai dos Elefantes, que estava presente quando o capturaram —, não há nada que Serpente Negra tema além de mim. Lá se vão três de nossas gerações, alimentando e cuidando dele. Tenho certeza de que ele viverá para ver a quarta.

— Também tem medo de mim — disse Pequeno Toomai do alto de seu metro e vinte de altura, coberto apenas por um trapo.

Ele tinha dez anos e era o filho mais velho de Grande Toomai. Isso, conforme o costume, o faria tomar o lugar de seu pai sobre as costas de Kala Nag quando crescesse. Seria ele quem, no futuro, manusearia o pesado *ankus* de ferro, o atiçador de elefantes, que já estava gasto pelo uso de seu pai, seu avô e seu bisavô.

O menino sabia do que estava falando, pois havia nascido sob a sombra de Kala Nag e brincado com a ponta de sua tromba antes mesmo de aprender a andar. Assim que deu os primeiros passos, aprendeu também a guiá-lo para o rio. O elefante nunca sequer pensou em desobedecer a seus comandos esganiçados ou sonhou matá-lo no dia em que Grande Toomai levantou o pequeno bebê marrom até suas presas e o ordenou que saudasse seu futuro mestre.

— Sim — disse Pequeno Toomai —, ele tem medo de mim. — Deu passos largos na direção de Kala Nag, chamando-o de velho porco gordo, fazendo-o levantar as patas, uma de cada vez. — *Uá!* Você é mesmo um grande elefante! — E sacudiu sua cabeleira, imitando o pai. — O governo pode pagar pelos elefantes, mas eles pertencem a nós, os *mahouts* . [23] Quando você ficar velho, Kala Nag, virá um rajá rico e o comprará do governo em razão do seu tamanho e da sua educação. Você não terá que carregar mais nada além de argolas de ouro nas orelhas, um *howdah* [24] dourado nas costas e uma manta vermelha com fios de ouro nos flancos para abrir os desfiles do rei. Estarei montado em você, grande Kala Nag, com um *ankus* [25] de

prata. Homens correrão à nossa frente com cajados dourados gritando: "Abram alas para o elefante do rei!". Será muito bom, Kala Nag, mas não tanto quanto esta caçada na selva.

— Hunf! — disse Grande Toomai. — Você é um menino tão selvagem quanto um bezerro de búfalo. Ficar subindo e descendo por essas colinas não é o melhor serviço que o governo oferece. Estou ficando velho e não gosto de elefantes selvagens. Gosto de fileiras rígidas de elefantes, uma baia para cada um, grandes cepos para amarrá-los em segurança, estradas planas e largas para se exercitarem, em vez desse vai e vem dos acampamentos. Os alojamentos de Cawnpore é que eram bons. Tinha mercado perto e a gente só trabalhava três horas por dia.

Pequeno Toomai lembrou-se das baias de elefantes de Cawnpore, mas não disse nada. Ele preferia muito mais a vida nas barracas e odiava aquelas estradas planas e largas; também detestava colher grama para servir de reserva de forração e passar longas horas sem ter nada o que fazer além de observar Kala Nag, impaciente, amarrado aos mourões.

O que Pequeno Toomai mais gostava era de passear por picadas no mato onde somente um elefante era capaz de trilhar; enxergar elefantes selvagens caminhando a quilômetros de distância; reparar o medo apressado do porco selvagem e do pavão sob as patas de Kala Nag; ficar sob as chuvas mornas que ofuscam a visão, quando todas as colinas e vales estão esfumaçados; experimentar a bela névoa da manhã e se surpreender com o local onde o acampamento foi montado na noite anterior; sentir o passo firme e cuidadoso dos elefantes selvagens; ouvir a tremenda disparada, estampidos e banzé durante a noite, quando os elefantes se amontoam contra a paliçada como um deslizamento de pedregulhos porque acharam que seriam capazes de escapar, empurrando e forçando os pesados postes para

depois acabarem controlados por gritos, tochas e saraivadas de tiros de festim.

Até mesmo um menino pequeno podia ser útil nesse trabalho e Toomai valia por, pelo menos, três meninos. Ele agitava sua tocha e gritava a plenos pulmões. Mas a melhor hora era mesmo quando a caminhada começava e a *keddah* [26] parecia o retrato do fim do mundo. Os homens usavam sinais entre si, pois não era possível ouvir uns aos outros. Pequeno Toomai escalava até o topo de uma das guaritas da paliçada trêmula. Com seus cabelos castanhos desbotados pelo sol, soltos, voando sobre seus ombros, parecia um gárgula à luz das tochas. Assim que havia uma calmaria, era possível ouvir seus gritos agudos de comando a Kala Nag, acima dos berros e grunhidos dos elefantes amarrados, dos estalos e das cordas se rompendo.

— *Mael, mael,* Kala Nag! [Vamos, vamos, Serpente Negra!] *Dant do!* [Mostre a eles a sua presa!] *Somalo! Somalo!* [Devagar, devagar!] *Maro! Mar!* [Bata, bata nele!] *Arre! Arre! Hai! Yai! Kya-a-ah!* [Cuidado com o poste!] — gritava e a grande luta entre Kala Nag e o elefante selvagem oscilava para a frente e para trás dentro da *keddah* . Osvelhos caçadores de elefante limpavam o suor dos olhos e ainda conseguiam acenar para o Pequeno Toomai, que se equilibrava, feliz, no topo dos postes.

Aquele trabalho não exigia apenas equilíbrio. Uma noite, Pequeno Toomai escorregou do poste e se embrenhou debaixo dos elefantes para arremessar a ponta solta de uma corda que havia caído para um guia que tentava segurar a perna de um novilho rebelde (novilhos sempre dão mais trabalho do que animais já adultos). Kala Nag o viu, pegou-o com a sua tromba e o entregou a Grande Toomai, que lhe deu uns tapas e o colocou de volta no poste.

Na manhã seguinte, levou uma bronca do pai:

— Não bastam as baias de tijolos e cuidar das tendas? Você precisa

se arriscar sozinho com os elefantes, seu pequeno inútil? Agora esses caçadores idiotas, que ganham menos que eu, vão contar o que aconteceu a Petersen Sahib.

Pequeno Toomai ficou apavorado. Ele não sabia muito sobre homens brancos, mas achava que Petersen Sahib era o homem branco mais importante do mundo. Tratava-se do chefe de todas as operações das *keddahs* , responsável por capturar todos os elefantes para o governo da Índia. Ele sabia mais sobre os costumes dos elefantes do que qualquer pessoa viva.

— Mas o que… o que aconteceu? — disse Pequeno Toomai.

— O que aconteceu? O pior que poderia acontecer. Petersen Sahib é louco. Se não fosse, por que sairia caçando esses demônios selvagens? Ele pode até alistar você como caçador de elefantes, para dormir no meio dessas selvas cheias de febres e, por fim, acabar pisoteado e morto na *keddah* . Duvido que essa loucura termine bem. Na próxima semana, a temporada de caça acabará, e nós, das planícies, seremos mandados de volta aos nossos postos. Marcharemos por estradas planas e nos esqueceremos dessa caçada. Estou furioso porque você se meteu em um negócio que é só desse povo sujo da selva, os assameses. [27] Kala Nag só obedece a mim e mais ninguém, por isso sou obrigado a entrar na *keddah* , mas, como ele é apenas um elefante de briga, não me ajuda a prender os outros. Assim, fico sentado como deve fazer um *mahout,* pois não sou um simples caçador. Um *mahout,* ouça bem, é um homem que ganha seu salário mesmo quando se aposenta. É o destino da família Toomai dos Elefantes morrer debaixo de patas no chão sujo de uma *keddah* ? Não, senhor! Desobediente! Filho imprestável! Dê banho em Kala Nag, cuide de suas orelhas, veja se não está com espinhos nas patas. Se você não fizer isso, Petersen Sahib certamente vai transformá-lo em um caçador selvagem, um perseguidor de pegadas de elefantes, um urso da floresta. Bah! Que vergonha! Suma!

Pequeno Toomai se foi sem dizer nada, mas contou a Kala Nag todas as suas mágoas enquanto examinava seus pés:

— Tudo bem — disse Pequeno Toomai levantando a borda da grande orelha direita de Kala Nag. — Falaram meu nome para Petersen Sahib e, talvez… talvez, talvez… quem sabe? Nossa! Veja que espinho enorme acabei de tirar!

Os próximos dias serviram para juntar os elefantes. Os selvagens recém-capturados andaram para cima e para baixo entre outros já domados para que não oferecessem muito trabalho na marcha montanha abaixo, para as planícies, e também para contar as lonas, cordas e outras coisas que se estragam ou se perdem pela floresta.

Petersen Sahib entrou montado em sua esperta elefante fêmea Pudmini; já havia feito pagamentos em outros campos nas montanhas, pois a temporada estava chegando ao fim, e colocou um funcionário nativo numa mesa debaixo da árvore para entregar os salários aos condutores. Cada homem pegava seu dinheiro e voltava até seu elefante, juntando-se à fila que esperava o início da marcha. Os rastreadores, caçadores, batedores e empregados da *keddah* , que ficavam na selva anos a fio, sentavam-se sobre os elefantes da força permanente de Petersen Sahib ou se encostavam nas árvores segurando suas armas, riam dos guias que estavam partindo, gargalhando quando um elefante recém-capturado saía correndo da fila sem rumo.

Grande Toomai foi até o funcionário com Pequeno Toomai atrás dele. Machua Appa, o rastreador-chefe, disse baixo para um de seus amigos:

— Ali vai um promissor aprendiz de caçador. Uma pena mandar esse jovem galinho de briga para ser domesticado nas planícies.

Petersen Sahib tinha orelhas por todo o corpo, pois é um homem que precisa ouvir até a mais silenciosa das criaturas — o elefante

selvagem. Ele se virou de onde estava, deitado sobre o dorso de Pudmini, e disse:

— Como é? Não conheço homem nenhum entre os guias das planícies que tenha experiência para amarrar sequer um elefante morto.

— Não é um homem. É só um menino. Ele entrou na *keddah* na última arrebanhada e lançou a corda para Barmao, quando estávamos apartando da mãe o novilho com mancha nas costas.

Machua Appa apontou para Pequeno Toomai, Petersen Sahib olhou para ele e o menino se curvou até o chão.

— Ele jogou a corda? Ele é menor do que um mourão. Pequenino, qual é o seu nome? — disse Petersen Sahib.

Pequeno Toomai ficou assustado demais para falar. Kala Nag estava logo atrás dele, e Toomai fez um sinal com a mão. O elefante o pegou com a tromba e o levantou até a altura da testa de Pudmini, em frente ao grande Petersen Sahib. Pequeno Toomai cobriu seu rosto com as mãos. Ele era apenas uma criança e, exceto quando se tratava de elefantes, era tímido como qualquer outra criança.

— Uh-hum! — disse Petersen Sahib rindo sob seu bigode. — E por que você ensinou esse truque ao seu elefante? É para roubar milho verde do telhado das casas quando as espigas estão secando?

— Milho verde, não, Protetor dos Pobres… melões — disse Pequeno Toomai, e todos os homens sentados caíram numa ruidosa gargalhada.

A maioria deles tinha ensinado esse truque aos seus elefantes quando eram meninos. Pequeno Toomai estava pendurado a mais de dois metros de altura, mas preferia estar dois metros abaixo da terra.

— Ele é Toomai, meu filho, Sahib — disse Grande Toomai com uma carranca. — É um menino muito danado e vai acabar na cadeia,

Sahib.

— Disso eu duvido — disse Petersen Sahib. — Um menino que encara uma *keddah* cheia nessa idade nunca acaba na cadeia. Olhe, pequenino, tome aqui quatro *annas* [28] para comprar guloseimas, porque você tem uma boa cabeça debaixo dessa sua cabeleira. Com o tempo você se tornará um caçador também. — E a carranca de Grande Toomai ficou ainda mais feia. — Mas lembre-se de que a *keddah* não é lugar para uma criança brincar — completou Petersen Sahib.

— Então nunca mais posso entrar lá, Sahib? — perguntou Pequeno Toomai engasgando.

— Pode — Petersen Sahib sorriu novamente. — Mas só depois de ter visto a dança dos elefantes. Aí, sim, será a hora certa. Venha me procurar quando já tiver visto a dança dos elefantes e o deixarei entrar em todas as *keddahs* .

Houve outra rodada de gargalhadas. Aquela era uma velha piada dos caçadores de elefantes — significava que tal situação jamais aconteceria. Há grandes clareiras escondidas nas florestas, chamadas de “salões de festas”, mas mesmo estas não são encontradas por acidente. Porém nenhum homem jamais viu os elefantes dançando. Quando um guia se vangloria de suas habilidades e bravura, os outros guias perguntam, em tom de deboche, quando e onde foi que ele viu a dança dos elefantes.

O elefante baixou Pequeno Toomai, que se curvou novamente e foi com seu pai. Ele deu as quatro *annas* de prata para sua mãe, que cuidava de seu irmãozinho bebê. Todos subiram nas costas de Kala Nag e a fila de elefantes, barrindo e berrando, foi descendo a trilha da colina rumo às planícies. Era uma marcha bem festiva em função dos novos elefantes que davam trabalho a cada travessia de riachos e precisavam ser persuadidos ou apanhavam toda hora.

Grande Toomai incitou Kala Nag maldosamente, pois estava furioso, enquanto Pequeno Toomai continuou feliz demais para falar. Petersen Sahib o havia notado e lhe dado dinheiro. Estava se sentindo como um soldado contratado se sente quando é chamado das fileiras e elogiado pelo comandante-chefe.

— O que Petersen Sahib quis dizer com a dança dos elefantes? — perguntou carinhosamente para sua mãe.

Seu pai ouviu e grunhiu:

— Que você nunca deverá ser um desses búfalos da montanha que seguem rastros. Foi isso o que ele quis dizer. Ei, você aí na frente, o que está impedindo o caminho?

Um condutor assamês, dois ou três elefantes adiante, virou-se com raiva, gritando:

— Traga Kala Nag aqui e dê um jeito para que este meu novilho se comporte. Por que Petersen Sahib me escolheu para descer com esses asnos para os campos de arroz? Traga a sua fera para cá, Toomai, e que ele o espete com suas presas. Por todos os deuses das colinas, esses elefantes novatos estão possuídos! Ou isso ou estão sentindo o cheiro de seus amigos na selva.

Kala Nag bateu nas costelas do elefante indomado com tanta força que o deixou sem ar. Grande Toomai disse:

— Nós varremos todos os elefantes selvagens das colinas na última caçada. Deve ser culpa da sua má condução. Preciso colocar ordem na fila toda?

— Ouçam só! — disse outro guia. — Varremos as colinas! Ho! Ho! Vocês das planícies são mesmo muito sábios. Qualquer um, exceto um cabeça de barro que nunca esteve na selva, percebe que eles sabem que as capturas da temporada terminaram. É por isso que esta noite

todos os elefantes selvagens irão… Mas, oras, por qual motivo estou gastando a minha sabedoria com um cágado?

— Eles irão o quê? — gritou Pequeno Toomai.

— Olá, pequenino. Então está aí? Explico pra você porque sua cabeça ainda é fresca. Eles vão dançar e seu pai, que varreu todos os elefantes das colinas, precisa ficar atento, pois terá de usar o dobro de correntes esta noite.

— Que conversa é essa? — disse Grande Toomai. — Por quarenta anos, pai e filho cuidaram dos elefantes e nunca ouvimos nada dessa baboseira de dança.

— Sim, mas vocês que vivem em cabanas nas planícies só conhecem as quatro paredes da cabana. Experimente deixar seus elefantes soltos hoje à noite e veja no que dá. Quanto à dança, eu já vi um lugar que… Rapaz! Quantas curvas tem o rio Dihang? Lá vem outro riacho, e vamos ter que fazer os novilhos nadar. Alto, vocês aí atrás!

Assim, falando, discutindo e espirrando água para os lados, fizeram sua primeira marcha para uma espécie de acampamento de adaptação para novos elefantes. Porém, perderam a paciência entre si muito antes de chegarem lá.

Ali, acorrentaram as patas traseiras dos elefantes a grandes toras enterradas no chão. Cordas extras foram ajustadas para os animais novatos. Empilharam a forragem na frente deles e os guias das colinas voltaram para Petersen Sahib banhados pela luz da tarde, pedindo aos condutores das planícies para redobrar a atenção naquela noite. Foram embora rindo, enquanto os condutores das planícies se perguntavam o porquê.

Pequeno Toomai cuidou da ceia de Kala Nag ao cair da noite, vagou pelo acampamento completamente feliz em busca de um tom-tom — um tambor tocado com a palma da mão. Quando o coração de

uma criança indiana está completo, ela não sai correndo e fazendo bagunça mais do que o normal. Ela se senta e fica brincando sozinha. Pequeno Toomai tinha recebido a atenção de Petersen Sahib! Se não tivesse encontrado o que procurava, talvez ficasse doente, mas o vendedor de doces do acampamento emprestou a ele um pequeno tom-tom. Ele sentou-se de pernas cruzadas diante de Kala Nag, enquanto as estrelas começavam a despontar. Com o tom-tom no colo bateu, bateu e bateu. Quanto mais pensava na imensa honra recebida, mais batia. Estava totalmente sozinho entre a forragem dos elefantes. Não havia ritmo ou letra, mas as batidas o deixavam feliz.

Os elefantes novatos esticavam as cordas, berravam e barriam de tempos em tempos. Ele ouvia sua mãe na barraca do acampamento colocando seu irmãozinho para dormir com uma canção muito antiga sobre o grande deus Shiva, que uma vez contou a todos os animais o que deviam comer. É uma canção de ninar muito tranquilizante. Seus primeiros versos dizem:

Shiva, que espalhou a colheita e fez o vento soprar,

Sentado na soleira, um dia, muito tempo atrás,

Comida, trabalho e destino, deu a cada um sua porção,

Do rei em seu trono ao mendigo no portão,

Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.

Mahadeo! [29] *Mahadeo! Ele fez tudo...*

Cacto para o camelo, forragem para o gado,

E a mãe-terra para descansarmos a cabeça, meu filho amado!

Pequeno Toomai entrava com seu alegre batuque no final de cada verso. Fez isso até sentir sono e se esticar sobre a forragem ao lado de

Kala Nag. Enfim, os elefantes começaram a se deitar, um após o outro, como é seu costume, até restar somente Kala Nag em pé, do lado direito da fila. Ele abanou vagarosamente suas orelhas de um lado para o outro, projetando-as para a frente para ouvir o vento da noite que soprava mansinho pelas colinas. O ar estava cheio de todos os sons da noite, que, quando juntos, criam um grande e único silêncio — o estalar de uma vara de bambu contra outra, o ruído de algo vivo sob a vegetação rasteira, o pio e o grasnar de um pássaro ainda ensonado (pássaros acordam à noite muito mais frequentemente do que se imagina) e uma queda-d'água bem ao longe. Pequeno Toomai dormiu por algum tempo. Quando acordou, a luz da lua brilhava e Kala Nag ainda estava em pé com as orelhas inclinadas. Pequeno Toomai virou-se, fazendo farfalhar a forragem, observando a curva daquelas grandes costas cobrindo metade das estrelas no céu. Enquanto olhava, ouviu ao longe o que parecia um barulhinho de nada picotando aquela quietude. Era o lamento de um elefante selvagem.

Toda a fila de elefantes ficou em pé de um salto como se tivessem levado um tiro. Seus grunhidos acordaram os *mahouts* . Todos vieram e afundaram ainda mais as estacas com grandes marretas, apertaram os nós das cordas até que tudo voltou a ficar quieto. Um elefante quase desenterrou sua estaca. Por isso, Grande Toomai tirou a corrente da perna de Kala Nag e a passou em todas as patas do outro elefante. Em seguida, fez um laço de trança de capim ao redor da perna de Kala Nag e disse a ele para lembrar-se de que estava firmemente amarrado. Era um costume de família repetir exatamente a mesma coisa no intuito de treinar o animal. Kala Nag não respondeu à ordem gorgolejando, como sempre fazia. Só ficou ali, parado, olhando a luz da lua ao longe, com sua cabeça elevada e as orelhas abertas como leques, apontando para a grande vastidão das colinas de Garo.

— Cuide dele caso fique arredio durante a noite — disse Grande Toomai para seu filho. Depois, se recolheu em sua barraca.

O menino estava pronto para ir dormir também quando ouviu as ramas da corda se rompendo com um estalo. Kala Nag se livrou de suas estacas tão devagar e silencioso quanto uma nuvem se afasta da boca de um vale. Pequeno Toomai tiritou atrás dele pela estrada enluarada, descalço, chamando-o baixinho:

— Kala Nag! Kala Nag! Me leve com você, grande Kala Nag!

O elefante virou-se sem fazer nenhum som, deu três grandes passos para trás na direção do menino, baixou a tromba e o jogou para cima de sua nuca. E antes que Pequeno Toomai tivesse firmado seus joelhos, já haviam adentrado a floresta.

Houve uma explosão furiosa de barridos nas filas, então o silêncio tomou conta de tudo e Kala Nag começou a marchar. Às vezes, uma touceira de mato alto lambia os lados como ondas batendo no casco de um navio; outras, um cacho de pimenta-brava raspava suas costas ou um bambu rangia quando seu ombro o tocava. Entre um som e outro, o elefante se movia em absoluto silêncio, navegando por entre a densa floresta de Garo como se fosse fumaça. Ele subia a colina, mas embora Pequeno Toomai observasse as estrelas por entre as frestas dos galhos, era impossível saber em qual direção.

Quando Kala Nag chegou ao topo da subida, parou um instante. Pequeno Toomai pôde então ver o pálio das árvores todo salpicado e felpudo sob o luar se estendendo por quilômetros e quilômetros. A neblina branca azulada cobria o côncavo do rio. Toomai se inclinou para ver mais longe e sentiu que a floresta estava desperta abaixo dele — desperta, viva e cheia. Um grande morcego comedor de frutas passou roçando os pelos em sua orelha, enquanto os espinhos do porco-espinho raspavam no matagal. Por entre a escuridão dos caules

das árvores, ouviu o urso fuçando a terra úmida e morna com força, farejando enquanto cavava.

A grama começou a ficar úmida onde Kala Nag pisava, as patas faziam um som de sucção na lama quando subiam de novo e a névoa da noite no fundo do vale quase congelou Pequeno Toomai. A água espirrava sob as patas. Depois, houve um grande mergulho na correnteza do rio. Kala Nag marchava pelo leito tateando o solo lamacento. Acima do barulho das águas, o som de um redemoinho em volta das pernas do elefante. Pequeno Toomai ouvia os borrifos e outros barridos tanto rio acima quanto abaixo. Grunhidos, espirros enormes, e a névoa sobre ele parecia cheia de movimento e sombras ondulantes.

— Ai! — disse ele em voz alta, batendo os dentes. — O Povo Elefante saiu de casa hoje. Deve ser a dança, então!

Kala Nag sacudiu-se fora d’água, assoou sua tromba e começou nova escalada. Desta vez não estava só e nem precisou abrir seu próprio caminho. Já havia uma trilha de dois metros de largura adiante, na qual o mato da selva tentava se recuperar e voltar a ficar em pé, pois muitos elefantes deviam ter passado por ali nos últimos minutos. Pequeno Toomai olhou para trás e viu que um grande selvagem, com longos marfins e olhinhos de porco brilhando como brasas, se levantava do rio enevoado. Então as árvores se fecharam novamente e continuaram seu caminho para cima, trombeteando e trombando ao barulho de galhos quebrados por todos os lados.

Enfim, Kala Nag parou entre dois troncos no topo da colina. Faziam parte de um círculo de árvores que cresceu em volta de um espaço irregular, de cerca de três ou quatro acres. Pequeno Toomai pôde ver que o chão daquela clareira havia sido tão pisoteado que parecia ser de tijolos. Algumas árvores haviam crescido no centro da clareira, mas tiveram suas cascas raspadas, deixando à mostra a madeira branca, brilhante e polida contra o luar. Longos cipós e sinos

das flores das trepadeiras — grandes coisas brancas leitosas como convólvulos — pareciam adormecidos, pendendo dos galhos mais altos. Dentro dos limites da clareira, não havia sequer uma folha verde — nada além da terra batida.

O luar dava uma tonalidade cinza metálico a tudo, exceto às sombras negras como nanquim dos elefantes parados ali. Pequeno Toomai olhou, prendeu a respiração com os olhos muito arregalados e, enquanto observava, mais e mais elefantes chegavam por entre as árvores com seu caminhar ondulante. Pequeno Toomai só sabia contar até dez. Contou várias vezes com seus dedos até perder a conta de quantos dez e sua cabeça começar a girar. Fora da clareira, ele podia ouvir o pisotear na mata, abrindo caminho para que outros subissem a colina; assim que adentravam o círculo de troncos de árvores, passavam a se mover como fantasmas.

Muitos machos selvagens com seus marfins brancos cheios de folhas, castanhas e gravetos caídos presos nas rugas de suas nucas e dobras de suas orelhas; fêmeas gordas e vagarosas com seus pequenos novilhos, rosados e negros, de menos de um metro de altura, correndo por baixo da barriga delas; jovens elefantes cujas presas começavam a nascer, muito orgulhosos delas; elefantas mais velhas, magras, de semblantes caídos e peles enrugadas como as cascas ressecadas das árvores; velhos elefantes machos selvagens com cicatrizes que iam da orelha até o quadril, vergões e cortes de lutas passadas e barro seco dos banhos de lama solitários caindo dos ombros; e havia um com a presa quebrada e uma cicatriz em forma de arco, certamente fruto das garras de um ataque feroz de tigre em sua coxa.

Todos estavam parados, frente a frente, ou andando por todos os lados sobre o chão, em duplas, ou se balançando e bamboleando sozinhos — dezenas e dezenas de elefantes.

Toomai sabia que enquanto ficasse quieto sobre a nuca de Kala

Nag nada aconteceria a ele porque, mesmo na pressa e no atropelo ao guiar um elefante selvagem em uma *keddah* , eles não levantam suas trombas para arrancar um homem do dorso de um elefante domado. Outra coisa: esses elefantes não estavam pensando nos homens naquela noite. Em certo momento, projetaram suas orelhas para a frente ao ouvir o retinir de uma corrente na floresta, mas era Pudmini, a elefanta de estimação de Petersen Sahib, com seu grilhão rompido ainda pendendo em volta da perna, grunhindo e fungando ao subir a colina. Pareceu ter arrancado suas estacas para fugir do acampamento de Petersen Sahib. Pequeno Toomai também viu outro elefante, um que ele não conhecia, com profundas escoriações causadas por cordas nas costas e no peito. Ele também devia ter fugido de algum acampamento ali pelas colinas.

Finalmente, não havia mais o som de nenhum elefante se movendo pela floresta. Kala Nag deixou seu posto entre as árvores e foi para o meio da multidão, estalando a boca e gorgolejando. Todo o grupo passou a se movimentar e conversar em sua própria língua.

Ainda deitado de bruços, Pequeno Toomai olhou para baixo e viu dezenas e dezenas de grandes dorsos, orelhas abanando, trombas sacudindo e pequenos olhos se revirando. Ouviu o som de presas se chocando por acidente e o roçar seco de trombas se enrolando, a fricção dos corpos e ombros imensos na multidão e o abanar insistente das caudas. Então, quando uma nuvem cobriu a lua, ele sentou-se na escuridão completa. Era possível ver elefantes ao redor de Kala Nag. Ele sabia que jamais conseguiria fazê-lo abandonar essa reunião. Por isso, travou os dentes num calafrio. Pelo menos em uma *keddah* havia tochas e comandos, mas aqui ele estava sozinho, no escuro. Em determinado momento, uma tromba se levantou e tocou o seu joelho.

Foi quando um elefante barriu e todos o acompanharam por terríveis cinco ou dez segundos. O orvalho das árvores despencou

como chuva sobre os dorsos camuflados pelas sombras. Nesse momento, um som crescente e repetitivo começou. Não era muito alto no começo. Pequeno Toomai não sabia o que significava. O rumor aumentou cada vez mais até que Kala Nag levantou uma das patas dianteiras, depois a outra e bateu as duas de uma vez no chão — um-dois, um-dois, firme como uma bigorna. Os elefantes passaram a pisar todos juntos, soando como um tambor de guerra tocado na boca de uma caverna. O orvalho caiu das árvores até não haver mais gotas. O pisoteio continuou e o chão balançou e tremeu. Pequeno Toomai protegeu suas orelhas com as mãos para abafar o som. O abalo percorreu todo o seu corpo — eram centenas de patas pesadas batendo na terra nua. Uma vez, outra. Sentiu Kala Nag e o grupo se adiantando alguns passos. As batidas mudavam com o som de coisas verdes e suculentas sendo esmagadas e destruídas. Um minuto depois o barulho de patas batendo em terra dura voltava. Uma árvore estava rachando e gemendo ali perto. Ele esticou o braço e alcançou a casca, mas Kala Nag se moveu para a frente, sempre pisando forte. Já não sabia mais dizer em que lugar da clareira estavam. Os elefantes não faziam nenhum som, exceto dois ou três pequenos novilhos que guinchavam juntos. Foi quando ouviu um ruído surdo, um silêncio e as batidas continuaram. Aquilo durou umas duas horas e, apesar de já estar todo dolorido, Pequeno Toomai sabia pelo aroma do ar noturno que a alvorada estava chegando.

A manhã veio com uma camada amarelo-claro por trás das colinas verdejantes. O ressoar parou ao primeiro raio, como se a luz tivesse dado uma ordem. Antes que o eco abandonasse a cabeça de Pequeno Toomai, ou que ele pudesse mudar de posição, não havia mais nenhum elefante à vista, exceto Kala Nag, Pudmini e o elefante com os vergões. Findaram os sons de folhagens ou sussurros nas encostas da colina. Nenhuma pista do paradeiro dos outros elefantes.

Pequeno Toomai olhou várias vezes. A clareira, como ele se

lembrava, tinha se expandido durante a noite. Ainda restavam árvores no meio dela, mas a vegetação rasteira e o mato da selva ao redor foram completamente pisoteados. Pequeno Toomai observou mais uma vez e agora conseguia entender melhor o pisoteio. Os elefantes abriram mais espaço com suas patas — tinham pisoteado o mato denso e as canas-de-açúcar até esmagá-los. Os restos viraram retalho, os retalhos viraram fibras e as fibras viraram terra dura.

— Uau! — disse Pequeno Toomai com olhos pesados. — Kala Nag, meu senhor, vamos acompanhar Pudmini até o acampamento de Petersen Sahib. Estou morto de cansaço.

O terceiro elefante os observou indo embora, resfolegou e virou na direção contrária, tomando seu caminho. Talvez pertencesse a algum rei nativo de uma pequena tribo a oitenta, cem quilômetros dali.

Duas horas depois, quando Petersen Sahib tomava seu café da manhã, seus elefantes, que tinham sido duplamente acorrentados naquela noite, começaram a barrir. Pudmini e Kala Nag, com lama até os ombros e pés inchados, desfilaram acampamento adentro. O rosto de Pequeno Toomai estava acinzentado e cansado, seu cabelo cheio de folhas e ensopado de orvalho, mas tentou saudar Petersen Sahib gritando, enfraquecido:

— A dança… a dança dos elefantes! Eu estava lá e… eu morri!

Kala Nag sentou-se e ele deslizou pelo pescoço do elefante, desmaiado.

No entanto, crianças nativas têm vigor digno de nota. Em duas horas Pequeno Toomai já estava bem contente, deitado na rede com a jaqueta de caça de Petersen Sahib dobrada sob sua cabeça, preparado para tomar um copo de leite morno com um pouco de conhaque e uma pitada de quinino. Os velhos caçadores da selva, cabeludos e amedrontados, estavam sentados a um metro dele, olhando-o como

se fosse um fantasma. Ele então contou sua história resumidamente, como é costume das crianças. Sua fala acabou assim:

— Se eu menti em alguma palavra, mande seus homens e verão que o Povo Elefante pisoteou ainda mais o território do seu salão de baile. Quem for até lá vai encontrar dez e mais dez e muitas vezes dez rastros de elefante de todo tipo. Eles abriram mais espaço com os pés. Eu mesmo vi. Kala Nag me levou e eu vi. Vejam como Kala Nag está com as patas cansadas.

Pequeno Toomai deitou-se e dormiu aquela tarde inteira até o pôr do sol. Enquanto ele dormia, Petersen Sahib e Machua Appa seguiram os rastros dos dois elefantes por vinte e cinco quilômetros colina acima. Petersen Sahib caçava elefantes havia dezoito anos. Somente uma vez encontrou um local de dança assim. Machua Appa nem precisou olhar duas vezes para a clareira ou raspar o dedo na terra amassada para entender o que acontecera ali.

— A criança diz a verdade — constatou. — Isto aqui foi feito na noite passada. Já contei setenta rastros cruzando o rio. Veja, Sahib, a corrente de Pudmini raspou a casca daquela árvore! Sim, ela também esteve aqui.

Eles se entreolharam de cima a baixo e ficaram sem fala, pois os costumes dos elefantes estão além da compreensão de qualquer homem, branco ou negro.

— Por quarenta e cinco anos — disse Machua Appa —, segui meu senhor, o elefante, mas nunca ouvi dizer que o filho de um homem tenha visto o que essa criança viu. Por todos os deuses das montanhas, isto é… não sei nem o que dizer… — e balançou a cabeça.

Quando voltaram ao acampamento, já era hora da janta. Petersen Sahib comeu sozinho em sua tenda, mas deu ordens para que assassem dois carneiros e algumas galinhas, além de ração em dobro de farinha, arroz e sal. Ele sabia que o evento merecia um banquete.

Grande Toomai veio apressado de seu acampamento nas planícies em busca de seu filho e seu elefante. Quando o encontrou, olhou para os dois como se tivesse medo. Foi oferecido um banquete com grandes fogueiras em frente às filas dos elefantes presos. Pequeno Toomai foi tratado como herói. Os grandes caçadores morenos, os rastreadores, os condutores, os amarradores e os homens que sabiam todos os segredos para domar o mais selvagem dos elefantes passaram o menino de mão em mão e marcaram a sua testa com o sangue do coração de um galo-do-mato recém-morto para mostrar que ele era digno da floresta, alguém iniciado e livre para correr por todas as selvas.

No final, quando as fogueiras se apagaram e a luz vermelha da lenha fez parecer que os elefantes também estavam mergulhados em sangue, Machua Appa, chefe de todos os guias de todas as *keddahs* — Machua Appa, alter-ego de Petersen Sahib, aquele que não via uma estrada comum há quarenta anos; Machua Appa, que de tão importante não possuía outro nome senão Machua Appa —, levantou de um salto, com Pequeno Toomai suspenso sobre sua cabeça, e gritou:

— Ouçam todos, meus irmãos. Ouçam também meus senhores nas filas, porque eu, Machua Appa, estou falando! Este pequenino não deve mais ser chamado de Pequeno Toomai, mas sim de Toomai dos Elefantes, assim como seu tataravô foi chamado antes dele. O que nenhum homem viu antes, ele presenciou ao longo de uma noite inteira. Rogo para que a proteção do Povo Elefante e dos deuses das selvas o acompanhem. Ele se tornará um grande rastreador. Ele se tornará melhor do que eu, Machua Appa! Será capaz de percorrer todo tipo de caminho com os olhos límpidos! Não será ferido na *keddah* quando correr por baixo das barrigas para laçar os selvagens com presas. Caso escorregue diante dos pés de um elefante macho em disparada, o elefante saberá quem ele é e não o esmagará. *Aihai!* Meus

senhores acorrentados — e o girou para a fila de estacas —, aqui está o pequenino que viu sua dança em seu esconderijo, coisa que nenhum homem jamais viu! Prestem sua homenagem, meus senhores! *Salaam karo,* minhas crianças. Saúdem Toomai dos Elefantes! *Gunga Pershad, ahaa! Hira Guj, Birchi Guj, Kuttar Guj, ahaa!* Pudmini, você o viu na dança. Você também, Kala Nag, minha pérola entre os elefantes! *Ahaa* ! Juntos! A Toomai dos Elefantes! *Barrao* !

Em um último brado selvagem toda a fila curvou as trombas para cima até as pontas tocarem suas cabeças. Dispararam então uma saudação incrível — como uma estrondosa orquestra de trombetas digna do vice-rei da Índia. Era a gloriosa saudação da keddah.

Tudo isso aconteceu em homenagem ao Pequeno Toomai, que presenciou algo jamais visto pelo homem: a dança noturna dos elefantes, sozinho, no coração das colinas de Garo!

SHIVA E O GAFANHOTO

A canção que a mãe de Toomai cantou para o bebê.

Shiva, que espalhou a colheita e fez o vento soprar,

Sentado na soleira, um dia, muito tempo atrás,

Comida, trabalho e destino, deu a cada um sua porção,

Do rei em seu trono ao mendigo no portão,

Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.

Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo.

Cacto para o camelo, forragem para o gado,

E a mãe-terra para descansarmos a cabeça, meu filho amado!

Deu trigo aos ricos e painço aos pobres,

Restos de comida aos santos, os verdadeiros nobres;

Deu caça ao tigre e, ao milhafre, carne apodrecida,

Sobras e ossos aos lobos perdidos e sem guarida.

Nada encontrou que fosse elevado ou baixo demais.

Parbati, a seu lado, acompanhou o ir e vir dos animais;

Mas enganou seu marido, fazendo-o de tolo.

Roubou o pequeno gafanhoto e o escondeu em seu colo.

E assim enganou Shiva, o Provedor.

Mahadeo! Mahadeo! Olhe e veja.

Altos são os camelos e pesado é o gado,

Mas este era o Menor de Todos, meu filho amado!

Ela sorriu e disse quando a partilha terminou,

"Senhor, dentre milhões, algum não se alimentou?".

Rindo, Shiva respondeu: "Todos tiveram sua parcela,

Até ele, o pequenino escondido perto da sua costela".

De seu peito, a ladra Parbati o tirou,

Viu que o Menor de Todos uma folha novinha ganhou!

Viu e temeu, maravilhada, orando a Shiva,

Que certamente havia alimentado cada criatura viva.

Todas as coisas fez Shiva, o Provedor.

Mahadeo! Mahadeo! Ele fez tudo.

Cacto para o camelo, forragem para o gado,

E coração de mãe para encostar sua cabeça, meu filho amado!

OS SERVOS DE SUA MAJESTADE

Você pode usar fração ou uma simples regra de três para dirimir,

Uma vez que Tweedle-dum não faz igual a Tweedle-dee.

Você pode torcer, você pode virar e você pode brincar até cair,

Uma vez que Winkie Pop não faz igual a Pilly Winky!

Chovia pesado havia um mês sobre um acampamento de trinta mil homens, milhares de camelos, elefantes, cavalos, bois e burros. Todos reunidos em um lugar chamado Rawal Pindi para que o vice-rei da Índia os passasse em revista. Tudo isso em razão da visita do emir do Afeganistão — rei selvagem de um país selvagem. O emir trouxe consigo um corpo de guarda de oitocentos homens e cavalos que nunca tinham visto um acampamento ou uma locomotiva na vida — homens e cavalos selvagens, vindos de algum lugar dos confins da Ásia Central. Era certo que todas as noites uma turba desses cavalos se soltaria, fazendo uma algazarra por todos os cantos do acampamento, galopando na lama às escuras. Os camelos também acabariam se libertando assustados, tropeçando nas amarras das tendas. Posto isso, imagine que agradável era tentar dormir para os soldados. Minha tenda ficava bem longe das fileiras dos camelos. Achei que estava seguro. Porém, uma noite, alguém meteu a cabeça para dentro e gritou:

— Saia rápido! Eles estão vindo! Minha tenda já era!

Eu sabia quem eram "eles", por isso calcei minhas botas, vesti meu impermeável e corri para o lodo do lado de fora. Raposinha, minha fox terrier, saiu pelo outro lado. Ouviu-se um berro, um grunhido, um gargarejo e a tenda afundou. O mastro se rompeu e começou a dançar como um fantasma ensandecido. O invasor era um camelo. Apesar de estar todo molhado e furioso como eu estava, não consegui segurar uma sonora gargalhada. Em seguida, saí dali disparado porque não fazia ideia de quantos camelos podiam estar soltos. Num piscar de olhos, estava distante do acampamento, arrastando meus pés pela lama.

Em dado momento, tropecei na carroçaria de um canhão e assim percebi que estava próximo às fileiras de artilharia, onde ficavam os armamentos. Debaixo da garoa e no escuro, querendo evitar acabar enlameado, coloquei meu impermeável sobre o bocal de um canhão,

fazendo uma espécie de barraca com duas ou três varas que encontrei. Deitei-me sobre a traseira de outro canhão, imaginando onde Raposinha estaria e, inclusive, onde eu mesmo estava.

Quando me preparava para dormir, ouvi o tilintar de arreios e um ronco. Nesse momento, um burro passou por mim sacudindo as orelhas. Era da bateria das tarraxas, dado que ouvi o chacoalhar das tiras, argolas, correntes e penduricalhos em sua sela. As tarraxas são pequenos canhões de duas peças rosqueadas juntas quando chega a hora de usá-los. São puxados para as montanhas, onde quer que os burros possam encontrar uma trilha, e são muito úteis em batalhas de terreno acidentado.

Atrás do burro vinha um camelo, espirrando e escorregando na lama com suas patas enormes e macias. Seu pescoço ia para a frente e para trás como uma galinha perdida. Por sorte eu tinha aprendido com nativos o suficiente da língua dos animais — não a dos animais selvagens, mas a dos animais de acampamento, é claro — para entender o que ele dizia.

Devia ter sido o mesmo que desmoronou minha tenda, porque perguntou ao burro:

— O que eu faço? Pra onde vou? Briguei com uma coisa branca que balançava e ela me bateu com um pau na cabeça. (O que devia ser o mastro quebrado da minha tenda.) Vamos continuar correndo?

— Ah, então foi você — disse o burro. — Você e seus amigos ficam perturbando o acampamento! É certo que vão castigá-lo pela manhã. Mas posso adiantar uma lembrancinha pra você.

Ouvi os penduricalhos tilintando quando o burro se afastou e acertou o camelo com dois coices nas costelas, que ressoaram feito um tambor.

— Da próxima vez — disse —, antes de passar correndo pela bateria de burros à noite berrando: “Ladrões! Fogo!”, sente-se e fique

com esse seu pescoço quieto.

O camelo curvou-se ao estilo dos camelos, igual uma régua de pedreiro, e sentou choramingando. Ouviu-se o som regular de cascos na escuridão. Um grande cavalo de tropa apareceu galopando como se estivesse em um desfile. Pulou por sobre uma traseira de canhão e aterrissou próximo ao burro.

— Que desgraça! — disse, assoando suas narinas. — Esses camelos bagunçaram as fileiras novamente… é a terceira vez esta semana. Como é que um cavalo pode se manter em boas condições se não pode dormir? Quem é você?

— Sou o burro da parte da culatra do canhão número dois da Primeira Bateria das Tarraxas — disse — Este aqui é um dos seus amigos. Ele também me acordou. E você?

— Número quinze, tropa E, Nona dos Lanceiros, cavalo de Dick Cunliffe.

— Peço mil desculpas — disse o burro. — Está difícil enxergar nesse breu. Esses camelos são muito repugnantes, não é? Por isso saí das minhas fileiras em busca de um pouco de paz e tranquilidade.

— Meus senhores — disse o camelo humildemente —, nós temos pesadelos à noite e ficamos com muito medo. Sou um mero camelo de carga da Trigésima Nona Infantaria Nativa. Não sou valente como vocês, meus senhores.

— Então por que você não fica carregando a carga da Trigésima Nona Infantaria Nativa em vez de correr pelo acampamento? — perguntou o burro.

— São pesadelos muito ruins — disse o camelo. — Peço desculpas. Ouçam! O que é isso? Devemos sair correndo de novo?

— Fique sentado — disse o burro —, ou vai quebrar suas pernas de caniço tropeçando nesses canhões. — Levantou uma orelha para

ouvir melhor. — Bois! — disse. — Bois da artilharia. Rapaz, você e seus amigos acordaram mesmo todo o acampamento. Não é pouca bagunça que faz um boi de canhão se levantar.

Ouvi uma corrente sendo arrastada. Nesse momento, uma canga com dois grandes bois brancos — daqueles que puxam os pesados canhões de cerco quando os elefantes se recusam a se aproximar dos disparos — juntou-se aos demais. Em seguida, quase tropeçando nas correntes, surgiu um outro burro de bateria chamando desesperadamente por "Billy".

— É um dos nossos recrutas — disse o burro velho para o cavalo de cavalaria. — Ele está me chamando. Olha, meu jovem, pare de se esgoelar. O escuro nunca machucou ninguém.

Os bois de canhão deitaram-se por ali, ruminando, e o jovem burro se ajeitou perto de Billy.

— Coisas medonhas e horrorosas, Billy! Invadiram nossas fileiras enquanto estávamos dormindo. Você acha que eles vão nos matar? — perguntou.

— Me dá vontade de te dar um belo coice — disse Billy. — Só de pensar que um burro do seu tamanho e treinamento pode desgraçar nossa bateria diante desse cavalheiro...

— Gentileza, gentileza — disse o cavalo. — Lembrem-se de que eles sempre são assim. A primeira vez que vi um homem foi na Austrália, quando eu tinha três anos. De tão assustado, corri sem parar por meio dia. Caso tivesse visto um camelo, talvez estivesse correndo até hoje.

Quase todos os cavalos das tropas inglesas vêm da Austrália para a Índia e são domados pelos próprios soldados.

— É bem verdade — disse Billy. — Pare de tremer, meu jovem. A primeira vez que me colocaram os arreios e todas aquelas correntes

nas minhas costas, empinei as patas da frente e dei coices até que as coisas caíram de mim. Eu ainda não tinha aprendido toda a técnica "coicística" na época, mas o soldado disse que nunca tinha visto nada igual.

— Não eram os arreios que chocalhavam. Nada disso — disse o jovem burro. — Você sabe que não ligo mais para isso, Billy. Eram coisas como árvores que se abateram por todos os lados das fileiras. Coisas que babavam. No meio da correria, meu cabresto se rompeu e eu não consegui encontrar meu condutor nem você, Billy, por isso saí em disparada…

— Hum — disse Billy. — Assim que ouvi os camelos soltos, decidi vir para cá por livre e espontânea vontade. Quando um burro de bateria, de canhão de tarraxa, chama bois de carga de cavalheiros, é porque deve estar mesmo muito abalado. Quem são nossos amigos ali no chão?

Os bois de carga engoliram sua ruminação e responderam juntos:

— Sétima parelha do primeiro canhão da Bateria de Grandes Canhões. Estávamos dormindo quando os camelos apareceram. No momento em que fomos pisoteados, nos levantamos e saímos andando. É melhor ficar quieto, deitado na lama, do que ser perturbado em uma boa cama. Dissemos ao seu amigo aqui que não havia motivo para ter medo, mas ele estava tão alterado que não nos ouviu. Bah!

E continuaram mastigando.

— É isso que dá ser medroso — disse Billy. — Bois de carga acabam rindo de você. Espero que tenha aprendido, jovenzinho.

O burro novato estalou os dentes e o ouvi dizendo algo sobre não ter medo de nenhum boi velho e gordo. Mas os bois só brindaram, batendo seus chifres, e continuaram mascando.

— Não fique com raiva por ter medo. Essa é a pior forma da covardia — disse o cavalo. — Acho que qualquer um merece perdão quando se assusta no meio da noite ao ver algo que não compreende. Uma vez, um recruta ficou contando histórias de víboras de quando estava na Austrália. Acabamos tão apavorados que nos assustamos com a ponta do nosso próprio arreio e arrebentamos nossas cordas, quatrocentos e cinquenta de nós.

— Essas coisas são aceitáveis em um acampamento — disse Billy. — Eu mesmo não descarto essas disparadas, só pela pura diversão, quando fico preso por um ou dois dias inteiros. Mas conte: o que você faz quando está em batalha?

— Ah, isso é um assunto totalmente diferente — disse o cavalo. — Dick Cunliffe monta em mim, cola seus joelhos nos meus lados e tudo o que eu tenho a fazer é olhar onde estou botando as patas. Procuro manter as patas de trás firmes e ser flexível.

— O que é ser flexível? — perguntou o jovem burro.

— Pelos eucaliptos das vastidões — resfolegou o cavalo —, quer dizer que nunca te ensinaram a obedecer aos comandos das rédeas? É impossível fazer qualquer coisa sem saber isso, a não ser que consiga dar a volta rápido quando puxam seu pescoço pelo freio. É caso de vida ou morte para o seu dono e, é claro, vida ou morte para você também; girar sobre as suas patas traseiras no momento em que sente a rédea no pescoço. Se não houver espaço para se virar, empine um pouco e dê a volta. Isso é ser guiado pelas rédeas.

— Não somos treinados assim — disse o burro Billy secamente. — Somos ensinados a seguir os movimentos de quem vai à frente: andar quando ele manda, parar quando ele manda. Acho que dá tudo no mesmo. Aliás, além de todo esse papo de empinar, o que não deve ser muito bom para as juntas, qual a vantagem em ser guiado?

— Isso depende — disse o cavalo. — Geralmente tenho de passar

no meio de uma balbúrdia de homens cabeludos com facas, daquelas compridas e brilhantes, muito piores do que as dos ferreiros. Também devo tomar cuidado para que a bota de Dick só encoste na bota do homem ao lado, sem esmagá-lo. Consigo ver a lança de Dick com meu olho direito e assim sei que está tudo bem. Eu não gostaria de ser o homem ou o cavalo na nossa frente quando estamos em batalha.

— E as facas são afiadas? — perguntou o jovem burro.

— Certa vez ganhei um corte no peito, mas não foi culpa de Dick…

— Quem se importa de quem foi a culpa se você foi ferido? — disse o jovem burro.

— Pois deveria — disse o cavalo. — Se você não confia no seu dono, então é melhor fugir logo de uma vez. É isso o que alguns dos nossos cavalos fazem e eu não os culpo. Como eu dizia, não foi culpa de Dick. Um homem estava deitado no chão e eu me estiquei todo para não pisar nele. Foi ele quem me acertou por baixo. Da próxima vez que for passar por cima de um homem deitado, vou pisar nele… sem dó.

— Hum! — disse Billy. — Atitude meio infantil. Melhor ficar longe das facas. A coisa certa a fazer é escalar uma montanha com a sela bem afivelada, equilibrar-se nas quatro patas, manter-se atento e continuar escalando, segurando e ajambrando até estar a dezenas de metros acima dos outros, numa beira onde só há espaço suficiente para os seus próprios cascos. Depois, você fica em pé, bem parado, nunca peça para um homem segurar a sua cabeça, meu jovem. Mantenha-se sempre calmo enquanto os canhões são montados e principalmente depois que projéteis começarem a ser disparados lá embaixo, na copa das árvores, como flores de papoula.

— Você não tropeça? — perguntou o cavalo.

— Quando uma mula tropeça, nasce uma orelha na galinha — respondeu Billy. — De vez em quando uma sela de carga meio solta pode atrapalhar um burro, mas isso é raro. Queria poder te mostrar como fazemos. É lindo. Ora, levei três anos para entender o que os homens me pediam. A técnica da coisa é evitar ficar à vista contra o horizonte porque, se ficar, podem te acertar um tiro. Lembre-se disso, meu jovem. Sempre fique o mais escondido que puder, mesmo se precisar desviar quilômetros do seu caminho. Eu lidero a bateria quando fazemos esse tipo de escalada.

— Ser alvejado sem poder ir contra quem está atirando em você! — disse o cavalo pensando no caso. — Eu não aguentaria isso. Eu daria a carga… com Dick.

— Ah, não. Nem vale a pena. Você sabe que assim que as armas forem posicionadas, quem dará a carga serão os canhões. É pura técnica. Mas facas… bah!

O camelo de carga meneava a cabeça há um bom tempo, ansioso por palpitar sobre terrenos rochosos. Então o ouvi dizer nervosamente, limpando a garganta:

— Eu… eu… tenho pouca experiência em batalhas, mas nenhuma em escaladas ou fugas.

— Sim. Agora que tocou no assunto — disse Billy —, não me parece que você sirva para escaladas ou corridas… não muito. Mas conte como foi sua batalha, seu velho Rolo de Feno.

— Foi como tinha de ser — disse o camelo. — Nós nos sentamos…

— Ai, minha cilha e meu cepilho! — disse baixo o cavalo de tropa. — Sentaram!

— Sentamos… éramos uns cem — continuou o camelo —, numa grande praça, e os homens empilharam as cargas e as selas em volta

de nós e passaram a atirar por sobre as nossas corcovas, sim, por todos os lados.

— Que tipo de homens? Qualquer homem? — perguntou o cavalo. — Eles nos ensinam na escola de montaria a ficar deitados e deixar nossos donos atirarem apoiados na gente, mas Dick Cunliffe é o único que eu deixaria fazer isso. Me dá coceira na virilha e, além disso, não se vê nada com a cabeça deitada no chão.

— E importa quem está atirando por cima de você? — disse o camelo. — Com tantos homens e camelos em volta, acaba tudo numa fumaceira danada… Eu não fico com medo. Só me sento e fico esperando terminar.

— E mesmo assim — disse Billy — você tem pesadelos e perturba o acampamento à noite. Que beleza! Antes de eu me deitar, que dirá me sentar, e deixar um homem atirar apoiado em mim, meus cascos e a cabeça dele teriam uma boa conversa. Onde já se ouviu um absurdo desses?

Houve um longo silêncio, então um dos bois de canhão levantou sua enorme cabeça e disse:

— É. Realmente é uma tolice. Só há uma maneira de lutar.

— Ah, me conte — disse Billy. — Por favor, conte para nós. Imagino que vocês lutem se equilibrando sobre o rabo.

— Só um jeito — disseram os dois juntos. (Talvez fossem gêmeos.) — Só assim. Colocam vinte de nós para puxar o grande canhão tão logo Dois Rabos ("Dois Rabos" é a gíria do acampamento para elefantes) trombeteia.

— E por que Dois Rabos trombeteia? — perguntou o jovem burro.

— Para avisar que não dará mais nenhum passo em direção à fumaça do outro lado. Dois Rabos é um grande covarde. Juntos, nós arrastamos o grande canhão… *Eia! Ôa! Eia! Ôa!* Não escalamos como

gatos, nem corremos como novilhos. Atravessamos a planície, uns vinte de nós, emparelhados, até levantarem nossas cangas. Depois disso, ficamos pastando enquanto os grandes canhões estrondeiam ao longo da planície. Seus projéteis atingem alguma cidade de muros de barro, que desaba erguendo poeira como quando uma manada está voltando para casa.

— Ah! E vocês pastam justo nessa hora? — disse o jovem burro.

— Sim, como em qualquer outra hora. Comer é sempre bom. Ficamos lá até recolocarem nossas cangas para puxarmos o canhão de volta para onde Dois Rabos ficou esperando a gente. Às vezes, as cidades têm canhões que troam de volta e matam alguns de nós… assim sobra mais pasto para quem sobreviveu. É o destino. Dois Rabos, enquanto isso, continua sendo um grande covarde. Esse é o jeito certo de lutar. Somos irmãos de Hapur. Nosso pai era um touro sagrado de Shiva. É isso.

— Bem, posso dizer que aprendi alguma coisa esta noite — disse o cavalo de tropa. — Vocês, cavalheiros da bateria das tarraxas, sentem vontade de comer quando alvejados por grandes canhões e com Dois Rabos na retaguarda?

— Tanto quanto sentimos vontade de sentar no chão e deixar homens atirar sobre nós ou correr para cima de gente com espadas. Nunca ouvi uma coisa dessas. Me dê um desfiladeiro, uma carga bem arrochada, um guia confiável que me deixe escolher o melhor caminho e pode contar comigo. Já essas outras coisas, não! — disse Billy batendo seu casco no chão.

— Claro — disse o cavalo —, cada um é feito de uma forma. Posso ver claramente que a família do lado de seu pai não conseguia entender muita coisa.

— Nunca se dirija à família do lado do meu pai — disse Billy furioso, porque os burros odeiam ser lembrados que seus pais são

jumentos. — Meu pai era um cavalheiro do sul, capaz de derrubar, morder e coicear qualquer cavalo que encontrasse até fazê-lo em pedaços. Lembre-se disso, seu grande baio assilvestrado — assilvestrado significa "cavalo selvagem sem linhagem".

A raiva que uma charrete sentiria se fosse chamada de patinete é pouco perto de dizer que um mustangue australiano é assilvestrado. Mesmo no escuro, vi o branco dos seus olhos faiscar de ódio.

— Olha aqui, seu filho de um jegue de Málaga — disse ele cerrando os dentes —, fique sabendo que sou parente por parte de mãe de Carbine, vencedor da Copa Melbourne. De onde venho não temos o costume de levar desaforo para casa, principalmente de um burro boca-mole cabeça de ostra da bateria de lançamento de amendoins de festim. Defenda-se!

— Vá se empinando! — guinchou Billy.

Ambos foram se afastando sem desviar os olhos um do outro. Eu esperava uma luta ferrenha, quando uma voz aquosa e retumbante se pronunciou da escuridão, à direita.

— Crianças, qual o motivo dessa briga? Acalmem-se.

Ambos voltaram às quatro patas, bufando de desgosto. Nem o cavalo nem o burro suportam ouvir a voz de um elefante.

— É o Dois Rabos! — disse o cavalo de tropa. — Não suporto esse cara. Um rabo na frente e outro atrás é covardia!

— Concordo plenamente — disse Billy, aproximando-se do cavalo para formar um grupo. — Somos parecidos em vários aspectos.

— Acho que herdamos isso das nossas mães — disse o cavalo. — Não vale a pena discutir. Olá Dois Rabos, você está preso?

— Sim — disse Dois Rabos com uma gargalhada saindo pela tromba. — Fui acorrentado na estaca para passar a noite. Ouvi a

conversa de vocês até agora, amigos. Mas não tenham medo. Não vou até aí.

Os bois e o camelo cochicharam:

— Medo de Dois Rabos… que absurdo!

Os bois continuaram:

— Sentimos muito que tenha ouvido, mas é verdade. Dois Rabos, por que você tem medo de tiros de canhão?

— Bom — disse Dois Rabos, roçando uma pata traseira na outra, exatamente como um garotinho recitando um poema. — Não sei se vão entender.

— Não vamos, mas os canhões são puxados por nós — disseram os bois.

— Eu sei. E sei que vocês são bem mais corajosos do que imaginam. Mas comigo é diferente. O capitão da minha bateria me chamou de Anacronismo Paquidermatoso outro dia.

— Suponho que seja um outro tipo de luta? — disse Billy recuperando o humor.

— É claro que vocês não sabem o que isso significa, mas eu sei, e esta é a minha sina. Consigo ver na minha imaginação o que vai acontecer depois que a bomba explodir, mas vocês, bois, não.

— Eu consigo — disse o cavalo de tropa. — Pelo menos um pouco. Mas não fico pensando nisso.

— Consigo ver mais do que vocês e não posso parar de pensar nisso. Sei que dou trabalho por ser muito grande. Sei que ninguém consegue cuidar de mim quando me machuco. A única coisa que fazem é suspender o salário do meu condutor até eu sarar. Para piorar, eu não confio nele.

— Ah! — disse o cavalo. — Isso explica tudo. Eu confio em Dick.

— Mesmo com um destacamento inteiro de Dicks nas costas não vou me sentir melhor. Sei o suficiente para não me sentir seguro, mas não o suficiente para enfrentar o medo e ir em frente.

— Não entendemos — disseram os bois.

— Sei que não. Não estou falando com vocês. Vocês nem sabem o que é sangue.

— Nós sabemos — disseram os bois. — É a coisa vermelha e fedida que molha o chão.

O cavalo deu um coice, um salto e um relincho:

— Nem falem — disse. — Sinto o cheiro só de pensar. Me dá vontade de sair correndo… mesmo quando Dick não está montado.

— Mas não tem sangue aqui — disseram o camelo e os bois. — Por que você é tão bobo?

— Que coisa nojenta — disse Billy. — Não quero correr e também não quero falar disso.

— Agora chegamos ao ponto! — disse Dois Rabos abanando a cauda para explicar.

— É isso mesmo. Sim, estamos nesse ponto a noite toda — disseram os bois.

Dois Rabos bateu o pé até sua argola de ferro tilintar.

— Ah, não é disso que estou falando. Falo que não enxergam dentro da cabeça de vocês.

— Não. Nós vemos com nossos olhos — disseram os bois. — Vemos as coisas que estão na nossa frente.

— Se eu tivesse um só desejo, vocês não precisariam mais empurrar os grandes canhões. Nunca mais. Por exemplo, se eu fosse o capitão, que consegue ver as coisas dentro da sua cabeça antes de os tiros começarem e se treme todo, mas sabe bem que não pode fugir…

bem, se eu fosse como ele, eu mesmo empurraria os canhões. Se eu fosse tão sábio como ele, jamais teria vindo pra cá. Eu seria um rei na floresta como antigamente, dormindo metade do dia e tomando banho quando me desse vontade. Faz mais de um mês que não tomo um bom banho.

— Isso tudo é muito bonito — disse Billy —, mas dar um nome comprido para uma coisa não melhora nada.

— Shh! — sussurrou o cavalo de tropa. — Acho que entendi o que Dois Rabos quis dizer.

— Em um minuto vocês me entenderão melhor — disse Dois Rabos irritado. — Agora, me expliquem qual o motivo de vocês não gostarem disso!

E começou a barrir furiosamente, o mais alto que podia.

— Pare com isso! — disseram Billy e o cavalo juntos, batendo os cascos e tremendo.

O bramido de um elefante é sempre incômodo, especialmente na calada da noite.

— Não paro — disse Dois Rabos. — Podem me explicar, por favor? Hhrrmph! Rrrt! Rrrmph! Rrrhha!

E quando ele parou, ouvi um choramingo no escuro e percebi que Raposinha finalmente tinha me encontrado. Ela sabia tão bem quanto eu que se há uma coisa no mundo que elefantes temem mais do que qualquer outra é o latido de um cachorro. Por isso ela parou para intimidar Dois Rabos, que estava preso, e latiu rodeando suas grandes patas. Dois Rabos se descontrolou e reclamou:

— Sai, cachorrinho! — disse. — Se cheirar meus calcanhares eu te chuto. Cachorrinho bonzinho… muito bonzinho, olha! Vá para casa, sua coisinha barulhenta! Ai, alguém pode tirá-la daqui? Vai acabar me mordendo.

— Me parece — disse Billy ao cavalo — que nosso amigo Dois Rabos tem medo de muita coisa. Se me dessem uma refeição completa para cada coice que já dei em cachorros nos desfiles, eu estaria tão gordo quanto Dois Rabos.

Dei um assobio e Raposinha veio correndo, toda enlameada. Lambeu meu nariz e me contou a longa história de como ficou me procurando pelo acampamento a noite toda. Nunca a deixei perceber que eu entendia a língua dos bichos, senão ela acabaria tomando certas liberdades. Ajeitei-a dentro do meu sobretudo. Dois Rabos se inquietou, pisoteou e grunhiu sozinho.

— Extraordinário! Que extraordinário! — disse. — Está no meu sangue. Mas para onde é que foi a ferinha insolente?

Pude ouvi-lo tateando com sua tromba.

— Parece que todos temos algum ponto fraco — continuou, assoando o nariz. — Vocês, cavalheiros, ficaram assustados quando dei meu berro.

— Não exatamente — disse o cavalo de tropa. — Senti como se besouros estivessem andando nas minhas costas no lugar da minha sela. Não faça de novo.

— Eu tenho medo do cachorrinho. Já o camelo aqui está apavorado com seus pesadelos.

— Temos sorte de não lutarmos todos da mesma maneira — disse o cavalo.

— O que eu quero saber… — disse o jovem burro que já estava quieto fazia um bom tempo — é por qual motivo nós lutamos.

— Porque nos mandam — disse o cavalo com um relincho de desdém.

— Ordens — disse o burro Billy estalando seus dentes.

— *Hukm hai!* (É uma ordem!) — disse o camelo com um gargarejo.

Dois Rabos e os bois repetiram:

— Hukm hai!

— Sim, mas *quem* dá as ordens? — disse o burro recruta.

— O homem à sua frente… ou o que está montado em você… ou o que puxa o arreio… ou aquele que torce o seu rabo — disseram Billy, o cavalo, o camelo e os bois, um após o outro.

— Mas *quem* dá ordens a eles?

— Agora você está querendo saber demais, meu jovem — disse Billy. — Vai acabar levando um coice. Tudo o que você tem a fazer é obedecer ao homem que te puxa e não fazer perguntas.

— Ele está certo — disse Dois Rabos. — Não consigo obedecer sempre porque fico naquela dúvida. Billy tem razão. Obedeça às ordens do homem mais próximo ou você acaba parando toda a bateria e pode acabar apanhando.

Os bois de canhão se levantaram.

— Está quase amanhecendo — disseram. — Vamos voltar para as nossas fileiras. É verdade que só conseguimos enxergar o que nossos olhos veem. Não somos muito inteligentes, mas, mesmo assim, somos os únicos que não tiveram medo esta noite. Boa noite, gente corajosa.

Ninguém respondeu e o cavalo de tropa pediu para mudar de assunto:

— Cadê o cachorrinho? Sempre tem algum homem perto de um cão.

— Estou aqui — latiu Raposinha —, debaixo da traseira do canhão. Estou com meu dono, seu camelo desengonçado. Você desarmou nossa barraca. Meu dono está muito bravo.

— Xi! — disseram os bois. — Ele deve ser branco!

— É claro que é — disse Raposinha. — Você acha que um tocador de bois negro seria meu dono?

— Huah! Ach! Ugh! — disseram os bois. — Vamos cair fora daqui, rápido.

Ambos se foram pela lama. De algum modo conseguiram enroscar sua canga no mastro do vagão de munição.

— Agora vocês se superaram — disse Billy calmamente. — Não esperneiem. Vão ficar pendurados aí até o sol nascer. Por que saíram correndo assim?

Os bois continuaram fazendo o ronco longo, comum ao gado indiano, e empurraram, se embolaram, se contorceram, repisaram, escorregaram e quase caíram na lama, grunhindo de nervosos.

— Mais um pouco e vão quebrar o pescoço — disse o cavalo de tropa. — Por que tanto medo de homens brancos? Eu convivo com eles.

— Eles… comem… a gente! Empurra logo! — disse o boi mais próximo.

A canga se quebrou com um estalo e ambos se livraram.

Nunca ouvi dizer que o gado indiano tinha tanto medo dos ingleses. Nós comemos carne, coisa que nenhum boiadeiro faria… esse pavor todo deixou muito claro que gado nenhum gosta disso.

— Que me chicoteiem com meu próprio arreio! Quem teria imaginado dois gigantes como esses perdendo a cabeça assim? — disse Billy.

— Deixe os dois. Quero dar uma olhada nesse homem. A maioria dos brancos, até onde sei, sempre tem coisas nos bolsos — disse o cavalo de tropa.

— Até mais, então. Não posso dizer que caio de amores por eles.

Além do mais, brancos que não têm onde dormir acabam virando bandidos. Tenho uma boa quantidade de propriedade governamental no meu lombo. Venha, meu jovem, vamos voltar para as nossas fileiras. Boa noite, Austrália! Nos vemos amanhã no desfile. Boa noite, velho Rolo de Feno! Tente controlar seus medos, está bem? Boa noite, Dois Rabos! Se passar por nós amanhã, nada de tocar sua tromba. Vai bagunçar nossa formação.

Billy, o burro, saiu naquele trote espalhafatoso de soldado experiente, ao mesmo tempo que a cabeça do cavalo veio fuçar no meu sobretudo e eu lhe dei uns biscoitos. Quanto a Raposinha — que é uma cachorrinha bem pretensiosa —, ficou contando vantagem a ele sobre sermos, eu e ela, donos de dezenas de cavalos.

— Amanhã irei ao desfile em meu veículo canino — disse ela. — Onde você vai estar?

— À esquerda do segundo esquadrão. Sou eu quem dá o ritmo à tropa, senhorita — disse ele educadamente. — Agora, preciso encontrar Dick. Meu rabo está todo enlameado e ele terá duas horas de trabalho duro para me arrumar antes do desfile.

O grande desfile com todos os trinta mil homens aconteceu naquela tarde. Raposinha e eu ficamos em um bom lugar, próximo ao vice-rei e ao emir do Afeganistão, que usava uma grande cartola de lã de cordeiro com uma enorme estrela de diamante no centro. O sol brilhou durante a primeira parte da revista. Os regimentos marcharam em ondas e mais ondas de pernas em passos sincronizados. Filas de canhões alinhados que até davam tontura de olhar. Depois veio a cavalaria, trotando seu belo passo de "Bonnie Dundee". [30] Raposinha esticou suas orelhas de onde estava sentada em seu carrinho. O segundo esquadrão de lanceiros despontou e com ele o cavalo de tropa com seu rabo penteado e sedoso, o queixo quase tocando o peito, uma orelha espichada para a frente e outra para trás,

marcando o passo de todo o esquadrão e com as pernas movendo como se estivessem dançando uma valsa. Depois vieram os grandes canhões. Vi Dois Rabos e outros dois elefantes em fila vestindo armaduras, puxando um enorme canhão de cerca de quarenta tiros, enquanto vinte parelhas de bois vinham logo atrás. A sétima parelha estava de canga nova e os dois parceiros pisavam duro de tão cansados. Por último vieram os canhões de tarraxa, o burro Billy se portava como se fosse o comandante de todos os soldados. Seus arreios estavam tão lustrosos e brilhantes que até ofuscavam a vista. Dei um aceno tímido para o burro Billy, mas ele sequer olhou para os lados.

A chuva começou a cair e, por um momento, a névoa nos impediu de ver o que as tropas faziam. Tinham formado um meio círculo ao longo da planície e se dispersavam formando uma fila, que foi crescendo, crescendo, crescendo até ficar com quase um quilômetro de uma ponta à outra… uma sólida muralha de homens, animais e canhões. Depois, vieram todos marchando direto na direção do vice-rei e do emir. O chão tremia conforme eles se aproximavam — como treme o convés de um barco a vapor quando os motores estão à toda.

A menos que você estivesse lá, é impossível imaginar o efeito aterrorizante que essa marcha decidida teve sobre os espectadores, mesmo sabendo se tratar de um simples desfile. Olhei para o emir. Até esse momento, ele não tinha demonstrado sequer um sinal de admiração ou assombro. Mas agora seus olhos se abriam cada vez mais e apertava forte as rédeas do cavalo, olhando rapidamente para trás. Por um minuto pareceu que ele estava prestes a sacar sua espada e abrir seu caminho entre os homens e mulheres ingleses em suas carruagens para fugir pela retaguarda. Quando o avanço terminou, o chão parou de tremer e a fileira toda saudou. Trinta bandas começaram a tocar juntas. Assim terminou a revista das tropas.

Então, todos os regimentos partiram em direção às barracas, sob forte chuva. Nesse momento, a banda de infantaria disparou:

Os animais vieram aos pares,

Hurra!

Os animais vieram aos pares,

Do elefante ao burro de bateria,

E todos entraram na arca

Para não ficar na chuva!

Ouvi um velho chefe cabeludo e grisalho da Ásia Central que acompanhava o emir fazer as seguintes perguntas a um oficial nativo.

— Diga-me — disse ele —, como é organizar esta maravilha?

E o oficial respondeu:

— Deram essa ordem e nós obedecemos.

— E os animais são tão sábios quanto os homens? — perguntou o chefe.

— Eles obedecem, assim como os homens. Burro, cavalo, elefante ou boi, todos obedecem aos seus condutores, os quais obedecem ao sargento, que, por seu turno, obedece ao tenente. Já o tenente obedece ao capitão, o capitão ao major, o major ao coronel, o coronel ao brigadeiro, que comanda três regimentos. O brigadeiro, por sua vez, obedece ao general, que obedece ao vice-rei, que é servo do Império. É assim.

— Quem dera fosse igual no Afeganistão! — disse o chefe. — Porque lá nós só obedecemos mesmo às nossas próprias vontades.

— Foi por isso — disse o oficial nativo enrolando seu bigode — que o emir ao qual você não obedece precisou vir até aqui para receber ordens do nosso vice-rei.

MÚSICA DE DESFILE PARA ANIMAIS DE CASERNA

Elefantes de Artilharia

Emprestamos a Alexandre a força de Hércules

Sabedoria na cabeça, agilidade nos pés;

Obedecemos quando em guarda:

Abram alas para as tropas pesadas,

Dos grandes canhões de muitas toneladas.

Bois de Canhão

Os heróis de cabresto temem as balas,

Temem a pólvora e ficam sem fala;

Então, entramos em ação, puxando a armada.

Abram alas para vinte parelhas

Dos grandes canhões de muitas toneladas.

Cavalos de Cavalaria

Medalhas nos ombros e voz afinada.

Lanceiros, hussardos, dragões e mais nada,

Mais importante do que currais ou água,

É o trote da cavalaria com "Bonnie Dundee" !

Comida, água, cuidados e escova,

Bons cavaleiros e uma esplanada,

Ordene o ataque de nossa coluna

A guerra dos cavalos com "Bonnie Dundee"!

Burros de Tarraxa

Quando escalamos as montanhas

O caminho desmorona atrás de nós;

Equilíbrio ao subir rapazes, sempre chegamos lá!

É um prazer a altura da montanha, cascos melhores não há!

A trilha escolhida é a sorte aos oficiais;

Azar do tropeiro que não sabe selar:

Equilíbrio ao subir, rapazes, sempre chegamos lá,

É um prazer a altura da montanha, cascos melhores não há!

Camelos do Comissariado

Camelamos por uma canção só nossa.

Por favor, ajude a compor este trote.

Cada pescoço é uma tuba peluda.

(Rá-tá-tá-tá! Uma tuba peluda!)

E este é o nosso mote:

Não pode! Não deve! Não vai!

Vá avisando a fileira!

A carga de alguém caiu da sela,

Antes fosse a minha!

A sela de alguém caiu na trilha...

Vamos parar e depois vamos brigar!

Urrr! Yarrh! Grr! Arrh!

Alguém volte lá para pegar!

Todos os Bichos Juntos

Somos os filhos da caserna,

Obedecendo às ordens sem baderna,

Filhos da canga e chicote,

Da carga, cabresto, sela e trote.

Nossa marcha vai pela estrada,

Como uma corda que foi esticada,

Sem nunca parar, sempre em frente,

A caminho da guerra, literalmente!

Mas o soldado ao nosso lado,

Sujo, quieto e cansado,

Não sabe nos dizer

Para que tanto marchar e sofrer.

Somos os filhos da caserna,

Obedecendo às ordens sem baderna,

Filhos da canga e chicote,

Da carga, cabresto, sela e trote.

Notas

[1] Há aqui uma evidente brincadeira de Kipling, que agradece seus colaboradores seguindo o formato utilizado em trabalhos científicos da época. Porém, todos os “especialistas” homenageados no prefácio são animais.

[2] A montanha de Jakko (ou Jakhoo) é o ponto mais alto de Shimla, capital do Estado de Himachal Pradesh, no norte da Índia.

[3] Tipo de primata (langur-cinzento) existente na Índia.

[4] O herpetólogo é um zoólogo especializado no ramo da zoologia que estuda os répteis. Neste caso,

o especialista é um mangusto, animal que protagoniza um dos contos.

[5] Qualquer tipo de serpente dotada glândulas venenosas e presas. O termo thanatopidhias resulta da combinação de duas palavras gregas thanatos (morte) e ophis (serpente).

[6] Pertencente à companhia Canadian-Pacific Line, o Empress of India era um navio a vapor que fazia o trajeto que ligava o Canadá ao Oriente.

[7] O povo dos chacais.

[8] Raksha: espécie de demônio da mitologia hindu responsável por guardar tesouros.

[9] Sambar (ou sambhur) é uma espécie de cervo de grande porte que vive na Índia.

[10] Os mosquetes da Torre eram armas controladas pelo governo, fabricados na Torre de Londres até 1885.

[11] A Flor do Fogo é uma árvore de flores vermelhas.

[12] Unidade monetária usada anteriormente na Índia e no Paquistão.

Uma anna equivalia a 1/16 de rupia.

[13] Kipling se refere ao conto "Dentro da rukh " , primeira história de Mowgli, publicada um ano antes de

O livro da selva. Nela, Mowgli aparece em uma área de reflorestamento já adulto e faz amizade com um guarda florestal.

[14] Ilha próxima ao Alaska. É uma área russa que foi vendida aos Estados Unidos em 1867. Por isso, vários nomes que aparecem aqui são de origem russa.

[15] Grampus é o antigo nome do animal que hoje chamamos de orca.

[16] Frase que em russo significa, literalmente: "Aborrecido! Estou muito aborrecido!".

[17] A ilha de Alejandro Selkirk, conhecida como Más Afuera ("Mais Distante"), faz parte de um arquipélago ao sul do oceano Pacífico.

[18] O Sapo-Lacaio, de Alice no País das Maravilhas.

[19] Primeira Guerra Anglo-Afegã (1839-1842), conflito no qual a Grã-Bretanha, a partir de sua base na Índia, buscava aumentar seu controle na região do Afeganistão.

[20] O Império Britânico venceu Teodoro II, imperador da Abissínia (hoje Etiópia), usando elefantes para transportar armamentos pesados pelas montanhas rochosas de Magdala. O Império Britânico abandonou a região logo após a vitória. A Abissínia só voltaria a ter importância geopolítica em 1869, com a inauguração do canal de Suez. As tropas britânicas que venceram esse conflito eram compostas por dois terços de indianos.

[21] A Batalha de Ali Masjid (que fica atualmente no Paquistão, em uma região perto da fronteira com Afeganistão) ocorreu em 21 de novembro de 1878. Foi o primeiro conflito da Segunda Guerra Anglo-Afegã (1878-80).

[22] Também conhecida como Mawlamyine, essa cidade a sudeste de Mianmar (antiga Birmânia) é um porto importante no golfo de Martaban, que fica perto da foz do rio Salween. Foi a principal cidade da Birmânia britânica desde o Tratado de Yandabo (1826) até a anexação de Pegu em 1852.]

[23] São os condutores e tratadores de elefantes na Índia.

[24] Almofada, às vezes sob uma tenda, para transporte humano sobre animais de grande porte, como elefantes e camelos.

[25] Do sânscrito an kuśa ou ankusha , o termo refere-se a uma ferramenta utilizada para treinar e conduzir elefantes.

[26] Paliçada construída especificamente para elefantes selvagens.

[27] População de Assam (estado no Nordeste da Índia).

[28] Ver nota 8 em "Tigre! Tigre!".

[29] Um dos nomes de Shiva, em híndi.

[30] John Graham of Claverhouse (1649-1689), primeiro Visconde de Dundee, conhecido como Bonnie Dundee, foi um soldado escocês que comandou forças que lutavam contra a Revolução Gloriosa, a qual depôs o rei James II da Inglaterra, em 1689.

THE JUNGLE BOOK

Rudyard Kipling

MOWGLI’S BROTHERS

Now Rann the Kite brings home the night

That Mang the Bat sets free—

The herds are shut in byre and hut

For loosed till dawn are we.

This is the hour of pride and power,

Talon and tush and claw.

Oh, hear the call!—Good hunting all

That keep the Jungle Law!

Night-Song in the Jungle

It was seven o'clock of a very warm evening in the Seeonee hills when Father Wolf woke up from his day's rest, scratched himself, yawned, and spread out his paws one after the other to get rid of the sleepy feeling in their tips. Mother Wolf lay with her big gray nose dropped across her four tumbling, squealing cubs, and the moon shone into the mouth of the cave where they all lived. "Augrh!" said Father Wolf. "It is time to hunt again." He was going to spring down hill when a little shadow with a bushy tail crossed the threshold and whined: "Good luck go with you, O Chief of the Wolves. And good luck and strong white teeth go with noble children that they may never forget the hungry in this world."

It was the jackal—Tabaqui, the Dish-licker—and the wolves of India despise Tabaqui because he runs about making mischief, and telling tales, and eating rags and pieces of leather from the village rubbish-heaps. But they are afraid of him too, because Tabaqui, more than anyone else in the jungle, is apt to go mad, and then he forgets that he was ever afraid of anyone, and runs through the forest biting everything in his way. Even the tiger runs and hides when little Tabaqui goes mad, for madness is the most disgraceful thing that can overtake a wild creature. We call it hydrophobia, but they call it dewanee—the madness—and run.

"Enter, then, and look," said Father Wolf stiffly, "but there is no food here."

"For a wolf, no," said Tabaqui, "but for so mean a person as myself a dry bone is a good feast. Who are we, the Gidur-log [the jackal people], to pick and choose?" He scuttled to the back of the cave, where he found the bone of a buck with some meat on it, and sat cracking the end merrily.

"All thanks for this good meal," he said, licking his lips. "How beautiful are the noble children! How large are their eyes! And so

young too! Indeed, indeed, I might have remembered that the children of kings are men from the beginning."

Now, Tabaqui knew as well as anyone else that there is nothing so unlucky as to compliment children to their faces. It pleased him to see Mother and Father Wolf look uncomfortable.

Tabaqui sat still, rejoicing in the mischief that he had made, and then he said spitefully:

"Shere Khan, the Big One, has shifted his hunting grounds. He will hunt among these hills for the next moon, so he has told me."

Shere Khan was the tiger who lived near the Waingunga River, twenty miles away.

"He has no right!" Father Wolf began angrily—"By the Law of the Jungle he has no right to change his quarters without due warning. He will frighten every head of game within ten miles, and I—I have to kill for two, these days."

"His mother did not call him Lungri [the Lame One] for nothing," said Mother Wolf quietly. "He has been lame in one foot from his birth. That is why he has only killed cattle. Now the villagers of the Waingunga are angry with him, and he has come here to make our villagers angry. They will scour the jungle for him when he is far away, and we and our children must run when the grass is set alight. Indeed, we are very grateful to Shere Khan!"

"Shall I tell him of your gratitude?" said Tabaqui.

"Out!" snapped Father Wolf. "Out and hunt with thy master. Thou hast done harm enough for one night."

"I go," said Tabaqui quietly. "Ye can hear Shere Khan below in the thickets. I might have saved myself the message."

Father Wolf listened, and below in the valley that ran down to a little river he heard the dry, angry, snarly, singsong whine of a tiger

who has caught nothing and does not care if all the jungle knows it.

"The fool!" said Father Wolf. "To begin a night's work with that noise! Does he think that our buck are like his fat Waingunga bullocks?"

"H'sh. It is neither bullock nor buck he hunts to-night," said Mother Wolf. "It is Man."

The whine had changed to a sort of humming purr that seemed to come from every quarter of the compass. It was the noise that bewilders woodcutters and gypsies sleeping in the open, and makes them run sometimes into the very mouth of the tiger.

"Man!" said Father Wolf, showing all his white teeth. "Faugh! Are there not enough beetles and frogs in the tanks that he must eat Man, and on our ground too!"

The Law of the Jungle, which never orders anything without a reason, forbids every beast to eat Man except when he is killing to show his children how to kill, and then he must hunt outside the hunting grounds of his pack or tribe. The real reason for this is that man-killing means, sooner or later, the arrival of white men on elephants, with guns, and hundreds of brown men with gongs and rockets and torches. Then everybody in the jungle suffers. The reason the beasts give among themselves is that Man is the weakest and most defenseless of all living things, and it is unsportsmanlike to touch him. They say too—and it is true—that man-eaters become mangy, and lose their teeth.

The purr grew louder, and ended in the full-throated "Aaarh!" of the tiger's charge.

Then there was a howl—an untigerish howl—from Shere Khan. "He has missed," said Mother Wolf. "What is it?"

Father Wolf ran out a few paces and heard Shere Khan muttering

and mumbling savagely as he tumbled about in the scrub.

"The fool has had no more sense than to jump at a woodcutter's campfire, and has burned his feet," said Father Wolf with a grunt. "Tabaqui is with him."

"Something is coming uphill," said Mother Wolf, twitching one ear. "Get ready."

The bushes rustled a little in the thicket, and Father Wolf dropped with his haunches under him, ready for his leap. Then, if you had been watching, you would have seen the most wonderful thing in the world—the wolf checked in mid-spring. He made his bound before he saw what it was he was jumping at, and then he tried to stop himself. The result was that he shot up straight into the air for four or five feet, landing almost where he left ground.

"Man!" he snapped. "A man's cub. Look!"

Directly in front of him, holding on by a low branch, stood a naked brown baby who could just walk—as soft and as dimpled a little atom as ever came to a wolf's cave at night. He looked up into Father Wolf's face, and laughed.

"Is that a man's cub?" said Mother Wolf. "I have never seen one. Bring it here."

A Wolf accustomed to moving his own cubs can, if necessary, mouth an egg without breaking it, and though Father Wolf's jaws closed right on the child's back not a tooth even scratched the skin as he laid it down among the cubs.

"How little! How naked, and—how bold!" said Mother Wolf softly. The baby was pushing his way between the cubs to get close to the warm hide. "Ahai! He is taking his meal with the others. And so this is a man's cub. Now, was there ever a wolf that could boast of a man's cub among her children?"

“I have heard now and again of such a thing, but never in our Pack or in my time,” said Father Wolf. “He is altogether without hair, and I could kill him with a touch of my foot. But see, he looks up and is not afraid.”

The moonlight was blocked out of the mouth of the cave, for Shere Khan’s great square head and shoulders were thrust into the entrance. Tabaqui, behind him, was squeaking: “My lord, my lord, it went in here!”

“Shere Khan does us great honor,” said Father Wolf, but his eyes were very angry. “What does Shere Khan need?”

“My quarry. A man’s cub went this way,” said Shere Khan. “Its parents have run off. Give it to me.”

Shere Khan had jumped at a woodcutter’s campfire, as Father Wolf had said, and was furious from the pain of his burned feet. But Father Wolf knew that the mouth of the cave was too narrow for a tiger to come in by. Even where he was, Shere Khan’s shoulders and forepaws were cramped for want of room, as a man’s would be if he tried to fight in a barrel.

“The Wolves are a free people,” said Father Wolf. “They take orders from the Head of the Pack, and not from any striped cattle-killer. The man’s cub is ours—to kill if we choose.”

“Ye choose and ye do not choose! What talk is this of choosing? By the bull that I killed, am I to stand nosing into your dog’s den for my fair dues? It is I, Shere Khan, who speak!”

The tiger’s roar filled the cave with thunder. Mother Wolf shook herself clear of the cubs and sprang forward, her eyes, like two green moons in the darkness, facing the blazing eyes of Shere Khan.

“And it is I, Raksha [The Demon], who answers. The man’s cub is mine, Lungri—mine to me! He shall not be killed. He shall live to run

with the Pack and to hunt with the Pack; and in the end, look you, hunter of little naked cubs—frog-eater—fish-killer—he shall hunt thee! Now get hence, or by the Sambhur that I killed (I eat no starved cattle), back thou goest to thy mother, burned beast of the jungle, lamer than ever thou camest into the world! Go!"

Father Wolf looked on amazed. He had almost forgotten the days when he won Mother Wolf in fair fight from five other wolves, when she ran in the Pack and was not called The Demon for compliment's sake. Shere Khan might have faced Father Wolf, but he could not stand up against Mother Wolf, for he knew that where he was she had all the advantage of the ground, and would fight to the death. So he backed out of the cave mouth growling, and when he was clear he shouted:

"Each dog barks in his own yard! We will see what the Pack will say to this fostering of man-cubs. The cub is mine, and to my teeth he will come in the end, O bush-tailed thieves!"

Mother Wolf threw herself down panting among the cubs, and Father Wolf said to her gravely:

"Shere Khan speaks this much truth. The cub must be shown to the Pack. Wilt thou still keep him, Mother?"

"Keep him!" she gasped. "He came naked, by night, alone and very hungry; yet he was not afraid! Look, he has pushed one of my babes to one side already. And that lame butcher would have killed him and would have run off to the Waingunga while the villagers here hunted through all our lairs in revenge! Keep him? Assuredly I will keep him. Lie still, little frog. O thou Mowgli—for Mowgli the Frog I will call thee—the time will come when thou wilt hunt Shere Khan as he has hunted thee."

"But what will our Pack say?" said Father Wolf.

The Law of the Jungle lays down very clearly that any wolf may,

when he marries, withdraw from the Pack he belongs to. But as soon as his cubs are old enough to stand on their feet he must bring them to the Pack Council, which is generally held once a month at full moon, in order that the other wolves may identify them. After that inspection the cubs are free to run where they please, and until they have killed their first buck no excuse is accepted if a grown wolf of the Pack kills one of them. The punishment is death where the murderer can be found; and if you think for a minute you will see that this must be so.

Father Wolf waited till his cubs could run a little, and then on the night of the Pack Meeting took them and Mowgli and Mother Wolf to the Council Rock—a hilltop covered with stones and boulders where a hundred wolves could hide. Akela, the great gray Lone Wolf, who led all the Pack by strength and cunning, lay out at full length on his rock, and below him sat forty or more wolves of every size and color, from badger-colored veterans who could handle a buck alone to young black three-year-olds who thought they could. The Lone Wolf had led them for a year now. He had fallen twice into a wolf trap in his youth, and once he had been beaten and left for dead; so he knew the manners and customs of men. There was very little talking at the Rock. The cubs tumbled over each other in the center of the circle where their mothers and fathers sat, and now and again a senior wolf would go quietly up to a cub, look at him carefully, and return to his place on noiseless feet. Sometimes a mother would push her cub far out into the moonlight to be sure that he had not been overlooked. Akela from his rock would cry: "Ye know the Law—ye know the Law. Look well, O Wolves!" And the anxious mothers would take up the call: "Look—look well, O Wolves!"

At last—and Mother Wolf's neck bristles lifted as the time came—Father Wolf pushed "Mowgli the Frog," as they called him, into the

center, where he sat laughing and playing with some pebbles that glistened in the moonlight.

Akela never raised his head from his paws, but went on with the monotonous cry: "Look well!" A muffled roar came up from behind the rocks—the voice of Shere Khan crying: "The cub is mine. Give him to me. What have the Free People to do with a man's cub?" Akela never even twitched his ears. All he said was: "Look well, O Wolves! What have the Free People to do with the orders of any save the Free People? Look well!"

There was a chorus of deep growls, and a young wolf in his fourth year flung back Shere Khan's question to Akela: "What have the Free People to do with a man's cub?" Now, the Law of the Jungle lays down that if there is any dispute as to the right of a cub to be accepted by the Pack, he must be spoken for by at least two members of the Pack who are not his father and mother.

"Who speaks for this cub?" said Akela. "Among the Free People who speaks?" There was no answer and Mother Wolf got ready for what she knew would be her last fight, if things came to fighting.

Then the only other creature who is allowed at the Pack Council —Baloo, the sleepy brown bear who teaches the wolf cubs the Law of the Jungle: old Baloo, who can come and go where he pleases because he eats only nuts and roots and honey—rose upon his hind quarters and grunted.

"The man's cub—the man's cub?" he said. "I speak for the man's cub. There is no harm in a man's cub. I have no gift of words, but I speak the truth. Let him run with the Pack, and be entered with the others. I myself will teach him."

"We need yet another," said Akela. "Baloo has spoken, and he is our teacher for the young cubs. Who speaks besides Baloo?"

A black shadow dropped down into the circle. It was Bagheera the

Black Panther, inky black all over, but with the panther markings showing up in certain lights like the pattern of watered silk. Everybody knew Bagheera, and nobody cared to cross his path; for he was as cunning as Tabaqui, as bold as the wild buffalo, and as reckless as the wounded elephant. But he had a voice as soft as wild honey dripping from a tree, and a skin softer than down.

"O Akela, and ye the Free People," he purred, "I have no right in your assembly, but the Law of the Jungle says that if there is a doubt which is not a killing matter in regard to a new cub, the life of that cub may be bought at a price. And the Law does not say who may or may not pay that price. Am I right?"

"Good! Good!" said the young wolves, who are always hungry. "Listen to Bagheera. The cub can be bought for a price. It is the Law."

"Knowing that I have no right to speak here, I ask your leave."

"Speak then," cried twenty voices.

"To kill a naked cub is shame. Besides, he may make better sport for you when he is grown. Baloo has spoken in his behalf. Now to Baloo's word I will add one bull, and a fat one, newly killed, not half a mile from here, if ye will accept the man's cub according to the Law. Is it difficult?"

There was a clamor of scores of voices, saying: "What matter? He will die in the winter rains. He will scorch in the sun. What harm can a naked frog do us? Let him run with the Pack. Where is the bull, Bagheera? Let him be accepted." And then came Akela's deep bay, crying: "Look well—look well, O Wolves!"

Mowgli was still deeply interested in the pebbles, and he did not notice when the wolves came and looked at him one by one. At last they all went down the hill for the dead bull, and only Akela, Bagheera, Baloo, and Mowgli's own wolves were left. Shere Khan

roared still in the night, for he was very angry that Mowgli had not been handed over to him.

"Ay, roar well," said Bagheera, under his whiskers, "for the time will come when this naked thing will make thee roar to another tune, or I know nothing of man."

"It was well done," said Akela. "Men and their cubs are very wise. He may be a help in time."

"Truly, a help in time of need; for none can hope to lead the Pack forever," said Bagheera.

Akela said nothing. He was thinking of the time that comes to every leader of every pack when his strength goes from him and he gets feebler and feebler, till at last he is killed by the wolves and a new leader comes up—to be killed in his turn.

"Take him away," he said to Father Wolf, "and train him as befits one of the Free People."

And that is how Mowgli was entered into the Seeonee Wolf Pack for the price of a bull and on Baloo's good word.

Now you must be content to skip ten or eleven whole years, and only guess at all the wonderful life that Mowgli led among the wolves, because if it were written out it would fill ever so many books. He grew up with the cubs, though they, of course, were grown wolves almost before he was a child. And Father Wolf taught him his business, and the meaning of things in the jungle, till every rustle in the grass, every breath of the warm night air, every note of the owls above his head, every scratch of a bat's claws as it roosted for a while in a tree, and every splash of every little fish jumping in a pool meant just as much to him as the work of his office means to a business man. When he was not learning he sat out in the sun and slept, and ate and went to sleep again. When he felt dirty or hot he swam in the forest pools; and when he wanted honey (Baloo told him that honey and

nuts were just as pleasant to eat as raw meat) he climbed up for it, and that Bagheera showed him how to do.

Bagheera would lie out on a branch and call, "Come along, Little Brother," and at first Mowgli would cling like the sloth, but afterward he would fling himself through the branches almost as boldly as the gray ape. He took his place at the Council Rock, too, when the Pack met, and there he discovered that if he stared hard at any wolf, the wolf would be forced to drop his eyes, and so he used to stare for fun. At other times he would pick the long thorns out of the pads of his friends, for wolves suffer terribly from thorns and burs in their coats. He would go down the hillside into the cultivated lands by night, and look very curiously at the villagers in their huts, but he had a mistrust of men because Bagheera showed him a square box with a drop gate so cunningly hidden in the jungle that he nearly walked into it, and told him that it was a trap. He loved better than anything else to go with Bagheera into the dark warm heart of the forest, to sleep all through the drowsy day, and at night see how Bagheera did his killing. Bagheera killed right and left as he felt hungry, and so did Mowgli—with one exception. As soon as he was old enough to understand things, Bagheera told him that he must never touch cattle because he had been bought into the Pack at the price of a bull's life. "All the jungle is thine," said Bagheera, "and thou canst kill everything that thou art strong enough to kill; but for the sake of the bull that bought thee thou must never kill or eat any cattle young or old. That is the Law of the Jungle." Mowgli obeyed faithfully.

And he grew and grew strong as a boy must grow who does not know that he is learning any lessons, and who has nothing in the world to think of except things to eat.

Mother Wolf told him once or twice that Shere Khan was not a creature to be trusted, and that some day he must kill Shere Khan. But though a young wolf would have remembered that advice every

hour, Mowgli forgot it because he was only a boy—though he would have called himself a wolf if he had been able to speak in any human tongue.

Shere Khan was always crossing his path in the jungle, for as Akela grew older and feebler the lame tiger had come to be great friends with the younger wolves of the Pack, who followed him for scraps, a thing Akela would never have allowed if he had dared to push his authority to the proper bounds. Then Shere Khan would flatter them and wonder that such fine young hunters were content to be led by a dying wolf and a man's cub. "They tell me," Shere Khan would say, "that at Council ye dare not look him between the eyes." And the young wolves would growl and bristle.

Bagheera, who had eyes and ears everywhere, knew something of this, and once or twice he told Mowgli in so many words that Shere Khan would kill him some day. Mowgli would laugh and answer: "I have the Pack and I have thee; and Baloo, though he is so lazy, might strike a blow or two for my sake. Why should I be afraid?"

It was one very warm day that a new notion came to Bagheera—born of something that he had heard. Perhaps Ikki the Porcupine had told him; but he said to Mowgli when they were deep in the jungle, as the boy lay with his head on Bagheera's beautiful black skin, "Little Brother, how often have I told thee that Shere Khan is thy enemy?"

"As many times as there are nuts on that palm," said Mowgli, who, naturally, could not count. "What of it? I am sleepy, Bagheera, and Shere Khan is all long tail and loud talk—like Mao, the Peacock."

"But this is no time for sleeping. Baloo knows it; I know it; the Pack know it; and even the foolish, foolish deer know. Tabaqui has told thee too."

"Ho! ho!" said Mowgli. "Tabaqui came to me not long ago with some rude talk that I was a naked man's cub and not fit to dig pig-

nuts. But I caught Tabaqui by the tail and swung him twice against a palm-tree to teach him better manners."

"That was foolishness, for though Tabaqui is a mischief-maker, he would have told thee of something that concerned thee closely. Open those eyes, Little Brother. Shere Khan dare not kill thee in the jungle. But remember, Akela is very old, and soon the day comes when he cannot kill his buck, and then he will be leader no more. Many of the wolves that looked thee over when thou wast brought to the Council first are old too, and the young wolves believe, as Shere Khan has taught them, that a man-cub has no place with the Pack. In a little time thou wilt be a man."

"And what is a man that he should not run with his brothers?" said Mowgli. "I was born in the jungle. I have obeyed the Law of the Jungle, and there is no wolf of ours from whose paws I have not pulled a thorn. Surely they are my brothers!"

Bagheera stretched himself at full length and half shut his eyes. "Little Brother," said he, "feel under my jaw."

Mowgli put up his strong brown hand, and just under Bagheera's silky chin, where the giant rolling muscles were all hid by the glossy hair, he came upon a little bald spot.

"There is no one in the jungle that knows that I, Bagheera, carry that mark—the mark of the collar; and yet, Little Brother, I was born among men, and it was among men that my mother died—in the cages of the king's palace at Oodeypore. It was because of this that I paid the price for thee at the Council when thou wast a little naked cub. Yes, I too was born among men. I had never seen the jungle. They fed me behind bars from an iron pan till one night I felt that I was Bagheera—the Panther—and no man's plaything, and I broke the silly lock with one blow of my paw and came away. And because I

had learned the ways of men, I became more terrible in the jungle than Shere Khan. Is it not so?”

“Yes,” said Mowgli, “all the jungle fear Bagheera—all except Mowgli.”

“Oh, thou art a man’s cub,” said the Black Panther very tenderly. “And even as I returned to my jungle, so thou must go back to men at last—to the men who are thy brothers—if thou art not killed in the Council.”

“But why—but why should any wish to kill me?” said Mowgli.

“Look at me,” said Bagheera. And Mowgli looked at him steadily between the eyes. The big panther turned his head away in half a minute.

“That is why,” he said, shifting his paw on the leaves. “Not even I can look thee between the eyes, and I was born among men, and I love thee, Little Brother. The others they hate thee because their eyes cannot meet thine; because thou art wise; because thou hast pulled out thorns from their feet—because thou art a man.”

“I did not know these things,” said Mowgli sullenly, and he frowned under his heavy black eyebrows.

“What is the Law of the Jungle? Strike first and then give tongue. By thy very carelessness they know that thou art a man. But be wise. It is in my heart that when Akela misses his next kill—and at each hunt it costs him more to pin the buck—the Pack will turn against him and against thee. They will hold a jungle Council at the Rock, and then—and then—I have it!” said Bagheera, leaping up. “Go thou down quickly to the men’s huts in the valley, and take some of the Red Flower which they grow there, so that when the time comes thou mayest have even a stronger friend than I or Baloo or those of the Pack that love thee. Get the Red Flower.”

By Red Flower Bagheera meant fire, only no creature in the jungle will call fire by its proper name. Every beast lives in deadly fear of it, and invents a hundred ways of describing it.

"The Red Flower?" said Mowgli. "That grows outside their huts in the twilight. I will get some."

"There speaks the man's cub," said Bagheera proudly. "Remember that it grows in little pots. Get one swiftly, and keep it by thee for time of need."

"Good!" said Mowgli. "I go. But art thou sure, O my Bagheera"—he slipped his arm around the splendid neck and looked deep into the big eyes—"art thou sure that all this is Shere Khan's doing?"

"By the Broken Lock that freed me, I am sure, Little Brother."

"Then, by the Bull that bought me, I will pay Shere Khan full tale for this, and it may be a little over," said Mowgli, and he bounded away.

"That is a man. That is all a man," said Bagheera to himself, lying down again. "Oh, Shere Khan, never was a blacker hunting than that frog-hunt of thine ten years ago!"

Mowgli was far and far through the forest, running hard, and his heart was hot in him. He came to the cave as the evening mist rose, and drew breath, and looked down the valley. The cubs were out, but Mother Wolf, at the back of the cave, knew by his breathing that something was troubling her frog.

"What is it, Son?" she said.

"Some bat's chatter of Shere Khan," he called back. "I hunt among the plowed fields tonight," and he plunged downward through the bushes, to the stream at the bottom of the valley. There he checked, for he heard the yell of the Pack hunting, heard the bellow of a hunted Sambhur, and the snort as the buck turned at bay. Then there

were wicked, bitter howls from the young wolves: “Akela! Akela! Let the Lone Wolf show his strength. Room for the leader of the Pack! Spring, Akela!”

The Lone Wolf must have sprung and missed his hold, for Mowgli heard the snap of his teeth and then a yelp as the Sambhur knocked him over with his forefoot.

He did not wait for anything more, but dashed on; and the yells grew fainter behind him as he ran into the croplands where the villagers lived.

“Bagheera spoke truth,” he panted, as he nestled down in some cattle fodder by the window of a hut. “To-morrow is one day both for Akela and for me.”

Then he pressed his face close to the window and watched the fire on the hearth. He saw the husbandman’s wife get up and feed it in the night with black lumps. And when the morning came and the mists were all white and cold, he saw the man’s child pick up a wicker pot plastered inside with earth, fill it with lumps of red-hot charcoal, put it under his blanket, and go out to tend the cows in the byre.

“Is that all?” said Mowgli. “If a cub can do it, there is nothing to fear.” So he strode round the corner and met the boy, took the pot from his hand, and disappeared into the mist while the boy howled with fear.

“They are very like me,” said Mowgli, blowing into the pot as he had seen the woman do. “This thing will die if I do not give it things to eat”; and he dropped twigs and dried bark on the red stuff. Halfway up the hill he met Bagheera with the morning dew shining like moonstones on his coat.

“Akela has missed,” said the Panther. “They would have killed him last night, but they needed thee also. They were looking for thee on the hill.”

“I was among the plowed lands. I am ready. See!” Mowgli held up the fire-pot.

“Good! Now, I have seen men thrust a dry branch into that stuff, and presently the Red Flower blossomed at the end of it. Art thou not afraid?”

“No. Why should I fear? I remember now—if it is not a dream—how, before I was a Wolf, I lay beside the Red Flower, and it was warm and pleasant.”

All that day Mowgli sat in the cave tending his fire pot and dipping dry branches into it to see how they looked. He found a branch that satisfied him, and in the evening when Tabaqui came to the cave and told him rudely enough that he was wanted at the Council Rock, he laughed till Tabaqui ran away. Then Mowgli went to the Council, still laughing.

Akela the Lone Wolf lay by the side of his rock as a sign that the leadership of the Pack was open, and Shere Khan with his following of scrap-fed wolves walked to and fro openly being flattered. Bagheera lay close to Mowgli, and the fire pot was between Mowgli’s knees. When they were all gathered together, Shere Khan began to speak—a thing he would never have dared to do when Akela was in his prime.

“He has no right,” whispered Bagheera. “Say so. He is a dog’s son. He will be frightened.”

Mowgli sprang to his feet. “Free People,” he cried, “does Shere Khan lead the Pack? What has a tiger to do with our leadership?”

“Seeing that the leadership is yet open, and being asked to speak—” Shere Khan began.

“By whom?” said Mowgli. “Are we all jackals, to fawn on this cattle butcher? The leadership of the Pack is with the Pack alone.”

There were yells of "Silence, thou man's cub!" "Let him speak. He has kept our Law"; and at last the seniors of the Pack thundered: "Let the Dead Wolf speak." When a leader of the Pack has missed his kill, he is called the Dead Wolf as long as he lives, which is not long.

Akela raised his old head wearily:—

"Free People, and ye too, jackals of Shere Khan, for twelve seasons I have led ye to and from the kill, and in all that time not one has been trapped or maimed. Now I have missed my kill. Ye know how that plot was made. Ye know how ye brought me up to an untried buck to make my weakness known. It was cleverly done. Your right is to kill me here on the Council Rock, now. Therefore, I ask, who comes to make an end of the Lone Wolf? For it is my right, by the Law of the Jungle, that ye come one by one."

There was a long hush, for no single wolf cared to fight Akela to the death. Then Shere Khan roared: "Bah! What have we to do with this toothless fool? He is doomed to die! It is the man-cub who has lived too long. Free People, he was my meat from the first. Give him to me. I am weary of this man-wolf folly. He has troubled the jungle for ten seasons. Give me the man-cub, or I will hunt here always, and not give you one bone. He is a man, a man's child, and from the marrow of my bones I hate him!"

Then more than half the Pack yelled: "A man! A man! What has a man to do with us? Let him go to his own place."

"And turn all the people of the villages against us?" clamored Shere Khan. "No, give him to me. He is a man, and none of us can look him between the eyes."

Akela lifted his head again and said, "He has eaten our food. He has slept with us. He has driven game for us. He has broken no word of the Law of the Jungle."

"Also, I paid for him with a bull when he was accepted. The worth

of a bull is little, but Bagheera's honor is something that he will perhaps fight for," said Bagheera in his gentlest voice.

"A bull paid ten years ago!" the Pack snarled. "What do we care for bones ten years old?"

"Or for a pledge?" said Bagheera, his white teeth bared under his lip. "Well are ye called the Free People!"

"No man's cub can run with the people of the jungle," howled Shere Khan. "Give him to me!"

"He is our brother in all but blood," Akela went on, "and ye would kill him here! In truth, I have lived too long. Some of ye are eaters of cattle, and of others I have heard that, under Shere Khan's teaching, ye go by dark night and snatch children from the villager's doorstep. Therefore I know ye to be cowards, and it is to cowards I speak. It is certain that I must die, and my life is of no worth, or I would offer that in the man-cub's place. But for the sake of the Honor of the Pack, —a little matter that by being without a leader ye have forgotten,—I promise that if ye let the man-cub go to his own place, I will not, when my time comes to die, bare one tooth against ye. I will die without fighting. That will at least save the Pack three lives. More I cannot do; but if ye will, I can save ye the shame that comes of killing a brother against whom there is no fault—a brother spoken for and bought into the Pack according to the Law of the Jungle."

"He is a man—a man—a man!" snarled the Pack. And most of the wolves began to gather round Shere Khan, whose tail was beginning to switch.

"Now the business is in thy hands," said Bagheera to Mowgli. "We can do no more except fight."

Mowgli stood upright—the fire pot in his hands. Then he stretched out his arms, and yawned in the face of the Council; but he was furious with rage and sorrow, for, wolflike, the wolves had never

told him how they hated him. “Listen you!” he cried. “There is no need for this dog’s jabber. Ye have told me so often tonight that I am a man (and indeed I would have been a wolf with you to my life’s end) that I feel your words are true. So I do not call ye my brothers any more, but sag [dogs], as a man should. What ye will do, and what ye will not do, is not yours to say. That matter is with me; and that we may see the matter more plainly, I, the man, have brought here a little of the Red Flower which ye, dogs, fear.”

He flung the fire pot on the ground, and some of the red coals lit a tuft of dried moss that flared up, as all the Council drew back in terror before the leaping flames.

Mowgli thrust his dead branch into the fire till the twigs lit and crackled, and whirled it above his head among the cowering wolves.

“Thou art the master,” said Bagheera in an undertone. “Save Akela from the death. He was ever thy friend.”

Akela, the grim old wolf who had never asked for mercy in his life, gave one piteous look at Mowgli as the boy stood all naked, his long black hair tossing over his shoulders in the light of the blazing branch that made the shadows jump and quiver.

“Good!” said Mowgli, staring round slowly. “I see that ye are dogs. I go from you to my own people—if they be my own people. The jungle is shut to me, and I must forget your talk and your companionship. But I will be more merciful than ye are. Because I was all but your brother in blood, I promise that when I am a man among men I will not betray ye to men as ye have betrayed me.” He kicked the fire with his foot, and the sparks flew up. “There shall be no war between any of us in the Pack. But here is a debt to pay before I go.” He strode forward to where Shere Khan sat blinking stupidly at the flames, and caught him by the tuft on his chin. Bagheera followed

in case of accidents. “Up, dog!” Mowgli cried. “Up, when a man speaks, or I will set that coat ablaze!”

Shere Khan’s ears lay flat back on his head, and he shut his eyes, for the blazing branch was very near.

“This cattle-killer said he would kill me in the Council because he had not killed me when I was a cub. Thus and thus, then, do we beat dogs when we are men. Stir a whisker, Lungri, and I ram the Red Flower down thy gullet!” He beat Shere Khan over the head with the branch, and the tiger whimpered and whined in an agony of fear.

“Pah! Singed jungle cat—go now! But remember when next I come to the Council Rock, as a man should come, it will be with Shere Khan’s hide on my head. For the rest, Akela goes free to live as he pleases. Ye will not kill him, because that is not my will. Nor do I think that ye will sit here any longer, lolling out your tongues as though ye were somebodies, instead of dogs whom I drive out—thus! Go!” The fire was burning furiously at the end of the branch, and Mowgli struck right and left round the circle, and the wolves ran howling with the sparks burning their fur. At last there were only Akela, Bagheera, and perhaps ten wolves that had taken Mowgli’s part. Then something began to hurt Mowgli inside him, as he had never been hurt in his life before, and he caught his breath and sobbed, and the tears ran down his face.

“What is it? What is it?” he said. “I do not wish to leave the jungle, and I do not know what this is. Am I dying, Bagheera?”

“No, Little Brother. That is only tears such as men use,” said Bagheera. “Now I know thou art a man, and a man’s cub no longer. The jungle is shut indeed to thee henceforward. Let them fall, Mowgli. They are only tears.” So Mowgli sat and cried as though his heart would break; and he had never cried in all his life before.

“Now,” he said, “I will go to men. But first I must say farewell to

my mother." And he went to the cave where she lived with Father Wolf, and he cried on her coat, while the four cubs howled miserably.

"Ye will not forget me?" said Mowgli.

"Never while we can follow a trail," said the cubs. "Come to the foot of the hill when thou art a man, and we will talk to thee; and we will come into the croplands to play with thee by night."

"Come soon!" said Father Wolf. "Oh, wise little frog, come again soon; for we be old, thy mother and I."

"Come soon," said Mother Wolf, "little naked son of mine. For, listen, child of man, I loved thee more than ever I loved my cubs."

"I will surely come," said Mowgli. "And when I come it will be to lay out Shere Khan's hide upon the Council Rock. Do not forget me! Tell them in the jungle never to forget me!"

The dawn was beginning to break when Mowgli went down the hillside alone, to meet those mysterious things that are called men.

HUNTING-SONG OF THE SEEONEE PACK

As the dawn was breaking the Sambhur belled
Once, twice and again!

And a doe leaped up, and a doe leaped up
From the pond in the wood where the wild deer sup.
This I, scouting alone, beheld,
Once, twice and again!

As the dawn was breaking the Sambhur belled
Once, twice and again!

And a wolf stole back, and a wolf stole back

To carry the word to the waiting pack,

And we sought and we found and we bayed on his track

Once, twice and again!

As the dawn was breaking the Wolf Pack yelled

Once, twice and again!

Feet in the jungle that leave no mark!

Eyes that can see in the dark—the dark!

Tongue—give tongue to it! Hark! O hark!

Once, twice and again!

KAA'S HUNTING

His spots are the joy of the Leopard: his horns are the
Buffalo's pride.
Be clean, for the strength of the hunter is known by the
gloss of his hide.

If ye find that the Bullock can toss you, or the heavy-browed
Sambhur can gore;
Ye need not stop work to inform us: we knew it ten seasons
before.

Oppress not the cubs of the stranger, but hail them as Sister
and Brother,
For though they are little and fubsy, it may be the Bear is
their mother.
"There is none like to me!" says the Cub in the pride of his
earliest kill;
But the jungle is large and the Cub he is small. Let him
think and be still.
— Maxims of Baloo

All that is told here happened some time before Mowgli was turned out of the Seeonee Wolf Pack, or revenged himself on Shere Khan the tiger. It was in the days when Baloo was teaching him the Law of the Jungle. The big, serious, old brown bear was delighted to have so quick a pupil, for the young wolves will only learn as much of the Law of the Jungle as applies to their own pack and tribe, and run away as soon as they can repeat the Hunting Verse —"Feet that make no noise; eyes that can see in the dark; ears that can hear the winds in their lairs, and sharp white teeth, all these things are the marks of our brothers except Tabaqui the Jackal and the Hyaena whom we hate." But Mowgli, as a man-cub, had to learn a great deal more than this. Sometimes Bagheera the Black Panther would come lounging through the jungle to see how his pet was getting on, and would purr with his head against a tree while Mowgli recited the day's lesson to Baloo. The boy could climb almost as well as he could swim, and swim almost as well as he could run. So Baloo, the Teacher of the Law, taught him the Wood and Water Laws: how to tell a rotten branch from a sound one; how to speak politely to the wild bees when he came upon a hive of them fifty feet above ground; what to say to Mang the Bat when he disturbed him in the branches at midday; and how to warn the water-snakes in the pools before he splashed down among them. None of the Jungle People like being disturbed, and all are very ready to fly at an intruder. Then, too, Mowgli was taught the Strangers' Hunting Call, which must be repeated aloud till it is answered, whenever one of the Jungle-People hunts outside his own grounds. It means, translated, "Give me leave to hunt here because I am hungry." And the answer is, "Hunt then for food, but not for pleasure."

All this will show you how much Mowgli had to learn by heart, and he grew very tired of saying the same thing over a hundred times. But, as Baloo said to Bagheera, one day when Mowgli had been cuffed

and run off in a temper, “A man’s cub is a man’s cub, and he must learn all the Law of the Jungle.”

“But think how small he is,” said the Black Panther, who would have spoiled Mowgli if he had had his own way. “How can his little head carry all thy long talk?”

“Is there anything in the jungle too little to be killed? No. That is why I teach him these things, and that is why I hit him, very softly, when he forgets.”

“Softly! What dost thou know of softness, old Iron-feet?” Bagheera grunted. “His face is all bruised today by thy—softness. Ugh.”

“Better he should be bruised from head to foot by me who love him than that he should come to harm through ignorance,” Baloo answered very earnestly. “I am now teaching him the Master Words of the Jungle that shall protect him with the birds and the Snake People, and all that hunt on four feet, except his own pack. He can now claim protection, if he will only remember the words, from all in the jungle. Is not that worth a little beating?”

“Well, look to it then that thou dost not kill the man-cub. He is no tree trunk to sharpen thy blunt claws upon. But what are those Master Words? I am more likely to give help than to ask it”—Bagheera stretched out one paw and admired the steel-blue, ripping-chisel talons at the end of it—“still I should like to know.”

“I will call Mowgli and he shall say them—if he will. Come, Little Brother!”

“My head is ringing like a bee tree,” said a sullen little voice over their heads, and Mowgli slid down a tree trunk very angry and indignant, adding as he reached the ground: “I come for Bagheera and not for thee, fat old Baloo!”

“That is all one to me,” said Baloo, though he was hurt and

grieved. "Tell Bagheera, then, the Master Words of the Jungle that I have taught thee this day."

"Master Words for which people?" said Mowgli, delighted to show off. "The jungle has many tongues. I know them all."

"A little thou knowest, but not much. See, O Bagheera, they never thank their teacher. Not one small wolfling has ever come back to thank old Baloo for his teachings. Say the word for the Hunting-People, then—great scholar."

"We be of one blood, ye and I," said Mowgli, giving the words the Bear accent which all the Hunting People use.

"Good. Now for the birds."

Mowgli repeated, with the Kite's whistle at the end of the sentence.

"Now for the Snake-People," said Bagheera.

The answer was a perfectly indescribable hiss, and Mowgli kicked up his feet behind, clapped his hands together to applaud himself, and jumped on to Bagheera's back, where he sat sideways, drumming with his heels on the glossy skin and making the worst faces he could think of at Baloo.

"There—there! That was worth a little bruise," said the brown bear tenderly. "Some day thou wilt remember me." Then he turned aside to tell Bagheera how he had begged the Master Words from Hathi the Wild Elephant, who knows all about these things, and how Hathi had taken Mowgli down to a pool to get the Snake Word from a water-snake, because Baloo could not pronounce it, and how Mowgli was now reasonably safe against all accidents in the jungle, because neither snake, bird, nor beast would hurt him.

"No one then is to be feared," Baloo wound up, patting his big furry stomach with pride.

"Except his own tribe," said Bagheera, under his breath; and then aloud to Mowgli, "Have a care for my ribs, Little Brother! What is all this dancing up and down?"

Mowgli had been trying to make himself heard by pulling at Bagheera's shoulder fur and kicking hard. When the two listened to him he was shouting at the top of his voice, "And so I shall have a tribe of my own, and lead them through the branches all day long."

"What is this new folly, little dreamer of dreams?" said Bagheera.

"Yes, and throw branches and dirt at old Baloo," Mowgli went on. "They have promised me this. Ah!"

"Whoof!" Baloo's big paw scooped Mowgli off Bagheera's back, and as the boy lay between the big fore-paws he could see the Bear was angry.

"Mowgli," said Baloo, "thou hast been talking with the Bandar-log —the Monkey People."

Mowgli looked at Bagheera to see if the Panther was angry too, and Bagheera's eyes were as hard as jade stones.

"Thou hast been with the Monkey People—the gray apes—the people without a law—the eaters of everything. That is great shame."

"When Baloo hurt my head," said Mowgli (he was still on his back), "I went away, and the gray apes came down from the trees and had pity on me. No one else cared." He snuffled a little.

"The pity of the Monkey People!" Baloo snorted. "The stillness of the mountain stream! The cool of the summer sun! And then, man-cub?"

"And then, and then, they gave me nuts and pleasant things to eat, and they—they carried me in their arms up to the top of the trees and said I was their blood brother except that I had no tail, and should be their leader some day."

“They have no leader,” said Bagheera. “They lie. They have always lied.”

“They were very kind and bade me come again. Why have I never been taken among the Monkey People? They stand on their feet as I do. They do not hit me with their hard paws. They play all day. Let me get up! Bad Baloo, let me up! I will play with them again.”

“Listen, man-cub,” said the Bear, and his voice rumbled like thunder on a hot night. “I have taught thee all the Law of the Jungle for all the peoples of the jungle—except the Monkey-Folk who live in the trees. They have no law. They are outcasts. They have no speech of their own, but use the stolen words which they overhear when they listen, and peep, and wait up above in the branches. Their way is not our way. They are without leaders. They have no remembrance. They boast and chatter and pretend that they are a great people about to do great affairs in the jungle, but the falling of a nut turns their minds to laughter and all is forgotten. We of the jungle have no dealings with them. We do not drink where the monkeys drink; we do not go where the monkeys go; we do not hunt where they hunt; we do not die where they die. Hast thou ever heard me speak of the Bandar-log till today?”

“No,” said Mowgli in a whisper, for the forest was very still now Baloo had finished.

“The Jungle-People put them out of their mouths and out of their minds. They are very many, evil, dirty, shameless, and they desire, if they have any fixed desire, to be noticed by the Jungle People. But we do not notice them even when they throw nuts and filth on our heads.”

He had hardly spoken when a shower of nuts and twigs spattered down through the branches; and they could hear coughings and

howlings and angry jumpings high up in the air among the thin branches.

"The Monkey-People are forbidden," said Baloo, "forbidden to the Jungle-People. Remember."

"Forbidden," said Bagheera, "but I still think Baloo should have warned thee against them."

"I—I? How was I to guess he would play with such dirt. The Monkey People! Faugh!"

A fresh shower came down on their heads and the two trotted away, taking Mowgli with them. What Baloo had said about the monkeys was perfectly true. They belonged to the tree-tops, and as beasts very seldom look up, there was no occasion for the monkeys and the Jungle-People to cross each other's path. But whenever they found a sick wolf, or a wounded tiger, or bear, the monkeys would torment him, and would throw sticks and nuts at any beast for fun and in the hope of being noticed. Then they would howl and shriek senseless songs, and invite the Jungle-People to climb up their trees and fight them, or would start furious battles over nothing among themselves, and leave the dead monkeys where the Jungle-People could see them. They were always just going to have a leader, and laws and customs of their own, but they never did, because their memories would not hold over from day to day, and so they compromised things by making up a saying, "What the Bandar-log think now the jungle will think later," and that comforted them a great deal. None of the beasts could reach them, but on the other hand none of the beasts would notice them, and that was why they were so pleased when Mowgli came to play with them, and they heard how angry Baloo was.

They never meant to do any more—the Bandar-log never mean anything at all; but one of them invented what seemed to him a

brilliant idea, and he told all the others that Mowgli would be a useful person to keep in the tribe, because he could weave sticks together for protection from the wind; so, if they caught him, they could make him teach them. Of course Mowgli, as a woodcutter's child, inherited all sorts of instincts, and used to make little huts of fallen branches without thinking how he came to do it. The Monkey-People, watching in the trees, considered his play most wonderful. This time, they said, they were really going to have a leader and become the wisest people in the jungle—so wise that everyone else would notice and envy them. Therefore they followed Baloo and Bagheera and Mowgli through the jungle very quietly till it was time for the midday nap, and Mowgli, who was very much ashamed of himself, slept between the Panther and the Bear, resolving to have no more to do with the Monkey People.

The next thing he remembered was feeling hands on his legs and arms—hard, strong, little hands—and then a swash of branches in his face, and then he was staring down through the swaying boughs as Baloo woke the jungle with his deep cries and Bagheera bounded up the trunk with every tooth bared. The Bandar-log howled with triumph and scuffled away to the upper branches where Bagheera dared not follow, shouting: "He has noticed us! Bagheera has noticed us. All the Jungle-People admire us for our skill and our cunning." Then they began their flight; and the flight of the Monkey-People through tree-land is one of the things nobody can describe. They have their regular roads and crossroads, up hills and down hills, all laid out from fifty to seventy or a hundred feet above ground, and by these they can travel even at night if necessary. Two of the strongest monkeys caught Mowgli under the arms and swung off with him through the treetops, twenty feet at a bound. Had they been alone they could have gone twice as fast, but the boy's weight held them back. Sick and giddy as Mowgli was he could not help enjoying the wild rush, though the glimpses of earth far down below frightened

him, and the terrible check and jerk at the end of the swing over nothing but empty air brought his heart between his teeth. His escort would rush him up a tree till he felt the thinnest topmost branches crackle and bend under them, and then with a cough and a whoop would fling themselves into the air outward and downward, and bring up, hanging by their hands or their feet to the lower limbs of the next tree. Sometimes he could see for miles and miles across the still green jungle, as a man on the top of a mast can see for miles across the sea, and then the branches and leaves would lash him across the face, and he and his two guards would be almost down to earth again. So, bounding and crashing and whooping and yelling, the whole tribe of Bandar-log swept along the tree-roads with Mowgli their prisoner.

For a time he was afraid of being dropped. Then he grew angry but knew better than to struggle, and then he began to think. The first thing was to send back word to Baloo and Bagheera, for, at the pace the monkeys were going, he knew his friends would be left far behind. It was useless to look down, for he could only see the topsides of the branches, so he stared upward and saw, far away in the blue, Rann the Kite balancing and wheeling as he kept watch over the jungle waiting for things to die. Rann saw that the monkeys were carrying something, and dropped a few hundred yards to find out whether their load was good to eat. He whistled with surprise when he saw Mowgli being dragged up to a treetop and heard him give the Kite call for—“We be of one blood, thou and I.” The waves of the branches closed over the boy, but Rann balanced away to the next tree in time to see the little brown face come up again. “Mark my trail!” Mowgli shouted. “Tell Baloo of the Seeonee Pack and Bagheera of the Council Rock.”

“In whose name, Brother?” Rann had never seen Mowgli before, though of course he had heard of him.

"Mowgli, the Frog. Man-cub they call me! Mark my trail!"

The last words were shrieked as he was being swung through the air, but Rann nodded and rose up till he looked no bigger than a speck of dust, and there he hung, watching with his telescope eyes the swaying of the treetops as Mowgli's escort whirled along.

"They never go far," he said with a chuckle. "They never do what they set out to do. Always pecking at new things are the Bandar-log. This time, if I have any eye-sight, they have pecked down trouble for themselves, for Baloo is no fledgling and Bagheera can, as I know, kill more than goats."

So he rocked on his wings, his feet gathered up under him, and waited.

Meantime, Baloo and Bagheera were furious with rage and grief. Bagheera climbed as he had never climbed before, but the thin branches broke beneath his weight, and he slipped down, his claws full of bark.

"Why didst thou not warn the man-cub?" he roared to poor Baloo, who had set off at a clumsy trot in the hope of overtaking the monkeys. "What was the use of half slaying him with blows if thou didst not warn him?"

"Haste! O haste! We—we may catch them yet!" Baloo panted.

"At that speed! It would not tire a wounded cow. Teacher of the Law—cub-beater—a mile of that rolling to and fro would burst thee open. Sit still and think! Make a plan. This is no time for chasing. They may drop him if we follow too close."

"Arrula! Whoo! They may have dropped him already, being tired of carrying him. Who can trust the Bandar-log? Put dead bats on my head! Give me black bones to eat! Roll me into the hives of the wild bees that I may be stung to death, and bury me with the Hyaena, for I

am most miserable of bears! Arulala! Wahooa! O Mowgli, Mowgli! Why did I not warn thee against the Monkey-Folk instead of breaking thy head? Now perhaps I may have knocked the day's lesson out of his mind, and he will be alone in the jungle without the Master Words."

Baloo clasped his paws over his ears and rolled to and fro moaning.

"At least he gave me all the Words correctly a little time ago," said Bagheera impatiently. "Baloo, thou hast neither memory nor respect. What would the jungle think if I, the Black Panther, curled myself up like Ikki the Porcupine, and howled?"

"What do I care what the jungle thinks? He may be dead by now."

"Unless and until they drop him from the branches in sport, or kill him out of idleness, I have no fear for the man-cub. He is wise and well taught, and above all he has the eyes that make the Jungle-People afraid. But (and it is a great evil) he is in the power of the Bandar-log, and they, because they live in trees, have no fear of any of our people." Bagheera licked one forepaw thoughtfully.

"Fool that I am! Oh, fat, brown, root-digging fool that I am," said Baloo, uncoiling himself with a jerk, "it is true what Hathi the Wild Elephant says: `To each his own fear'; and they, the Bandar-log, fear Kaa the Rock Snake. He can climb as well as they can. He steals the young monkeys in the night. The whisper of his name makes their wicked tails cold. Let us go to Kaa."

"What will he do for us? He is not of our tribe, being footless—and with most evil eyes," said Bagheera.

"He is very old and very cunning. Above all, he is always hungry," said Baloo hopefully. "Promise him many goats."

"He sleeps for a full month after he has once eaten. He may be

asleep now, and even were he awake what if he would rather kill his own goats?" Bagheera, who did not know much about Kaa, was naturally suspicious.

"Then in that case, thou and I together, old hunter, might make him see reason." Here Baloo rubbed his faded brown shoulder against the Panther, and they went off to look for Kaa the Rock Python.

They found him stretched out on a warm ledge in the afternoon sun, admiring his beautiful new coat, for he had been in retirement for the last ten days changing his skin, and now he was very splendid —darting his big blunt-nosed head along the ground, and twisting the thirty feet of his body into fantastic knots and curves, and licking his lips as he thought of his dinner to come.

"He has not eaten," said Baloo, with a grunt of relief, as soon as he saw the beautifully mottled brown and yellow jacket. "Be careful, Bagheera! He is always a little blind after he has changed his skin, and very quick to strike."

Kaa was not a poison snake—in fact he rather despised the poison snakes as cowards—but his strength lay in his hug, and when he had once lapped his huge coils round anybody there was no more to be said. "Good hunting!" cried Baloo, sitting up on his haunches. Like all snakes of his breed Kaa was rather deaf, and did not hear the call at first. Then he curled up ready for any accident, his head lowered.

"Good hunting for us all," he answered. "Oho, Baloo, what dost thou do here? Good hunting, Bagheera. One of us at least needs food. Is there any news of game afoot? A doe now, or even a young buck? I am as empty as a dried well."

"We are hunting," said Baloo carelessly. He knew that you must not hurry Kaa. He is too big.

"Give me permission to come with you," said Kaa. "A blow more or less is nothing to thee, Bagheera or Baloo, but I—I have to wait and

wait for days in a wood-path and climb half a night on the mere chance of a young ape. Psshaw! The branches are not what they were when I was young. Rotten twigs and dry boughs are they all."

"Maybe thy great weight has something to do with the matter," said Baloo.

"I am a fair length—a fair length," said Kaa with a little pride. "But for all that, it is the fault of this new-grown timber. I came very near to falling on my last hunt—very near indeed—and the noise of my slipping, for my tail was not tight wrapped around the tree, waked the Bandar-log, and they called me most evil names."

"Footless, yellow earth-worm," said Bagheera under his whiskers, as though he were trying to remember something.

"Sssss! Have they ever called me that?" said Kaa.

"Something of that kind it was that they shouted to us last moon, but we never noticed them. They will say anything—even that thou hast lost all thy teeth, and wilt not face anything bigger than a kid, because (they are indeed shameless, these Bandar-log)—because thou art afraid of the he-goat's horns," Bagheera went on sweetly.

Now a snake, especially a wary old python like Kaa, very seldom shows that he is angry, but Baloo and Bagheera could see the big swallowing muscles on either side of Kaa's throat ripple and bulge.

"The Bandar-log have shifted their grounds," he said quietly. "When I came up into the sun today I heard them whooping among the tree-tops."

"It—it is the Bandar-log that we follow now," said Baloo, but the words stuck in his throat, for that was the first time in his memory that one of the Jungle-People had owned to being interested in the doings of the monkeys.

"Beyond doubt then it is no small thing that takes two such

hunters—leaders in their own jungle I am certain—on the trail of the Bandar-log," Kaa replied courteously, as he swelled with curiosity.

"Indeed," Baloo began, "I am no more than the old and sometimes very foolish Teacher of the Law to the Seeonee wolf-cubs, and Bagheera here—"

"Is Bagheera," said the Black Panther, and his jaws shut with a snap, for he did not believe in being humble. "The trouble is this, Kaa. Those nut-stealers and pickers of palm leaves have stolen away our man-cub of whom thou hast perhaps heard."

"I heard some news from Ikki (his quills make him presumptuous) of a man-thing that was entered into a wolf pack, but I did not believe. Ikki is full of stories half heard and very badly told."

"But it is true. He is such a man-cub as never was," said Baloo. "The best and wisest and boldest of man-cubs—my own pupil, who shall make the name of Baloo famous through all the jungles; and besides, I—we—love him, Kaa."

"Ts! Ts!" said Kaa, weaving his head to and fro. "I also have known what love is. There are tales I could tell that—"

"That need a clear night when we are all well fed to praise properly," said Bagheera quickly. "Our man-cub is in the hands of the Bandar-log now, and we know that of all the Jungle-People they fear Kaa alone."

"They fear me alone. They have good reason," said Kaa. "Chattering, foolish, vain—vain, foolish, and chattering, are the monkeys. But a man-thing in their hands is in no good luck. They grow tired of the nuts they pick, and throw them down. They carry a branch half a day, meaning to do great things with it, and then they snap it in two. That man-thing is not to be envied. They called me also—`yellow fish' was it not?"

“Worm—worm—earth-worm,” said Bagheera, “as well as other things which I cannot now say for shame.”

“We must remind them to speak well of their master. Aaa-ssp! We must help their wandering memories. Now, whither went they with the cub?”

“The jungle alone knows. Toward the sunset, I believe,” said Baloo. “We had thought that thou wouldst know, Kaa.”

“I? How? I take them when they come in my way, but I do not hunt the Bandar-log, or frogs—or green scum on a water-hole, for that matter.”

“Up, Up! Up, Up! Hillo! Illo! Illo, look up, Baloo of the Seeonee Wolf Pack!”

Baloo looked up to see where the voice came from, and there was Rann the Kite, sweeping down with the sun shining on the upturned flanges of his wings. It was near Rann’s bedtime, but he had ranged all over the jungle looking for the Bear and had missed him in the thick foliage.

“What is it?” said Baloo.

“I have seen Mowgli among the Bandar-log. He bade me tell you. I watched. The Bandar-log have taken him beyond the river to the monkey city—to the Cold Lairs. They may stay there for a night, or ten nights, or an hour. I have told the bats to watch through the dark time. That is my message. Good hunting, all you below!”

“Full gorge and a deep sleep to you, Rann,” cried Bagheera. “I will remember thee in my next kill, and put aside the head for thee alone, O best of kites!”

“It is nothing. It is nothing. The boy held the Master Word. I could have done no less,” and Rann circled up again to his roost.

“He has not forgotten to use his tongue,” said Baloo with a chuckle

of pride. “To think of one so young remembering the Master Word for the birds too while he was being pulled across trees!”

“It was most firmly driven into him,” said Bagheera. “But I am proud of him, and now we must go to the Cold Lairs.”

They all knew where that place was, but few of the Jungle People ever went there, because what they called the Cold Lairs was an old deserted city, lost and buried in the jungle, and beasts seldom use a place that men have once used. The wild boar will, but the hunting tribes do not. Besides, the monkeys lived there as much as they could be said to live anywhere, and no self-respecting animal would come within eyeshot of it except in times of drought, when the half-ruined tanks and reservoirs held a little water.

“It is half a night’s journey—at full speed,” said Bagheera, and Baloo looked very serious. “I will go as fast as I can,” he said anxiously.

“We dare not wait for thee. Follow, Baloo. We must go on the quick-foot—Kaa and I.”

“Feet or no feet, I can keep abreast of all thy four,” said Kaa shortly. Baloo made one effort to hurry, but had to sit down panting, and so they left him to come on later, while Bagheera hurried forward, at the quick panther-canter. Kaa said nothing, but, strive as Bagheera might, the huge Rock-python held level with him. When they came to a hill stream, Bagheera gained, because he bounded across while Kaa swam, his head and two feet of his neck clearing the water, but on level ground Kaa made up the distance.

“By the Broken Lock that freed me,” said Bagheera, when twilight had fallen, “thou art no slow goer!”

“I am hungry,” said Kaa. “Besides, they called me speckled frog.”

“Worm—earth-worm, and yellow to boot.”

"All one. Let us go on," and Kaa seemed to pour himself along the ground, finding the shortest road with his steady eyes, and keeping to it.

In the Cold Lairs the Monkey-People were not thinking of Mowgli's friends at all. They had brought the boy to the Lost City, and were very much pleased with themselves for the time. Mowgli had never seen an Indian city before, and though this was almost a heap of ruins it seemed very wonderful and splendid. Some king had built it long ago on a little hill. You could still trace the stone causeways that led up to the ruined gates where the last splinters of wood hung to the worn, rusted hinges. Trees had grown into and out of the walls; the battlements were tumbled down and decayed, and wild creepers hung out of the windows of the towers on the walls in bushy hanging clumps.

A great roofless palace crowned the hill, and the marble of the courtyards and the fountains was split, and stained with red and green, and the very cobblestones in the courtyard where the king's elephants used to live had been thrust up and apart by grasses and young trees. From the palace you could see the rows and rows of roofless houses that made up the city looking like empty honeycombs filled with blackness; the shapeless block of stone that had been an idol in the square where four roads met; the pits and dimples at street corners where the public wells once stood, and the shattered domes of temples with wild figs sprouting on their sides. The monkeys called the place their city, and pretended to despise the Jungle-People because they lived in the forest. And yet they never knew what the buildings were made for nor how to use them. They would sit in circles on the hall of the king's council chamber, and scratch for fleas and pretend to be men; or they would run in and out of the roofless houses and collect pieces of plaster and old bricks in a corner, and forget where they had hidden them, and fight and cry in scuffling

crowds, and then break off to play up and down the terraces of the king's garden, where they would shake the rose trees and the oranges in sport to see the fruit and flowers fall. They explored all the passages and dark tunnels in the palace and the hundreds of little dark rooms, but they never remembered what they had seen and what they had not; and so drifted about in ones and twos or crowds telling each other that they were doing as men did. They drank at the tanks and made the water all muddy, and then they fought over it, and then they would all rush together in mobs and shout: "There is no one in the jungle so wise and good and clever and strong and gentle as the Bandar-log." Then all would begin again till they grew tired of the city and went back to the tree-tops, hoping the Jungle-People would notice them.

Mowgli, who had been trained under the Law of the Jungle, did not like or understand this kind of life. The monkeys dragged him into the Cold Lairs late in the afternoon, and instead of going to sleep, as Mowgli would have done after a long journey, they joined hands and danced about and sang their foolish songs. One of the monkeys made a speech and told his companions that Mowgli's capture marked a new thing in the history of the Bandar-log, for Mowgli was going to show them how to weave sticks and canes together as a protection against rain and cold. Mowgli picked up some creepers and began to work them in and out, and the monkeys tried to imitate; but in a very few minutes they lost interest and began to pull their friends' tails or jump up and down on all fours, coughing.

"I wish to eat," said Mowgli. "I am a stranger in this part of the jungle. Bring me food, or give me leave to hunt here."

Twenty or thirty monkeys bounded away to bring him nuts and wild pawpaws. But they fell to fighting on the road, and it was too much trouble to go back with what was left of the fruit. Mowgli was sore and angry as well as hungry, and he roamed through the empty

city giving the Strangers' Hunting Call from time to time, but no one answered him, and Mowgli felt that he had reached a very bad place indeed. "All that Baloo has said about the Bandar-log is true," he thought to himself. "They have no Law, no Hunting Call, and no leaders—nothing but foolish words and little picking thievish hands. So if I am starved or killed here, it will be all my own fault. But I must try to return to my own jungle. Baloo will surely beat me, but that is better than chasing silly rose leaves with the Bandar-log."

No sooner had he walked to the city wall than the monkeys pulled him back, telling him that he did not know how happy he was, and pinching him to make him grateful. He set his teeth and said nothing, but went with the shouting monkeys to a terrace above the red sandstone reservoirs that were half-full of rain water. There was a ruined summer-house of white marble in the center of the terrace, built for queens dead a hundred years ago. The domed roof had half fallen in and blocked up the underground passage from the palace by which the queens used to enter. But the walls were made of screens of marble tracery—beautiful milk-white fretwork, set with agates and cornelians and jasper and lapis lazuli, and as the moon came up behind the hill it shone through the open work, casting shadows on the ground like black velvet embroidery. Sore, sleepy, and hungry as he was, Mowgli could not help laughing when the Bandar-log began, twenty at a time, to tell him how great and wise and strong and gentle they were, and how foolish he was to wish to leave them. "We are great. We are free. We are wonderful. We are the most wonderful people in all the jungle! We all say so, and so it must be true," they shouted. "Now as you are a new listener and can carry our words back to the Jungle-People so that they may notice us in future, we will tell you all about our most excellent selves." Mowgli made no objection, and the monkeys gathered by hundreds and hundreds on the terrace to listen to their own speakers singing the praises of the Bandar-log, and whenever a speaker stopped for want of breath they

would all shout together: "This is true; we all say so." Mowgli nodded and blinked, and said "Yes" when they asked him a question, and his head spun with the noise. "Tabaqui the Jackal must have bitten all these people," he said to himself, "and now they have madness. Certainly this is dewanee, the madness. Do they never go to sleep? Now there is a cloud coming to cover that moon. If it were only a big enough cloud I might try to run away in the darkness. But I am tired."

That same cloud was being watched by two good friends in the ruined ditch below the city wall, for Bagheera and Kaa, knowing well how dangerous the Monkey-People were in large numbers, did not wish to run any risks. The monkeys never fight unless they are a hundred to one, and few in the jungle care for those odds.

"I will go to the west wall," Kaa whispered, "and come down swiftly with the slope of the ground in my favor. They will not throw themselves upon my back in their hundreds, but—"

"I know it," said Bagheera. "Would that Baloo were here, but we must do what we can. When that cloud covers the moon I shall go to the terrace. They hold some sort of council there over the boy."

"Good hunting," said Kaa grimly, and glided away to the west wall. That happened to be the least ruined of any, and the big snake was delayed awhile before he could find a way up the stones. The cloud hid the moon, and as Mowgli wondered what would come next he heard Bagheera's light feet on the terrace. The Black Panther had raced up the slope almost without a sound and was striking—he knew better than to waste time in biting—right and left among the monkeys, who were seated round Mowgli in circles fifty and sixty deep. There was a howl of fright and rage, and then as Bagheera tripped on the rolling kicking bodies beneath him, a monkey shouted: "There is only one here! Kill him! Kill." A scuffling mass of monkeys, biting, scratching, tearing, and pulling, closed over Bagheera, while five or six laid hold of Mowgli, dragged him up the wall of the

summerhouse and pushed him through the hole of the broken dome. A man-trained boy would have been badly bruised, for the fall was a good fifteen feet, but Mowgli fell as Baloo had taught him to fall, and landed on his feet.

"Stay there," shouted the monkeys, "till we have killed thy friends, and later we will play with thee—if the Poison-People leave thee alive."

"We be of one blood, ye and I," said Mowgli, quickly giving the Snake's Call. He could hear rustling and hissing in the rubbish all round him and gave the Call a second time, to make sure.

"Even ssso! Down hoods all!" said half a dozen low voices (every ruin in India becomes sooner or later a dwelling place of snakes, and the old summerhouse was alive with cobras). "Stand still, Little Brother, for thy feet may do us harm."

Mowgli stood as quietly as he could, peering through the open work and listening to the furious din of the fight round the Black Panther—the yells and chatterings and scufflings, and Bagheera's deep, hoarse cough as he backed and bucked and twisted and plunged under the heaps of his enemies. For the first time since he was born, Bagheera was fighting for his life.

"Baloo must be at hand; Bagheera would not have come alone," Mowgli thought. And then he called aloud: "To the tank, Bagheera. Roll to the water tanks. Roll and plunge! Get to the water!"

Bagheera heard, and the cry that told him Mowgli was safe gave him new courage. He worked his way desperately, inch by inch, straight for the reservoirs, halting in silence. Then from the ruined wall nearest the jungle rose up the rumbling war-shout of Baloo. The old Bear had done his best, but he could not come before. "Bagheera," he shouted, "I am here. I climb! I haste! Ahuwora! The stones slip under my feet! Wait my coming, O most infamous Bandar-log!" He

panted up the terrace only to disappear to the head in a wave of monkeys, but he threw himself squarely on his haunches, and, spreading out his forepaws, hugged as many as he could hold, and then began to hit with a regular bat-bat-bat, like the flipping strokes of a paddle wheel. A crash and a splash told Mowgli that Bagheera had fought his way to the tank where the monkeys could not follow. The Panther lay gasping for breath, his head just out of the water, while the monkeys stood three deep on the red steps, dancing up and down with rage, ready to spring upon him from all sides if he came out to help Baloo. It was then that Bagheera lifted up his dripping chin, and in despair gave the Snake's Call for protection—"We be of one blood, ye and I"—for he believed that Kaa had turned tail at the last minute. Even Baloo, half smothered under the monkeys on the edge of the terrace, could not help chuckling as he heard the Black Panther asking for help.

Kaa had only just worked his way over the west wall, landing with a wrench that dislodged a coping stone into the ditch. He had no intention of losing any advantage of the ground, and coiled and uncoiled himself once or twice, to be sure that every foot of his long body was in working order. All that while the fight with Baloo went on, and the monkeys yelled in the tank round Bagheera, and Mang the Bat, flying to and fro, carried the news of the great battle over the jungle, till even Hathi the Wild Elephant trumpeted, and, far away, scattered bands of the Monkey-Folk woke and came leaping along the tree-roads to help their comrades in the Cold Lairs, and the noise of the fight roused all the day birds for miles round. Then Kaa came straight, quickly, and anxious to kill. The fighting strength of a python is in the driving blow of his head backed by all the strength and weight of his body. If you can imagine a lance, or a battering ram, or a hammer weighing nearly half a ton driven by a cool, quiet mind living in the handle of it, you can roughly imagine what Kaa was like when he fought. A python four or five feet long can knock a man

down if he hits him fairly in the chest, and Kaa was thirty feet long, as you know. His first stroke was delivered into the heart of the crowd round Baloo. It was sent home with shut mouth in silence, and there was no need of a second. The monkeys scattered with cries of—"Kaa! It is Kaa! Run! Run!"

Generations of monkeys had been scared into good behavior by the stories their elders told them of Kaa, the night thief, who could slip along the branches as quietly as moss grows, and steal away the strongest monkey that ever lived; of old Kaa, who could make himself look so like a dead branch or a rotten stump that the wisest were deceived, till the branch caught them. Kaa was everything that the monkeys feared in the jungle, for none of them knew the limits of his power, none of them could look him in the face, and none had ever come alive out of his hug. And so they ran, stammering with terror, to the walls and the roofs of the houses, and Baloo drew a deep breath of relief. His fur was much thicker than Bagheera's, but he had suffered sorely in the fight. Then Kaa opened his mouth for the first time and spoke one long hissing word, and the far-away monkeys, hurrying to the defense of the Cold Lairs, stayed where they were, cowering, till the loaded branches bent and crackled under them. The monkeys on the walls and the empty houses stopped their cries, and in the stillness that fell upon the city Mowgli heard Bagheera shaking his wet sides as he came up from the tank. Then the clamor broke out again. The monkeys leaped higher up the walls. They clung around the necks of the big stone idols and shrieked as they skipped along the battlements, while Mowgli, dancing in the summerhouse, put his eye to the screenwork and hooted owl-fashion between his front teeth, to show his derision and contempt.

"Get the man-cub out of that trap; I can do no more," Bagheera gasped. "Let us take the man-cub and go. They may attack again."

"They will not move till I order them. Stay you sssso!" Kaa hissed,

and the city was silent once more. “I could not come before, Brother, but I think I heard thee call”—this was to Bagheera.

“I—I may have cried out in the battle,” Bagheera answered. “Baloo, art thou hurt?

“I am not sure that they did not pull me into a hundred little bearlings,” said Baloo, gravely shaking one leg after the other. “Wow! I am sore. Kaa, we owe thee, I think, our lives—Bagheera and I.”

“No matter. Where is the manling?”

“Here, in a trap. I cannot climb out,” cried Mowgli. The curve of the broken dome was above his head.

“Take him away. He dances like Mao the Peacock. He will crush our young,” said the cobras inside.

“Hah!” said Kaa with a chuckle, “he has friends everywhere, this manling. Stand back, manling. And hide you, O Poison People. I break down the wall.”

Kaa looked carefully till he found a discolored crack in the marble tracery showing a weak spot, made two or three light taps with his head to get the distance, and then lifting up six feet of his body clear of the ground, sent home half a dozen full-power smashing blows, nose-first. The screen-work broke and fell away in a cloud of dust and rubbish, and Mowgli leaped through the opening and flung himself between Baloo and Bagheera—an arm around each big neck.

“Art thou hurt?” said Baloo, hugging him softly.

“I am sore, hungry, and not a little bruised. But, oh, they have handled ye grievously, my Brothers! Ye bleed.”

“Others also,” said Bagheera, licking his lips and looking at the monkey-dead on the terrace and round the tank.

“It is nothing, it is nothing, if thou art safe, oh, my pride of all little

frogs!" whimpered Baloo.

"Of that we shall judge later," said Bagheera, in a dry voice that Mowgli did not at all like. "But here is Kaa to whom we owe the battle and thou owest thy life. Thank him according to our customs, Mowgli."

Mowgli turned and saw the great Python's head swaying a foot above his own.

"So this is the manling," said Kaa. "Very soft is his skin, and he is not unlike the Bandar-log. Have a care, manling, that I do not mistake thee for a monkey some twilight when I have newly changed my coat."

"We be one blood, thou and I," Mowgli answered. "I take my life from thee tonight. My kill shall be thy kill if ever thou art hungry, O Kaa."

"All thanks, Little Brother," said Kaa, though his eyes twinkled. "And what may so bold a hunter kill? I ask that I may follow when next he goes abroad."

"I kill nothing,—I am too little,—but I drive goats toward such as can use them. When thou art empty come to me and see if I speak the truth. I have some skill in these [he held out his hands], and if ever thou art in a trap, I may pay the debt which I owe to thee, to Bagheera, and to Baloo, here. Good hunting to ye all, my masters."

"Well said," growled Baloo, for Mowgli had returned thanks very prettily. The Python dropped his head lightly for a minute on Mowgli's shoulder. "A brave heart and a courteous tongue," said he. "They shall carry thee far through the jungle, manling. But now go hence quickly with thy friends. Go and sleep, for the moon sets, and what follows it is not well that thou shouldst see."

The moon was sinking behind the hills and the lines of trembling

monkeys huddled together on the walls and battlements looked like ragged shaky fringes of things. Baloo went down to the tank for a drink and Bagheera began to put his fur in order, as Kaa glided out into the center of the terrace and brought his jaws together with a ringing snap that drew all the monkeys' eyes upon him.

"The moon sets," he said. "Is there yet light enough to see?"

From the walls came a moan like the wind in the tree-tops—"We see, O Kaa."

"Good. Begins now the dance—the Dance of the Hunger of Kaa. Sit still and watch."

He turned twice or thrice in a big circle, weaving his head from right to left. Then he began making loops and figures of eight with his body, and soft, oozy triangles that melted into squares and five-sided figures, and coiled mounds, never resting, never hurrying, and never stopping his low humming song. It grew darker and darker, till at last the dragging, shifting coils disappeared, but they could hear the rustle of the scales.

Baloo and Bagheera stood still as stone, growling in their throats, their neck hair bristling, and Mowgli watched and wondered.

"Bandar-log," said the voice of Kaa at last, "can ye stir foot or hand without my order? Speak!"

"Without thy order we cannot stir foot or hand, O Kaa!"

"Good! Come all one pace nearer to me."

The lines of the monkeys swayed forward helplessly, and Baloo and Bagheera took one stiff step forward with them.

"Nearer!" hissed Kaa, and they all moved again.

Mowgli laid his hands on Baloo and Bagheera to get them away, and the two great beasts started as though they had been waked from

a dream.

“Keep thy hand on my shoulder,” Bagheera whispered. “Keep it there, or I must go back—must go back to Kaa. Aah!”

“It is only old Kaa making circles on the dust,” said Mowgli. “Let us go.” And the three slipped off through a gap in the walls to the jungle.

“Whoof!” said Baloo, when he stood under the still trees again. “Never more will I make an ally of Kaa,” and he shook himself all over.

“He knows more than we,” said Bagheera, trembling. “In a little time, had I stayed, I should have walked down his throat.”

“Many will walk by that road before the moon rises again,” said Baloo. “He will have good hunting—after his own fashion.”

“But what was the meaning of it all?” said Mowgli, who did not know anything of a python’s powers of fascination. “I saw no more than a big snake making foolish circles till the dark came. And his nose was all sore. Ho! Ho!”

“Mowgli,” said Bagheera angrily, “his nose was sore on thy account, as my ears and sides and paws, and Baloo’s neck and shoulders are bitten on thy account. Neither Baloo nor Bagheera will be able to hunt with pleasure for many days.”

“It is nothing,” said Baloo; “we have the man-cub again.”

“True, but he has cost us heavily in time which might have been spent in good hunting, in wounds, in hair—I am half plucked along my back—and last of all, in honor. For, remember, Mowgli, I, who am the Black Panther, was forced to call upon Kaa for protection, and Baloo and I were both made stupid as little birds by the Hunger Dance. All this, man-cub, came of thy playing with the Bandar-log.”

“True, it is true,” said Mowgli sorrowfully. “I am an evil man-cub,

and my stomach is sad in me."

"Mf! What says the Law of the Jungle, Baloo?"

Baloo did not wish to bring Mowgli into any more trouble, but he could not tamper with the Law, so he mumbled: "Sorrow never stays punishment. But remember, Bagheera, he is very little."

"I will remember. But he has done mischief, and blows must be dealt now. Mowgli, hast thou anything to say?"

"Nothing. I did wrong. Baloo and thou are wounded. It is just."

Bagheera gave him half a dozen love-taps from a panther's point of view (they would hardly have waked one of his own cubs), but for a seven-year-old boy they amounted to as severe a beating as you could wish to avoid. When it was all over Mowgli sneezed, and picked himself up without a word.

"Now," said Bagheera, "jump on my back, Little Brother, and we will go home."

One of the beauties of Jungle Law is that punishment settles all scores. There is no nagging afterward.

Mowgli laid his head down on Bagheera's back and slept so deeply that he never waked when he was put down in the home-cave.

ROAD-SONG OF THE BANDAR-LOG

Here we go in a flung festoon,

Half-way up to the jealous moon!

Don't you envy our pranceful bands?

Don't you wish you had extra hands?

Wouldn't you like if your tails were—so—

Curved in the shape of a Cupid's bow?

Now you're angry, but—never mind,

Brother, thy tail hangs down behind!

Here we sit in a branchy row,

Thinking of beautiful things we know;

Dreaming of deeds that we mean to do,

All complete, in a minute or two—

Something noble and wise and good,

Done by merely wishing we could.

We've forgotten, but—never mind,

Brother, thy tail hangs down behind!

All the talk we ever have heard

Uttered by bat or beast or bird—

Hide or fin or scale or feather—

Jabber it quickly and all together!

Excellent! Wonderful! Once again!

Now we are talking just like men!

Let's pretend we are … never mind,

Brother, thy tail hangs down behind!

This is the way of the Monkey-kind.

Then join our leaping lines that scumfish through the pines,

That rocket by where, light and high, the wild grape swings.

By the rubbish in our wake, and the noble noise we make,

Be sure, be sure, we're going to do some splendid things!

TIGER! TIGER!

What of the hunting, hunter bold?
Brother, the watch was long and cold.

What of the quarry ye went to kill?
Brother, he crops in the jungle still.

Where is the power that made your pride?
Brother, it ebbs from my flank and side.

Where is the haste that ye hurry by?
Brother, I go to my lair—to die.

Now we must go back to the first tale. When Mowgli left the wolf's cave after the fight with the Pack at the Council Rock, he went down to the plowed lands where the villagers lived, but he would not stop there because it was too near to the jungle, and he knew that he had made at least one bad enemy at the Council. So he hurried on, keeping to the rough road that ran down the valley, and followed it at a steady jog-trot for nearly twenty miles, till he came to a country that he did not know. The valley opened out into a great plain dotted over with rocks and cut up by ravines. At one end stood a little village, and at the other the thick jungle came down in a sweep to the grazing-grounds, and stopped there as though it had been cut off with a hoe. All over the plain, cattle and buffaloes were grazing, and when the little boys in charge of the herds saw Mowgli they shouted and ran away, and the yellow pariah dogs that hang about every Indian village barked. Mowgli walked on, for he was feeling hungry, and when he came to the village gate he saw the big thorn-bush that was drawn up before the gate at twilight, pushed to one side.

"Umph!" he said, for he had come across more than one such barricade in his night rambles after things to eat. "So men are afraid of the People of the Jungle here also." He sat down by the gate, and when a man came out he stood up, opened his mouth, and pointed down it to show that he wanted food. The man stared, and ran back up the one street of the village shouting for the priest, who was a big, fat man dressed in white, with a red and yellow mark on his forehead. The priest came to the gate, and with him at least a hundred people, who stared and talked and shouted and pointed at Mowgli.

"They have no manners, these Men Folk," said Mowgli to himself. "Only the gray ape would behave as they do." So he threw back his long hair and frowned at the crowd.

"What is there to be afraid of?" said the priest. "Look at the marks

on his arms and legs. They are the bites of wolves. He is but a wolf-child run away from the jungle."

Of course, in playing together, the cubs had often nipped Mowgli harder than they intended, and there were white scars all over his arms and legs. But he would have been the last person in the world to call these bites, for he knew what real biting meant.

"Arre! Arre!" said two or three women together. "To be bitten by wolves, poor child! He is a handsome boy. He has eyes like red fire. By my honor, Messua, he is not unlike thy boy that was taken by the tiger."

"Let me look," said a woman with heavy copper rings on her wrists and ankles, and she peered at Mowgli under the palm of her hand. "Indeed he is not. He is thinner, but he has the very look of my boy."

The priest was a clever man, and he knew that Messua was wife to the richest villager in the place. So he looked up at the sky for a minute and said solemnly: "What the jungle has taken the jungle has restored. Take the boy into thy house, my sister, and forget not to honor the priest who sees so far into the lives of men."

"By the Bull that bought me," said Mowgli to himself, "but all this talking is like another looking-over by the Pack! Well, if I am a man, a man I must become."

The crowd parted as the woman beckoned Mowgli to her hut, where there was a red lacquered bedstead, a great earthen grain chest with funny raised patterns on it, half a dozen copper cooking pots, an image of a Hindu god in a little alcove, and on the wall a real looking glass, such as they sell at the country fairs.

She gave him a long drink of milk and some bread, and then she laid her hand on his head and looked into his eyes; for she thought perhaps that he might be her real son come back from the jungle

where the tiger had taken him. So she said, "Nathoo, O Nathoo!" Mowgli did not show that he knew the name. "Dost thou not remember the day when I gave thee thy new shoes?" She touched his foot, and it was almost as hard as horn. "No," she said sorrowfully, "those feet have never worn shoes, but thou art very like my Nathoo, and thou shalt be my son."

Mowgli was uneasy, because he had never been under a roof before. But as he looked at the thatch, he saw that he could tear it out any time if he wanted to get away, and that the window had no fastenings. "What is the good of a man," he said to himself at last, "if he does not understand man's talk? Now I am as silly and dumb as a man would be with us in the jungle. I must speak their talk."

It was not for fun that he had learned while he was with the wolves to imitate the challenge of bucks in the jungle and the grunt of the little wild pig. So, as soon as Messua pronounced a word Mowgli would imitate it almost perfectly, and before dark he had learned the names of many things in the hut.

There was a difficulty at bedtime, because Mowgli would not sleep under anything that looked so like a panther trap as that hut, and when they shut the door he went through the window. "Give him his will," said Messua's husband. "Remember he can never till now have slept on a bed. If he is indeed sent in the place of our son he will not run away."

So Mowgli stretched himself in some long, clean grass at the edge of the field, but before he had closed his eyes a soft gray nose poked him under the chin.

"Phew!" said Gray Brother (he was the eldest of Mother Wolf's cubs). "This is a poor reward for following thee twenty miles. Thou smellest of wood smoke and cattle—altogether like a man already. Wake, Little Brother; I bring news."

“Are all well in the jungle?” said Mowgli, hugging him.

“All except the wolves that were burned with the Red Flower. Now, listen. Shere Khan has gone away to hunt far off till his coat grows again, for he is badly singed. When he returns he swears that he will lay thy bones in the Waingunga.”

“There are two words to that. I also have made a little promise. But news is always good. I am tired to-night,—very tired with new things, Gray Brother,—but bring me the news always.”

“Thou wilt not forget that thou art a wolf? Men will not make thee forget?” said Gray Brother anxiously.

“Never. I will always remember that I love thee and all in our cave. But also I will always remember that I have been cast out of the Pack.”

“And that thou mayest be cast out of another pack. Men are only men, Little Brother, and their talk is like the talk of frogs in a pond. When I come down here again, I will wait for thee in the bamboos at the edge of the grazing-ground.”

For three months after that night Mowgli hardly ever left the village gate, he was so busy learning the ways and customs of men. First he had to wear a cloth round him, which annoyed him horribly; and then he had to learn about money, which he did not in the least understand, and about plowing, of which he did not see the use. Then the little children in the village made him very angry. Luckily, the Law of the Jungle had taught him to keep his temper, for in the jungle life and food depend on keeping your temper; but when they made fun of him because he would not play games or fly kites, or because he mispronounced some word, only the knowledge that it was unsportsmanlike to kill little naked cubs kept him from picking them up and breaking them in two.

He did not know his own strength in the least. In the jungle he knew he was weak compared with the beasts, but in the village people

said that he was as strong as a bull.

And Mowgli had not the faintest idea of the difference that caste makes between man and man. When the potter's donkey slipped in the clay pit, Mowgli hauled it out by the tail, and helped to stack the pots for their journey to the market at Khanhiwara. That was very shocking, too, for the potter is a low-caste man, and his donkey is worse. When the priest scolded him, Mowgli threatened to put him on the donkey too, and the priest told Messua's husband that Mowgli had better be set to work as soon as possible; and the village head-man told Mowgli that he would have to go out with the buffaloes next day, and herd them while they grazed. No one was more pleased than Mowgli; and that night, because he had been appointed a servant of the village, as it were, he went off to a circle that met every evening on a masonry platform under a great fig-tree. It was the village club, and the head-man and the watchman and the barber, who knew all the gossip of the village, and old Buldeo, the village hunter, who had a Tower musket, met and smoked. The monkeys sat and talked in the upper branches, and there was a hole under the platform where a cobra lived, and he had his little platter of milk every night because he was sacred; and the old men sat around the tree and talked, and pulled at the big huqas (the water-pipes) till far into the night. They told wonderful tales of gods and men and ghosts; and Buldeo told even more wonderful ones of the ways of beasts in the jungle, till the eyes of the children sitting outside the circle bulged out of their heads. Most of the tales were about animals, for the jungle was always at their door. The deer and the wild pig grubbed up their crops, and now and again the tiger carried off a man at twilight, within sight of the village gates.

Mowgli, who naturally knew something about what they were talking of, had to cover his face not to show that he was laughing,

while Buldeo, the Tower musket across his knees, climbed on from one wonderful story to another, and Mowgli's shoulders shook.

Buldeo was explaining how the tiger that had carried away Messua's son was a ghost-tiger, and his body was inhabited by the ghost of a wicked, old money-lender, who had died some years ago. "And I know that this is true," he said, "because Purun Dass always limped from the blow that he got in a riot when his account books were burned, and the tiger that I speak of he limps, too, for the tracks of his pads are unequal."

"True, true, that must be the truth," said the gray-beards, nodding together.

"Are all these tales such cobwebs and moon talk?" said Mowgli. "That tiger limps because he was born lame, as everyone knows. To talk of the soul of a money-lender in a beast that never had the courage of a jackal is child's talk."

Buldeo was speechless with surprise for a moment, and the head-man stared.

"Oho! It is the jungle brat, is it?" said Buldeo. "If thou art so wise, better bring his hide to Khanhiwara, for the Government has set a hundred rupees on his life. Better still, talk not when thy elders speak."

Mowgli rose to go. "All the evening I have lain here listening," he called back over his shoulder, "and, except once or twice, Buldeo has not said one word of truth concerning the jungle, which is at his very doors. How, then, shall I believe the tales of ghosts and gods and goblins which he says he has seen?"

"It is full time that boy went to herding," said the head-man, while Buldeo puffed and snorted at Mowgli's impertinence.

The custom of most Indian villages is for a few boys to take the

cattle and buffaloes out to graze in the early morning, and bring them back at night. The very cattle that would trample a white man to death allow themselves to be banged and bullied and shouted at by children that hardly come up to their noses. So long as the boys keep with the herds they are safe, for not even the tiger will charge a mob of cattle. But if they straggle to pick flowers or hunt lizards, they are sometimes carried off. Mowgli went through the village street in the dawn, sitting on the back of Rama, the great herd bull. The slaty-blue buffaloes, with their long, backward-sweeping horns and savage eyes, rose out their byres, one by one, and followed him, and Mowgli made it very clear to the children with him that he was the master. He beat the buffaloes with a long, polished bamboo, and told Kamya, one of the boys, to graze the cattle by themselves, while he went on with the buffaloes, and to be very careful not to stray away from the herd.

An Indian grazing ground is all rocks and scrub and tussocks and little ravines, among which the herds scatter and disappear. The buffaloes generally keep to the pools and muddy places, where they lie wallowing or basking in the warm mud for hours. Mowgli drove them on to the edge of the plain where the Waingunga came out of the jungle; then he dropped from Rama's neck, trotted off to a bamboo clump, and found Gray Brother. "Ah," said Gray Brother, "I have waited here very many days. What is the meaning of this cattle-herding work?"

"It is an order," said Mowgli. "I am a village herd for a while. What news of Shere Khan?"

"He has come back to this country, and has waited here a long time for thee. Now he has gone off again, for the game is scarce. But he means to kill thee."

"Very good," said Mowgli. "So long as he is away do thou or one of the four brothers sit on that rock, so that I can see thee as I come out of the village. When he comes back wait for me in the ravine by the

dhak tree in the center of the plain. We need not walk into Shere Khan's mouth."

Then Mowgli picked out a shady place, and lay down and slept while the buffaloes grazed round him. Herding in India is one of the laziest things in the world. The cattle move and crunch, and lie down, and move on again, and they do not even low. They only grunt, and the buffaloes very seldom say anything, but get down into the muddy pools one after another, and work their way into the mud till only their noses and staring china-blue eyes show above the surface, and then they lie like logs. The sun makes the rocks dance in the heat, and the herd children hear one kite (never any more) whistling almost out of sight overhead, and they know that if they died, or a cow died, that kite would sweep down, and the next kite miles away would see him drop and follow, and the next, and the next, and almost before they were dead there would be a score of hungry kites come out of nowhere. Then they sleep and wake and sleep again, and weave little baskets of dried grass and put grasshoppers in them; or catch two praying mantises and make them fight; or string a necklace of red and black jungle nuts; or watch a lizard basking on a rock, or a snake hunting a frog near the wallows. Then they sing long, long songs with odd native quavers at the end of them, and the day seems longer than most people's whole lives, and perhaps they make a mud castle with mud figures of men and horses and buffaloes, and put reeds into the men's hands, and pretend that they are kings and the figures are their armies, or that they are gods to be worshiped. Then evening comes and the children call, and the buffaloes lumber up out of the sticky mud with noises like gunshots going off one after the other, and they all string across the gray plain back to the twinkling village lights.

Day after day Mowgli would lead the buffaloes out to their wallows, and day after day he would see Gray Brother's back a mile and a half away across the plain (so he knew that Shere Khan had not

come back), and day after day he would lie on the grass listening to the noises round him, and dreaming of old days in the jungle. If Shere Khan had made a false step with his lame paw up in the jungles by the Waingunga, Mowgli would have heard him in those long, still mornings.

At last a day came when he did not see Gray Brother at the signal place, and he laughed and headed the buffaloes for the ravine by the dhk tree, which was all covered with golden-red flowers. There sat Gray Brother, every bristle on his back lifted.

“He has hidden for a month to throw thee off thy guard. He crossed the ranges last night with Tabaqui, hot-foot on thy trail,” said the Wolf, panting.

Mowgli frowned. “I am not afraid of Shere Khan, but Tabaqui is very cunning.”

“Have no fear,” said Gray Brother, licking his lips a little. “I met Tabaqui in the dawn. Now he is telling all his wisdom to the kites, but he told me everything before I broke his back. Shere Khan’s plan is to wait for thee at the village gate this evening—for thee and for no one else. He is lying up now, in the big dry ravine of the Waingunga.”

“Has he eaten today, or does he hunt empty?” said Mowgli, for the answer meant life and death to him.

“He killed at dawn,—a pig,—and he has drunk too. Remember, Shere Khan could never fast, even for the sake of revenge.”

“Oh! Fool, fool! What a cub’s cub it is! Eaten and drunk too, and he thinks that I shall wait till he has slept! Now, where does he lie up? If there were but ten of us we might pull him down as he lies. These buffaloes will not charge unless they wind him, and I cannot speak their language. Can we get behind his track so that they may smell it?”

“He swam far down the Waingunga to cut that off,” said Gray

Brother.

“Tabaqui told him that, I know. He would never have thought of it alone.” Mowgli stood with his finger in his mouth, thinking. “The big ravine of the Waingunga. That opens out on the plain not half a mile from here. I can take the herd round through the jungle to the head of the ravine and then sweep down—but he would slink out at the foot. We must block that end. Gray Brother, canst thou cut the herd in two for me?”

“Not I, perhaps—but I have brought a wise helper.” Gray Brother trotted off and dropped into a hole. Then there lifted up a huge gray head that Mowgli knew well, and the hot air was filled with the most desolate cry of all the jungle—the hunting howl of a wolf at midday.

“Akela! Akela!” said Mowgli, clapping his hands. “I might have known that thou wouldst not forget me. We have a big work in hand. Cut the herd in two, Akela. Keep the cows and calves together, and the bulls and the plow buffaloes by themselves.”

The two wolves ran, ladies’-chain fashion, in and out of the herd, which snorted and threw up its head, and separated into two clumps. In one, the cow-buffaloes stood with their calves in the center, and glared and pawed, ready, if a wolf would only stay still, to charge down and trample the life out of him. In the other, the bulls and the young bulls snorted and stamped, but though they looked more imposing they were much less dangerous, for they had no calves to protect. No six men could have divided the herd so neatly.

“What orders!” panted Akela. “They are trying to join again.”

Mowgli slipped on to Rama’s back. “Drive the bulls away to the left, Akela. Gray Brother, when we are gone, hold the cows together, and drive them into the foot of the ravine.”

“How far?” said Gray Brother, panting and snapping.

"Till the sides are higher than Shere Khan can jump," shouted Mowgli. "Keep them there till we come down." The bulls swept off as Akela bayed, and Gray Brother stopped in front of the cows. They charged down on him, and he ran just before them to the foot of the ravine, as Akela drove the bulls far to the left.

"Well done! Another charge and they are fairly started. Careful, now—careful, Akela. A snap too much and the bulls will charge. Hujah! This is wilder work than driving black-buck. Didst thou think these creatures could move so swiftly?" Mowgli called.

"I have—have hunted these too in my time," gasped Akela in the dust. "Shall I turn them into the jungle?"

"Ay! Turn. Swiftly turn them! Rama is mad with rage. Oh, if I could only tell him what I need of him to-day."

The bulls were turned, to the right this time, and crashed into the standing thicket. The other herd children, watching with the cattle half a mile away, hurried to the village as fast as their legs could carry them, crying that the buffaloes had gone mad and run away.

But Mowgli's plan was simple enough. All he wanted to do was to make a big circle uphill and get at the head of the ravine, and then take the bulls down it and catch Shere Khan between the bulls and the cows; for he knew that after a meal and a full drink Shere Khan would not be in any condition to fight or to clamber up the sides of the ravine. He was soothing the buffaloes now by voice, and Akela had dropped far to the rear, only whimpering once or twice to hurry the rear-guard. It was a long, long circle, for they did not wish to get too near the ravine and give Shere Khan warning. At last Mowgli rounded up the bewildered herd at the head of the ravine on a grassy patch that sloped steeply down to the ravine itself. From that height you could see across the tops of the trees down to the plain below; but what Mowgli looked at was the sides of the ravine, and he saw

with a great deal of satisfaction that they ran nearly straight up and down, while the vines and creepers that hung over them would give no foothold to a tiger who wanted to get out.

"Let them breathe, Akela," he said, holding up his hand. "They have not winded him yet. Let them breathe. I must tell Shere Khan who comes. We have him in the trap."

He put his hands to his mouth and shouted down the ravine—it was almost like shouting down a tunnel—and the echoes jumped from rock to rock.

After a long time there came back the drawling, sleepy snarl of a full-fed tiger just wakened.

"Who calls?" said Shere Khan, and a splendid peacock fluttered up out of the ravine screeching.

"I, Mowgli. Cattle thief, it is time to come to the Council Rock! Down—hurry them down, Akela! Down, Rama, down!"

The herd paused for an instant at the edge of the slope, but Akela gave tongue in the full hunting-yell, and they pitched over one after the other, just as steamers shoot rapids, the sand and stones spurting up round them. Once started, there was no chance of stopping, and before they were fairly in the bed of the ravine Rama winded Shere Khan and bellowed.

"Ha! Ha!" said Mowgli, on his back. "Now thou knowest!" and the torrent of black horns, foaming muzzles, and staring eyes whirled down the ravine just as boulders go down in floodtime; the weaker buffaloes being shouldered out to the sides of the ravine where they tore through the creepers. They knew what the business was before them—the terrible charge of the buffalo herd against which no tiger can hope to stand. Shere Khan heard the thunder of their hoofs, picked himself up, and lumbered down the ravine, looking from side to side for some way of escape, but the walls of the ravine were

straight and he had to hold on, heavy with his dinner and his drink, willing to do anything rather than fight. The herd splashed through the pool he had just left, bellowing till the narrow cut rang. Mowgli heard an answering bellow from the foot of the ravine, saw Shere Khan turn (the tiger knew if the worst came to the worst it was better to meet the bulls than the cows with their calves), and then Rama tripped, stumbled, and went on again over something soft, and, with the bulls at his heels, crashed full into the other herd, while the weaker buffaloes were lifted clean off their feet by the shock of the meeting. That charge carried both herds out into the plain, goring and stamping and snorting. Mowgli watched his time, and slipped off Rama's neck, laying about him right and left with his stick.

"Quick, Akela! Break them up. Scatter them, or they will be fighting one another. Drive them away, Akela. Hai, Rama! Hai, hai, hai! my children. Softly now, softly! It is all over."

Akela and Gray Brother ran to and fro nipping the buffaloes' legs, and though the herd wheeled once to charge up the ravine again, Mowgli managed to turn Rama, and the others followed him to the wallows.

Shere Khan needed no more trampling. He was dead, and the kites were coming for him already.

"Brothers, that was a dog's death," said Mowgli, feeling for the knife he always carried in a sheath round his neck now that he lived with men. "But he would never have shown fight. His hide will look well on the Council Rock. We must get to work swiftly."

A boy trained among men would never have dreamed of skinning a ten-foot tiger alone, but Mowgli knew better than anyone else how an animal's skin is fitted on, and how it can be taken off. But it was hard work, and Mowgli slashed and tore and grunted for an hour, while the wolves lolled out their tongues, or came forward and

tugged as he ordered them. Presently a hand fell on his shoulder, and looking up he saw Buldeo with the Tower musket. The children had told the village about the buffalo stampede, and Buldeo went out angrily, only too anxious to correct Mowgli for not taking better care of the herd. The wolves dropped out of sight as soon as they saw the man coming.

"What is this folly?" said Buldeo angrily. "To think that thou canst skin a tiger! Where did the buffaloes kill him? It is the Lame Tiger too, and there is a hundred rupees on his head. Well, well, we will overlook thy letting the herd run off, and perhaps I will give thee one of the rupees of the reward when I have taken the skin to Khanhiwara." He fumbled in his waist cloth for flint and steel, and stooped down to singe Shere Khan's whiskers. Most native hunters always singe a tiger's whiskers to prevent his ghost from haunting them.

"Hum!" said Mowgli, half to himself as he ripped back the skin of a forepaw. "So thou wilt take the hide to Khanhiwara for the reward, and perhaps give me one rupee? Now it is in my mind that I need the skin for my own use. Heh! Old man, take away that fire!"

"What talk is this to the chief hunter of the village? Thy luck and the stupidity of thy buffaloes have helped thee to this kill. The tiger has just fed, or he would have gone twenty miles by this time. Thou canst not even skin him properly, little beggar brat, and forsooth I, Buldeo, must be told not to singe his whiskers. Mowgli, I will not give thee one anna of the reward, but only a very big beating. Leave the carcass!"

"By the Bull that bought me," said Mowgli, who was trying to get at the shoulder, "must I stay babbling to an old ape all noon? Here, Akela, this man plagues me."

Buldeo, who was still stooping over Shere Khan's head, found

himself sprawling on the grass, with a gray wolf standing over him, while Mowgli went on skinning as though he were alone in all India.

"Ye-es," he said, between his teeth. "Thou art altogether right, Buldeo. Thou wilt never give me one anna of the reward. There is an old war between this lame tiger and myself—a very old war, and—I have won."

To do Buldeo justice, if he had been ten years younger he would have taken his chance with Akela had he met the wolf in the woods, but a wolf who obeyed the orders of this boy who had private wars with man-eating tigers was not a common animal. It was sorcery, magic of the worst kind, thought Buldeo, and he wondered whether the amulet round his neck would protect him. He lay as still as still, expecting every minute to see Mowgli turn into a tiger too.

"Maharaj! Great King," he said at last in a husky whisper.

"Yes," said Mowgli, without turning his head, chuckling a little.

"I am an old man. I did not know that thou wast anything more than a herdsboy. May I rise up and go away, or will thy servant tear me to pieces?"

"Go, and peace go with thee. Only, another time do not meddle with my game. Let him go, Akela."

Buldeo hobbled away to the village as fast as he could, looking back over his shoulder in case Mowgli should change into something terrible. When he got to the village he told a tale of magic and enchantment and sorcery that made the priest look very grave.

Mowgli went on with his work, but it was nearly twilight before he and the wolves had drawn the great gay skin clear of the body.

"Now we must hide this and take the buffaloes home! Help me to herd them, Akela."

The herd rounded up in the misty twilight, and when they got

near the village Mowgli saw lights, and heard the conches and bells in the temple blowing and banging. Half the village seemed to be waiting for him by the gate. “That is because I have killed Shere Khan,” he said to himself. But a shower of stones whistled about his ears, and the villagers shouted: “Sorcerer! Wolf’s brat! Jungle demon! Go away! Get hence quickly or the priest will turn thee into a wolf again. Shoot, Buldeo, shoot!”

The old Tower musket went off with a bang, and a young buffalo bellowed in pain.

“More sorcery!” shouted the villagers. “He can turn bullets. Buldeo, that was thy buffalo.”

“Now what is this?” said Mowgli, bewildered, as the stones flew thicker.

“They are not unlike the Pack, these brothers of thine,” said Akela, sitting down composedly. “It is in my head that, if bullets mean anything, they would cast thee out.”

“Wolf! Wolf’s cub! Go away!” shouted the priest, waving a sprig of the sacred tulsi plant.

“Again? Last time it was because I was a man. This time it is because I am a wolf. Let us go, Akela.”

A woman—it was Messua—ran across to the herd, and cried: “Oh, my son, my son! They say thou art a sorcerer who can turn himself into a beast at will. I do not believe, but go away or they will kill thee. Buldeo says thou art a wizard, but I know thou hast avenged Nathoo’s death.”

“Come back, Messua!” shouted the crowd. “Come back, or we will stone thee.”

Mowgli laughed a little short ugly laugh, for a stone had hit him in the mouth. “Run back, Messua. This is one of the foolish tales they tell

under the big tree at dusk. I have at least paid for thy son's life. Farewell; and run quickly, for I shall send the herd in more swiftly than their brickbats. I am no wizard, Messua. Farewell!"

"Now, once more, Akela," he cried. "Bring the herd in."

The buffaloes were anxious enough to get to the village. They hardly needed Akela's yell, but charged through the gate like a whirlwind, scattering the crowd right and left.

"Keep count!" shouted Mowgli scornfully. "It may be that I have stolen one of them. Keep count, for I will do your herding no more. Fare you well, children of men, and thank Messua that I do not come in with my wolves and hunt you up and down your street."

He turned on his heel and walked away with the Lone Wolf, and as he looked up at the stars he felt happy. "No more sleeping in traps for me, Akela. Let us get Shere Khan's skin and go away. No, we will not hurt the village, for Messua was kind to me."

When the moon rose over the plain, making it look all milky, the horrified villagers saw Mowgli, with two wolves at his heels and a bundle on his head, trotting across at the steady wolf's trot that eats up the long miles like fire. Then they banged the temple bells and blew the conches louder than ever. And Messua cried, and Buldeo embroidered the story of his adventures in the jungle, till he ended by saying that Akela stood up on his hind legs and talked like a man.

The moon was just going down when Mowgli and the two wolves came to the hill of the Council Rock, and they stopped at Mother Wolf's cave.

"They have cast me out from the Man-Pack, Mother," shouted Mowgli, "but I come with the hide of Shere Khan to keep my word."

Mother Wolf walked stiffly from the cave with the cubs behind her, and her eyes glowed as she saw the skin.

"I told him on that day, when he crammed his head and shoulders into this cave, hunting for thy life, Little Frog—I told him that the hunter would be the hunted. It is well done."

"Little Brother, it is well done," said a deep voice in the thicket. "We were lonely in the jungle without thee," and Bagheera came running to Mowgli's bare feet. They clambered up the Council Rock together, and Mowgli spread the skin out on the flat stone where Akela used to sit, and pegged it down with four slivers of bamboo, and Akela lay down upon it, and called the old call to the Council, "Look—look well, O Wolves," exactly as he had called when Mowgli was first brought there.

Ever since Akela had been deposed, the Pack had been without a leader, hunting and fighting at their own pleasure. But they answered the call from habit; and some of them were lame from the traps they had fallen into, and some limped from shot wounds, and some were mangy from eating bad food, and many were missing. But they came to the Council Rock, all that were left of them, and saw Shere Khan's striped hide on the rock, and the huge claws dangling at the end of the empty dangling feet. It was then that Mowgli made up a song that came up into his throat all by itself, and he shouted it aloud, leaping up and down on the rattling skin, and beating time with his heels till he had no more breath left, while Gray Brother and Akela howled between the verses.

"Look well, O Wolves. Have I kept my word?" said Mowgli. And the wolves bayed "Yes," and one tattered wolf howled:

"Lead us again, O Akela. Lead us again, O Man-cub, for we be sick of this lawlessness, and we would be the Free People once more."

"Nay," purred Bagheera, "that may not be. When ye are full-fed, the madness may come upon you again. Not for nothing are ye called

the Free People. Ye fought for freedom, and it is yours. Eat it, O Wolves."

"Man-Pack and Wolf-Pack have cast me out," said Mowgli. "Now I will hunt alone in the jungle."

"And we will hunt with thee," said the four cubs.

So Mowgli went away and hunted with the four cubs in the jungle from that day on. But he was not always alone, because, years afterward, he became a man and married.

But that is a story for grown-ups.

MOWGLI'S SONG

That he sang at the council rock when he danced on shere khan's hide.

The Song of Mowgli—I, Mowgli, am singing. Let the jungle listen to the things I have done.

Shere Khan said he would kill—would kill! At the gates in the twilight he would kill Mowgli, the Frog!

He ate and he drank. Drink deep, Shere Khan, for when wilt thou drink again? Sleep and dream of the kill.

I am alone on the grazing-grounds. Gray Brother, come to me! Come to me, Lone Wolf, for there is big game afoot!

Bring up the great bull buffaloes, the blue-skinned herd bulls with the angry eyes. Drive them to and fro as I order.

Sleepest thou still, Shere Khan? Wake, oh, wake! Here come I, and the bulls are behind.

Rama, the King of the Buffaloes, stamped with his foot. Waters of the Waingunga, whither went Shere Khan?

He is not Ikki to dig holes, nor Mao, the Peacock, that he should fly. He is not Mang the Bat, to hang in the branches. Little bamboos that creak together, tell me where he ran?

Ow! He is there. Ahoo! He is there. Under the feet of Rama lies the Lame One! Up, Shere Khan!

Up and kill! Here is meat; break the necks of the bulls!

Hsh! He is asleep. We will not wake him, for his strength is very great. The kites have come down to see it. The black ants have come up to know it. There is a great assembly in his honor.

Alala! I have no cloth to wrap me. The kites will see that I am naked. I am ashamed to meet all these people.

Lend me thy coat, Shere Khan. Lend me thy gay striped coat that I may go to the Council Rock.

By the Bull that bought me I made a promise—a little promise. Only thy coat is lacking before I keep my word.

With the knife, with the knife that men use, with the knife of the hunter, I will stoop down for my gift.

Waters of the Waingunga, Shere Khan gives me his coat for the love that he bears me. Pull, Gray Brother! Pull, Akela! Heavy is the hide of Shere Khan.

The Man Pack are angry. They throw stones and talk child's talk. My mouth is bleeding. Let me run away.

Through the night, through the hot night, run swiftly with me, my brothers. We will leave the lights of the village and go to the low moon.

Waters of the Waingunga, the Man-Pack have cast me out. I did

them no harm, but they were afraid of me. Why?

Wolf Pack, ye have cast me out too. The jungle is shut to me and the village gates are shut. Why?

As Mang flies between the beasts and birds, so fly I between the village and the jungle. Why?

I dance on the hide of Shere Khan, but my heart is very heavy. My mouth is cut and wounded with the stones from the village, but my heart is very light, because I have come back to the jungle. Why?

These two things fight together in me as the snakes fight in the spring. The water comes out of my eyes; yet I laugh while it falls. Why?

I am two Mowglis, but the hide of Shere Khan is under my feet. All the jungle knows that I have killed Shere Khan. Look—look well, O Wolves!

Ahae! My heart is heavy with the things that I do not understand.

THE WHITE SEAL

Oh! hush thee, my baby, the night is behind us,

And black are the waters that sparkled so green.

The moon, o'er the combers, looks downward to find us

At rest in the hollows that rustle between.

Where billow meets billow, then soft be thy pillow,

Ah, weary wee flipperling, curl at thy ease!

The storm shall not wake thee, nor shark overtake thee,

Asleep in the arms of the slow-swinging seas!

— Seal Lullaby

All these things happened several years ago at a place called Novastoshnah, or North East Point, on the Island of St. Paul, away and away in the Bering Sea. Limmershin, the Winter Wren, told me the tale when he was blown on to the rigging of a steamer going to Japan, and I took him down into my cabin and warmed and fed him for a couple of days till he was fit to fly back to St. Paul's again. Limmershin is a very quaint little bird, but he knows how to tell the truth.

Nobody comes to Novastoshnah except on business, and the only people who have regular business there are the seals. They come in the summer months by hundreds and hundreds of thousands out of the cold gray sea. For Novastoshnah Beach has the finest accommodation for seals of any place in all the world.

Sea Catch knew that, and every spring would swim from whatever place he happened to be in—would swim like a torpedo-boat straight for Novastoshnah and spend a month fighting with his companions for a good place on the rocks, as close to the sea as possible. Sea Catch was fifteen years old, a huge gray fur seal with almost a mane on his shoulders, and long, wicked dog teeth. When he heaved himself up on his front flippers he stood more than four feet clear of the ground, and his weight, if anyone had been bold enough to weigh him, was nearly seven hundred pounds. He was scarred all over with the marks of savage fights, but he was always ready for just one fight more. He would put his head on one side, as though he were afraid to look his enemy in the face; then he would shoot it out like lightning, and when the big teeth were firmly fixed on the other seal's neck, the other seal might get away if he could, but Sea Catch would not help him.

Yet Sea Catch never chased a beaten seal, for that was against the Rules of the Beach. He only wanted room by the sea for his nursery. But as there were forty or fifty thousand other seals hunting for the

same thing each spring, the whistling, bellowing, roaring, and blowing on the beach was something frightful.

From a little hill called Hutchinson's Hill, you could look over three and a half miles of ground covered with fighting seals; and the surf was dotted all over with the heads of seals hurrying to land and begin their share of the fighting. They fought in the breakers, they fought in the sand, and they fought on the smooth-worn basalt rocks of the nurseries, for they were just as stupid and unaccommodating as men. Their wives never came to the island until late in May or early in June, for they did not care to be torn to pieces; and the young two-, three-, and four-year-old seals who had not begun housekeeping went inland about half a mile through the ranks of the fighters and played about on the sand dunes in droves and legions, and rubbed off every single green thing that grew. They were called the holluschickie —the bachelors—and there were perhaps two or three hundred thousand of them at Novastoshnah alone.

Sea Catch had just finished his forty-fifth fight one spring when Matkah, his soft, sleek, gentle-eyed wife, came up out of the sea, and he caught her by the scruff of the neck and dumped her down on his reservation, saying gruffly: "Late as usual. Where have you been?"

It was not the fashion for Sea Catch to eat anything during the four months he stayed on the beaches, and so his temper was generally bad. Matkah knew better than to answer back. She looked round and cooed: "How thoughtful of you. You've taken the old place again."

"I should think I had," said Sea Catch. "Look at me!"

He was scratched and bleeding in twenty places; one eye was almost out, and his sides were torn to ribbons.

"Oh, you men, you men!" Matkah said, fanning herself with her hind flipper. "Why can't you be sensible and settle your places

quietly? You look as though you had been fighting with the Killer Whale."

"I haven't been doing anything but fight since the middle of May. The beach is disgracefully crowded this season. I've met at least a hundred seals from Lukannon Beach, house hunting. Why can't people stay where they belong?"

"I've often thought we should be much happier if we hauled out at Otter Island instead of this crowded place," said Matkah.

"Bah! Only the holluschickie go to Otter Island. If we went there they would say we were afraid. We must preserve appearances, my dear."

Sea Catch sunk his head proudly between his fat shoulders and pretended to go to sleep for a few minutes, but all the time he was keeping a sharp lookout for a fight. Now that all the seals and their wives were on the land, you could hear their clamor miles out to sea above the loudest gales. At the lowest counting there were over a million seals on the beach—old seals, mother seals, tiny babies, and holluschickie, fighting, scuffling, bleating, crawling, and playing together—going down to the sea and coming up from it in gangs and regiments, lying over every foot of ground as far as the eye could reach, and skirmishing about in brigades through the fog. It is nearly always foggy at Novastoshnah, except when the sun comes out and makes everything look all pearly and rainbow-colored for a little while.

Kotick, Matkah's baby, was born in the middle of that confusion, and he was all head and shoulders, with pale, watery blue eyes, as tiny seals must be, but there was something about his coat that made his mother look at him very closely.

"Sea Catch," she said, at last, "our baby's going to be white!"

"Empty clam-shells and dry seaweed!" snorted Sea Catch. "There

never has been such a thing in the world as a white seal."

"I can't help that," said Matkah; "there's going to be now." And she sang the low, crooning seal song that all the mother seals sing to their babies:

You mustn't swim till you're six weeks old,
Or your head will be sunk by your heels;
And summer gales and Killer Whales
Are bad for baby seals.
Are bad for baby seals, dear rat,
As bad as bad can be;
But splash and grow strong,
And you can't be wrong.
Child of the Open Sea!

Of course the little fellow did not understand the words at first. He paddled and scrambled about by his mother's side, and learned to scuffle out of the way when his father was fighting with another seal, and the two rolled and roared up and down the slippery rocks. Matkah used to go to sea to get things to eat, and the baby was fed only once in two days, but then he ate all he could and throve upon it.

The first thing he did was to crawl inland, and there he met tens of thousands of babies of his own age, and they played together like puppies, went to sleep on the clean sand, and played again. The old people in the nurseries took no notice of them, and the holluschickie kept to their own grounds, and the babies had a beautiful playtime.

When Matkah came back from her deep-sea fishing she would go

straight to their playground and call as a sheep calls for a lamb, and wait until she heard Kotick bleat. Then she would take the straightest of straight lines in his direction, striking out with her fore flippers and knocking the youngsters head over heels right and left. There were always a few hundred mothers hunting for their children through the playgrounds, and the babies were kept lively. But, as Matkah told Kotick, "So long as you don't lie in muddy water and get mange, or rub the hard sand into a cut or scratch, and so long as you never go swimming when there is a heavy sea, nothing will hurt you here."

Little seals can no more swim than little children, but they are unhappy till they learn. The first time that Kotick went down to the sea a wave carried him out beyond his depth, and his big head sank and his little hind flippers flew up exactly as his mother had told him in the song, and if the next wave had not thrown him back again he would have drowned.

After that, he learned to lie in a beach pool and let the wash of the waves just cover him and lift him up while he paddled, but he always kept his eye open for big waves that might hurt. He was two weeks learning to use his flippers; and all that while he floundered in and out of the water, and coughed and grunted and crawled up the beach and took catnaps on the sand, and went back again, until at last he found that he truly belonged to the water.

Then you can imagine the times that he had with his companions, ducking under the rollers; or coming in on top of a comber and landing with a swash and a splutter as the big wave went whirling far up the beach; or standing up on his tail and scratching his head as the old people did; or playing "I'm the King of the Castle" on slippery, weedy rocks that just stuck out of the wash. Now and then he would see a thin fin, like a big shark's fin, drifting along close to shore, and he knew that that was the Killer Whale, the Grampus, who eats young

seals when he can get them; and Kotick would head for the beach like an arrow, and the fin would jig off slowly, as if it were looking for nothing at all.

Late in October the seals began to leave St. Paul's for the deep sea, by families and tribes, and there was no more fighting over the nurseries, and the holluschickie played anywhere they liked. "Next year," said Matkah to Kotick, "you will be a holluschickie; but this year you must learn how to catch fish."

They set out together across the Pacific, and Matkah showed Kotick how to sleep on his back with his flippers tucked down by his side and his little nose just out of the water. No cradle is so comfortable as the long, rocking swell of the Pacific. When Kotick felt his skin tingle all over, Matkah told him he was learning the "feel of the water," and that tingly, prickly feelings meant bad weather coming, and he must swim hard and get away.

"In a little time," she said, "you'll know where to swim to, but just now we'll follow Sea Pig, the Porpoise, for he is very wise." A school of porpoises were ducking and tearing through the water, and little Kotick followed them as fast as he could. "How do you know where to go to?" he panted. The leader of the school rolled his white eye and ducked under. "My tail tingles, youngster," he said. "That means there's a gale behind me. Come along! When you're south of the Sticky Water [he meant the Equator] and your tail tingles, that means there's a gale in front of you and you must head north. Come along! The water feels bad here."

This was one of very many things that Kotick learned, and he was always learning. Matkah taught him to follow the cod and the halibut along the under-sea banks and wrench the rockling out of his hole among the weeds; how to skirt the wrecks lying a hundred fathoms below water and dart like a rifle bullet in at one porthole and out at another as the fishes ran; how to dance on the top of the waves when

the lightning was racing all over the sky, and wave his flipper politely to the stumpy-tailed Albatross and the Man-of-war Hawk as they went down the wind; how to jump three or four feet clear of the water like a dolphin, flippers close to the side and tail curved; to leave the flying fish alone because they are all bony; to take the shoulder-piece out of a cod at full speed ten fathoms deep, and never to stop and look at a boat or a ship, but particularly a row-boat. At the end of six months what Kotick did not know about deep-sea fishing was not worth the knowing. And all that time he never set flipper on dry ground.

One day, however, as he was lying half asleep in the warm water somewhere off the Island of Juan Fernandez, he felt faint and lazy all over, just as human people do when the spring is in their legs, and he remembered the good firm beaches of Novastoshnah seven thousand miles away, the games his companions played, the smell of the seaweed, the seal roar, and the fighting. That very minute he turned north, swimming steadily, and as he went on he met scores of his mates, all bound for the same place, and they said: "Greeting, Kotick! This year we are all holluschickie, and we can dance the Fire-dance in the breakers off Lukannon and play on the new grass. But where did you get that coat?"

Kotick's fur was almost pure white now, and though he felt very proud of it, he only said, "Swim quickly! My bones are aching for the land." And so they all came to the beaches where they had been born, and heard the old seals, their fathers, fighting in the rolling mist.

That night Kotick danced the Fire-dance with the yearling seals. The sea is full of fire on summer nights all the way down from Novastoshnah to Lukannon, and each seal leaves a wake like burning oil behind him and a flaming flash when he jumps, and the waves break in great phosphorescent streaks and swirls. Then they went inland to the holluschickie grounds and rolled up and down in the

new wild wheat and told stories of what they had done while they had been at sea. They talked about the Pacific as boys would talk about a wood that they had been nutting in, and if anyone had understood them he could have gone away and made such a chart of that ocean as never was. The three- and four-year-old holluschickie romped down from Hutchinson's Hill crying: "Out of the way, youngsters! The sea is deep and you don't know all that's in it yet. Wait till you've rounded the Horn. Hi, you yearling, where did you get that white coat?"

"I didn't get it," said Kotick. "It grew." And just as he was going to roll the speaker over, a couple of black-haired men with flat red faces came from behind a sand dune, and Kotick, who had never seen a man before, coughed and lowered his head. The holluschickie just bundled off a few yards and sat staring stupidly. The men were no less than Kerick Booterin, the chief of the seal-hunters on the island, and Patalamon, his son. They came from the little village not half a mile from the sea nurseries, and they were deciding what seals they would drive up to the killing pens—for the seals were driven just like sheep—to be turned into seal-skin jackets later on.

"Ho!" said Patalamon. "Look! There's a white seal!"

Kerick Booterin turned nearly white under his oil and smoke, for he was an Aleut, and Aleuts are not clean people. Then he began to mutter a prayer. "Don't touch him, Patalamon. There has never been a white seal since—since I was born. Perhaps it is old Zaharrof's ghost. He was lost last year in the big gale."

"I'm not going near him," said Patalamon. "He's unlucky. Do you really think he is old Zaharrof come back? I owe him for some gulls' eggs."

"Don't look at him," said Kerick. "Head off that drove of four-year-olds. The men ought to skin two hundred to-day, but it's the

beginning of the season and they are new to the work. A hundred will do. Quick!"

Patalamon rattled a pair of seal's shoulder bones in front of a herd of holluschickie and they stopped dead, puffing and blowing. Then he stepped near and the seals began to move, and Kerick headed them inland, and they never tried to get back to their companions. Hundreds and hundreds of thousands of seals watched them being driven, but they went on playing just the same. Kotick was the only one who asked questions, and none of his companions could tell him anything, except that the men always drove seals in that way for six weeks or two months of every year.

"I am going to follow," he said, and his eyes nearly popped out of his head as he shuffled along in the wake of the herd.

"The white seal is coming after us," cried Patalamon. "That's the first time a seal has ever come to the killing-grounds alone."

"Hsh! Don't look behind you," said Kerick. "It is Zaharrof's ghost! I must speak to the priest about this."

The distance to the killing-grounds was only half a mile, but it took an hour to cover, because if the seals went too fast Kerick knew that they would get heated and then their fur would come off in patches when they were skinned. So they went on very slowly, past Sea Lion's Neck, past Webster House, till they came to the Salt House just beyond the sight of the seals on the beach. Kotick followed, panting and wondering. He thought that he was at the world's end, but the roar of the seal nurseries behind him sounded as loud as the roar of a train in a tunnel. Then Kerick sat down on the moss and pulled out a heavy pewter watch and let the drove cool off for thirty minutes, and Kotick could hear the fog-dew dripping off the brim of his cap. Then ten or twelve men, each with an iron-bound club three or four feet long, came up, and Kerick pointed out one or two of the

drove that were bitten by their companions or too hot, and the men kicked those aside with their heavy boots made of the skin of a walrus's throat, and then Kerick said, "Let go!" and then the men clubbed the seals on the head as fast as they could.

Ten minutes later little Kotick did not recognize his friends any more, for their skins were ripped off from the nose to the hind flippers, whipped off and thrown down on the ground in a pile. That was enough for Kotick. He turned and galloped (a seal can gallop very swiftly for a short time) back to the sea; his little new mustache bristling with horror. At Sea Lion's Neck, where the great sea lions sit on the edge of the surf, he flung himself flipper-overhead into the cool water and rocked there, gasping miserably. "What's here?" said a sea lion gruffly, for as a rule the sea lions keep themselves to themselves.

"Scoochnie! Ochen scoochnie!" ("I'm lonesome, very lonesome!") said Kotick. "They're killing all the holluschickie on all the beaches!"

The Sea Lion turned his head inshore. "Nonsense!" he said. "Your friends are making as much noise as ever. You must have seen old Kerick polishing off a drove. He's done that for thirty years."

"It's horrible," said Kotick, backing water as a wave went over him, and steadying himself with a screw stroke of his flippers that brought him all standing within three inches of a jagged edge of rock.

"Well done for a yearling!" said the Sea Lion, who could appreciate good swimming. "I suppose it is rather awful from your way of looking at it, but if you seals will come here year after year, of course the men get to know of it, and unless you can find an island where no men ever come you will always be driven."

"Isn't there any such island?" began Kotick.

"I've followed the poltoos [the halibut] for twenty years, and I can't say I've found it yet. But look here—you seem to have a

fondness for talking to your betters—suppose you go to Walrus Islet and talk to Sea Vitch. He may know something. Don't flounce off like that. It's a six-mile swim, and if I were you I should haul out and take a nap first, little one."

Kotick thought that that was good advice, so he swam round to his own beach, hauled out, and slept for half an hour, twitching all over, as seals will. Then he headed straight for Walrus Islet, a little low sheet of rocky island almost due northeast from Novastoshnah, all ledges and rock and gulls' nests, where the walrus herded by themselves.

He landed close to old Sea Vitch—the big, ugly, bloated, pimpled, fat-necked, long-tusked walrus of the North Pacific, who has no manners except when he is asleep—as he was then, with his hind flippers half in and half out of the surf.

"Wake up!" barked Kotick, for the gulls were making a great noise.

"Hah! Ho! Hmph! What's that?" said Sea Vitch, and he struck the next walrus a blow with his tusks and waked him up, and the next struck the next, and so on till they were all awake and staring in every direction but the right one.

"Hi! It's me," said Kotick, bobbing in the surf and looking like a little white slug.

"Well! May I be—skinned!" said Sea Vitch, and they all looked at Kotick as you can fancy a club full of drowsy old gentlemen would look at a little boy. Kotick did not care to hear any more about skinning just then; he had seen enough of it. So he called out: "Isn't there any place for seals to go where men don't ever come?"

"Go and find out," said Sea Vitch, shutting his eyes. "Run away. We're busy here."

Kotick made his dolphin-jump in the air and shouted as loud as he

could: “Clam-eater! Clam-eater!” He knew that Sea Vitch never caught a fish in his life but always rooted for clams and seaweed; though he pretended to be a very terrible person. Naturally the Chickies and the Gooverooskies and the Epatkas—the Burgomaster Gulls and the Kittiwakes and the Puffins, who are always looking for a chance to be rude, took up the cry, and—so Limmershin told me—for nearly five minutes you could not have heard a gun fired on Walrus Islet. All the population was yelling and screaming “Clam-eater! Stareek [old man]!” while Sea Vitch rolled from side to side grunting and coughing.

“Now will you tell?” said Kotick, all out of breath.

“Go and ask Sea Cow,” said Sea Vitch. “If he is living still, he’ll be able to tell you.”

“How shall I know Sea Cow when I meet him?” said Kotick, sheering off.

“He’s the only thing in the sea uglier than Sea Vitch,” screamed a Burgomaster gull, wheeling under Sea Vitch’s nose. “Uglier, and with worse manners! Stareek!”

Kotick swam back to Novastoshnah, leaving the gulls to scream. There he found that no one sympathized with him in his little attempt to discover a quiet place for the seals. They told him that men had always driven the holluschickie—it was part of the day’s work—and that if he did not like to see ugly things he should not have gone to the killing grounds. But none of the other seals had seen the killing, and that made the difference between him and his friends. Besides, Kotick was a white seal.

“What you must do,” said old Sea Catch, after he had heard his son’s adventures, “is to grow up and be a big seal like your father, and have a nursery on the beach, and then they will leave you alone. In another five years you ought to be able to fight for yourself.” Even

gentle Matkah, his mother, said: "You will never be able to stop the killing. Go and play in the sea, Kotick." And Kotick went off and danced the Fire-dance with a very heavy little heart.

That autumn he left the beach as soon as he could, and set off alone because of a notion in his bullet-head. He was going to find Sea Cow, if there was such a person in the sea, and he was going to find a quiet island with good firm beaches for seals to live on, where men could not get at them. So he explored and explored by himself from the North to the South Pacific, swimming as much as three hundred miles in a day and a night. He met with more adventures than can be told, and narrowly escaped being caught by the Basking Shark, and the Spotted Shark, and the Hammerhead, and he met all the untrustworthy ruffians that loaf up and down the seas, and the heavy polite fish, and the scarlet spotted scallops that are moored in one place for hundreds of years, and grow very proud of it; but he never met Sea Cow, and he never found an island that he could fancy.

If the beach was good and hard, with a slope behind it for seals to play on, there was always the smoke of a whaler on the horizon, boiling down blubber, and Kotick knew what that meant. Or else he could see that seals had once visited the island and been killed off, and Kotick knew that where men had come once they would come again.

He picked up with an old stumpy-tailed albatross, who told him that Kerguelen Island was the very place for peace and quiet, and when Kotick went down there he was all but smashed to pieces against some wicked black cliffs in a heavy sleet-storm with lightning and thunder. Yet as he pulled out against the gale he could see that even there had once been a seal nursery. And it was so in all the other islands that he visited.

Limmershin gave a long list of them, for he said that Kotick spent five seasons exploring, with a four months' rest each year at

Novastoshnah, when the holluschickie used to make fun of him and his imaginary islands. He went to the Gallapagos, a horrid dry place on the Equator, where he was nearly baked to death; he went to the Georgia Islands, the Orkneys, Emerald Island, Little Nightingale Island, Gough's Island, Bouvet's Island, the Crossets, and even to a little speck of an island south of the Cape of Good Hope. But everywhere the People of the Sea told him the same things. Seals had come to those islands once upon a time, but men had killed them all off. Even when he swam thousands of miles out of the Pacific and got to a place called Cape Corrientes (that was when he was coming back from Gough's Island), he found a few hundred mangy seals on a rock and they told him that men came there too.

That nearly broke his heart, and he headed round the Horn back to his own beaches; and on his way north he hauled out on an island full of green trees, where he found an old, old seal who was dying, and Kotick caught fish for him and told him all his sorrows. "Now," said Kotick, "I am going back to Novastoshnah, and if I am driven to the killing-pens with the holluschickie I shall not care."

The old seal said, "Try once more. I am the last of the Lost Rookery of Masafuera, and in the days when men killed us by the hundred thousand there was a story on the beaches that some day a white seal would come out of the North and lead the seal people to a quiet place. I am old, and I shall never live to see that day, but others will. Try once more."

And Kotick curled up his mustache (it was a beauty) and said, "I am the only white seal that has ever been born on the beaches, and I am the only seal, black or white, who ever thought of looking for new islands."

This cheered him immensely; and when he came back to Novastoshnah that summer, Matkah, his mother, begged him to marry and settle down, for he was no longer a holluschick but a full-

grown sea-catch, with a curly white mane on his shoulders, as heavy, as big, and as fierce as his father. "Give me another season," he said. "Remember, Mother, it is always the seventh wave that goes farthest up the beach."

Curiously enough, there was another seal who thought that she would put off marrying till the next year, and Kotick danced the Fire-dance with her all down Lukannon Beach the night before he set off on his last exploration. This time he went westward, because he had fallen on the trail of a great shoal of halibut, and he needed at least one hundred pounds of fish a day to keep him in good condition. He chased them till he was tired, and then he curled himself up and went to sleep on the hollows of the ground swell that sets in to Copper Island. He knew the coast perfectly well, so about midnight, when he felt himself gently bumped on a weed-bed, he said, "Hm, tide's running strong tonight," and turning over under water opened his eyes slowly and stretched. Then he jumped like a cat, for he saw huge things nosing about in the shoal water and browsing on the heavy fringes of the weeds.

"By the Great Combers of Magellan!" he said, beneath his mustache. "Who in the Deep Sea are these people?"

They were like no walrus, sea lion, seal, bear, whale, shark, fish, squid, or scallop that Kotick had ever seen before. They were between twenty and thirty feet long, and they had no hind flippers, but a shovel-like tail that looked as if it had been whittled out of wet leather. Their heads were the most foolish-looking things you ever saw, and they balanced on the ends of their tails in deep water when they weren't grazing, bowing solemnly to each other and waving their front flippers as a fat man waves his arm.

"Ahem!" said Kotick. "Good sport, gentlemen?" The big things answered by bowing and waving their flippers like the Frog Footman. When they began feeding again Kotick saw that their upper

lip was split into two pieces that they could twitch apart about a foot and bring together again with a whole bushel of seaweed between the splits. They tucked the stuff into their mouths and chumped solemnly.

"Messy style of feeding, that," said Kotick. They bowed again, and Kotick began to lose his temper. "Very good," he said. "If you do happen to have an extra joint in your front flipper you needn't show off so. I see you bow gracefully, but I should like to know your names." The split lips moved and twitched; and the glassy green eyes stared, but they did not speak.

"Well!" said Kotick. "You're the only people I've ever met uglier than Sea Vitch—and with worse manners."

Then he remembered in a flash what the Burgomaster gull had screamed to him when he was a little yearling at Walrus Islet, and he tumbled backward in the water, for he knew that he had found Sea Cow at last.

The sea cows went on schlooping and grazing and chumping in the weed, and Kotick asked them questions in every language that he had picked up in his travels; and the Sea People talk nearly as many languages as human beings. But the sea cows did not answer because Sea Cow cannot talk. He has only six bones in his neck where he ought to have seven, and they say under the sea that that prevents him from speaking even to his companions. But, as you know, he has an extra joint in his foreflipper, and by waving it up and down and about he makes what answers to a sort of clumsy telegraphic code.

By daylight Kotick's mane was standing on end and his temper was gone where the dead crabs go. Then the Sea Cow began to travel northward very slowly, stopping to hold absurd bowing councils from time to time, and Kotick followed them, saying to himself, "People who are such idiots as these are would have been killed long

ago if they hadn't found out some safe island. And what is good enough for the Sea Cow is good enough for the Sea Catch. All the same, I wish they'd hurry."

It was weary work for Kotick. The herd never went more than forty or fifty miles a day, and stopped to feed at night, and kept close to the shore all the time; while Kotick swam round them, and over them, and under them, but he could not hurry them up one-half mile. As they went farther north they held a bowing council every few hours, and Kotick nearly bit off his mustache with impatience till he saw that they were following up a warm current of water, and then he respected them more.

One night they sank through the shiny water—sank like stones—and for the first time since he had known them began to swim quickly. Kotick followed, and the pace astonished him, for he never dreamed that Sea Cow was anything of a swimmer. They headed for a cliff by the shore—a cliff that ran down into deep water, and plunged into a dark hole at the foot of it, twenty fathoms under the sea. It was a long, long swim, and Kotick badly wanted fresh air before he was out of the dark tunnel they led him through.

"My wig!" he said, when he rose, gasping and puffing, into open water at the farther end. "It was a long dive, but it was worth it."

The sea cows had separated and were browsing lazily along the edges of the finest beaches that Kotick had ever seen. There were long stretches of smooth-worn rock running for miles, exactly fitted to make seal-nurseries, and there were play-grounds of hard sand sloping inland behind them, and there were rollers for seals to dance in, and long grass to roll in, and sand dunes to climb up and down, and, best of all, Kotick knew by the feel of the water, which never deceives a true sea catch, that no men had ever come there.

The first thing he did was to assure himself that the fishing was

good, and then he swam along the beaches and counted up the delightful low sandy islands half hidden in the beautiful rolling fog. Away to the northward, out to sea, ran a line of bars and shoals and rocks that would never let a ship come within six miles of the beach, and between the islands and the mainland was a stretch of deep water that ran up to the perpendicular cliffs, and somewhere below the cliffs was the mouth of the tunnel.

"It's Novastoshnah over again, but ten times better," said Kotick. "Sea Cow must be wiser than I thought. Men can't come down the cliffs, even if there were any men; and the shoals to seaward would knock a ship to splinters. If any place in the sea is safe, this is it."

He began to think of the seal he had left behind him, but though he was in a hurry to go back to Novastoshnah, he thoroughly explored the new country, so that he would be able to answer all questions.

Then he dived and made sure of the mouth of the tunnel, and raced through to the southward. No one but a sea cow or a seal would have dreamed of there being such a place, and when he looked back at the cliffs even Kotick could hardly believe that he had been under them.

He was six days going home, though he was not swimming slowly; and when he hauled out just above Sea Lion's Neck the first person he met was the seal who had been waiting for him, and she saw by the look in his eyes that he had found his island at last.

But the holluschickie and Sea Catch, his father, and all the other seals laughed at him when he told them what he had discovered, and a young seal about his own age said, "This is all very well, Kotick, but you can't come from no one knows where and order us off like this. Remember we've been fighting for our nurseries, and that's a thing you never did. You preferred prowling about in the sea."

The other seals laughed at this, and the young seal began twisting his head from side to side. He had just married that year, and was making a great fuss about it.

"I've no nursery to fight for," said Kotick. "I only want to show you all a place where you will be safe. What's the use of fighting?"

"Oh, if you're trying to back out, of course I've no more to say," said the young seal with an ugly chuckle.

"Will you come with me if I win?" said Kotick. And a green light came into his eye, for he was very angry at having to fight at all.

"Very good," said the young seal carelessly. "If you win, I'll come."

He had no time to change his mind, for Kotick's head was out and his teeth sunk in the blubber of the young seal's neck. Then he threw himself back on his haunches and hauled his enemy down the beach, shook him, and knocked him over. Then Kotick roared to the seals: "I've done my best for you these five seasons past. I've found you the island where you'll be safe, but unless your heads are dragged off your silly necks you won't believe. I'm going to teach you now. Look out for yourselves!"

Limmershin told me that never in his life—and Limmershin sees ten thousand big seals fighting every year—never in all his little life did he see anything like Kotick's charge into the nurseries. He flung himself at the biggest sea catch he could find, caught him by the throat, choked him and bumped him and banged him till he grunted for mercy, and then threw him aside and attacked the next. You see, Kotick had never fasted for four months as the big seals did every year, and his deep-sea swimming trips kept him in perfect condition, and, best of all, he had never fought before. His curly white mane stood up with rage, and his eyes flamed, and his big dog teeth glistened, and he was splendid to look at. Old Sea Catch, his father, saw him tearing past, hauling the grizzled old seals about as though

they had been halibut, and upsetting the young bachelors in all directions; and Sea Catch gave a roar and shouted: “He may be a fool, but he is the best fighter on the beaches! Don’t tackle your father, my son! He’s with you!”

Kotick roared in answer, and old Sea Catch waddled in with his mustache on end, blowing like a locomotive, while Matkah and the seal that was going to marry Kotick cowered down and admired their men-folk. It was a gorgeous fight, for the two fought as long as there was a seal that dared lift up his head, and when there were none they paraded grandly up and down the beach side by side, bellowing.

At night, just as the Northern Lights were winking and flashing through the fog, Kotick climbed a bare rock and looked down on the scattered nurseries and the torn and bleeding seals. “Now,” he said, “I’ve taught you your lesson.”

“My wig!” said old Sea Catch, boosting himself up stiffly, for he was fearfully mauled. “The Killer Whale himself could not have cut them up worse. Son, I’m proud of you, and what’s more, I’ll come with you to your island—if there is such a place.”

“Hear you, fat pigs of the sea. Who comes with me to the Sea Cow’s tunnel? Answer, or I shall teach you again,” roared Kotick.

There was a murmur like the ripple of the tide all up and down the beaches. “We will come,” said thousands of tired voices. “We will follow Kotick, the White Seal.”

Then Kotick dropped his head between his shoulders and shut his eyes proudly. He was not a white seal any more, but red from head to tail. All the same he would have scorned to look at or touch one of his wounds.

A week later he and his army (nearly ten thousand holluschickie and old seals) went away north to the Sea Cow’s tunnel, Kotick leading them, and the seals that stayed at Novastoshnah called them

idiots. But next spring, when they all met off the fishing banks of the Pacific, Kotick's seals told such tales of the new beaches beyond Sea Cow's tunnel that more and more seals left Novastoshnah. Of course it was not all done at once, for the seals are not very clever, and they need a long time to turn things over in their minds, but year after year more seals went away from Novastoshnah, and Lukannon, and the other nurseries, to the quiet, sheltered beaches where Kotick sits all the summer through, getting bigger and fatter and stronger each year, while the holluschickie play around him, in that sea where no man comes.

LUKANNON

This is the great deep-sea song that all the St. Paul seals sing when they are heading back to their beaches in the summer. It is a sort of very sad seal National Anthem.

I met my mates in the morning (and, oh, but I am old!)
Where roaring on the ledges the summer ground-swell rolled;
I heard them lift the chorus that drowned the breakers' song—
The Beaches of Lukannon—two million voices strong.

The song of pleasant stations beside the salt lagoons,
The song of blowing squadrons that shuffled down the dunes,
The song of midnight dances that churned the sea to flame—
The Beaches of Lukannon—before the sealers came!

I met my mates in the morning (I'll never meet them more!);
They came and went in legions that darkened all the shore.
And o'er the foam-flecked offing as far as voice could reach
We hailed the landing-parties and we sang them up the beach.

The Beaches of Lukannon—the winter wheat so tall—
The dripping, crinkled lichens, and the sea-fog drenching all!
The platforms of our playground, all shining smooth and worn!
The Beaches of Lukannon—the home where we were born!

I met my mates in the morning, a broken, scattered band.
Men shoot us in the water and club us on the land;
Men drive us to the Salt House like silly sheep and tame,
And still we sing Lukannon—before the sealers came.

Wheel down, wheel down to southward; oh, Gooverooska, go!
And tell the Deep-Sea Viceroys the story of our woe;
Ere, empty as the shark's egg the tempest flings ashore,
The Beaches of Lukannon shall know their sons no more!

RIKKI-TIKKI-TAVI

At the hole where he went in

Red-Eye called to Wrinkle-Skin.

Hear what little Red-Eye saith:

“Nag, come up and dance with death!”

Eye to eye and head to head,

(Keep the measure, Nag.)

This shall end when one is dead;

(At thy pleasure, Nag.)

Turn for turn and twist for twist—

(Run and hide thee, Nag.)

Hah! The hooded Death has missed!

(Woe betide thee, Nag!)

This is the story of the great war that Rikki-tikki-tavi fought single-handed, through the bath-rooms of the big bungalow in Segowlee cantonment. Darzee, the Tailorbird, helped him, and Chuchundra, the musk-rat, who never comes out into the middle of the floor, but always creeps round by the wall, gave him advice, but Rikki-tikki did the real fighting.

He was a mongoose, rather like a little cat in his fur and his tail, but quite like a weasel in his head and his habits. His eyes and the end of his restless nose were pink. He could scratch himself anywhere he pleased with any leg, front or back, that he chose to use. He could fluff up his tail till it looked like a bottle brush, and his war cry as he scuttled through the long grass was: "Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!"

One day, a high summer flood washed him out of the burrow where he lived with his father and mother, and carried him, kicking and clucking, down a roadside ditch. He found a little wisp of grass floating there, and clung to it till he lost his senses. When he revived, he was lying in the hot sun on the middle of a garden path, very draggled indeed, and a small boy was saying, "Here's a dead mongoose. Let's have a funeral."

"No," said his mother, "let's take him in and dry him. Perhaps he isn't really dead."

They took him into the house, and a big man picked him up between his finger and thumb and said he was not dead but half choked. So they wrapped him in cotton wool, and warmed him over a little fire, and he opened his eyes and sneezed.

"Now," said the big man (he was an Englishman who had just moved into the bungalow), "don't frighten him, and we'll see what he'll do."

It is the hardest thing in the world to frighten a mongoose, because he is eaten up from nose to tail with curiosity. The motto of

all the mongoose family is “Run and find out,” and Rikki-tikki was a true mongoose. He looked at the cotton wool, decided that it was not good to eat, ran all round the table, sat up and put his fur in order, scratched himself, and jumped on the small boy’s shoulder.

“Don’t be frightened, Teddy,” said his father. “That’s his way of making friends.”

“Ouch! He’s tickling under my chin,” said Teddy.

Rikki-tikki looked down between the boy’s collar and neck, snuffed at his ear, and climbed down to the floor, where he sat rubbing his nose.

“Good gracious,” said Teddy’s mother, “and that’s a wild creature! I suppose he’s so tame because we’ve been kind to him.”

“All mongooses are like that,” said her husband. “If Teddy doesn’t pick him up by the tail, or try to put him in a cage, he’ll run in and out of the house all day long. Let’s give him something to eat.”

They gave him a little piece of raw meat. Rikki-tikki liked it immensely, and when it was finished he went out into the veranda and sat in the sunshine and fluffed up his fur to make it dry to the roots. Then he felt better.

“There are more things to find out about in this house,” he said to himself, “than all my family could find out in all their lives. I shall certainly stay and find out.”

He spent all that day roaming over the house. He nearly drowned himself in the bath-tubs, put his nose into the ink on a writing table, and burned it on the end of the big man’s cigar, for he climbed up in the big man’s lap to see how writing was done. At nightfall he ran into Teddy’s nursery to watch how kerosene lamps were lighted, and when Teddy went to bed Rikki-tikki climbed up too. But he was a restless companion, because he had to get up and attend to every

noise all through the night, and find out what made it. Teddy's mother and father came in, the last thing, to look at their boy, and Rikki-tikki was awake on the pillow. "I don't like that," said Teddy's mother. "He may bite the child." "He'll do no such thing," said the father. "Teddy's safer with that little beast than if he had a bloodhound to watch him. If a snake came into the nursery now—"

But Teddy's mother wouldn't think of anything so awful.

Early in the morning Rikki-tikki came to early breakfast in the veranda riding on Teddy's shoulder, and they gave him banana and some boiled egg. He sat on all their laps one after the other, because every well-brought-up mongoose always hopes to be a house mongoose some day and have rooms to run about in; and Rikki-tikki's mother (she used to live in the general's house at Segowlee) had carefully told Rikki what to do if ever he came across white men.

Then Rikki-tikki went out into the garden to see what was to be seen. It was a large garden, only half cultivated, with bushes, as big as summer-houses, of Marshal Niel roses, lime and orange trees, clumps of bamboos, and thickets of high grass. Rikki-tikki licked his lips. "This is a splendid hunting-ground," he said, and his tail grew bottle-brushy at the thought of it, and he scuttled up and down the garden, snuffing here and there till he heard very sorrowful voices in a thorn-bush.

It was Darzee, the Tailor-bird, and his wife. They had made a beautiful nest by pulling two big leaves together and stitching them up the edges with fibers, and had filled the hollow with cotton and downy fluff. The nest swayed to and fro, as they sat on the rim and cried.

"What is the matter?" asked Rikki-tikki.

"We are very miserable," said Darzee. "One of our babies fell out of the nest yesterday and Nag ate him."

"H'm!" said Rikki-tikki, "that is very sad—but I am a stranger here. Who is Nag?"

Darzee and his wife only cowered down in the nest without answering, for from the thick grass at the foot of the bush there came a low hiss—a horrid cold sound that made Rikki-tikki jump back two clear feet. Then inch by inch out of the grass rose up the head and spread hood of Nag, the big black cobra, and he was five feet long from tongue to tail. When he had lifted one-third of himself clear of the ground, he stayed balancing to and fro exactly as a dandelion tuft balances in the wind, and he looked at Rikki-tikki with the wicked snake's eyes that never change their expression, whatever the snake may be thinking of.

"Who is Nag?" said he. "I am Nag. The great God Brahm put his mark upon all our people, when the first cobra spread his hood to keep the sun off Brahm as he slept. Look, and be afraid!"

He spread out his hood more than ever, and Rikki-tikki saw the spectacle-mark on the back of it that looks exactly like the eye part of a hook-and-eye fastening. He was afraid for the minute, but it is impossible for a mongoose to stay frightened for any length of time, and though Rikki-tikki had never met a live cobra before, his mother had fed him on dead ones, and he knew that all a grown mongoose's business in life was to fight and eat snakes. Nag knew that too and, at the bottom of his cold heart, he was afraid.

"Well," said Rikki-tikki, and his tail began to fluff up again, "marks or no marks, do you think it is right for you to eat fledglings out of a nest?"

Nag was thinking to himself, and watching the least little movement in the grass behind Rikki-tikki. He knew that mongooses in the garden meant death sooner or later for him and his family, but

he wanted to get Rikki-tikki off his guard. So he dropped his head a little, and put it on one side.

"Let us talk," he said. "You eat eggs. Why should not I eat birds?"

"Behind you! Look behind you!" sang Darzee.

Rikki-tikki knew better than to waste time in staring. He jumped up in the air as high as he could go, and just under him whizzed by the head of Nagaina, Nag's wicked wife. She had crept up behind him as he was talking, to make an end of him. He heard her savage hiss as the stroke missed. He came down almost across her back, and if he had been an old mongoose he would have known that then was the time to break her back with one bite; but he was afraid of the terrible lashing return stroke of the cobra. He bit, indeed, but did not bite long enough, and he jumped clear of the whisking tail, leaving Nagaina torn and angry.

"Wicked, wicked Darzee!" said Nag, lashing up as high as he could reach toward the nest in the thorn-bush. But Darzee had built it out of reach of snakes, and it only swayed to and fro.

Rikki-tikki felt his eyes growing red and hot (when a mongoose's eyes grow red, he is angry), and he sat back on his tail and hind legs like a little kangaroo, and looked all round him, and chattered with rage. But Nag and Nagaina had disappeared into the grass. When a snake misses its stroke, it never says anything or gives any sign of what it means to do next. Rikki-tikki did not care to follow them, for he did not feel sure that he could manage two snakes at once. So he trotted off to the gravel path near the house, and sat down to think. It was a serious matter for him.

If you read the old books of natural history, you will find they say that when the mongoose fights the snake and happens to get bitten, he runs off and eats some herb that cures him. That is not true. The victory is only a matter of quickness of eye and quickness of foot—

snake's blow against mongoose's jump—and as no eye can follow the motion of a snake's head when it strikes, this makes things much more wonderful than any magic herb. Rikki-tikki knew he was a young mongoose, and it made him all the more pleased to think that he had managed to escape a blow from behind. It gave him confidence in himself, and when Teddy came running down the path, Rikki-tikki was ready to be petted.

But just as Teddy was stooping, something wriggled a little in the dust, and a tiny voice said: "Be careful. I am Death!" It was Karait, the dusty brown snakeling that lies for choice on the dusty earth; and his bite is as dangerous as the cobra's. But he is so small that nobody thinks of him, and so he does the more harm to people.

Rikki-tikki's eyes grew red again, and he danced up to Karait with the peculiar rocking, swaying motion that he had inherited from his family. It looks very funny, but it is so perfectly balanced a gait that you can fly off from it at any angle you please, and in dealing with snakes this is an advantage. If Rikki-tikki had only known, he was doing a much more dangerous thing than fighting Nag, for Karait is so small, and can turn so quickly, that unless Rikki bit him close to the back of the head, he would get the return stroke in his eye or his lip. But Rikki did not know. His eyes were all red, and he rocked back and forth, looking for a good place to hold. Karait struck out. Rikki jumped sideways and tried to run in, but the wicked little dusty gray head lashed within a fraction of his shoulder, and he had to jump over the body, and the head followed his heels close.

Teddy shouted to the house: "Oh, look here! Our mongoose is killing a snake." And Rikki-tikki heard a scream from Teddy's mother. His father ran out with a stick, but by the time he came up, Karait had lunged out once too far, and Rikki-tikki had sprung, jumped on the snake's back, dropped his head far between his forelegs, bitten as high up the back as he could get hold, and rolled

away. That bite paralyzed Karait, and Rikki-tikki was just going to eat him up from the tail, after the custom of his family at dinner, when he remembered that a full meal makes a slow mongoose, and if he wanted all his strength and quickness ready, he must keep himself thin.

He went away for a dust bath under the castor-oil bushes, while Teddy's father beat the dead Karait. "What is the use of that?" thought Rikki-tikki. "I have settled it all;" and then Teddy's mother picked him up from the dust and hugged him, crying that he had saved Teddy from death, and Teddy's father said that he was a providence, and Teddy looked on with big scared eyes. Rikki-tikki was rather amused at all the fuss, which, of course, he did not understand. Teddy's mother might just as well have petted Teddy for playing in the dust. Rikki was thoroughly enjoying himself.

That night at dinner, walking to and fro among the wine-glasses on the table, he might have stuffed himself three times over with nice things. But he remembered Nag and Nagaina, and though it was very pleasant to be patted and petted by Teddy's mother, and to sit on Teddy's shoulder, his eyes would get red from time to time, and he would go off into his long war cry of "Rikk-tikk-tikki-tikki-tchk!"

Teddy carried him off to bed, and insisted on Rikki-tikki sleeping under his chin. Rikki-tikki was too well bred to bite or scratch, but as soon as Teddy was asleep he went off for his nightly walk round the house, and in the dark he ran up against Chuchundra, the musk-rat, creeping around by the wall. Chuchundra is a broken-hearted little beast. He whimpers and cheeps all the night, trying to make up his mind to run into the middle of the room. But he never gets there.

"Don't kill me," said Chuchundra, almost weeping. "Rikki-tikki, don't kill me!"

"Do you think a snake-killer kills muskrats?" said Rikki-tikki

scornfully.

“Those who kill snakes get killed by snakes,” said Chuchundra, more sorrowfully than ever. “And how am I to be sure that Nag won’t mistake me for you some dark night?”

“There’s not the least danger,” said Rikki-tikki. “But Nag is in the garden, and I know you don’t go there.”

“My cousin Chua, the rat, told me—” said Chuchundra, and then he stopped.

“Told you what?”

“H’sh! Nag is everywhere, Rikki-tikki. You should have talked to Chua in the garden.”

“I didn’t—so you must tell me. Quick, Chuchundra, or I’ll bite you!”

Chuchundra sat down and cried till the tears rolled off his whiskers. “I am a very poor man,” he sobbed. “I never had spirit enough to run out into the middle of the room. H’sh! I mustn’t tell you anything. Can’t you hear, Rikki-tikki?”

Rikki-tikki listened. The house was as still as still, but he thought he could just catch the faintest scratch-scratch in the world—a noise as faint as that of a wasp walking on a window-pane—the dry scratch of a snake’s scales on brick-work.

“That’s Nag or Nagaina,” he said to himself, “and he is crawling into the bath-room sluice. You’re right, Chuchundra; I should have talked to Chua.”

He stole off to Teddy’s bath-room, but there was nothing there, and then to Teddy’s mother’s bathroom. At the bottom of the smooth plaster wall there was a brick pulled out to make a sluice for the bath water, and as Rikki-tikki stole in by the masonry curb where the bath

is put, he heard Nag and Nagaina whispering together outside in the moonlight.

"When the house is emptied of people," said Nagaina to her husband, "he will have to go away, and then the garden will be our own again. Go in quietly, and remember that the big man who killed Karait is the first one to bite. Then come out and tell me, and we will hunt for Rikki-tikki together."

"But are you sure that there is anything to be gained by killing the people?" said Nag.

"Everything. When there were no people in the bungalow, did we have any mongoose in the garden? So long as the bungalow is empty, we are king and queen of the garden; and remember that as soon as our eggs in the melon bed hatch (as they may tomorrow), our children will need room and quiet."

"I had not thought of that," said Nag. "I will go, but there is no need that we should hunt for Rikki-tikki afterward. I will kill the big man and his wife, and the child if I can, and come away quietly. Then the bungalow will be empty, and Rikki-tikki will go."

Rikki-tikki tingled all over with rage and hatred at this, and then Nag's head came through the sluice, and his five feet of cold body followed it. Angry as he was, Rikki-tikki was very frightened as he saw the size of the big cobra. Nag coiled himself up, raised his head, and looked into the bathroom in the dark, and Rikki could see his eyes glitter.

"Now, if I kill him here, Nagaina will know; and if I fight him on the open floor, the odds are in his favor. What am I to do?" said Rikki-tikki-tavi.

Nag waved to and fro, and then Rikki-tikki heard him drinking from the biggest water-jar that was used to fill the bath. "That is good," said the snake. "Now, when Karait was killed, the big man had

a stick. He may have that stick still, but when he comes in to bathe in the morning he will not have a stick. I shall wait here till he comes. Nagaina—do you hear me?—I shall wait here in the cool till daytime."

There was no answer from outside, so Rikki-tikki knew Nagaina had gone away. Nag coiled himself down, coil by coil, round the bulge at the bottom of the water jar, and Rikki-tikki stayed still as death. After an hour he began to move, muscle by muscle, toward the jar. Nag was asleep, and Rikki-tikki looked at his big back, wondering which would be the best place for a good hold. "If I don't break his back at the first jump," said Rikki, "he can still fight. And if he fights—O Rikki!" He looked at the thickness of the neck below the hood, but that was too much for him; and a bite near the tail would only make Nag savage.

"It must be the head"' he said at last; "the head above the hood. And, when I am once there, I must not let go."

Then he jumped. The head was lying a little clear of the water jar, under the curve of it; and, as his teeth met, Rikki braced his back against the bulge of the red earthenware to hold down the head. This gave him just one second's purchase, and he made the most of it. Then he was battered to and fro as a rat is shaken by a dog—to and fro on the floor, up and down, and around in great circles, but his eyes were red and he held on as the body cart-whipped over the floor, upsetting the tin dipper and the soap dish and the flesh brush, and banged against the tin side of the bath. As he held he closed his jaws tighter and tighter, for he made sure he would be banged to death, and, for the honor of his family, he preferred to be found with his teeth locked. He was dizzy, aching, and felt shaken to pieces when something went off like a thunderclap just behind him. A hot wind knocked him senseless and red fire singed his fur. The big man had been wakened by the noise, and had fired both barrels of a shotgun into Nag just behind the hood.

Rikki-tikki held on with his eyes shut, for now he was quite sure he was dead. But the head did not move, and the big man picked him up and said, “It’s the mongoose again, Alice. The little chap has saved our lives now.”

Then Teddy’s mother came in with a very white face, and saw what was left of Nag, and Rikki-tikki dragged himself to Teddy’s bedroom and spent half the rest of the night shaking himself tenderly to find out whether he really was broken into forty pieces, as he fancied.

When morning came he was very stiff, but well pleased with his doings. “Now I have Nagaina to settle with, and she will be worse than five Nags, and there’s no knowing when the eggs she spoke of will hatch. Goodness! I must go and see Darzee,” he said.

Without waiting for breakfast, Rikki-tikki ran to the thornbush where Darzee was singing a song of triumph at the top of his voice. The news of Nag’s death was all over the garden, for the sweeper had thrown the body on the rubbish-heap.

“Oh, you stupid tuft of feathers!” said Rikki-tikki angrily. “Is this the time to sing?”

“Nag is dead—is dead—is dead!” sang Darzee. “The valiant Rikki-tikki caught him by the head and held fast. The big man brought the bang-stick, and Nag fell in two pieces! He will never eat my babies again.”

“All that’s true enough. But where’s Nagaina?” said Rikki-tikki, looking carefully round him.

“Nagaina came to the bathroom sluice and called for Nag,” Darzee went on, “and Nag came out on the end of a stick—the sweeper picked him up on the end of a stick and threw him upon the rubbish heap. Let us sing about the great, the red-eyed Rikki-tikki!” And Darzee filled his throat and sang.

"If I could get up to your nest, I'd roll your babies out!" said Rikki-tikki. "You don't know when to do the right thing at the right time. You're safe enough in your nest there, but it's war for me down here. Stop singing a minute, Darzee."

"For the great, the beautiful Rikki-tikki's sake I will stop," said Darzee. "What is it, O Killer of the terrible Nag?"

"Where is Nagaina, for the third time?"

"On the rubbish heap by the stables, mourning for Nag. Great is Rikki-tikki with the white teeth."

"Bother my white teeth! Have you ever heard where she keeps her eggs?"

"In the melon bed, on the end nearest the wall, where the sun strikes nearly all day. She hid them there weeks ago."

"And you never thought it worth while to tell me? The end nearest the wall, you said?"

"Rikki-tikki, you are not going to eat her eggs?"

"Not eat exactly; no. Darzee, if you have a grain of sense you will fly off to the stables and pretend that your wing is broken, and let Nagaina chase you away to this bush. I must get to the melon-bed, and if I went there now she'd see me."

Darzee was a feather-brained little fellow who could never hold more than one idea at a time in his head. And just because he knew that Nagaina's children were born in eggs like his own, he didn't think at first that it was fair to kill them. But his wife was a sensible bird, and she knew that cobra's eggs meant young cobras later on. So she flew off from the nest, and left Darzee to keep the babies warm, and continue his song about the death of Nag. Darzee was very like a man in some ways.

She fluttered in front of Nagaina by the rubbish heap and cried

out, “Oh, my wing is broken! The boy in the house threw a stone at me and broke it.” Then she fluttered more desperately than ever.

Nagaina lifted up her head and hissed, “You warned Rikki-tikki when I would have killed him. Indeed and truly, you’ve chosen a bad place to be lame in.” And she moved toward Darzee’s wife, slipping along over the dust.

“The boy broke it with a stone!” shrieked Darzee’s wife.

“Well! It may be some consolation to you when you’re dead to know that I shall settle accounts with the boy. My husband lies on the rubbish heap this morning, but before night the boy in the house will lie very still. What is the use of running away? I am sure to catch you. Little fool, look at me!”

Darzee’s wife knew better than to do that, for a bird who looks at a snake’s eyes gets so frightened that she cannot move. Darzee’s wife fluttered on, piping sorrowfully, and never leaving the ground, and Nagaina quickened her pace.

Rikki-tikki heard them going up the path from the stables, and he raced for the end of the melon patch near the wall. There, in the warm litter above the melons, very cunningly hidden, he found twenty-five eggs, about the size of a bantam’s eggs, but with whitish skin instead of shell.

“I was not a day too soon,” he said, for he could see the baby cobras curled up inside the skin, and he knew that the minute they were hatched they could each kill a man or a mongoose. He bit off the tops of the eggs as fast as he could, taking care to crush the young cobras, and turned over the litter from time to time to see whether he had missed any. At last there were only three eggs left, and Rikki-tikki began to chuckle to himself, when he heard Darzee’s wife screaming:

“Rikki-tikki, I led Nagaina toward the house, and she has gone

into the veranda, and—oh, come quickly—she means killing!”

Rikki-tikki smashed two eggs, and tumbled backward down the melon-bed with the third egg in his mouth, and scuttled to the veranda as hard as he could put foot to the ground. Teddy and his mother and father were there at early breakfast, but Rikki-tikki saw that they were not eating anything. They sat stone-still, and their faces were white. Nagaina was coiled up on the matting by Teddy’s chair, within easy striking distance of Teddy’s bare leg, and she was swaying to and fro, singing a song of triumph.

“Son of the big man that killed Nag,” she hissed, “stay still. I am not ready yet. Wait a little. Keep very still, all you three! If you move I strike, and if you do not move I strike. Oh, foolish people, who killed my Nag!”

Teddy’s eyes were fixed on his father, and all his father could do was to whisper, “Sit still, Teddy. You mustn’t move. Teddy, keep still.”

Then Rikki-tikki came up and cried, “Turn round, Nagaina. Turn and fight!”

“All in good time,” said she, without moving her eyes. “I will settle my account with you presently. Look at your friends, Rikki-tikki. They are still and white. They are afraid. They dare not move, and if you come a step nearer I strike.”

“Look at your eggs,” said Rikki-tikki, “in the melon bed near the wall. Go and look, Nagaina!”

The big snake turned half around, and saw the egg on the veranda. “Ah-h! Give it to me,” she said.

Rikki-tikki put his paws one on each side of the egg, and his eyes were blood-red. “What price for a snake’s egg? For a young cobra? For a young king cobra? For the last—the very last of the brood? The ants are eating all the others down by the melon bed.”

Nagaina spun clear round, forgetting everything for the sake of the one egg. Rikki-tikki saw Teddy's father shoot out a big hand, catch Teddy by the shoulder, and drag him across the little table with the tea-cups, safe and out of reach of Nagaina.

"Tricked! Tricked! Tricked! Rikk-tck-tck!" chuckled Rikki-tikki. "The boy is safe, and it was I—I—I that caught Nag by the hood last night in the bathroom." Then he began to jump up and down, all four feet together, his head close to the floor. "He threw me to and fro, but he could not shake me off. He was dead before the big man blew him in two. I did it! Rikki-tikki-tck-tck! Come then, Nagaina. Come and fight with me. You shall not be a widow long."

Nagaina saw that she had lost her chance of killing Teddy, and the egg lay between Rikki-tikki's paws. "Give me the egg, Rikki-tikki. Give me the last of my eggs, and I will go away and never come back," she said, lowering her hood.

"Yes, you will go away, and you will never come back. For you will go to the rubbish heap with Nag. Fight, widow! The big man has gone for his gun! Fight!"

Rikki-tikki was bounding all round Nagaina, keeping just out of reach of her stroke, his little eyes like hot coals. Nagaina gathered herself together and flung out at him. Rikki-tikki jumped up and backward. Again and again and again she struck, and each time her head came with a whack on the matting of the veranda and she gathered herself together like a watch spring. Then Rikki-tikki danced in a circle to get behind her, and Nagaina spun round to keep her head to his head, so that the rustle of her tail on the matting sounded like dry leaves blown along by the wind.

He had forgotten the egg. It still lay on the veranda, and Nagaina came nearer and nearer to it, till at last, while Rikki-tikki was drawing breath, she caught it in her mouth, turned to the veranda

steps, and flew like an arrow down the path, with Rikki-tikki behind her. When the cobra runs for her life, she goes like a whip-lash flicked across a horse's neck.

Rikki-tikki knew that he must catch her, or all the trouble would begin again. She headed straight for the long grass by the thorn-bush, and as he was running Rikki-tikki heard Darzee still singing his foolish little song of triumph. But Darzee's wife was wiser. She flew off her nest as Nagaina came along, and flapped her wings about Nagaina's head. If Darzee had helped they might have turned her, but Nagaina only lowered her hood and went on. Still, the instant's delay brought Rikki-tikki up to her, and as she plunged into the rat-hole where she and Nag used to live, his little white teeth were clenched on her tail, and he went down with her—and very few mongooses, however wise and old they may be, care to follow a cobra into its hole. It was dark in the hole; and Rikki-tikki never knew when it might open out and give Nagaina room to turn and strike at him. He held on savagely, and stuck out his feet to act as brakes on the dark slope of the hot, moist earth.

Then the grass by the mouth of the hole stopped waving, and Darzee said, "It is all over with Rikki-tikki! We must sing his death song. Valiant Rikki-tikki is dead! For Nagaina will surely kill him underground."

So he sang a very mournful song that he made up on the spur of the minute, and just as he got to the most touching part, the grass quivered again, and Rikki-tikki, covered with dirt, dragged himself out of the hole leg by leg, licking his whiskers. Darzee stopped with a little shout. Rikki-tikki shook some of the dust out of his fur and sneezed. "It is all over," he said. "The widow will never come out again." And the red ants that live between the grass stems heard him, and began to troop down one after another to see if he had spoken the truth.

Rikki-tikki curled himself up in the grass and slept where he was —slept and slept till it was late in the afternoon, for he had done a hard day's work.

"Now," he said, when he awoke, "I will go back to the house. Tell the Coppersmith, Darzee, and he will tell the garden that Nagaina is dead."

The Coppersmith is a bird who makes a noise exactly like the beating of a little hammer on a copper pot; and the reason he is always making it is because he is the town crier to every Indian garden, and tells all the news to everybody who cares to listen. As Rikki-tikki went up the path, he heard his "attention" notes like a tiny dinner gong, and then the steady "Ding-dong-tock! Nag is dead—dong! Nagaina is dead! Ding-dong-tock!" That set all the birds in the garden singing, and the frogs croaking, for Nag and Nagaina used to eat frogs as well as little birds.

When Rikki got to the house, Teddy and Teddy's mother (she looked very white still, for she had been fainting) and Teddy's father came out and almost cried over him; and that night he ate all that was given him till he could eat no more, and went to bed on Teddy's shoulder, where Teddy's mother saw him when she came to look late at night.

"He saved our lives and Teddy's life," she said to her husband. "Just think, he saved all our lives."

Rikki-tikki woke up with a jump, for the mongooses are light sleepers.

"Oh, it's you," said he. "What are you bothering for? All the cobras are dead. And if they weren't, I'm here."

Rikki-tikki had a right to be proud of himself. But he did not grow too proud, and he kept that garden as a mongoose should keep it,

with tooth and jump and spring and bite, till never a cobra dared show its head inside the walls.

DARZEE'S CHANT

Sung in honor of Rikki-tikki-tavi.

Singer and tailor am I—

Doubled the joys that I know—

Proud of my lilt to the sky,

Proud of the house that I sew—

Over and under, so weave I my music—so weave I the house that I sew.

Sing to your fledglings again,

Mother, oh lift up your head!

Evil that plagued us is slain,

Death in the garden lies dead.

Terror that hid in the roses is impotent—flung on the dung-hill

and dead!

Who has delivered us, who?
Tell me his nest and his name.
Rikki, the valiant, the true,
Tikki, with eyeballs of flame,
Rikk-tikki-tikki, the ivory-fanged, the hunter with eyeballs of flame!

Give him the Thanks of the Birds,
Bowing with tail feathers spread!
Praise him with nightingale words—
Nay, I will praise him instead.
Hear! I will sing you the praise of the bottle-tailed Rikki, with eyeballs of red!

Here Rikki-tikki interrupted, and the rest of the song is lost.

TOOMAI OF THE ELEPHANTS

I will remember what I was, I am sick of rope and chain—

I will remember my old strength and all my forest affairs.

I will not sell my back to man for a bundle of sugar-cane:

I will go out to my own kind, and the wood-folk in their lairs.

I will go out until the day, until the morning break—

Out to the wind's untainted kiss, the water's clean caress;

I will forget my ankle-ring and snap my picket stake.

I will revisit my lost loves, and playmates masterless!

Kala Nag, which means Black Snake, had served the Indian Government in every way that an elephant could serve it for forty-seven years, and as he was fully twenty years old when he was caught, that makes him nearly seventy—a ripe age for an elephant. He remembered pushing, with a big leather pad on his forehead, at a gun stuck in deep mud, and that was before the Afghan War of 1842, and he had not then come to his full strength.

His mother Radha Pyari,—Radha the darling,—who had been caught in the same drive with Kala Nag, told him, before his little milk tusks had dropped out, that elephants who were afraid always got hurt. Kala Nag knew that that advice was good, for the first time that he saw a shell burst he backed, screaming, into a stand of piled rifles, and the bayonets pricked him in all his softest places. So, before he was twenty-five, he gave up being afraid, and so he was the best-loved and the best-looked-after elephant in the service of the Government of India. He had carried tents, twelve hundred pounds' weight of tents, on the march in Upper India. He had been hoisted into a ship at the end of a steam crane and taken for days across the water, and made to carry a mortar on his back in a strange and rocky country very far from India, and had seen the Emperor Theodore lying dead in Magdala, and had come back again in the steamer entitled, so the soldiers said, to the Abyssinian War medal. He had seen his fellow elephants die of cold and epilepsy and starvation and sunstroke up at a place called Ali Musjid, ten years later; and afterward he had been sent down thousands of miles south to haul and pile big balks of teak in the timberyards at Moulmein. There he had half killed an insubordinate young elephant who was shirking his fair share of work.

After that he was taken off timber-hauling, and employed, with a few score other elephants who were trained to the business, in helping to catch wild elephants among the Garo hills. Elephants are

very strictly preserved by the Indian Government. There is one whole department which does nothing else but hunt them, and catch them, and break them in, and send them up and down the country as they are needed for work.

Kala Nag stood ten fair feet at the shoulders, and his tusks had been cut off short at five feet, and bound round the ends, to prevent them splitting, with bands of copper; but he could do more with those stumps than any untrained elephant could do with the real sharpened ones. When, after weeks and weeks of cautious driving of scattered elephants across the hills, the forty or fifty wild monsters were driven into the last stockade, and the big drop gate, made of tree trunks lashed together, jarred down behind them, Kala Nag, at the word of command, would go into that flaring, trumpeting pandemonium (generally at night, when the flicker of the torches made it difficult to judge distances), and, picking out the biggest and wildest tusker of the mob, would hammer him and hustle him into quiet while the men on the backs of the other elephants roped and tied the smaller ones.

There was nothing in the way of fighting that Kala Nag, the old wise Black Snake, did not know, for he had stood up more than once in his time to the charge of the wounded tiger, and, curling up his soft trunk to be out of harm's way, had knocked the springing brute sideways in mid-air with a quick sickle cut of his head, that he had invented all by himself; had knocked him over, and kneeled upon him with his huge knees till the life went out with a gasp and a howl, and there was only a fluffy striped thing on the ground for Kala Nag to pull by the tail.

"Yes," said Big Toomai, his driver, the son of Black Toomai who had taken him to Abyssinia, and grandson of Toomai of the Elephants who had seen him caught, "there is nothing that the Black Snake fears except me. He has seen three generations of us feed him and groom him, and he will live to see four."

"He is afraid of me also," said Little Toomai, standing up to his full height of four feet, with only one rag upon him. He was ten years old, the eldest son of Big Toomai, and, according to custom, he would take his father's place on Kala Nag's neck when he grew up, and would handle the heavy iron ankus, the elephant goad, that had been worn smooth by his father, and his grandfather, and his great-grandfather.

He knew what he was talking of; for he had been born under Kala Nag's shadow, had played with the end of his trunk before he could walk, had taken him down to water as soon as he could walk, and Kala Nag would no more have dreamed of disobeying his shrill little orders than he would have dreamed of killing him on that day when Big Toomai carried the little brown baby under Kala Nag's tusks, and told him to salute his master that was to be.

"Yes," said Little Toomai, "he is afraid of me," and he took long strides up to Kala Nag, called him a fat old pig, and made him lift up his feet one after the other.

"Wah!" said Little Toomai, "thou art a big elephant," and he wagged his fluffy head, quoting his father. "The Government may pay for elephants, but they belong to us mahouts. When thou art old, Kala Nag, there will come some rich rajah, and he will buy thee from the Government, on account of thy size and thy manners, and then thou wilt have nothing to do but to carry gold earrings in thy ears, and a gold howdah on thy back, and a red cloth covered with gold on thy sides, and walk at the head of the processions of the King. Then I shall sit on thy neck, O Kala Nag, with a silver ankus, and men will run before us with golden sticks, crying, `Room for the King's elephant!' That will be good, Kala Nag, but not so good as this hunting in the jungles."

"Umph!" said Big Toomai. "Thou art a boy, and as wild as a buffalo-calf. This running up and down among the hills is not the

best Government service. I am getting old, and I do not love wild elephants. Give me brick elephant lines, one stall to each elephant, and big stumps to tie them to safely, and flat, broad roads to exercise upon, instead of this come-and-go camping. Aha, the Cawnpore barracks were good. There was a bazaar close by, and only three hours' work a day."

Little Toomai remembered the Cawnpore elephant-lines and said nothing. He very much preferred the camp life, and hated those broad, flat roads, with the daily grubbing for grass in the forage reserve, and the long hours when there was nothing to do except to watch Kala Nag fidgeting in his pickets.

What Little Toomai liked was to scramble up bridle paths that only an elephant could take; the dip into the valley below; the glimpses of the wild elephants browsing miles away; the rush of the frightened pig and peacock under Kala Nag's feet; the blinding warm rains, when all the hills and valleys smoked; the beautiful misty mornings when nobody knew where they would camp that night; the steady, cautious drive of the wild elephants, and the mad rush and blaze and hullabaloo of the last night's drive, when the elephants poured into the stockade like boulders in a landslide, found that they could not get out, and flung themselves at the heavy posts only to be driven back by yells and flaring torches and volleys of blank cartridge.

Even a little boy could be of use there, and Toomai was as useful as three boys. He would get his torch and wave it, and yell with the best. But the really good time came when the driving out began, and the Keddah—that is, the stockade—looked like a picture of the end of the world, and men had to make signs to one another, because they could not hear themselves speak. Then Little Toomai would climb up to the top of one of the quivering stockade posts, his sun-bleached brown hair flying loose all over his shoulders, and he looking like a

goblin in the torch-light. And as soon as there was a lull you could hear his high-pitched yells of encouragement to Kala Nag, above the trumpeting and crashing, and snapping of ropes, and groans of the tethered elephants. “Mael, mael, Kala Nag! (Go on, go on, Black Snake!) Dant do! (Give him the tusk!) Somalo! Somalo! (Careful, careful!) Maro! Mar! (Hit him, hit him!) Mind the post! Arre! Arre! Hai! Yai! Kya-a-ah!” he would shout, and the big fight between Kala Nag and the wild elephant would sway to and fro across the Keddah, and the old elephant catchers would wipe the sweat out of their eyes, and find time to nod to Little Toomai wriggling with joy on the top of the posts.

He did more than wriggle. One night he slid down from the post and slipped in between the elephants and threw up the loose end of a rope, which had dropped, to a driver who was trying to get a purchase on the leg of a kicking young calf (calves always give more trouble than full-grown animals). Kala Nag saw him, caught him in his trunk, and handed him up to Big Toomai, who slapped him then and there, and put him back on the post.

Next morning he gave him a scolding and said, “Are not good brick elephant lines and a little tent carrying enough, that thou must needs go elephant catching on thy own account, little worthless? Now those foolish hunters, whose pay is less than my pay, have spoken to Petersen Sahib of the matter.” Little Toomai was frightened. He did not know much of white men, but Petersen Sahib was the greatest white man in the world to him. He was the head of all the Keddah operations—the man who caught all the elephants for the Government of India, and who knew more about the ways of elephants than any living man.

“What—what will happen?” said Little Toomai.

“Happen! The worst that can happen. Petersen Sahib is a madman. Else why should he go hunting these wild devils? He may even

require thee to be an elephant catcher, to sleep anywhere in these fever-filled jungles, and at last to be trampled to death in the Keddah. It is well that this nonsense ends safely. Next week the catching is over, and we of the plains are sent back to our stations. Then we will march on smooth roads, and forget all this hunting. But, son, I am angry that thou shouldst meddle in the business that belongs to these dirty Assamese jungle folk. Kala Nag will obey none but me, so I must go with him into the Keddah, but he is only a fighting elephant, and he does not help to rope them. So I sit at my ease, as befits a mahout, —not a mere hunter,—a mahout, I say, and a man who gets a pension at the end of his service. Is the family of Toomai of the Elephants to be trodden underfoot in the dirt of a Keddah? Bad one! Wicked one! Worthless son! Go and wash Kala Nag and attend to his ears, and see that there are no thorns in his feet. Or else Petersen Sahib will surely catch thee and make thee a wild hunter—a follower of elephant's foot tracks, a jungle bear. Bah! Shame! Go!"

Little Toomai went off without saying a word, but he told Kala Nag all his grievances while he was examining his feet. "No matter," said Little Toomai, turning up the fringe of Kala Nag's huge right ear. "They have said my name to Petersen Sahib, and perhaps—and perhaps—and perhaps—who knows? Hai! That is a big thorn that I have pulled out!"

The next few days were spent in getting the elephants together, in walking the newly caught wild elephants up and down between a couple of tame ones to prevent them giving too much trouble on the downward march to the plains, and in taking stock of the blankets and ropes and things that had been worn out or lost in the forest.

Petersen Sahib came in on his clever she-elephant Pudmini; he had been paying off other camps among the hills, for the season was coming to an end, and there was a native clerk sitting at a table under a tree, to pay the drivers their wages. As each man was paid he went

back to his elephant, and joined the line that stood ready to start. The catchers, and hunters, and beaters, the men of the regular Keddah, who stayed in the jungle year in and year out, sat on the backs of the elephants that belonged to Petersen Sahib's permanent force, or leaned against the trees with their guns across their arms, and made fun of the drivers who were going away, and laughed when the newly caught elephants broke the line and ran about.

Big Toomai went up to the clerk with Little Toomai behind him, and Machua Appa, the head tracker, said in an undertone to a friend of his, "There goes one piece of good elephant stuff at least. 'Tis a pity to send that young jungle-cock to molt in the plains."

Now Petersen Sahib had ears all over him, as a man must have who listens to the most silent of all living things—the wild elephant. He turned where he was lying all along on Pudmini's back and said, "What is that? I did not know of a man among the plains-drivers who had wit enough to rope even a dead elephant."

"This is not a man, but a boy. He went into the Keddah at the last drive, and threw Barmao there the rope, when we were trying to get that young calf with the blotch on his shoulder away from his mother."

Machua Appa pointed at Little Toomai, and Petersen Sahib looked, and Little Toomai bowed to the earth.

"He throw a rope? He is smaller than a picket-pin. Little one, what is thy name?" said Petersen Sahib.

Little Toomai was too frightened to speak, but Kala Nag was behind him, and Toomai made a sign with his hand, and the elephant caught him up in his trunk and held him level with Pudmini's forehead, in front of the great Petersen Sahib. Then Little Toomai covered his face with his hands, for he was only a child, and except

where elephants were concerned, he was just as bashful as a child could be.

"Oho!" said Petersen Sahib, smiling underneath his mustache, "and why didst thou teach thy elephant that trick? Was it to help thee steal green corn from the roofs of the houses when the ears are put out to dry?"

"Not green corn, Protector of the Poor,—melons," said Little Toomai, and all the men sitting about broke into a roar of laughter. Most of them had taught their elephants that trick when they were boys. Little Toomai was hanging eight feet up in the air, and he wished very much that he were eight feet underground.

"He is Toomai, my son, Sahib," said Big Toomai, scowling. "He is a very bad boy, and he will end in a jail, Sahib."

"Of that I have my doubts," said Petersen Sahib. "A boy who can face a full Keddah at his age does not end in jails. See, little one, here are four annas to spend in sweetmeats because thou hast a little head under that great thatch of hair. In time thou mayest become a hunter too." Big Toomai scowled more than ever. "Remember, though, that Keddahs are not good for children to play in," Petersen Sahib went on.

"Must I never go there, Sahib?" asked Little Toomai with a big gasp.

"Yes." Petersen Sahib smiled again. "When thou hast seen the elephants dance. That is the proper time. Come to me when thou hast seen the elephants dance, and then I will let thee go into all the Keddahs."

There was another roar of laughter, for that is an old joke among elephant-catchers, and it means just never. There are great cleared flat places hidden away in the forests that are called elephants' ball-rooms, but even these are only found by accident, and no man has

ever seen the elephants dance. When a driver boasts of his skill and bravery the other drivers say, "And when didst thou see the elephants dance?"

Kala Nag put Little Toomai down, and he bowed to the earth again and went away with his father, and gave the silver four-anna piece to his mother, who was nursing his baby brother, and they all were put up on Kala Nag's back, and the line of grunting, squealing elephants rolled down the hill path to the plains. It was a very lively march on account of the new elephants, who gave trouble at every ford, and needed coaxing or beating every other minute.

Big Toomai prodded Kala Nag spitefully, for he was very angry, but Little Toomai was too happy to speak. Petersen Sahib had noticed him, and given him money, so he felt as a private soldier would feel if he had been called out of the ranks and praised by his commander-in-chief.

"What did Petersen Sahib mean by the elephant dance?" he said, at last, softly to his mother.

Big Toomai heard him and grunted. "That thou shouldst never be one of these hill buffaloes of trackers. That was what he meant. Oh, you in front, what is blocking the way?"

An Assamese driver, two or three elephants ahead, turned round angrily, crying: "Bring up Kala Nag, and knock this youngster of mine into good behavior. Why should Petersen Sahib have chosen me to go down with you donkeys of the rice fields? Lay your beast alongside, Toomai, and let him prod with his tusks. By all the Gods of the Hills, these new elephants are possessed, or else they can smell their companions in the jungle." Kala Nag hit the new elephant in the ribs and knocked the wind out of him, as Big Toomai said, "We have swept the hills of wild elephants at the last catch. It is only your carelessness in driving. Must I keep order along the whole line?"

"Hear him!" said the other driver. "We have swept the hills! Ho! Ho! You are very wise, you plains people. Anyone but a mud-head who never saw the jungle would know that they know that the drives are ended for the season. Therefore all the wild elephants to-night will—but why should I waste wisdom on a river-turtle?"

"What will they do?" Little Toomai called out.

"Ohe, little one. Art thou there? Well, I will tell thee, for thou hast a cool head. They will dance, and it behooves thy father, who has swept all the hills of all the elephants, to double-chain his pickets to-night."

"What talk is this?" said Big Toomai. "For forty years, father and son, we have tended elephants, and we have never heard such moonshine about dances."

"Yes; but a plainsman who lives in a hut knows only the four walls of his hut. Well, leave thy elephants unshackled tonight and see what comes. As for their dancing, I have seen the place where—Bapree-bap! How many windings has the Dihang River? Here is another ford, and we must swim the calves. Stop still, you behind there."

And in this way, talking and wrangling and splashing through the rivers, they made their first march to a sort of receiving camp for the new elephants. But they lost their tempers long before they got there.

Then the elephants were chained by their hind legs to their big stumps of pickets, and extra ropes were fitted to the new elephants, and the fodder was piled before them, and the hill drivers went back to Petersen Sahib through the afternoon light, telling the plains drivers to be extra careful that night, and laughing when the plains drivers asked the reason.

Little Toomai attended to Kala Nag's supper, and as evening fell, wandered through the camp, unspeakably happy, in search of a tom-tom. When an Indian child's heart is full, he does not run about and

make a noise in an irregular fashion. He sits down to a sort of revel all by himself. And Little Toomai had been spoken to by Petersen Sahib! If he had not found what he wanted, I believe he would have been ill. But the sweetmeat seller in the camp lent him a little tom-tom—a drum beaten with the flat of the hand—and he sat down, cross-legged, before Kala Nag as the stars began to come out, the tom-tom in his lap, and he thumped and he thumped and he thumped, and the more he thought of the great honor that had been done to him, the more he thumped, all alone among the elephant fodder. There was no tune and no words, but the thumping made him happy.

The new elephants strained at their ropes, and squealed and trumpeted from time to time, and he could hear his mother in the camp hut putting his small brother to sleep with an old, old song about the great God Shiv, who once told all the animals what they should eat. It is a very soothing lullaby, and the first verse says:

Shiv, who poured the harvest and made the winds to blow,

Sitting at the doorways of a day of long ago,

Gave to each his portion, food and toil and fate,

From the King upon the guddee to the Beggar at the gate.

All things made he—Shiva the Preserver.

Mahadeo! Mahadeo! He made all—

Thorn for the camel, fodder for the kine,

And mother's heart for sleepy head, O little son of mine!

Little Toomai came in with a joyous tunk-a-tunk at the end of each verse, till he felt sleepy and stretched himself on the fodder at Kala Nag's side. At last the elephants began to lie down one after

another as is their custom, till only Kala Nag at the right of the line was left standing up; and he rocked slowly from side to side, his ears put forward to listen to the night wind as it blew very slowly across the hills. The air was full of all the night noises that, taken together, make one big silence—the click of one bamboo stem against the other, the rustle of something alive in the undergrowth, the scratch and squawk of a half-waked bird (birds are awake in the night much more often than we imagine), and the fall of water ever so far away. Little Toomai slept for some time, and when he waked it was brilliant moonlight, and Kala Nag was still standing up with his ears cocked. Little Toomai turned, rustling in the fodder, and watched the curve of his big back against half the stars in heaven, and while he watched he heard, so far away that it sounded no more than a pinhole of noise pricked through the stillness, the "hoot-toot" of a wild elephant.

All the elephants in the lines jumped up as if they had been shot, and their grunts at last waked the sleeping mahouts, and they came out and drove in the picket pegs with big mallets, and tightened this rope and knotted that till all was quiet. One new elephant had nearly grubbed up his picket, and Big Toomai took off Kala Nag's leg chain and shackled that elephant fore-foot to hind-foot, but slipped a loop of grass string round Kala Nag's leg, and told him to remember that he was tied fast. He knew that he and his father and his grandfather had done the very same thing hundreds of times before. Kala Nag did not answer to the order by gurgling, as he usually did. He stood still, looking out across the moonlight, his head a little raised and his ears spread like fans, up to the great folds of the Garo hills.

"Tend to him if he grows restless in the night," said Big Toomai to Little Toomai, and he went into the hut and slept. Little Toomai was just going to sleep, too, when he heard the coir string snap with a little "tang," and Kala Nag rolled out of his pickets as slowly and as silently as a cloud rolls out of the mouth of a valley. Little Toomai

pattered after him, barefooted, down the road in the moonlight, calling under his breath, "Kala Nag! Kala Nag! Take me with you, O Kala Nag!" The elephant turned, without a sound, took three strides back to the boy in the moonlight, put down his trunk, swung him up to his neck, and almost before Little Toomai had settled his knees, slipped into the forest.

There was one blast of furious trumpeting from the lines, and then the silence shut down on everything, and Kala Nag began to move. Sometimes a tuft of high grass washed along his sides as a wave washes along the sides of a ship, and sometimes a cluster of wild-pepper vines would scrape along his back, or a bamboo would creak where his shoulder touched it. But between those times he moved absolutely without any sound, drifting through the thick Garo forest as though it had been smoke. He was going uphill, but though Little Toomai watched the stars in the rifts of the trees, he could not tell in what direction.

Then Kala Nag reached the crest of the ascent and stopped for a minute, and Little Toomai could see the tops of the trees lying all speckled and furry under the moonlight for miles and miles, and the blue-white mist over the river in the hollow. Toomai leaned forward and looked, and he felt that the forest was awake below him—awake and alive and crowded. A big brown fruit-eating bat brushed past his ear; a porcupine's quills rattled in the thicket; and in the darkness between the tree stems he heard a hog-bear digging hard in the moist warm earth, and snuffing as it digged.

Then the branches closed over his head again, and Kala Nag began to go down into the valley—not quietly this time, but as a runaway gun goes down a steep bank—in one rush. The huge limbs moved as steadily as pistons, eight feet to each stride, and the wrinkled skin of the elbow points rustled. The undergrowth on either side of him ripped with a noise like torn canvas, and the saplings that he heaved

away right and left with his shoulders sprang back again and banged him on the flank, and great trails of creepers, all matted together, hung from his tusks as he threw his head from side to side and plowed out his pathway. Then Little Toomai laid himself down close to the great neck lest a swinging bough should sweep him to the ground, and he wished that he were back in the lines again.

The grass began to get squashy, and Kala Nag's feet sucked and squelched as he put them down, and the night mist at the bottom of the valley chilled Little Toomai. There was a splash and a trample, and the rush of running water, and Kala Nag strode through the bed of a river, feeling his way at each step. Above the noise of the water, as it swirled round the elephant's legs, Little Toomai could hear more splashing and some trumpeting both upstream and down—great grunts and angry snortings, and all the mist about him seemed to be full of rolling, wavy shadows.

"Ai!" he said, half aloud, his teeth chattering. "The elephant-folk are out tonight. It is the dance, then!"

Kala Nag swashed out of the water, blew his trunk clear, and began another climb. But this time he was not alone, and he had not to make his path. That was made already, six feet wide, in front of him, where the bent jungle-grass was trying to recover itself and stand up. Many elephants must have gone that way only a few minutes before. Little Toomai looked back, and behind him a great wild tusker with his little pig's eyes glowing like hot coals was just lifting himself out of the misty river. Then the trees closed up again, and they went on and up, with trumpetings and crashings, and the sound of breaking branches on every side of them.

At last Kala Nag stood still between two tree-trunks at the very top of the hill. They were part of a circle of trees that grew round an irregular space of some three or four acres, and in all that space, as Little Toomai could see, the ground had been trampled down as hard

as a brick floor. Some trees grew in the center of the clearing, but their bark was rubbed away, and the white wood beneath showed all shiny and polished in the patches of moonlight. There were creepers hanging from the upper branches, and the bells of the flowers of the creepers, great waxy white things like convolvuluses, hung down fast asleep. But within the limits of the clearing there was not a single blade of green—nothing but the trampled earth.

The moonlight showed it all iron gray, except where some elephants stood upon it, and their shadows were inky black. Little Toomai looked, holding his breath, with his eyes starting out of his head, and as he looked, more and more and more elephants swung out into the open from between the tree trunks. Little Toomai could only count up to ten, and he counted again and again on his fingers till he lost count of the tens, and his head began to swim. Outside the clearing he could hear them crashing in the undergrowth as they worked their way up the hillside, but as soon as they were within the circle of the tree trunks they moved like ghosts.

There were white-tusked wild males, with fallen leaves and nuts and twigs lying in the wrinkles of their necks and the folds of their ears; fat, slow-footed she-elephants, with restless, little pinky black calves only three or four feet high running under their stomachs; young elephants with their tusks just beginning to show, and very proud of them; lanky, scraggy old-maid elephants, with their hollow anxious faces, and trunks like rough bark; savage old bull elephants, scarred from shoulder to flank with great weals and cuts of bygone fights, and the caked dirt of their solitary mud baths dropping from their shoulders; and there was one with a broken tusk and the marks of the full-stroke, the terrible drawing scrape, of a tiger's claws on his side.

They were standing head to head, or walking to and fro across the ground in couples, or rocking and swaying all by themselves—scores

and scores of elephants.

Toomai knew that so long as he lay still on Kala Nag's neck nothing would happen to him, for even in the rush and scramble of a Keddah drive a wild elephant does not reach up with his trunk and drag a man off the neck of a tame elephant. And these elephants were not thinking of men that night. Once they started and put their ears forward when they heard the chinking of a leg iron in the forest, but it was Pudmini, Petersen Sahib's pet elephant, her chain snapped short off, grunting, snuffling up the hillside. She must have broken her pickets and come straight from Petersen Sahib's camp; and Little Toomai saw another elephant, one that he did not know, with deep rope galls on his back and breast. He, too, must have run away from some camp in the hills about.

At last there was no sound of any more elephants moving in the forest, and Kala Nag rolled out from his station between the trees and went into the middle of the crowd, clucking and gurgling, and all the elephants began to talk in their own tongue, and to move about.

Still lying down, Little Toomai looked down upon scores and scores of broad backs, and wagging ears, and tossing trunks, and little rolling eyes. He heard the click of tusks as they crossed other tusks by accident, and the dry rustle of trunks twined together, and the chafing of enormous sides and shoulders in the crowd, and the incessant flick and hissh of the great tails. Then a cloud came over the moon, and he sat in black darkness. But the quiet, steady hustling and pushing and gurgling went on just the same. He knew that there were elephants all round Kala Nag, and that there was no chance of backing him out of the assembly; so he set his teeth and shivered. In a Keddah at least there was torchlight and shouting, but here he was all alone in the dark, and once a trunk came up and touched him on the knee.

Then an elephant trumpeted, and they all took it up for five or ten

terrible seconds. The dew from the trees above spattered down like rain on the unseen backs, and a dull booming noise began, not very loud at first, and Little Toomai could not tell what it was. But it grew and grew, and Kala Nag lifted up one forefoot and then the other, and brought them down on the ground—one-two, one-two, as steadily as trip-hammers. The elephants were stamping all together now, and it sounded like a war drum beaten at the mouth of a cave. The dew fell from the trees till there was no more left to fall, and the booming went on, and the ground rocked and shivered, and Little Toomai put his hands up to his ears to shut out the sound. But it was all one gigantic jar that ran through him—this stamp of hundreds of heavy feet on the raw earth. Once or twice he could feel Kala Nag and all the others surge forward a few strides, and the thumping would change to the crushing sound of juicy green things being bruised, but in a minute or two the boom of feet on hard earth began again. A tree was creaking and groaning somewhere near him. He put out his arm and felt the bark, but Kala Nag moved forward, still tramping, and he could not tell where he was in the clearing. There was no sound from the elephants, except once, when two or three little calves squeaked together. Then he heard a thump and a shuffle, and the booming went on. It must have lasted fully two hours, and Little Toomai ached in every nerve, but he knew by the smell of the night air that the dawn was coming.

The morning broke in one sheet of pale yellow behind the green hills, and the booming stopped with the first ray, as though the light had been an order. Before Little Toomai had got the ringing out of his head, before even he had shifted his position, there was not an elephant in sight except Kala Nag, Pudmini, and the elephant with the rope-galls, and there was neither sign nor rustle nor whisper down the hillsides to show where the others had gone.

Little Toomai stared again and again. The clearing, as he

remembered it, had grown in the night. More trees stood in the middle of it, but the undergrowth and the jungle grass at the sides had been rolled back. Little Toomai stared once more. Now he understood the trampling. The elephants had stamped out more room—had stamped the thick grass and juicy cane to trash, the trash into slivers, the slivers into tiny fibers, and the fibers into hard earth.

"Wah!" said Little Toomai, and his eyes were very heavy. "Kala Nag, my lord, let us keep by Pudmini and go to Petersen Sahib's camp, or I shall drop from thy neck."

The third elephant watched the two go away, snorted, wheeled round, and took his own path. He may have belonged to some little native king's establishment, fifty or sixty or a hundred miles away.

Two hours later, as Petersen Sahib was eating early breakfast, his elephants, who had been double chained that night, began to trumpet, and Pudmini, mired to the shoulders, with Kala Nag, very footsore, shambled into the camp. Little Toomai's face was gray and pinched, and his hair was full of leaves and drenched with dew, but he tried to salute Petersen Sahib, and cried faintly: "The dance—the elephant dance! I have seen it, and—I die!" As Kala Nag sat down, he slid off his neck in a dead faint.

But, since native children have no nerves worth speaking of, in two hours he was lying very contentedly in Petersen Sahib's hammock with Petersen Sahib's shooting-coat under his head, and a glass of warm milk, a little brandy, with a dash of quinine, inside of him, and while the old hairy, scarred hunters of the jungles sat three deep before him, looking at him as though he were a spirit, he told his tale in short words, as a child will, and wound up with:

"Now, if I lie in one word, send men to see, and they will find that the elephant folk have trampled down more room in their dance-room, and they will find ten and ten, and many times ten, tracks

leading to that dance-room. They made more room with their feet. I have seen it. Kala Nag took me, and I saw. Also Kala Nag is very leg-weary!"

Little Toomai lay back and slept all through the long afternoon and into the twilight, and while he slept Petersen Sahib and Machua Appa followed the track of the two elephants for fifteen miles across the hills. Petersen Sahib had spent eighteen years in catching elephants, and he had only once before found such a dance-place. Machua Appa had no need to look twice at the clearing to see what had been done there, or to scratch with his toe in the packed, rammed earth.

"The child speaks truth," said he. "All this was done last night, and I have counted seventy tracks crossing the river. See, Sahib, where Pudmini's leg-iron cut the bark of that tree! Yes; she was there too."

They looked at one another and up and down, and they wondered. For the ways of elephants are beyond the wit of any man, black or white, to fathom.

"Forty years and five," said Machua Appa, "have I followed my lord, the elephant, but never have I heard that any child of man had seen what this child has seen. By all the Gods of the Hills, it is—what can we say?" and he shook his head.

When they got back to camp it was time for the evening meal. Petersen Sahib ate alone in his tent, but he gave orders that the camp should have two sheep and some fowls, as well as a double ration of flour and rice and salt, for he knew that there would be a feast.

Big Toomai had come up hotfoot from the camp in the plains to search for his son and his elephant, and now that he had found them he looked at them as though he were afraid of them both. And there was a feast by the blazing campfires in front of the lines of picketed elephants, and Little Toomai was the hero of it all. And the big brown

elephant catchers, the trackers and drivers and ropers, and the men who know all the secrets of breaking the wildest elephants, passed him from one to the other, and they marked his forehead with blood from the breast of a newly killed jungle-cock, to show that he was a forester, initiated and free of all the jungles.

And at last, when the flames died down, and the red light of the logs made the elephants look as though they had been dipped in blood too, Machua Appa, the head of all the drivers of all the Keddahs —Machua Appa, Petersen Sahib's other self, who had never seen a made road in forty years: Machua Appa, who was so great that he had no other name than Machua Appa,—leaped to his feet, with Little Toomai held high in the air above his head, and shouted: "Listen, my brothers. Listen, too, you my lords in the lines there, for I, Machua Appa, am speaking! This little one shall no more be called Little Toomai, but Toomai of the Elephants, as his great-grandfather was called before him. What never man has seen he has seen through the long night, and the favor of the elephant-folk and of the Gods of the Jungles is with him. He shall become a great tracker. He shall become greater than I, even I, Machua Appa! He shall follow the new trail, and the stale trail, and the mixed trail, with a clear eye! He shall take no harm in the Keddah when he runs under their bellies to rope the wild tuskers; and if he slips before the feet of the charging bull elephant, the bull elephant shall know who he is and shall not crush him. Aihai! my lords in the chains,"—he whirled up the line of pickets —"here is the little one that has seen your dances in your hidden places,—the sight that never man saw! Give him honor, my lords! Salaam karo, my children. Make your salute to Toomai of the Elephants! Gunga Pershad, ahaa! Hira Guj, Birchi Guj, Kuttar Guj, ahaa! Pudmini,—thou hast seen him at the dance, and thou too, Kala Nag, my pearl among elephants!—ahaa! Together! To Toomai of the Elephants. Barrao!"

A nd at that last wild yell the whole line flung up their trunks till the tips touched their foreheads, and broke out into the full salute—the crashing trumpet-peal that only the Viceroy of India hears, the Salaamut of the Keddah.

But it was all for the sake of Little Toomai, who had seen what never man had seen before—the dance of the elephants at night and alone in the heart of the Garo hills!

SHIV AND THE GRASSHOPPER

The song that Toomai's mother sang to the baby.

Shiv, who poured the harvest and made the winds to blow,

Sitting at the doorways of a day of long ago,

Gave to each his portion, food and toil and fate,

From the King upon the guddee to the Beggar at the gate.

All things made he—Shiva the Preserver.

Mahadeo! Mahadeo! He made all,—

Thorn for the camel, fodder for the kine,

And mother's heart for sleepy head, O little son of mine!

Wheat he gave to rich folk, millet to the poor,

Broken scraps for holy men that beg from door to door;

Battle to the tiger, carrion to the kite,

And rags and bones to wicked wolves without the wall at night.

Naught he found too lofty, none he saw too low—

Parbati beside him watched them come and go;

Thought to cheat her husband, turning Shiv to jest—

Stole the little grasshopper and hid it in her breast.

So she tricked him, Shiva the Preserver.

Mahadeo! Mahadeo! Turn and see.

Tall are the camels, heavy are the kine,

But this was Least of Little Things, O little son of mine!

When the dole was ended, laughingly she said,

"Master, of a million mouths, is not one unfed?"

Laughing, Shiv made answer, "All have had their part,

Even he, the little one, hidden 'neath thy heart."

From her breast she plucked it, Parbati the thief,

Saw the Least of Little Things gnawed a new-grown leaf!

Saw and feared and wondered, making prayer to Shiv,

Who hath surely given meat to all that live.

All things made he—Shiva the Preserver.

Mahadeo! Mahadeo! He made all,—

Thorn for the camel, fodder for the kine,

And mother's heart for sleepy head, O little son of mine!

HER MAJESTY'S SERVANTS

You can work it out by Fractions or by simple Rule of Three,

But the way of Tweedle-dum is not the way of Tweedle-dee.

You can twist it, you can turn it, you can plait it till you drop,

But the way of Pilly Winky's not the way of Winkie Pop!

It had been raining heavily for one whole month—raining on a camp of thirty thousand men and thousands of camels, elephants, horses, bullocks, and mules all gathered together at a place called Rawal Pindi, to be reviewed by the Viceroy of India. He was receiving a visit from the Amir of Afghanistan—a wild king of a very wild country. The Amir had brought with him for a bodyguard eight hundred men and horses who had never seen a camp or a locomotive before in their lives—savage men and savage horses from somewhere at the back of Central Asia. Every night a mob of these horses would be sure to break their heel ropes and stampede up and down the camp through the mud in the dark, or the camels would break loose and run about and fall over the ropes of the tents, and you can imagine how pleasant that was for men trying to go to sleep. My tent lay far away from the camel lines, and I thought it was safe. But one night a man popped his head in and shouted, "Get out, quick! They're coming! My tent's gone!"

I knew who "they" were, so I put on my boots and waterproof and scuttled out into the slush. Little Vixen, my fox terrier, went out through the other side; and then there was a roaring and a grunting and bubbling, and I saw the tent cave in, as the pole snapped, and begin to dance about like a mad ghost. A camel had blundered into it, and wet and angry as I was, I could not help laughing. Then I ran on, because I did not know how many camels might have got loose, and before long I was out of sight of the camp, plowing my way through the mud.

At last I fell over the tail-end of a gun, and by that knew I was somewhere near the artillery lines where the cannon were stacked at night. As I did not want to plowter about any more in the drizzle and the dark, I put my waterproof over the muzzle of one gun, and made a sort of wigwam with two or three rammers that I found, and lay

along the tail of another gun, wondering where Vixen had got to, and where I might be.

Just as I was getting ready to go to sleep I heard a jingle of harness and a grunt, and a mule passed me shaking his wet ears. He belonged to a screw-gun battery, for I could hear the rattle of the straps and rings and chains and things on his saddle pad. The screw-guns are tiny little cannon made in two pieces, that are screwed together when the time comes to use them. They are taken up mountains, anywhere that a mule can find a road, and they are very useful for fighting in rocky country.

Behind the mule there was a camel, with his big soft feet squelching and slipping in the mud, and his neck bobbing to and fro like a strayed hen's. Luckily, I knew enough of beast language—not wild-beast language, but camp-beast language, of course—from the natives to know what he was saying.

He must have been the one that flopped into my tent, for he called to the mule, "What shall I do? Where shall I go? I have fought with a white thing that waved, and it took a stick and hit me on the neck." (That was my broken tent pole, and I was very glad to know it.) "Shall we run on?"

"Oh, it was you," said the mule, "you and your friends, that have been disturbing the camp? All right. You'll be beaten for this in the morning. But I may as well give you something on account now."

I heard the harness jingle as the mule backed and caught the camel two kicks in the ribs that rang like a drum. "Another time," he said, "you'll know better than to run through a mule battery at night, shouting `Thieves and fire!' Sit down, and keep your silly neck quiet."

The camel doubled up camel-fashion, like a two-foot rule, and sat down whimpering. There was a regular beat of hoofs in the darkness,

and a big troop-horse cantered up as steadily as though he were on parade, jumped a gun tail, and landed close to the mule.

"It's disgraceful," he said, blowing out his nostrils. "Those camels have racketed through our lines again—the third time this week. How's a horse to keep his condition if he isn't allowed to sleep. Who's here?"

"I'm the breech-piece mule of number two gun of the First Screw Battery," said the mule, "and the other's one of your friends. He's waked me up too. Who are you?"

"Number Fifteen, E troop, Ninth Lancers—Dick Cunliffe's horse. Stand over a little, there."

"Oh, beg your pardon," said the mule. "It's too dark to see much. Aren't these camels too sickening for anything? I walked out of my lines to get a little peace and quiet here."

"My lords," said the camel humbly, "we dreamed bad dreams in the night, and we were very much afraid. I am only a baggage camel of the 39th Native Infantry, and I am not as brave as you are, my lords."

"Then why didn't you stay and carry baggage for the 39th Native Infantry, instead of running all round the camp?" said the mule.

"They were such very bad dreams," said the camel. "I am sorry. Listen! What is that? Shall we run on again?"

"Sit down," said the mule, "or you'll snap your long stick-legs between the guns." He cocked one ear and listened. "Bullocks!" he said. "Gun bullocks. On my word, you and your friends have waked the camp very thoroughly. It takes a good deal of prodding to put up a gun-bullock."

I heard a chain dragging along the ground, and a yoke of the great sulky white bullocks that drag the heavy siege guns when the

elephants won't go any nearer to the firing, came shouldering along together. And almost stepping on the chain was another battery mule, calling wildly for "Billy."

"That's one of our recruits," said the old mule to the troop horse. "He's calling for me. Here, youngster, stop squealing. The dark never hurt anybody yet."

The gun-bullocks lay down together and began chewing the cud, but the young mule huddled close to Billy.

"Things!" he said. "Fearful and horrible, Billy! They came into our lines while we were asleep. D'you think they'll kill us?"

"I've a very great mind to give you a number-one kicking," said Billy. "The idea of a fourteen-hand mule with your training disgracing the battery before this gentleman!"

"Gently, gently!" said the troop-horse. "Remember they are always like this to begin with. The first time I ever saw a man (it was in Australia when I was a three-year-old) I ran for half a day, and if I'd seen a camel, I should have been running still."

Nearly all our horses for the English cavalry are brought to India from Australia, and are broken in by the troopers themselves.

"True enough," said Billy. "Stop shaking, youngster. The first time they put the full harness with all its chains on my back I stood on my forelegs and kicked every bit of it off. I hadn't learned the real science of kicking then, but the battery said they had never seen anything like it."

"But this wasn't harness or anything that jingled," said the young mule. "You know I don't mind that now, Billy. It was Things like trees, and they fell up and down the lines and bubbled; and my head-rope broke, and I couldn't find my driver, and I couldn't find you, Billy, so I ran off with—with these gentlemen."

“H’m!” said Billy. “As soon as I heard the camels were loose I came away on my own account. When a battery—a screw-gun mule calls gun-bullocks gentlemen, he must be very badly shaken up. Who are you fellows on the ground there?”

The gun bullocks rolled their cuds, and answered both together: “The seventh yoke of the first gun of the Big Gun Battery. We were asleep when the camels came, but when we were trampled on we got up and walked away. It is better to lie quiet in the mud than to be disturbed on good bedding. We told your friend here that there was nothing to be afraid of, but he knew so much that he thought otherwise. Wah!”

They went on chewing.

“That comes of being afraid,” said Billy. “You get laughed at by gun-bullocks. I hope you like it, young un.”

The young mule’s teeth snapped, and I heard him say something about not being afraid of any beefy old bullock in the world. But the bullocks only clicked their horns together and went on chewing.“Now, don’t be angry after you’ve been afraid. That’s the worst kind of cowardice,” said the troop-horse. “Anybody can be forgiven for being scared in the night, I think, if they see things they don’t understand. We’ve broken out of our pickets, again and again, four hundred and fifty of us, just because a new recruit got to telling tales of whip snakes at home in Australia till we were scared to death of the loose ends of our head-ropes.”

“That’s all very well in camp,” said Billy. “I’m not above stampeding myself, for the fun of the thing, when I haven’t been out for a day or two. But what do you do on active service?”

“Oh, that’s quite another set of new shoes,” said the troop horse. “Dick Cunliffe’s on my back then, and drives his knees into me, and

all I have to do is to watch where I am putting my feet, and to keep my hind legs well under me, and be bridle-wise."

"What's bridle-wise?" said the young mule.

"By the Blue Gums of the Back Blocks," snorted the troop-horse, "do you mean to say that you aren't taught to be bridle-wise in your business? How can you do anything, unless you can spin round at once when the rein is pressed on your neck? It means life or death to your man, and of course that's life and death to you. Get round with your hind legs under you the instant you feel the rein on your neck. If you haven't room to swing round, rear up a little and come round on your hind legs. That's being bridle-wise."

"We aren't taught that way," said Billy the mule stiffly. "We're taught to obey the man at our head: step off when he says so, and step in when he says so. I suppose it comes to the same thing. Now, with all this fine fancy business and rearing, which must be very bad for your hocks, what do you do?"

"That depends," said the troop-horse. "Generally I have to go in among a lot of yelling, hairy men with knives—long shiny knives, worse than the farrier's knives—and I have to take care that Dick's boot is just touching the next man's boot without crushing it. I can see Dick's lance to the right of my right eye, and I know I'm safe. I shouldn't care to be the man or horse that stood up to Dick and me when we're in a hurry."

"Don't the knives hurt?" said the young mule.

"Well, I got one cut across the chest once, but that wasn't Dick's fault—"

"A lot I should have cared whose fault it was, if it hurt!" said the young mule.

"You must," said the troop horse. "If you don't trust your man, you

may as well run away at once. That's what some of our horses do, and I don't blame them. As I was saying, it wasn't Dick's fault. The man was lying on the ground, and I stretched myself not to tread on him, and he slashed up at me. Next time I have to go over a man lying down I shall step on him—hard."

"H'm!" said Billy. "It sounds very foolish. Knives are dirty things at any time. The proper thing to do is to climb up a mountain with a well-balanced saddle, hang on by all four feet and your ears too, and creep and crawl and wriggle along, till you come out hundreds of feet above anyone else on a ledge where there's just room enough for your hoofs. Then you stand still and keep quiet—never ask a man to hold your head, young un—keep quiet while the guns are being put together, and then you watch the little poppy shells drop down into the tree-tops ever so far below."

"Don't you ever trip?" said the troop-horse.

"They say that when a mule trips you can split a hen's ear," said Billy. "Now and again perhaps a badly packed saddle will upset a mule, but it's very seldom. I wish I could show you our business. It's beautiful. Why, it took me three years to find out what the men were driving at. The science of the thing is never to show up against the sky line, because, if you do, you may get fired at. Remember that, young un. Always keep hidden as much as possible, even if you have to go a mile out of your way. I lead the battery when it comes to that sort of climbing."

"Fired at without the chance of running into the people who are firing!" said the troop-horse, thinking hard. "I couldn't stand that. I should want to charge—with Dick."

"Oh, no, you wouldn't. You know that as soon as the guns are in position they'll do all the charging. That's scientific and neat. But knives—pah!"

The baggage-camel had been bobbing his head to and fro for some time past, anxious to get a word in edgewise. Then I heard him say, as he cleared his throat, nervously:

"I—I—I have fought a little, but not in that climbing way or that running way."

"No. Now you mention it," said Billy, "you don't look as though you were made for climbing or running—much. Well, how was it, old Hay-bales?"

"The proper way," said the camel. "We all sat down—"

"Oh, my crupper and breastplate!" said the troop-horse under his breath. "Sat down!"

"We sat down—a hundred of us," the camel went on, "in a big square, and the men piled our packs and saddles, outside the square, and they fired over our backs, the men did, on all sides of the square."

"What sort of men? Any men that came along?" said the troop-horse. "They teach us in riding school to lie down and let our masters fire across us, but Dick Cunliffe is the only man I'd trust to do that. It tickles my girths, and, besides, I can't see with my head on the ground."

"What does it matter who fires across you?" said the camel. "There are plenty of men and plenty of other camels close by, and a great many clouds of smoke. I am not frightened then. I sit still and wait."

"And yet," said Billy, "you dream bad dreams and upset the camp at night. Well, well! Before I'd lie down, not to speak of sitting down, and let a man fire across me, my heels and his head would have something to say to each other. Did you ever hear anything so awful as that?"

There was a long silence, and then one of the gun bullocks lifted up his big head and said, "This is very foolish indeed. There is only

one way of fighting.”

“Oh, go on,” said Billy. “Please don’t mind me. I suppose you fellows fight standing on your tails?”

“Only one way,” said the two together. (They must have been twins.) “This is that way. To put all twenty yoke of us to the big gun as soon as Two Tails trumpets.” (“Two Tails” is camp slang for the elephant.)

“What does Two Tails trumpet for?” said the young mule.

“To show that he is not going any nearer to the smoke on the other side. Two Tails is a great coward. Then we tug the big gun all together—Heya—Hullah! Heeyah! Hullah! We do not climb like cats nor run like calves. We go across the level plain, twenty yoke of us, till we are unyoked again, and we graze while the big guns talk across the plain to some town with mud walls, and pieces of the wall fall out, and the dust goes up as though many cattle were coming home.”

“Oh! And you choose that time for grazing?” said the young mule.

“That time or any other. Eating is always good. We eat till we are yoked up again and tug the gun back to where Two Tails is waiting for it. Sometimes there are big guns in the city that speak back, and some of us are killed, and then there is all the more grazing for those that are left. This is Fate. None the less, Two Tails is a great coward. That is the proper way to fight. We are brothers from Hapur. Our father was a sacred bull of Shiva. We have spoken.”

“Well, I’ve certainly learned something tonight,” said the troop-horse. “Do you gentlemen of the screw-gun battery feel inclined to eat when you are being fired at with big guns, and Two Tails is behind you?”

“About as much as we feel inclined to sit down and let men sprawl all over us, or run into people with knives. I never heard such stuff. A

mountain ledge, a well-balanced load, a driver you can trust to let you pick your own way, and I'm your mule. But—the other things—no!" said Billy, with a stamp of his foot.

"Of course," said the troop horse, "everyone is not made in the same way, and I can quite see that your family, on your father's side, would fail to understand a great many things."

"Never you mind my family on my father's side," said Billy angrily, for every mule hates to be reminded that his father was a donkey. "My father was a Southern gentleman, and he could pull down and bite and kick into rags every horse he came across. Remember that, you big brown Brumby!"

Brumby means wild horse without any breeding. Imagine the feelings of Sunol if a car-horse called her a "skate," and you can imagine how the Australian horse felt. I saw the white of his eye glitter in the dark.

"See here, you son of an imported Malaga jackass," he said between his teeth, "I'd have you know that I'm related on my mother's side to Carbine, winner of the Melbourne Cup, and where I come from we aren't accustomed to being ridden over roughshod by any parrot-mouthed, pig-headed mule in a pop-gun pea-shooter battery. Are you ready?"

"On your hind legs!" squealed Billy. They both reared up facing each other, and I was expecting a furious fight, when a gurgly, rumbly voice, called out of the darkness to the right—"Children, what are you fighting about there? Be quiet."

Both beasts dropped down with a snort of disgust, for neither horse nor mule can bear to listen to an elephant's voice.

"It's Two Tails!" said the troop-horse. "I can't stand him. A tail at each end isn't fair!"

“My feelings exactly,” said Billy, crowding into the troop-horse for company. “We’re very alike in some things.”

“I suppose we’ve inherited them from our mothers,” said the troop horse. “It’s not worth quarreling about. Hi! Two Tails, are you tied up?”

“Yes,” said Two Tails, with a laugh all up his trunk. “I’m picketed for the night. I’ve heard what you fellows have been saying. But don’t be afraid. I’m not coming over.”

The bullocks and the camel said, half aloud, “Afraid of Two Tails—what nonsense!” And the bullocks went on, “We are sorry that you heard, but it is true. Two Tails, why are you afraid of the guns when they fire?”

“Well,” said Two Tails, rubbing one hind leg against the other, exactly like a little boy saying a poem, “I don’t quite know whether you’d understand.”

“We don’t, but we have to pull the guns,” said the bullocks.

“I know it, and I know you are a good deal braver than you think you are. But it’s different with me. My battery captain called me a Pachydermatous Anachronism the other day.”

“That’s another way of fighting, I suppose?” said Billy, who was recovering his spirits.

“You don’t know what that means, of course, but I do. It means betwixt and between, and that is just where I am. I can see inside my head what will happen when a shell bursts, and you bullocks can’t.”

“I can,” said the troop-horse. “At least a little bit. I try not to think about it.”

“I can see more than you, and I do think about it. I know there’s a great deal of me to take care of, and I know that nobody knows how

to cure me when I'm sick. All they can do is to stop my driver's pay till I get well, and I can't trust my driver."

"Ah!" said the troop horse. "That explains it. I can trust Dick."

"You could put a whole regiment of Dicks on my back without making me feel any better. I know just enough to be uncomfortable, and not enough to go on in spite of it."

"We do not understand," said the bullocks.

"I know you don't. I'm not talking to you. You don't know what blood is."

"We do," said the bullocks. "It is red stuff that soaks into the ground and smells."

The troop-horse gave a kick and a bound and a snort.

"Don't talk of it," he said. "I can smell it now, just thinking of it. It makes me want to run—when I haven't Dick on my back."

"But it is not here," said the camel and the bullocks. "Why are you so stupid?"

"It's vile stuff," said Billy. "I don't want to run, but I don't want to talk about it."

"There you are!" said Two Tails, waving his tail to explain.

"Surely. Yes, we have been here all night," said the bullocks.

Two Tails stamped his foot till the iron ring on it jingled. "Oh, I'm not talking to you. You can't see inside your heads."

"No. We see out of our four eyes," said the bullocks. "We see straight in front of us."

"If I could do that and nothing else, you wouldn't be needed to pull the big guns at all. If I was like my captain—he can see things inside his head before the firing begins, and he shakes all over, but he

knows too much to run away—if I was like him I could pull the guns. But if I were as wise as all that I should never be here. I should be a king in the forest, as I used to be, sleeping half the day and bathing when I liked. I haven't had a good bath for a month."

"That's all very fine," said Billy. "But giving a thing a long name doesn't make it any better."

"H'sh!" said the troop horse. "I think I understand what Two Tails means."

"You'll understand better in a minute," said Two Tails angrily. "Now you just explain to me why you don't like this!"

He began trumpeting furiously at the top of his trumpet.

"Stop that!" said Billy and the troop horse together, and I could hear them stamp and shiver. An elephant's trumpeting is always nasty, especially on a dark night.

"I shan't stop," said Two Tails. "Won't you explain that, please? Hhrrmph! Rrrt! Rrrmph! Rrrhha!" Then he stopped suddenly, and I heard a little whimper in the dark, and knew that Vixen had found me at last. She knew as well as I did that if there is one thing in the world the elephant is more afraid of than another it is a little barking dog. So she stopped to bully Two Tails in his pickets, and yapped round his big feet. Two Tails shuffled and squeaked. "Go away, little dog!" he said. "Don't snuff at my ankles, or I'll kick at you. Good little dog—nice little doggie, then! Go home, you yelping little beast! Oh, why doesn't someone take her away? She'll bite me in a minute."

"Seems to me," said Billy to the troop horse, "that our friend Two Tails is afraid of most things. Now, if I had a full meal for every dog I've kicked across the parade-ground I should be as fat as Two Tails nearly."

I whistled, and Vixen ran up to me, muddy all over, and licked my

nose, and told me a long tale about hunting for me all through the camp. I never let her know that I understood beast talk, or she would have taken all sorts of liberties. So I buttoned her into the breast of my overcoat, and Two Tails shuffled and stamped and growled to himself.

"Extraordinary! Most extraordinary!" he said. "It runs in our family. Now, where has that nasty little beast gone to?"

I heard him feeling about with his trunk.

"We all seem to be affected in various ways," he went on, blowing his nose. "Now, you gentlemen were alarmed, I believe, when I trumpeted."

"Not alarmed, exactly," said the troop-horse, "but it made me feel as though I had hornets where my saddle ought to be. Don't begin again."

"I'm frightened of a little dog, and the camel here is frightened by bad dreams in the night."

"It is very lucky for us that we haven't all got to fight in the same way," said the troop-horse.

"What I want to know," said the young mule, who had been quiet for a long time—"what I want to know is, why we have to fight at all."

"Because we're told to," said the troop-horse, with a snort of contempt.

"Orders," said Billy the mule, and his teeth snapped.

"Hukm hai!" (It is an order!), said the camel with a gurgle, and Two Tails and the bullocks repeated, "Hukm hai!"

"Yes, but who gives the orders?" said the recruit-mule.

"The man who walks at your head—Or sits on your back—Or holds the nose rope—Or twists your tail," said Billy and the troop-

horse and the camel and the bullocks one after the other.

"But who gives them the orders?"

"Now you want to know too much, young un," said Billy, "and that is one way of getting kicked. All you have to do is to obey the man at your head and ask no questions."

"He's quite right," said Two Tails. "I can't always obey, because I'm betwixt and between. But Billy's right. Obey the man next to you who gives the order, or you'll stop all the battery, besides getting a thrashing."

The gun-bullocks got up to go. "Morning is coming," they said. "We will go back to our lines. It is true that we only see out of our eyes, and we are not very clever. But still, we are the only people to-night who have not been afraid. Good-night, you brave people."

Nobody answered, and the troop-horse said, to change the conversation, "Where's that little dog? A dog means a man somewhere about."

"Here I am," yapped Vixen, "under the gun tail with my man. You big, blundering beast of a camel you, you upset our tent. My man's very angry."

"Phew!" said the bullocks. "He must be white!"

"Of course he is," said Vixen. "Do you suppose I'm looked after by a black bullock-driver?"

"Huah! Ouach! Ugh!" said the bullocks. "Let us get away quickly."

They plunged forward in the mud, and managed somehow to run their yoke on the pole of an ammunition wagon, where it jammed.

"Now you have done it," said Billy calmly. "Don't struggle. You're hung up till daylight. What on earth's the matter?"

The bullocks went off into the long hissing snorts that Indian

cattle give, and pushed and crowded and slued and stamped and slipped and nearly fell down in the mud, grunting savagely.

"You'll break your necks in a minute," said the troop-horse. "What's the matter with white men? I live with 'em."

"They—eat—us! Pull!" said the near bullock. The yoke snapped with a twang, and they lumbered off together.

I never knew before what made Indian cattle so scared of Englishmen. We eat beef—a thing that no cattle-driver touches—and of course the cattle do not like it.

"May I be flogged with my own pad-chains! Who'd have thought of two big lumps like those losing their heads?" said Billy.

"Never mind. I'm going to look at this man. Most of the white men, I know, have things in their pockets," said the troop-horse.

"I'll leave you, then. I can't say I'm over-fond of 'em myself. Besides, white men who haven't a place to sleep in are more than likely to be thieves, and I've a good deal of Government property on my back. Come along, young un, and we'll go back to our lines. Good-night, Australia! See you on parade to-morrow, I suppose. Good-night, old Hay-bale!—try to control your feelings, won't you? Good-night, Two Tails! If you pass us on the ground tomorrow, don't trumpet. It spoils our formation."

Billy the Mule stumped off with the swaggering limp of an old campaigner, as the troop-horse's head came nuzzling into my breast, and I gave him biscuits, while Vixen, who is a most conceited little dog, told him fibs about the scores of horses that she and I kept.

"I'm coming to the parade to-morrow in my dog-cart," she said. "Where will you be?"

"On the left hand of the second squadron. I set the time for all my troop, little lady," he said politely. "Now I must go back to Dick. My

tail's all muddy, and he'll have two hours' hard work dressing me for parade."

The big parade of all the thirty thousand men was held that afternoon, and Vixen and I had a good place close to the Viceroy and the Amir of Afghanistan, with high, big black hat of astrakhan wool and the great diamond star in the center. The first part of the review was all sunshine, and the regiments went by in wave upon wave of legs all moving together, and guns all in a line, till our eyes grew dizzy. Then the cavalry came up, to the beautiful cavalry canter of "Bonnie Dundee," and Vixen cocked her ear where she sat on the dog-cart. The second squadron of the Lancers shot by, and there was the troop-horse, with his tail like spun silk, his head pulled into his breast, one ear forward and one back, setting the time for all his squadron, his legs going as smoothly as waltz music. Then the big guns came by, and I saw Two Tails and two other elephants harnessed in line to a forty-pounder siege gun, while twenty yoke of oxen walked behind. The seventh pair had a new yoke, and they looked rather stiff and tired. Last came the screw guns, and Billy the mule carried himself as though he commanded all the troops, and his harness was oiled and polished till it winked. I gave a cheer all by myself for Billy the mule, but he never looked right or left.

The rain began to fall again, and for a while it was too misty to see what the troops were doing. They had made a big half circle across the plain, and were spreading out into a line. That line grew and grew and grew till it was three-quarters of a mile long from wing to wing—one solid wall of men, horses, and guns. Then it came on straight toward the Viceroy and the Amir, and as it got nearer the ground began to shake, like the deck of a steamer when the engines are going fast.

Unless you have been there you cannot imagine what a frightening effect this steady come-down of troops has on the

spectators, even when they know it is only a review. I looked at the Amir. Up till then he had not shown the shadow of a sign of astonishment or anything else. But now his eyes began to get bigger and bigger, and he picked up the reins on his horse's neck and looked behind him. For a minute it seemed as though he were going to draw his sword and slash his way out through the English men and women in the carriages at the back. Then the advance stopped dead, the ground stood still, the whole line saluted, and thirty bands began to play all together. That was the end of the review, and the regiments went off to their camps in the rain, and an infantry band struck up with—

The animals went in two by two,

Hurrah!

The animals went in two by two,

The elephant and the battery mul',

and they all got into the Ark

For to get out of the rain!

Then I heard an old grizzled, long-haired Central Asian chief, who had come down with the Amir, asking questions of a native officer.

"Now," said he, "in what manner was this wonderful thing done?"

And the officer answered, "An order was given, and they obeyed."

"But are the beasts as wise as the men?" said the chief.

"They obey, as the men do. Mule, horse, elephant, or bullock, he obeys his driver, and the driver his sergeant, and the sergeant his lieutenant, and the lieutenant his captain, and the captain his major,

and the major his colonel, and the colonel his brigadier commanding three regiments, and the brigadier the general, who obeys the Viceroy, who is the servant of the Empress. Thus it is done."

"Would it were so in Afghanistan!" said the chief, "for there we obey only our own wills."

"And for that reason," said the native officer, twirling his mustache, "your Amir whom you do not obey must come here and take orders from our Viceroy."

PARADE SONG OF THE CAMP ANIMAL

Elephants of the Gun Teams

We lent to Alexander the strength of Hercules,

The wisdom of our foreheads, the cunning of our knees;

We bowed our necks to service: they ne'er were loosed again,—

Make way there—way for the ten-foot teams

Of the Forty-Pounder train!

Gun Bullocks

Those heroes in their harnesses avoid a cannon-ball,

And what they know of powder upsets them one and all;

Then we come into action and tug the guns again—

Make way there—way for the twenty yoke

Of the Forty-Pounder train!

Cavalry Horses

By the brand on my shoulder, the finest of tunes
Is played by the Lancers, Hussars, and Dragoons,
And it's sweeter than "Stables" or "Water" to me—
The Cavalry Canter of "Bonnie Dundee"!

Then feed us and break us and handle and groom,
And give us good riders and plenty of room,
And launch us in column of squadron and see
The way of the war-horse to "Bonnie Dundee"!

Screw-gun Mules

As me and my companions were scrambling up a hill,
The path was lost in rolling stones, but we went forward still;
For we can wriggle and climb, my lads, and turn up everywhere,
Oh, it's our delight on a mountain height, with a leg or two to spare!

Good luck to every sergeant, then, that lets us pick our road;
Bad luck to all the driver-men that cannot pack a load:
For we can wriggle and climb, my lads, and turn up everywhere,
Oh, it's our delight on a mountain height, with a leg or two to spare!

Commissariat Camels

We haven't a camelty tune of our own

To help us trollop along,

But every neck is a hair trombone

(Rtt-ta-ta-ta! is a hair trombone!)

And this our marching-song:

Can't! Don't! Shan't! Won't!

Pass it along the line!

Somebody's pack has slid from his back,

Wish it were only mine!

Somebody's load has tipped off in the road—

Cheer for a halt and a row!

Urrr! Yarrh! Grr! Arrh!

Somebody's catching it now!

All the Beasts Together

Children of the Camp are we,

Serving each in his degree;

Children of the yoke and goad,

Pack and harness, pad and load.

See our line across the plain,

Like a heel-rope bent again,

Reaching, writhing, rolling far,

Sweeping all away to war!

While the men that walk beside,

Dusty, silent, heavy-eyed,

Cannot tell why we or they

March and suffer day by day.

Children of the Camp are we,

Serving each in his degree;

Children of the yoke and goad,

Pack and harness, pad and load!

JOSEPH RUDYARD KIPLING

Nasceu em Bombaim (Mumbai), em 30 de dezembro de 1865, e morreu em Londres, em 18 de janeiro de 1936. Autor de poemas, contos, ensaios e romances, recebeu o Nobel de Literatura em 1907. Admirado por T. S. Elliot e Jorge Luis Borges, Kipling foi porta-voz do ideal imperial britânico e repórter da presença de cidadãos e soldados do Reino Unido na Índia e outros países ao final do século 19.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Este livro em suas mãos é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo. Se você está lendo este texto, significa que alguém se associou ou fez uma doação ao projeto Domínio [ao] Público e escolheu receber este livro. Nosso objetivo é fazer com que Livros Extraordinários do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — fiquem ao alcance da comunidade de leitores da língua portuguesa.

Para isso, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, feita para os leitores do Século 21. A segunda, é que, para cobrir os custos editoriais, precisamos de pelo menos mil Leitores Extraordinários associados doando o valor mínimo para cada Livro Extraordinário impresso: exatamente este livro que está em suas mãos.

É assim que conseguiremos, um pouco mais a cada mês, possibilitar àqueles que antes não podiam comprar uma obra extraordinária como esta tenham acesso à sua versão digital absolutamente de graça. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas públicas e privadas, comunidades de todo o tipo; podem ser acessadas em smartphones, tablets, ebooks e computadores; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por qualquer pessoa ou instituição, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras da literatura mundial em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para o nosso idioma. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, 20 mil léguas submarinas está em francês. Assim, como um brasileiro poderia ler essas obras? Há traduções e edições digitais, piratas e amadoras, em diversos sites. Por ser um trabalho intelectual, qualquer tradução passa, com toda justiça, a ser propriedade dos tradutores ou editores. Assim, livros já liberados há muito tempo continuam distantes do público — seja pelo meio ou pelo idioma. Só resta como alternativa adquirir essas obras nas lojas online e livrarias. A democratização do Domínio Público é o livre acesso daquela criança ávida mas sem recursos. Por isso o Instituto Mojo criou o projeto Domínio [ao] Público.

COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. O CLLE é o meio que encontramos para publicar livros digitais em Domínio Público gratuitamente em português. A fórmula é simples:

1. DOMÍNIO PÚBLICO

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso público.

2. TRADUÇÃO E EDIÇÃO

Os Livros Extraordinários precisam estar disponíveis para todos. Por isso, a Mojo traduz e edita obras em Domínio Público.

3. CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES EXTRAORDINÁRIOS

Criado para financiar esse trabalho, publica as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

4. DOMÍNIO [AO] PÚBLICO

É o site onde livros digitais, ensaios, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados por qualquer pessoa.

Agradecimentos: André Binhardi, Bruno Girello, Delfin, Daniel Sasso, Michel D'Angelo, Olivia M. Giassetti, Ronaldo Gomes Ferreira, Thiago Fogaça, Vinícius Aguiar, Walter Pax, Willian Galdino, Zenaide Febbo.

contato@mojo.org.br

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PROGRAMA DOMÍNIO [AO] PÚBLICO DA MOJO

A Mojo.org dissemina conhecimento e fomenta escrita e leitura para todos. O Domínio [ao] Público é um programa que publica livros digitais de obras em Domínio Público gratuitamente por meio da ajuda de doações e dos associados ao Clube do Livro para Leitores Extraordinários.

Visite, conheça e apoie: https://dominioaopublico.org.br/

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kipling, Rudyard, 1865-1936

O livro da selva/Rudyard Kipling;

[tradutor Ricardo Giassetti; ilustrador Andre Ducci].

— São Paulo: Mojo.org, 2018. —

(Mundos extraordinários; 1) Título original: The Jungle Book.

ISBN 978-85-455108-0-2

1. Literatura infantojuvenil I. Ducci, Andre.

18-18968 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5 2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EXPEDIENTE

O Livro da Selva, de Rudyard Kipling

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição: Renato Roschel e S. Lobo

Revisão: Ana Barbosa

Ilustração: Andre Ducci

Direção de arte e lettering : Cyla Costa

Revisão: Ana Barbosa e Gabriel Naldi

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro